

Bibliothek

RELIGIONSGEMEINSCHAFT

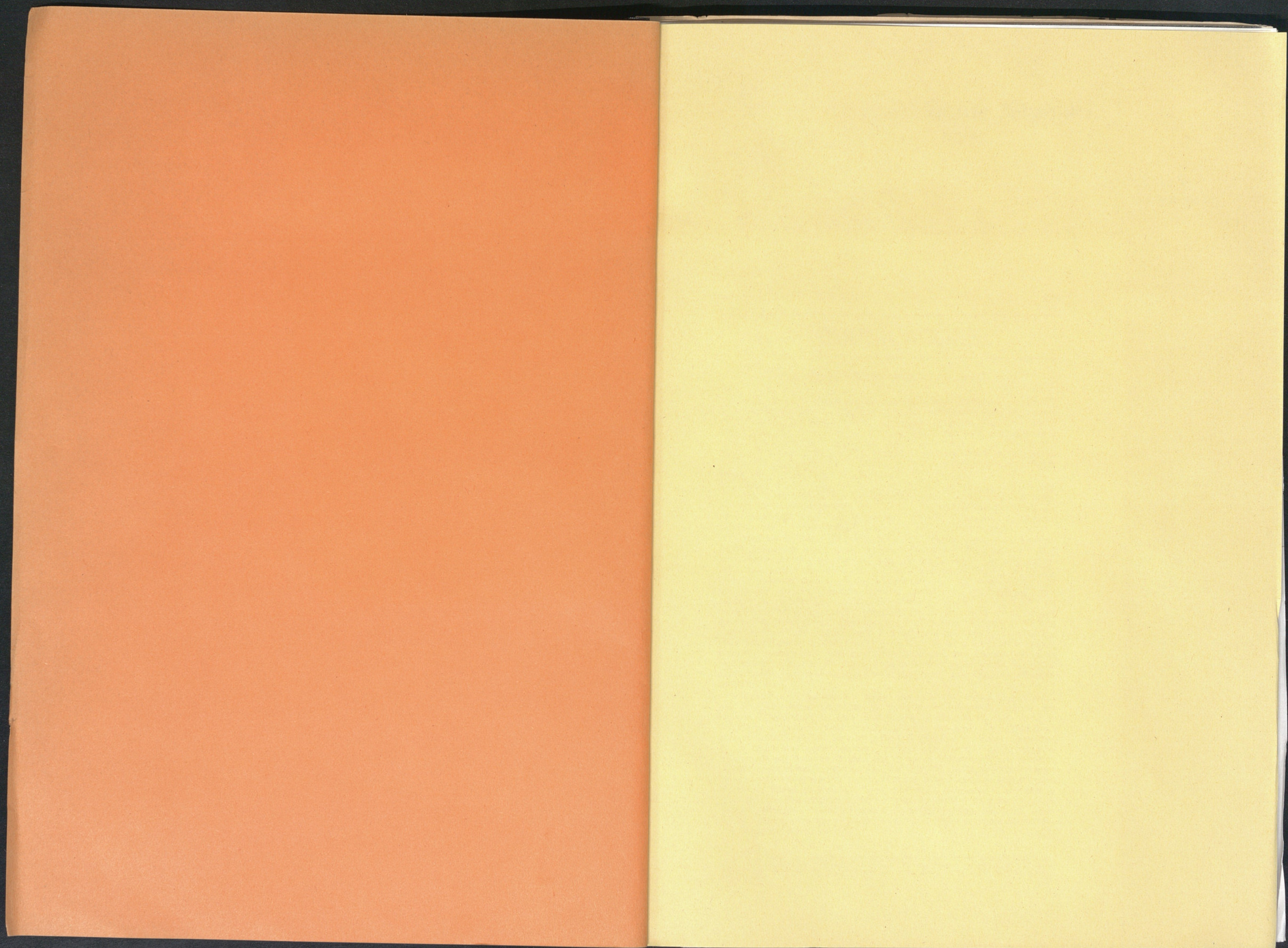
1981 - 2002

Institut für Brasilienkunde

RE 69.11

Bibliothek

14 06 11





Circolo Dante Alighieri Ahlen

4730 Ahlen, li
Kampstraße 15

Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 41, fasc. 161, Março de 1981 119

COMUNICAÇÕES

Gênese do Pentecostalismo no Brasil

Quais as origens próximas do pentecostalismo protestante no Brasil? Como se desenrolou a experiência histórica pentecostal entre nós, desde seu início, na turbulenta fase do operariado brasileiro, depois ao longo do Estado Novo, ainda no período populista e nos anos subseqüentes a 1964? Que elementos sociais, religiosos e políticos a ela se associaram? Estas interrogações marginam o roteiro do que chamamos de gênese do pentecostalismo, quadro de fundo preliminar à interpretação sociológica. Desta não nos ocupamos no momento.

Gênese não tem aqui o significado de ocorrências que se adicionam linearmente na história das religiões no Brasil. Diz pelo contrário inserção da instância pentecostal, ao lado de outras também religiosas, em nossa sociedade capitalista dependente. Não lhe é justaposta. Inserção significa ver o pentecostalismo como uma de suas componentes.

Surgindo no limiar do século XX, ele encontrou um terreno de certa forma preparado por várias igrejas protestantes, principalmente pelo proselitismo evangélico.¹ De um lado, as igrejas de fé luterana implantadas nos núcleos de colonização, no Sul e em alguns Estados da Região Sudeste, estavam mais empenhadas na preservação da fé dos colonos de origem européia. Praticamente nenhuma contribuição trouxeram ao nascimento das igrejas pentecostais. Do outro, as igrejas de conversão ou proselitistas, chegadas desde a segunda metade do século XIX, haviam se espalhado pelo Brasil. Contribuíram positivamente. Entretanto, se esta contribuição foi um condicionante à emergência dos grupos pentecostais, só o foi em parte. Outros fatores de caráter social e religioso estiveram presentes, favorecendo e/ou restringindo. Os caminhos abertos pelo pentecostalismo rumaram ao longo de um terreno muito pouco explorado pelas igrejas de conversão, embora estas tivessem dado significativa contribuição.

Segmentos da burguesia e setores elevados das classes médias urbanas atraíram preferencialmente as atenções do protestantismo. Do seu lado, a Igreja Católica dava continuidade à sua aliança com o setor cafeicultor e com as classes médias urbanas, de cujo seio retirou uma elite intelectual católica. Mas os setores populares das classes dominadas que o catolicismo oficial supunha ter sob seu domínio, permaneciam à margem de um trabalho criativo que fosse ao encontro da sua espontaneidade e das raízes de sua fé. Ora, foi precisamente nesta extensa faixa populacional dos econômica e culturalmente desprivilegiados que o pentecostalismo fincou suas bases. Desde seu início dirigiu-se diretamente a estes setores. Deles colheu elementos para as funções de pastores, presbíteros e diáconos. Assim, na aurora do pentecostalismo no Brasil, desenhava-se um horizonte que o separa tanto das igrejas evangélicas tradicionais como do catolicismo.

1. Proselitismo não tem aqui sentido pejorativo. É tomado na acepção etimológica de fazer discípulos, adeptos, seja que se trate dos que diziam que não tinham religião, seja que se considerem os que passaram do catolicismo, ou de outra religião, para o protestantismo.



Circolo Dante Alighieri Ahlen

4730 Ahlen, li
Kampstraße 15

120

Comunicações

As classes sociais constituem, pois, um dado indispensável para se perceber a gênese do pentecostalismo em nossa sociedade. Claro que elas postulam outros fatores, de ordem cultural, mas a configuração que dá fundamentalmente sentido a este fenômeno religioso se liga aos nexos com as classes sociais no quadro social e político em que ele emerge e estas atuam. As camadas populares em cujo seio nasceu e se expandiu fazem parte de um contexto histórico de classes, com implicações culturais e políticas, na crise do Estado oligárquico como na nova etapa do capitalismo dependente, a partir de 1930. Adotar esta perspectiva não significa reduzi-lo à simples dimensão social e esvaziá-lo de sua especificidade. Significa, pelo contrário, buscar entender como o evangelismo das massas populares, abrindo caminhos novos na história religiosa brasileira do século XX, se posiciona no contexto sócio-político. Esquecer isso é tratar o fato religioso como um dado isolado da sociedade civil quando as classes populares começam a ganhar sentido. Estas anunciam sua presença no final da Primeira República, através dos movimentos operários, e passam a influenciar as alternativas das classes dominantes na etapa subsequente.²

O pluralismo religioso

As primeiras igrejas pentecostais do Brasil datam da segunda década do século XX. Praticamente cem anos depois dos tímidos e quase clandestinos cultos evangélicos, no limiar do século passado, a bordo de navios ingleses e em casas particulares, para evangélicos de nacionalidade inglesa. A partir da segunda metade do século XIX, o protestantismo de conversão iniciou sua implantação e, depois, sua caminhada pelas regiões brasileiras. Malgrado a oposição que lhes fizera o catolicismo, estas igrejas lograram assinalar sua presença em muitas das cidades brasileiras.³ O ideal que as animava prendia-se a uma ideologia de educação em sintonia com os esquemas norte-americanos. Coadunava-se ainda com o sentimento liberal predominante no final do Império e na República. Os colégios fundados e dirigidos por evangélicos funcionavam como dispositivos inculcadores de uma cultura que se aliava com os propósitos do protestantismo estadunidense. Atingiam, principalmente, os filhos de importantes famílias da sociedade brasileira e pretendiam chegar a elas através dos alunos.⁴ No final do século passado e começo do atual, o protestantismo de conversão, através dos batistas, concentrados mais no Rio de Janeiro, e dos presbiterianos, mais aglomerados em São Paulo, haviam alcançado o Norte, Nordeste e Centro-Oeste. E isso foi de grande importância para o início do pentecostalismo que começa no Brasil numa situação peculiar e diferente da que ocorreu, por exemplo,

2. "Não será exagerado propor que o estudo da classe operária (condição operária e movimento operário) é a chave para o entendimento da transição da história do Brasil no início do século XX. Em outros termos, a classe operária é que condicionará os limites das opções das classes dominantes a partir de 1930" (cf. Pinheiro, Paulo Sérgio, O proletariado industrial na Primeira República, in *História da Civilização Brasileira*, vol. III, Ed. DIFEL, p. 137).

3. Trata-se principalmente das igrejas metodistas, presbiterianas, batistas, adventistas e outras.

4. A este respeito, cf. Ramalho, Jether P., *Prática Educativa e Sociedade*, Zahar 1976; Alves, Rubem, *De la Iglesia y Sociedad*, Montevideo, Tierra Nueva 1971; Camargo, Cândido Procópio F. de, *Católicos, Protestantes e Espíritas*, Editora Vozes 1973.

Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 41, fasc. 161, Março de 1981 121

na Argentina.⁵ Este protestantismo de conversão foi de grande importância para os começos do pentecostalismo. Não é um protestantismo étnico. Embora concentrando-se mais no Rio de Janeiro e em São Paulo, aí se fortalece pelo proselitismo e se espalha pelo Norte e Nordeste.

Foi quando surgiu o pentecostalismo, primeiro na capital paulista, em 1910, com a Congregação Cristã no Brasil (cujo nome primitivo era Congregação Cristã do Brasil) e, depois, em 1911, em Belém, Estado do Pará, com a Assembléia de Deus. Líderes pentecostais haviam chegado dos Estados Unidos. Dois de origem sueca e dois de nacionalidade italiana. Mensageiros de uma nova experiência religiosa baseada no batismo do Espírito Santo com glossolalia, os dons de cura, de falar línguas estranhas, e outros dons.

No plano religioso, o protestantismo de conversão representava um condicionamento propiciador ao aparecimento dos primeiros núcleos pentecostais. Em face do catolicismo abrangente era uma alternativa. Diante de uma linha católica fortemente hierarquizada, deu ao leigo, embora com limites, uma ampla margem de participação religiosa. Desta forma, os batistas, através de igrejas locais mais ligadas às camadas populares, trouxeram um sentido mais democrático. Nos batistas, os adeptos, de camadas médias ou de setores populares, conforme os lugares, decidem dos problemas de suas igrejas. Isso para as camadas populares exprimiu um ganho. A presença dos protestantes ajudou ainda ao surgimento dos primeiros núcleos pentecostais. Assim, nasceu a Congregação Cristã de dissidentes do presbiterianismo, como o primeiro templo da Assembléia de Deus, no Norte, se formou de batistas que romperam com sua igreja. Por um lado, pregar a Bíblia não era até certo ponto uma novidade. Por outro, o protestantismo ia mostrando, em cada conquista que fazia, a aceitação da Bíblia por parte de todas as camadas sociais. E as camadas pobres nas quais os batistas haviam penetrado, em alguns lugares, confirmavam o que, no século passado, Manoel da Conceição havia percebido, a saber, a sensibilidade religiosa que manifestam pela leitura da Bíblia. Na esteira desta sensibilidade, o pentecostalismo abriu os seus caminhos. Enquanto as igrejas protestantes históricas alimentavam anseios de atingir, através da educação ministrada em colégios, elementos da classe burguesa e das camadas médias urbanas, o pentecostalismo adotou desde seu início uma evangelização direta ao povo, o que aliás tinha sido aspiração de uma corrente protestante que não foi levada adiante. Só que nesta evangelização direta a proposta pentecostal era de ir às camadas populares desprivilegiadas através de elementos delas oriundos.

Mas, se o pentecostalismo incipiente através da Congregação Cristã e da Assembléia de Deus se dirigia às camadas baixas da população brasileira e tendia assim a suscitar no meio delas o sacerdócio leigo, tal projeto trazia de início uma dificuldade: formar pastores. As igrejas protestantes históricas adotavam um processo seletivo na formação de seus quadros dirigentes-pastores e presbíteros. O pentecostalismo foi a

5. Observa D'Epina que, no final do século passado, quase todos os protestantes na Argentina são estrangeiros: "Em 1895, quase todos os protestantes são estrangeiros ou filhos de estrangeiros (80%). Os 85% dos estrangeiros se concentram na capital federal, e nas três províncias 'de la Pampa húmeda' (Buenos Aires, Santa Fé e Entre Ríos), onde se localiza idêntica proporção de protestantes" (p. 73). "A imigração européia criou a base histórica do protestantismo argentino, ao levar certa quantidade de protestantes. Temos aqui a fonte de um protestantismo étnico" (p. 75). Christian Lalive D'Epina e outros, *Las Iglesias del Transplante. Protestantismo de inmigración en la Argentina* (CEC), 1970. O Brasil, pelo contrário, além das igrejas de imigração européia, contou com as de conversão que se espalharam pelo território nacional.

recusa deste elitismo. Rompeu com o elitismo tanto da Igreja Católica como do protestantismo tradicional. Pedreiros, carpinteiros, sapateiros, trabalhadores urbanos e rurais, ferroviários, toda essa gente de quase nenhuma instrução, para nenhum deles o pentecostalismo condicionou as funções de pastor a cursos especializados. A instrução era coisa secundária. O que passou a contar foi a experiência religiosa, o zelo pelo crescimento da igreja.

Rompendo com a exigência de cursos curriculares, o pentecostalismo ofereceu as funções e o púlpito dos pastores aos semi-analfabetos e sem instrução. Com isso abriu as portas de suas igrejas à cultura oral das massas populares⁶, afastando-se neste particular das igrejas protestantes tradicionais mais presas à cultura letrada, bem como do catolicismo oficial. O importante para ele não era passar pelos bancos de um colégio ou de um instituto de formação. O que contava era ser santificado pelo Espírito. Rompeu assim com a dicotomia entre portadores de saber e os que não o possuem. Entre ignorantes e instruídos. Entre saber religioso e ignorância religiosa. Simples pedreiros, carpinteiros, empregados de construção civil falando a seus companheiros de trabalho, trazendo-lhes uma mensagem bíblica. Se o crente letrado das igrejas protestantes tradicionais falava com a Bíblia na mão, o pentecostal, simples crente e sem instrução, ia também proclamá-la, mas impelido pela inspiração do Espírito e manejando sua cultura oral. Os templos pentecostais se constituíram, então, em espaços sociais onde a cultura popular se associou à religiosidade do povo. Se o protestantismo trouxe de certa forma a participação do leigo, ela estava ainda dependente de um processo elitista. O púlpito ficou sendo um espaço de poder pelo saber. E o formalismo nos cultos ficou também como fruto de esquemas racionais. A bem dizer, a espontaneidade ficou de fora.

Ora, é precisamente a recusa destes elitismo e formalismo que o pentecostalismo exprime quando oferece o púlpito e o recinto dos templos aos que desejam ocupar aquele e encher de suas vozes estes últimos. Do crente pentecostal não esperam seus irmãos um discurso de gente letrada. Mas o anúncio do poder do Espírito que ele experimentou no contacto com a Bíblia e na experiência de sua vida.

As camadas populares desprovidas econômica e culturalmente, não podendo ocupar um lugar na ordem pública (de cidadania) e no plano político, foram marginalizadas pelo capitalismo liberal. Instalado na ordem privada onde os interesses do homem a um tempo livre e mercantil se fortificavam sob a proteção do Estado, o liberalismo ia criando na ordem pública uma faixa de privilégios. O pentecostalismo, ao canalizar a espontaneidade e a emoção da alma religiosa das camadas populares, proporcionou condições para a emergência, no plano religioso, de um

6. "No protestantismo sectário, o culto proporciona um espaço máximo à expressão e à participação de cada um. Assim, o essencial da cultura popular é reintroduzido. Primeiramente, a alegria do encontro: o templo não é o lugar do silêncio, onde cada homem se encontra só diante de seu Deus, como no protestantismo tradicional, mas o lugar do diálogo comunitário entre os homens e dos homens com Deus. Encontro social porque encontro com o sagrado que permite a comunidade. A tradição de hinos se completa pela introdução de estribilhos e de cânticos curtos no texto sentimental e na música impregnada de folclore nacional. A pregação não é primeiramente o exercício de um só, mas o momento em que a comunidade revive, através de um texto bíblico, uma situação existencial e participa da narração pelos comentários que exprimem alternadamente a angústia, a alegria, a libertação... Importa assimilar que rompem com as formas rígidas da língua e buscam novas maneiras de expressão propiciadoras de uma larga margem de liberdade à comunicação da experiência e do sentimento" (D'Epina y, C. Lalive, *Religion, dynamique sociale et dépendance*, Mouton 1975, p. 177).



Circolo Dante Alighieri Ahlen

4730 Ahlen, li
Kampstraße 15

espaço público germinador de organizações típicas voltadas, não para a salvação a ser encontrada na sociedade liberal burguesa, mas numa sociedade de salvação pelo poder do Espírito. Neste espaço público de caráter religioso elementos saídos das camadas populares veicularam sua cultura oral impregnada de crenças.

O pentecostalismo acolheu uma mão-de-obra diversificada e disponível. As profissões mais comumente exercidas foram uma generosa contribuição. Pedreiros, carpinteiros, motoristas, eletricitistas, pintores contribuíram com seus trabalhos para a construção de templos. Na maioria muito simples, parecendo uma moradia. Se isso não é exclusivo dos pentecostais, é neles que predomina. Além do mais, do bolso dos crentes saíram limitados recursos para a construção de suas igrejas e manutenção das mesmas. Assim, ora trabalhando por conta destas, ora dando gratuitamente as sobras de sua semana de trabalho, os crentes foram ao longo dos anos pontilhando o território nacional de templos-sedes, de outros menores e de salões. No início, em 1910, eram apenas 2 templos. Em 1930, somavam 267. Quarenta anos depois, em 1970, eram 11.118 templos.

Tentativa que não vingou e uma experiência importada

Não se pode chamar propriamente de pentecostal a tentativa, no século passado, de se criar no seio das massas populares uma religiosidade espontânea diretamente ligada ao texto bíblico. Empreenderam-na dois brasileiros, um o ex-padre, letrado e erudito, que veio a se tornar pastor presbiteriano, José Manuel da Conceição; o outro, também letrado e que se fez pregador leigo no presbiterianismo, Miguel Vieira Ferreira. Se não chegaram a suscitar uma religiosidade embasada na crença do Espírito, descobriram entretanto na alma do povo simples ressonância à leitura da Bíblia e um potencial de comunicação íntima e direta com Deus. O caráter de estreita intimidade entre o fiel e Deus, através da inspiração, era a porta aberta ao iluminismo.

José Manuel da Conceição não encontrou na Igreja Católica condições mínimas para instaurar uma evangelização popular, pela Bíblia e fora dos esquemas doutrinários e racionalizantes. Foi buscá-las no presbiterianismo. Seu projeto de levar ao povo a mensagem do Evangelho, oferecendo-lhe ao mesmo tempo o acesso direto ao texto bíblico, veio mostrar pela aceitação recebida que o devocional não é refratário ao contato com Deus pela Bíblia.⁷ Recusando-se a situar a santificação apenas nos esquemas ritualistas e preferindo agir nas periferias dos centros urbanos, entre moradores de poucos recursos, Conceição, o «pregador louco», como era chamado, jamais se identificou com a figura tradicional do pastor. No final de sua vida separou-se da igreja presbiteriana, gastando seus últimos anos na concretização do seu ideal. Miguel V. Ferreira, cuja conversão ao presbiterianismo foi recebida com eloquente entusiasmo, enveredou por tendências místicas que desaguaram numa vivência iluminista, em que Deus, segundo ele, anuncia aos fiéis, nos momentos de oração, o que deles deseja. Teve por isso que deixar a igreja presbiteriana. Fundou então a Igreja Evangélica Brasileira,

7. Note-se que na época de Conceição era vedado aos católicos ler a Bíblia. Os padres em geral a tinham, mas em latim. Visitantes estrangeiros observaram que muitos deles nem sequer a liam.



Circolo Dante Alighieri Ahlen

4730 Ahlen, li
Kampstraße 15

orientando-a para uma espiritualidade de iluminação através da oração e da leitura da Bíblia. Como Conceição, rompeu com a racionalização e com o formalismo e guardou, como aquele, particular afeição ao sentimento religioso do povo. Estas experiências religiosas infelizmente não foram bem acolhidas pelo protestantismo brasileiro, enquanto indicadoras de outras alternativas. Principalmente no tocante ao respeito pelo sentimento religioso das massas populares. Tampouco o catolicismo as viu como tentativas de novas formas de religiosidade. Um e outro se posicionaram em seus quadros institucionais definidos. Os dois brasileiros foram considerados fora da ortodoxia. O catolicismo se limitou a encarar a Conceição segundo a rigidez inquisitorial — um padre apóstata. A Miguel Ferreira desconheceu completamente. Entretanto, muitos anos mais tarde, o pentecostalismo iria em parte dar razão aos dois, reunindo seus adeptos em torno da leitura da Bíblia e da oração espontânea. E um ramo pentecostal — a Congregação Cristã — iria fazer renascer a tendência iluminista de Miguel Ferreira, associando-a à experiência pentecostal.⁸

Mas o pentecostalismo brasileiro não nasceu nem do projeto de evangelização de Manuel da Conceição, nem do iluminismo religioso de Miguel Ferreira. Outras são as suas origens.

Tem-se dito que o movimento pentecostal no Brasil se prende à experiência de santificação pelo Espírito Santo e às assembleias de reavivamento de grupos evangélicos estadunidenses. Tal experiência era impulsionada pela crença na necessidade de um novo batismo de santificação, cujo sinal externo seria a prolação de palavras estranhas. Entretanto, vincular o pentecostalismo no Brasil a esta experiência tomada assim em termos genéricos, não nos parece satisfatório. Como também não basta situar as nascentes do pentecostalismo brasileiro na conhecida «efusão do Espírito em Azusa Street Mission» (Los Angeles), pelo ano de 1906. Por mais famoso que este acontecimento se tenha tornado na história do movimento pentecostal, a rigor, não podemos tomá-lo como sendo as origens próximas das primeiras igrejas pentecostais implantadas no Brasil. Sem dúvida, Azusa Street foi considerada pelos publicistas pentecostais como o ponto de partida do movimento. Mas era, naquela época, 1906, majoritariamente constituída de negros cristãos. E quem primeiro recebeu o batismo do Espírito Santo foi um negro.⁹ Durante dois anos é em torno deste grupo pentecostal de raça negra que os brancos se iniciaram na nova experiência. Mas os brancos se separaram dos negros em 1908.¹⁰ E se esqueceram de que para os negros Cristo é um «Cristo Negro», isto é, dos pobres e oprimidos. A «Igreja de Deus em Cristo» que em sua quase totalidade se compõe de negros cristãos e se considera majoritária nos Estados Unidos, diferencia-se da Assembleia de Deus que congrega grande maioria de brancos.¹¹ Uma e outra assentam suas bases na crença no batismo do Espírito Santo e na efusão dos dons. Mas a «Igreja de Deus em Cristo» diverge da Assembleia de Deus quanto a conotações particulares das crenças e sobretudo quanto à vinculação das práticas religiosas com as práticas políticas. Pela experiência que vem sendo levada a cabo pelos negros pentecostais,

8. Cf., entre outros, Muniz de Souza, Maria Beatriz, *A Experiência da Salvação*, Ed. Duas Cidades.
9. Hollenweger, Walter, *El Pentecostalismo. Historia y Doctrinas*, Editorial Aurora 1976, p. 10.
10. *Idem*, *ibidem*, p. 9.
11. *Idem*, *ibidem*, p. 17.

a dimensão política é inseparável da fé pentecostal. É de um pentecostal negro. George M. Perry: «Cremos no que diz a mensagem de (Billy) Graham, mas não podemos aceitar sua orientação de burguês branco que não diz nada aos pobres nem à gente de cor».¹²

Aberta ao engajamento social, a experiência do grupo pentecostal negro deu com o tempo condições à emergência de líderes que, como intelectuais orgânicos, para usar a expressão de Gramsci, suscitaram uma reforma moral e intelectual, fazendo eclodir uma consciência crítica diante de condições desumanas dos bairros pobres de Chicago. Entre eles surgiu a figura do pentecostal negro Arthur Brazier, que deslanchou uma experiência a um tempo caracterizada pela vivência dos dons do Espírito e pelo que ele chamou de mobilização social dos pobres como um «tipo de dom do Espírito para os tempos atuais». Experiência esta realizada num dos bairros «slum» de Chicago.¹³ Segundo estudiosos do pentecostalismo norte-americano, no movimento pentecostal dos negros aliava-se a religiosidade de santificação à luta política, carreando para o seu seio tanto um potencial de resistência à dominação econômica como a força da cultura negra com seus símbolos, canções e ritmos.¹⁴

Numa linha totalmente divergente da anterior, o grupo pentecostal dos brancos estadunidenses deu uma ênfase particular ao batismo no Espírito Santo, com a glossolalia e, particularmente, os dons de cura e de falar línguas estranhas. Não se cantava a libertação dos oprimidos. Antes louvava-se nos cânticos o poder do Espírito pelos dons de línguas e de cura, principalmente. A visão que os brancos tinham de Cristo ia se tornando diferente da dos negros pentecostais. Mergulharam nesta experiência a Assembleia de Deus e o Evangelho Quadrangular, com grande maioria de brancos e estes ocupando cargos de direção. Fecharam-se no mundo sacral.¹⁵ A Assembleia de Deus enfatizou a glossolalia, o dom de cura e as vigílias de oração em busca do dom de línguas.¹⁶

O movimento pentecostal que se instalou no Brasil no início da segunda década do século XX, tem suas origens próximas nestas igrejas pentecostais de brancos, com uma vivência religiosa dissociada de práticas sociais e políticas. São portadores desta experiência Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores das primeiras igrejas pentecostais no Norte, bem como Luigi Francescon criador da Congregação Cristã, em São Paulo. Segundo Hollenweger, Francescon aliou sua herança valdense à experiência pentecostal. Os primeiros núcleos pentecostais do Brasil pro-

12. Citação de Hollenweger, *ob. cit.*, p. 18.

13. Brazier, Arthur M., *Black self-determination. The story of the Woodlawn Organization*, Grand Rapids, Eerdmans 1966. Cf. também Synan, Harold Vinson, *The Holiness-Pentecostal Movement in the United States*, Grand Rapids, Michigan, Eerdmans Publ. 1971.

14. De James H. Cone: «Contrariamente à opinião popular, os (cânticos) espirituais não evidenciam a conformidade dos negros com a escravidão humana. São canções de libertação negra e consideram-nas como um aspecto da revelação divina. Por tal razão, é legítimo que a gente de cor as cante nesta nova época do Poder Negro. E se alguns consideram que os (cânticos) espirituais são incompatíveis com o Poder Negro e com a Teologia Negra, estão mal informados ou se fazem eco de erradas interpretações. Os negros acreditam num poder onipotente, onipresente e onisciente que opera no mundo, que está ao lado dos oprimidos e dos humilhados» (in Hollenweger, *ob. cit.*, p. 21). De M. M. Fischer: «A libertação divina dos oprimidos é o conceito central dos espirituais negros... As canções falam de um Deus implicado na história — em sua história — que reparará as injustiças cometidas pelos brancos» (in Hollenweger, *ob. cit.*, p. 22).

15. Cf. Synan, H. V., *ob. cit.*

16. As críticas que o líder pentecostal sul-africano, Nicolau Bhengou, fazia às igrejas da Assembleia de Deus, na África do Sul, insistiam sobretudo na demasiada preocupação dessas igrejas com as vigílias de oração e o dom de línguas e na ausência de interesse pelas transformações sociais dos negros.



Circolo Dante Alighieri Ahlen

4730 Ahlen, li
Kampstraße 15

longam assim uma vivência religiosa fechada sobre o sacral e sem abertura para o social. Pela década de 50, o Evangelho Quadrangular virá acentuar esta tendência, com a ênfase dada ao dom de cura através das tendas dos milagres. De certa forma, «O Brasil para Cristo», fundado na fase do populismo, tentou enveredar por caminhos diferentes. Dele falaremos depois. Quando se fala, pois, em pentecostalismo no Brasil, não se pode referir a um padrão mundialmente generalizado, mas a uma forma particularizada transplantada para cá, inicialmente, pela Assembléia de Deus e pela Congregação Cristã. Assim parece-nos de fundamental importância levar em conta estes aspectos: de um lado, a visão fortemente sacral dominando a visão da sociedade; do outro, a ausência de uma experiência político-social dos líderes pentecostais que vieram para o Brasil. Mas esta situação pode ter mudado. Daí a importância de se levar em conta a experiência histórica do pentecostalismo, desde o seu início, nos últimos decênios da República Velha, ao longo do período do Estado Novo, na fase do populismo e nos anos subsequentes a 64. Sem esta visão histórica que nos possibilite ver a religião pentecostal como uma instância religiosa inserida em nossa sociedade capitalista dependente, torna-se difícil apreender o que significou a experiência pentecostal vinda de fora e os possíveis sinais de sua transformação ou de reorientação de sua ótica religiosa.

O quadro sócio-político-religioso é o cenário onde se defrontam dois tipos de experiência, no limiar do pentecostalismo brasileiro, ambos vindos de fora e estimulados por vivências diferentes. A experiência que trouxeram imigrantes europeus, principalmente italianos, marcada por lutas e movimentos operários. E a experiência acentuadamente religiosa que pentecostais estrangeiros se incumbiram de transplantar dos Estados Unidos para o Brasil. Diante deste confronto cabe a pergunta: teria sido pura coincidência haver chegado ao Brasil uma experiência religiosa voltada para o sacral numa época em que o operariado estava sacudido por outra experiência secular, trazida por imigrantes europeus que tinham vivido na Europa: conflitos e lutas operárias? Teriam sido exclusivamente religiosos os motivos que decidiram a vinda dos líderes pentecostais para o Brasil, nos últimos decênios do Estado oligárquico, ou por detrás destes interesses aparentemente religiosos se encobria algo mais? Fica a interrogação sem dados sequer para explicitá-la. Entretanto, formulada de outra maneira, ou seja, tomando os fatos como ocorreram, o comportamento de ambas as experiências pode servir de indicação para o sentido que tomou o pentecostalismo desde sua implantação em nossa sociedade. Mesmo que tenha havido uma simples coincidência, permanece o problema de saber como se comportou o pentecostalismo em sua fase inicial e nos anos subsequentes a 1930. É o que tentaremos ver.

O pentecostalismo e o contexto sócio-político

Os caminhos abertos pelo pentecostalismo não cruzaram apenas as experiências religiosas, católica e protestante. Mergulharam numa sociedade capitalista dependente. Tendo-se implantado no seio das camadas populares urbanas, numa época em que greves e agitações sacudiam o operariado, o seu começo entre nós está social e historicamente ligado ao contexto sócio-político dos últimos decênios do Estado oligárquico. Como o seu desenvolvimento se prende ao Estado Novo e à fase do populismo.

Inicialmente, convém lembrar que dos setores primários exportadores constitutivos da economia nacional, o cafeicultor se erigira em núcleo hegemônico. Embora dependente do mercado externo, a economia cafeeira possibilitara o desenvolvimento de uma incipiente faixa urbano-industrial e também do mercado interno.¹⁷ O setor urbano-industrial, emergindo à sombra do núcleo hegemônico e aproveitando-se das medidas protecionistas da política cafeeira, passou a ser também uma alternativa de investimento nas fases de menor lucratividade do setor exportador.¹⁸ Entre o setor exportador hegemônico e o industrial não se travaram conflitos.¹⁹ O setor oligárquico exprimia diretamente os interesses do setor cafeeiro e do empresariado emergente e legitimava as oligarquias regionais sobressaindo entre estas as do Estado de São Paulo e de Minas Gerais, como centros de dominação. Dentro deste contexto, diversificava-se a estrutura social, com o crescimento das camadas médias urbanas e do incipiente operariado urbano, tomado este no sentido largo abrangendo setores fabris ainda precários e os serviços urbanos, inclusive o comércio. Estas camadas, principalmente a dos trabalhadores urbanos, eram as mais prejudicadas pela política protecionista do Estado oligárquico. Assim sendo, o movimento do operariado urbano nos últimos decênios da Primeira República refletiu mais que uma situação conjuntural. As condições concretas dos trabalhadores urbanos, tais como repouso não remunerado, salários atrasados não pagos, salários variando de empresa para empresa, de oficina para oficina, a critério dos donos, horas extras sem remuneração, trabalho noturno de menores e de mulheres nas fábricas, trabalho de menores sob violenta vigilância dos supervisores, cerceamento de reuniões de operários, uso arbitrário de dispositivo policial repressivo, condições sub-humanas nos locais de trabalho, jamais foram objeto de considerações diretas dos governos. Os movimentos operários, com todas as manifestações públicas implicadas, se encaminhavam precisamente no sentido da conquista de reivindicações dos trabalhadores para anular ou diminuir aquelas características. As condições sociais do trabalhador urbano favoreciam a luta por conquistar a libertação do operário das injunções opressoras. Luta contra a submissão do trabalhador aos interesses do empresariado e que por vezes tomava a forma de resistência às investidas do aparelho estatal repressor, a proteger os interesses dos setores dominantes sob alegação de defesa da ordem social. Mais crescia a repressão, mais persistente se tornava a resistência. Um clima extremamente asfixiante pesava sobre a vida do trabalhador urbano.

Em face desta situação o movimento operário adquiria relevo. Denota a existência embrionária do operariado no cenário sócio-político dos anos anteriores a 1930. Esta presença não foi apenas significativa no ocaso do Estado oligárquico, mas também influiu nas alternativas das classes dominantes nos primeiros anos da década de 30, assim como impeliram o Estado Novo a oferecer uma legislação trabalhista. Deste

17. Cf., entre outros, Ianni, Octavio, *O colapso do populismo no Brasil*, Ed. Civ. Brasileira 1975; *Estado e Planejamento Econômico no Brasil*, Ed. Civ. Brasileira 1979; Fausto, Boris, *A Revolução de 1930*, Ed. Brasiliense 1978; Cardoso, Fernando H., *Mudanças sociais na América Latina*, DIFEL, 1969; *Empresariado industrial e desenvolvimento econômico no Brasil*, DIFEL, 1972.

18. Cf. Fausto, Boris, *Trabalho urbano e política*, DIFEL 1977; Forjaz, Maria Cecília S., *Tenentismo e Política*, Paz e Terra, 1977.

19. "Assim o setor industrial nascente e o setor exportador hegemônico conseguiram crescer juntos e complementarmente e sem que os opusessem contradições antagônicas como ocorreu no desenvolvimento dos países capitalistas" (Forjaz, Maria Cecília S., *ob. cit.*, p. 18).



Circolo Dante Alighieri Ahlen

4730 Ahlen, li
Kampstraße 15

modo as classes trabalhadoras urbanas, e com elas as camadas populares, não surgiram abruptamente nos anos posteriores a 30. Inscrevem-se numa linha de continuidade.²⁰ Poderíamos dizer em consequência que as camadas populares urbanas no seio das quais emergiu o movimento operário, suscitado, estimulado e trabalhado pelas idéias anarquistas, anarco-sindicalistas, libertárias, mutualistas, estavam ligadas às condições concretas extremamente deficientes do trabalhador urbano. Tais condições formavam um contexto social propício à emergência de ideologias libertárias e anárquicas trazidas pelos imigrantes europeus que em grande parte haviam participado de movimentos operários na Europa.²¹ Das correntes ideológicas que influenciaram os trabalhadores urbanos (anarquismo, anarco-sindicalismo, anarco-socialismo, etc.) o anarco-sindicalismo foi a de maior peso e de mais forte influência nos movimentos operários.²² Propunha-se a organizar a sociedade à base do sindicato. Este não seria apenas instrumento de luta, com base na ação direta e na greve geral, mas o núcleo fundador da futura sociedade. Instrumentos de luta não só em prol de reivindicações econômicas, como salário, oito horas de trabalho nas fábricas, etc., mas sobretudo no sentido de oposição à exploração exercida pela burguesia e ao Estado oligárquico legitimador dos interesses desta, seriam a greve geral ou parcial, o boicote, as manifestações públicas. Contrário à integração do trabalhador estrangeiro à nacionalidade brasileira, como postulavam os socialistas, propunha uma ação direta para a derrubada da situação estabelecida. Com tal intuito, recolhia a solidariedade que aos poucos ia despertando no meio operário. As greves foram uma destas formas de ação direta, vinculavam-se mais às Ligas operárias de que nasceram os sindicatos. Já no Primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro, em 1906, o anarco-sindicalismo foi a corrente dominante.²³ Um mês depois, irrompia a greve dos ferroviários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. De Jundiaí, onde eclodiu, alastrou-se até a capital paulista. Outros ramos de atividades emprestaram-lhe solidariedade: pedreiros, sapateiros, trabalhadores de construção civil.²⁴

Com o imigrante europeu o operariado urbano absorveu não apenas as ideologias importadas, mas uma experiência de luta que lhe despertou o senso de solidariedade. Esta teve, entre outros, o efeito de retirá-lo

20. "Ao mostrar que a aparente descontinuidade da evolução da classe operária no Brasil, na verdade, é um esforço de ocultação de sua presença, se criam condições para uma compreensão integrada das classes trabalhadoras. Nesse momento não será exagerado propor que o estudo da classe operária (condição operária e movimento operário) é a chave para o entendimento da transição da história do Brasil no início do século XX. Em outros termos, a classe operária é que condicionará os limites das opções das classes dominantes a partir de 30. Mas para que isso aconteça, será indispensável o ensaio de convivência forçada dos empresários com as novas classes trabalhadoras que emergem no final do século XIX nas cidades" (Pinheiro, Paulo Sérgio, *O proletariado industrial na Primeira República*, in *História da Civilização Brasileira*, vol. III, DIFEL, p. 137).

21. "Anarquistas, anarco-sindicalistas, sindicalistas, carbonários e outras variantes do movimento operário europeu dos fins do século XIX e primórdios do século XX, muitos dos quais expulsos da Europa, tentaram organizar o incipiente operariado brasileiro e fazê-lo reagir como camada social dotada de características próprias" (Cardoso, F. H., *Mudanças sociais na América Latina*, DIFEL 1969, p. 205).

22. Cf. Marín, Sheldon Leslie, *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro*, Paz e Terra 1979. Referindo-se ao anarco-sindicalismo: "Seus participantes constituíram a espinha dorsal da liderança militante, tendo editado a maioria dos jornais operários e dominado as atividades e a organização dos sindicatos" (p. 73).

23. Naquela ocasião, foi proposto lutar pelo limite de oito horas de trabalho, lutar contra a exploração do trabalho de menores, contra descontos salariais e pela liberdade de reunião de operários.

24. Rodrigues, Edgar, *Novos Rumos. Pesquisa social, 1922-1946*, Ed. Mundo Livre; *Trabalho e Conflito Social*, Ed. Arte Moderna Ltda.; Pinheiro, P. Sérgio, *A classe operária no Brasil: 1889-1930*, Ed. Alfa-Omega 1979.

da acomodação passiva em que se encontrava, em parte, diante das injunções arbitrárias do empresariado, fortalecidas pela orientação política e pelo dispositivo de repressão. Os imigrantes europeus emprestaram, assim, uma consistente contribuição. Não vieram apenas para a mão-de-obra na lavoura cafeeira. Muitos se empregaram nas fábricas e nos diversos serviços urbanos. Outros se deslocaram das fazendas de café, onde primeiro se instalaram, para as cidades. Constituíam a maioria dos trabalhadores urbanos nos dois centros mais importantes do País — São Paulo e Rio de Janeiro.²⁵ Os italianos eram a maioria dos trabalhadores em indústria e serviços de São Paulo. Entre os trabalhadores do porto predominavam os portugueses e espanhóis. No Rio de Janeiro, os trabalhadores se distribuíam, em ordem decrescente, entre portugueses, espanhóis e italianos.²⁶ Os anos de 1910 e 1911 foram marcados por repetidas greves e agitações das classes trabalhadoras, muitas delas em protesto contra prisões de companheiros e demissões arbitrárias. São Paulo e Rio de Janeiro foram, sem dúvida, os centros mais significativos destes movimentos e de sua irradiação. Outros pontos do País refletiam, entretanto, a influência deles. Assim, irromperam greves em Minas Gerais, no Rio Grande do Sul, no Nordeste e no Norte. Em Belém, pelo ano de 1919, houve uma greve geral que se iniciou em Val-de-Cães, englobando mecânicos, metalúrgicos e outras classes.²⁷ Em São Paulo, o bairro proletário do Brás, como outros da capital paulista, foi frequentemente cenário destas lutas e agitações. Muitos italianos foram sumariamente demitidos de seus empregos, outros presos e expulsos. Se isso acontecia com mais frequência na capital paulista, não era exceção nas localidades do interior.

O Segundo Congresso Operário Brasileiro, em 1913, no Rio de Janeiro, além das delegações de São Paulo e do Rio de Janeiro, contou com representações do Pará e do Amazonas, o que indica irradiação do movimento pelo Nordeste e Norte. Nessa assembléia o anarco-sindicalismo foi ainda a voz dominante. Fez-se aí uma recomendação particular: os operários deveriam se afastar de associações, seitas religiosas e do chamado «sindicalismo católico»²⁸, que tenta levar os trabalhadores à submissão ordeira aos patrões. Se nos anos de 1914 a 1916, as greves foram menos intensas, em grande parte devido à Primeira Grande Guerra, mesmo assim irromperam aqui e ali motivadas pelos atrasos de pagamentos. O ano de 1917 conheceu um novo surto de

25. "Os escassos dados estatísticos e os depoimentos dos contemporâneos deixam claro que dos anos de 1890 até pelo menos 1920, os imigrantes estrangeiros e seus filhos nascidos no Brasil constituíram a maioria da classe operária urbana em São Paulo e Santos e a maior parte do proletariado no Rio de Janeiro. O que certamente constituirá uma característica fundamental para a compreensão de suas manifestações na sociedade do início do século" (Pinheiro, P. S., in *História da Civilização Brasileira*, vol. III, DIFEL 1978, p. 138).

26. "Em 1900, 92% dos operários industriais no Estado de São Paulo eram italianos. Em 1912, no mesmo Estado, 80% dos operários eram estrangeiros, sendo que 65% eram italianos" (Pinheiro, P. S., *ob. cit.*, p. 139). O Censo Demográfico de 1920 registrou, sobre o total de estrangeiros chegados, 48,1% de italianos para o Estado de São Paulo e 44,5% para a capital paulista. Azis Simão observa: "No conjunto do proletariado de origem estrangeira, predominaram os italianos, exceto nos serviços portuários, executados geralmente por portugueses e espanhóis. Desde 1900, notícias esparsas registram o fato, referindo-se ao operariado em geral, ou aos empregados em estabelecimentos de vários ramos industriais. Em 1913, estimava-se que eram italianos 4/5 dos ocupados em construção civil e, em 1912, representavam eles 60% dos 10 mil tecelões arrolados na capital" (*Sindicato e Estado*, São Paulo 1966, p. 26).

27. Rodrigues, Edgar, *Trabalho e Conflito*, p. 145.

28. Existiam na época vários Centros Operários Católicos de tipo assistencialista. Azis Simão (*ob. cit.*) indica que o Centro Metropolitano de São Paulo foi fundado em 1907. Entre 1915 e 1929 existiam 13 Centros Operários Católicos (A.S.).



Circolo Dante Alighieri Ahlen

4730 Ahlen, li
Kampstraße 15

greves.²⁹ A Revolução Russa foi um elemento externo de significativa influência. De 1919 a 1921, recrudescentes as agitações e greves. Boris Fausto assinala: «... os anarquistas fizeram seu grande teste político, malgrado o horror que a palavra pudesse causar. A derrota dos trabalhadores sob sua direção levou-os à decadência e depressão o movimento operário por muitos anos». Foi nesse declínio do anarco-sindicalismo que o Partido Comunista lançou suas raízes, funcionando entretanto legalmente por pouco tempo, pois o estado de sítio lhe tolheu a liberdade. Nem por isso deixou de agir clandestinamente.

Neste contexto sócio-político surgiu o pentecostalismo. Assim, a Congregação Cristã, fundada pelo italiano pentecostal Francescon, em 1910, no bairro do Brás, povoado de italianos e também palco de greves e agitações operárias, bem como a Assembléia de Deus, fundada em Belém, Pará, em 1911 — até lá o movimento operário havia também chegado — foram os primeiros dispositivos religiosos pelos quais o pentecostalismo começou a se implantar na sociedade brasileira. Na transição do Estado oligárquico para uma nova ordem social em que as camadas urbanas populares vão ter uma presença significativa, conquistada à custa das lutas operárias anteriores a 1930, defrontam-se pelo menos dois tipos de vivência: um de caráter secular ligado ao convívio de classes, embora forçado pelos conflitos; o outro de cunho exclusivamente religioso, à margem da convivência de classes e fiel às suas origens religiosas norte-americanas. Importado por estrangeiros ligados a grupos pentecostais estadunidenses compostos em grande maioria de brancos, alheios à luta racial dos negros, o pentecostalismo emergiu entre nós ao redor de igrejas protestantes proselitistas — a presbiteriana do bairro do Brás e a batista de Belém, no Pará. Em São Paulo como no Norte, os primeiros grupos se formaram de protestantes dissidentes. A mensagem pentecostal de Francescon, de Daniel Berg e G. Vingren estava na base desta dissidência. O primeiro arrastou consigo um punhado de presbiterianos, os dois últimos, um grupo de batistas. Num caso, o pentecostalismo se formou de italianos residentes no Brás, no outro, de elementos nacionais. Mas a raiz da dissidência não foi nem de caráter social, muito menos político, mas de cunho exclusivamente religioso: a pregação sobre o batismo do Espírito Santo. Em Belém, ela se revestiu de uma experiência concreta — uma crente batista falou línguas estranhas. No plano religioso, leigos iniciam o movimento pentecostal, reunidos em torno de líderes que não eram no momento pastores. Pelo contrário, a reação é articulada por pastores, presbiterianos e batistas, em nome da fidelidade à linha doutrinária de suas igrejas. A dissidência entrou pela porta de uma nova experiência, à base da espontaneidade religiosa, ao passo que a reação é proclamada em nome da doutrina comumente estabelecida e da burocracia. Mas se este incipiente pentecostalismo trouxe algo de novo, a novidade ficou restrita ao plano religioso. Nem os batistas dissidentes, no Norte, nem os presbiterianos do Brás estavam interessados nos conflitos sociais da época, nem a estes ligados de alguma forma. Os núcleos pentecostais recém-formados, oriundos de uma separação enraizada numa nova experiência religiosa, vão continuá-la dentro do estilo pentecostal de suas origens estadunidenses, e ampliá-la

29. Embora haja no momento uma tendência para rever a significação dos imigrantes estrangeiros, principalmente italianos, no despertar da consciência do operariado brasileiro, não se pode minimizar a contribuição desses na constituição gradativa da classe operária brasileira, nos últimos decênios da Primeira República.

30. Fausto, Boris, *Trabalho e conflito social*, DIFEL 1977, p. 71.

através de novas conquistas. Mas ficaram à margem da situação social das camadas populares e dos conflitos entre a classe operária e o empresariado urbano.

Convém observar que, na época, nenhuma instituição religiosa teve participação nas greves operárias. Os Centros Operários Católicos, existentes de modo esparso e inspirados nos documentos pontifícios, se pautavam pela busca de conciliação entre patrões e trabalhadores.³¹ Tinham além disso uma posição contrária às greves, davam «apoio incondicional a todas as classes conservadoras», colocando-se ao lado do Governo na repressão às greves.³² Tem-se notícia de um trabalho pioneiro no protestantismo, o dos metodistas, que instalaram para os portuários do Rio de Janeiro uma série de serviços de alfabetização, de clínica médica, de trabalhos industriais, de debates e de palestras.³³

Assinala William Read³⁴ que o imigrante italiano serviu de suporte étnico-cultural à radicação e aos primeiros passos da Congregação Cristã. Os cultos das igrejas deste ramo pentecostal eram feitos em italiano. Orações, pregações e cânticos em italiano, o que vem em abono do parecer de Read. Uma prova disso é que as duas primeiras edições do hinário foram publicadas em italiano e só a terceira, em 1935, saiu em italiano e em português. Se por um lado isso é verdade, por outro as lutas operárias nas quais pesava sobremaneira a influência dos italianos, serviram de freio e barreira às condições dadas pelo elemento étnico-cultural. É de supor ainda que, amainada a agitação operária, nos anos pós-30, provavelmente o elemento italiano propiciou condições à Congregação Cristã para que esta se infiltrasse na pequena burguesia e por entre setores da burguesia, acompanhando a mobilidade social dos italianos e seus descendentes. A ideologia pentecostal da Congregação em nada tinha a se opor a este movimento para cima.

Enquanto a Congregação Cristã tenta firmar-se em São Paulo, em meio às agitações sociais decorrentes do movimento operário, a Assembléia de Deus vai aos poucos penetrando nas camadas populares nacionais, no Norte. Aqui a população mais espalhada e mais rarefeita, os escassos meios de comunicação, ao tornarem menos intensivos os movimentos operários e de menores proporções, auxiliavam de certa forma o enraizamento desta Igreja em torno da cidade de Belém. Entretanto, poucos anos depois do seu nascimento, entrou a espalhar-se pelos Estados limítrofes ao território paraense. Não dispozo senão do número de templos segundo os anos de fundação, vão aqui como indicativos do crescimento pentecostal nos 10 primeiros anos, ou seja, de 1910 a 1920. Dos 50 templos com data de fundação nesse período, 27 pertenciam à Assem-

31. «A Igreja Católica, no entanto, visando contribuir para a preservação da ordem social e do privatismo patronal, no estabelecimento das condições de trabalho, adotou o mutualismo como forma sucedânea da greve para propiciar melhores condições de vida aos trabalhadores» (Simão, Azis, *ob. cit.*, p. 116).

32. «O Centro Operário Metropolitano, em assembléia geral realizada com a presença de representantes de todas as comissões distritais e centros confederados votam a seguinte moção: Os operários católicos hipotecam incondicional apoio a todas as classes conservadoras, na emergência atual, e declaram-se ao lado do Governo para a repressão ao anarquismo, protestando contra as Ligas que decretam a pseudo-greve de solidariedade com elementos perigosos que só prejudicam o operariado» (Simão, Azis, *ob. cit.*, p. 117). Note-se que tal pronunciamento foi feito em 1920, no auge do movimento operário.

33. Cf. a este respeito, Ramalho, Jether P., *Prática Educativa e Sociedade*, Ed. Zahar 1976, p. 181.

34. Read, William R., *New patterns of Church growth in Brazil*, Grand Rapids, Eerdmans Publishing Company 1965.



Circolo Dante Alighieri Ahlen

4730 Ahlen, li
Kampstraße 15

bléia de Deus e 23 à Congregação Cristã, sendo que esta tinha sido criada antes daquela.³⁵

Até 1930, enquanto a Congregação se limitava quase que ao Estado de São Paulo, buscando expandir-se entre os italianos e seus descendentes, debaixo da maré das agitações operárias, a Assembléia de Deus veio descendo do Norte para o Nordeste até chegar ao antigo Distrito Federal, em parte, graças à migração interregional. Pressionado pelas agruras da seca, o nordestino demanda regiões do Norte, quando não vai sobreviver nos engenhos do brejo. De volta à sua terra, muitos tornam convertidos ao pentecostalismo, sobretudo os que voltam do Pará e do Maranhão. Cada crente que se desloca carrega consigo um empenho de novas conquistas. E a casa do crente se muda naturalmente em templo improvisado. Debaixo de seu próprio teto o simples crente faz de pastor. Acolhe curiosos e simpatizantes. Ora, canta, lê a Bíblia e prega. É a nucleação espalhando o pentecostalismo. Trabalho de leigo penetrando na larga faixa do devocional católico brasileiro, elemento religioso básico na expansão do pentecostalismo. Aos simpatizantes e simples curiosos que se aproximam de sua casa, o simples crente os introduz na leitura da Bíblia. Ensina-lhes a orar com suas próprias palavras. Depois deste trabalho do crente, vem o pastor. Organiza a tarefa iniciada. Por vezes o pastor vai atrás de novos adeptos, visitando as cidades. Assim, os pontos de pregação se transformaram aos poucos em pequenos templos que pontilharam o Norte e Nordeste. Pedreiros e carpinteiros pentecostais ofereciam sua mão-de-obra. Os demais davam o dízimo ou alguma oferta, fruto da conversão: não fumar, não beber, não jogar, etc. A migração inter-regional, deslocando gente de um lado para outro, deslocava também crentes. Dez anos depois de sua fundação, a Assembléia de Deus tinha templos nos Estados do Norte e em 5 do Nordeste. Em 1930, os templos assinalavam sua presença em todos os Estados nordestinos. Em 1924, uma família que emigrara do Norte para o Rio de Janeiro, começou a realizar em sua própria casa, no bairro de São Cristóvão, os primeiros cultos e a escola dominical da Assembléia de Deus na Capital Federal. Era o começo da Assembléia de Deus na Região Sudeste.

Lento foi o crescimento pentecostal até 1930. Tomando ainda o número de templos, pela data de fundação, temos: de 1910 a 1920, o aumento foi de 50 templos; de 1920 a 1930, foi de 217. Na década seguinte, o crescimento foi de 645. Em 1930, os pentecostais perfaziam menos de 1/3 dos evangélicos das igrejas de conversão (excetuando-se pois os luteranos).³⁶ Trinta anos depois, em 1960 perfazem pouco mais de 50%. Estudiosos do pentecostalismo, como William Read, apontam o ano de 1930 como sendo o ponto de partida da expansão pentecostal. Pensamos que não é precisamente 1930 o marco inicial da expansão pentecostal, e sim a partir de 1935, quando medidas de exceção obtidas pelo Governo Vargas e que se renovam até 1937, começam a abafar as agitações operárias.

Não se pode deixar de lembrar o fato de que as greves e agitações operárias continuam nos primeiros anos do Governo instaurado após a Revolução de 30, e vão ser eliminadas gradativamente a partir de 35.

35. Estatística do Culto Protestante, IBGE. Boletins de coleta de dados nos quais fizemos uma pesquisa sobre os anos de fundação dos templos pentecostais.

36. Braga, Erasmo e Grubb, Kenneth, *The Republic of Brazil. A survey of the religious situation*, World Dominion Press, Londres 1932. Esses autores dão para os pentecostais, em 1930, 9,5% (sem contar os luteranos).

Uma ordem autoritária começa aqui a instalar-se. Vários fatores convergem para ela: a Aliança Integralista Brasileira, mobilizando setores das camadas médias e grande parcela do catolicismo, traduz em sua ideologia e práticas sociais uma orientação fascista; a Aliança Nacional Libertadora promove mobilização popular com características esquerdistas, tenta derrubar o regime através de levantes e suscita nas classes dominantes e na Igreja Católica o temor de iminente investida comunista no País. As classes dominantes se encaminham para um consenso, o de atribuir ao poder governamental a força controladora das classes subalternas.³⁷ Desta forma é toda a sociedade que pelos setores dominantes se acha envolvida na concretização de uma ordem social autoritária. Nela a legislação trabalhista como instrumento jurídico regulador das relações patrão/trabalhador urbano, o sindicato como agência estatal de controle das classes trabalhadoras, o aparelho repressivo e controlador das liberdades, são os mecanismos acionados na vigência do Estado corporativista. A este projeto de uma ordem autoritária adere a própria Igreja Católica, passando de uma atitude anteriormente liberal, na Constituição de 34, quando defendeu o sindicato livre e autônomo, para a aceitação do sindicato como agência estatal.³⁸

Com a instauração da nova ordem burguesa do Estado Novo, que controla as classes subalternas de modo paternalista com a legislação trabalhista e de maneira repressiva através da força e do sindicato fascista, o pentecostalismo vai encontrar condições sociais propiciadoras de sua expansão. Na época estava representado praticamente pela Assembléia de Deus e pela Congregação Cristã. Por estranho que pareça, não ocorreu naquele período uma segmentação de igrejas pentecostais. Pelo contrário, aqueles dois ramos vão se concentrar em torno de si, reforçar suas bases, ao mesmo tempo que se inicia seu crescimento. A expansão pentecostal, começando com o Estado Novo, prende-se a uma ordem autoritária. No bojo da legislação trabalhista dominavam razões ideológicas de «estabelecer a harmonia e tranqüilidade entre empregados e empregadores»³⁹ e a doutrina da paz social. A ordem privada fazia transitar seus interesses pela ordem pública, ungidos pela ideologia de harmonia, conciliação, paz social, ordem, doutrina que se destina «primordialmente a favorecer a expansão da empresa privada».⁴⁰ Mesmo

37. «A partir dessa fase, no centro da problemática da criação da denominada legislação social, estará cada vez mais manifestamente o controle político e social das classes subalternas. Essa não será apenas uma questão afeta ao Estado e ao sindicato, mas a toda a sociedade. Após 35, as dissidências primeiramente agudas e na aparência inconciliáveis entre as facções das classes dominantes, cedem lugar a uma proposta consensual feita em nome do corporativismo...» «A facção burguesa industrial, que polemizava contra as leis sociais desde a ordem anterior, em nome de um modelo liberal — a nosso juízo efetivamente existente — igualmente abre mão do seu projeto. Passa a entender, com sólidas razões, que o que perdia a nível do político ganhava com sobras no econômico e no social através da ação controladora e repressiva da estrutura corporativa. A oligarquia que levava seu liberalismo político mais longe por força da própria conjuntura, e que assumira vigorosas posições em 32 e 33, igualmente vai deslizar para o corporativismo, como sistema alternativo para viabilizar a manutenção da ordem dominante» (Wernick, Luiz Vianna, *Liberalismo e Sindicato no Brasil*, Paz e Terra 1978, p. 34-35).

38. «A Igreja Católica até então postulava pelo sindicalismo de molde liberal, autônomo e pluralista, a fim de organizar as classes subalternas, ou parte delas, no interior de uma ação católica, instrumento essencial, ao lado de um partido católico, para a constituição de um poder político 'integral'. Posteriormente a novembro de 1935, abdica de seu taticismo para se incorporar num projeto autoritário secular, onde os sindicatos se encontram definidos como agências estatais» (Wernick, L. V., *ob. cit.*, p. 35).

39. Ianni, Octavio, *Estado e Planejamento Econômico no Brasil*, p. 37.

40. Vargas, Getúlio, *As Diretrizes da Nova Política do Brasil*, José Olympio Ed., Rio 1942, p. 227.



Circolo Dante Alighieri Ahlen

4730 Ahlen, li
Kampstraße 15

aceitando a intervenção do Estado no campo econômico, a ordem privada de caráter liberal e capitalista tem seus interesses fundamentais assegurados pelo controle estatal sobre a ordem pública e pela dominação sobre as classes subalternas. Nesse contexto, o pentecostalismo, embora mantendo seu espaço exclusivamente religioso, na ordem pública, não exprime nenhum sinal de contestação.⁴¹ A doutrina de harmonia e paz social, encobrindo a exploração da empresa privada sobre a classe trabalhadora, encontrou no pentecostalismo uma resposta de caráter ético: o crente deve ser ordeiro, trabalhador, honesto e respeitador da autoridade constituída.

Duas tendências configuram o pentecostalismo ao longo do Estado Novo — início de expansão e defesa. Entre 1930 e 1940, começa a expandir-se (aumento de 645 templos contra 217 na década anterior). Mas é a partir de 1939 que vai enfrentar uma oposição mais forte por parte do catolicismo. A tendência à expansão é facilitada, em parte, pela eliminação das agitações sociais e, em parte, pelo processo de urbanização que começa lentamente e se acelera depois de 50. O processo de urbanização que começa a encher paulatinamente as periferias dos centros urbanos, se acompanha do empobrecimento das mesmas e do crescente predomínio do setor terciário.⁴² A taxa de urbanização que em 1940 foi de 31%, vai a 36%, em 1950 e, em 1970, atinge a 55,9%. A taxa de população evangélica se escalona respectivamente: 2,6%, 3,4%, 5,2%. Mas a urbanização parece relacionar-se mais com o crescimento do evangelismo de conversão, como indica a situação seguinte:

TAXAS DE URBANIZAÇÃO E DE POPULAÇÃO
EVANGÉLICA POR REGIÕES

Regiões	1940		1970	
	t. urban.	t. pop. evang.	t. urban.	t. pop. evang.
NORTE	27,8	1,2	45,2	4,8
NORDESTE	23,4	1,0	41,8	2,6
SUDESTE	39,4	2,3	72,7	5,5
SUL	27,7	8,9	44,2	8,9
CENTRO-OESTE	21,5	1,3	48,0	5,4

Fonte: Censos Demográficos 1940, 1970.

A proporção de evangélicos sobre a população total, por Regiões, mostra que a da Região Sul permanece inalterada. Mas cresceu a taxa

41. Não houve no Brasil o que ocorreu na Itália de Mussolini onde os pentecostais sofreram por parte do fascismo, em consequência da circular Buffardini-Guidi (09-04-1935), prisões, julgamentos judiciais, exílios, ameaças e mortes. Seus cultos foram considerados pelo fascismo como nocivos à saúde do povo italiano. A Igreja Católica que os havia combatido anteriormente, silenciou, o que levou Hollenweger a dizer, com base em estudos locais, que "o criminoso Buffardini-Guidi (Ministro do Interior de Mussolini) firmou a mencionada circular porque em sua política de agressão contra a Abissínia necessitava o apoio do Papa e o conseguiu com isso" (ob. cit. p. 237). "Durante anos reinou o lema de que os serviços religiosos pentecostais eram nocivos à saúde e que para 'salvaguardar a moral e a ordem' era necessário proibi-los" (Hollenweger, ob. cit., p. 238).

42. Cf. Ianni, Octavio, ob. cit., p. 42s.

de urbanização. Trata-se neste caso de igrejas evangélicas étnicas. Pelo contrário, nas demais Regiões onde o protestantismo de conversão se instalou, houve crescimento da taxa de evangélicos, em grande parte devido ao aumento dos pentecostais. No período de 1940 a 1970, o ritmo de crescimento protestante da Região Sul, nas três décadas nele contidas, é o mais baixo de todas as Regiões, situando-se em 36,7% no decênio 40/50, diminuindo um pouco no seguinte e alcançando 54% na década 60/70, ao passo que o das demais Regiões se escalona entre 66% e 176%. Neste crescimento há que se destacar áreas de recente povoamento como o Centro-Oeste e o Norte. Estes dados são aqui lembrados para indicar o problema da urbanização/crescimento evangélico, e, particularmente, pentecostal, a ser discutido em outra parte. Não se quer dizer com isso que há relação direta entre urbanização/aumento pentecostal, nem tampouco tomar urbanização no sentido de crescimento populacional em espaços sócio-geográficos delimitados. Lembremos que urbanização é subproduto do sistema capitalista dependente e não podemos apenas encarar-la nos aspectos sócio-culturais dela decorrentes.

A segunda tendência, a de defesa, se desenrola também no curso do Estado Novo e se prende ao confronto com o catolicismo. A partir de 1939, com o Concílio Plenário Brasileiro, vai surgir uma investida anti-protestante. O combate ao protestantismo e, de modo particular, ao pentecostalismo, se dará em duas frentes: a dos católicos letrados empunhando a apologetica e a da ação, com expressões às vezes violentas, contra os núcleos pentecostais existentes. Quanto a este último aspecto, deu-se um fenômeno curioso. Enquanto nas cidades do interior o combate ao pentecostalismo era geralmente organizado e orientado pelos vigários, os crentes se uniam na base, em solidariedade com suas igrejas. Simples crentes organizavam por iniciativa própria caravanas que iam de uma cidade para outra com o objetivo de emprestarem solidariedade e apoio aos que estavam sendo perseguidos. Ao passo que o combate se organizava numa linha vertical, a defesa se articulava na horizontalidade, fazendo desabrochar entre os crentes união e solidariedade. Segundo depoimento de pessoas da época, os crentes organizavam caravanas de pregação. Iam de trem ou de ônibus visitar igrejas em cidades próximas, para lhes levarem apoio e calor humano. Era também uma maneira de dizer: somos numerosos, estamos crescendo. Internamente, os conflitos tiveram como um de seus resultados maior união dos crentes entre si e em torno de seus pastores. Ainda hoje pastores pentecostais recordam esses tempos da oposição que lhes movia o catolicismo. Defesa por um lado, mas competição por outro. O proselitismo estimulava o zelo por novas conquistas. O devocional católico, arraigado nas camadas populares, mas desprendido do controle eclesiástico, devocional de caráter mágico-protetor, se oferecia à pregação pentecostal. Nele o pentecostalismo colheu e continua ainda colhendo muitos de seus adeptos. Ao passo que o catolicismo os combatia com argumentos de letrados, os crentes dirigiam aos simpatizantes uma pregação direta, na linguagem do povo simples.

Importa todavia não esquecer que tanto o catolicismo como o pentecostalismo contribuíram, cada um a seu modo, para a efetivação da ordem social autoritária. A Igreja Católica atuava no meio operário, através dos Círculos Operários⁴³, reconhecidos pelo decreto de 1941

43. A respeito dos Círculos Operários na época, escreve Beozzo: "A finalidade do movimento era defender a fé e os interesses básicos dos trabalhadores. Seus princípios eram os ensinamentos morais do Evangelho, as encíclicas Rerum Novarum e



Circolo Dante Alighieri Ahlen

4730 Ahlen, li
Kampstraße 15

como «um órgão técnico e de assessoramento do Ministério do Trabalho, Comércio e Indústria», integrando-se na estrutura sindical corporativista e, ainda, através das missões pregadas às massas numa linha ético-religiosa e sacramentalista. Por sua vez o pentecostalismo, agindo diretamente nas camadas populares, inculca-lhes uma prática ético-social de respeito e submissão à ordem estabelecida.

Com a queda da ditadura Vargas, inicia-se em 1945 o chamado período de redemocratização. Poderíamos pensar, então, que mudando as condições sociais de caráter autoritário, desapareceriam igualmente algumas que auxiliaram o crescimento pentecostal na fase anterior. Entretanto a expansão pentecostal continuou. Se entre 1940 e 1950 o aumento de templos foi de 1.012, na década seguinte foi de 2.658. Importa, entretanto, não esquecer que a presença popular se torna um fato novo na fase democrática iniciada em 45. Mas a liberdade de que gozam as massas populares é relativa e transcorre dentro dos limites da estrutura de poder que basicamente permanece a mesma.⁴⁴ Com efeito os sindicatos continuam organizações estatais. O sistema partidário se enraíza em dois agrupamentos políticos criados no final do Estado Novo, o PSD dando expressão aos conservadores e o PTB para as massas trabalhadoras urbanas. Surgem entretanto lideranças populistas transitando através de organizações partidárias. Reaparece o Partido Comunista com o prestígio do seu chefe, mas é posto na ilegalidade em 1947.

Convém salientar aqui dois aspectos que estão interligados.

O primeiro é a importância cada vez maior que as cidades tomam em relação ao campo (e isso já vinha acontecendo antes), enquanto se tornam centros propiciadores de dissolução dos padrões tradicionais de submissão individual aos poderosos da área rural. Ao mesmo tempo criam um espaço gestador de cidadão politicamente ativo. Neste sentido, as condições precárias e insatisfatórias das áreas rurais, expulsando seus habitantes para as cidades, forneciam contingentes humanos às lideranças populistas. A lealdade pessoal ao patrão, ao coronel, cede lugar ao compromisso com organizações partidárias. Crescendo mais intensamente os setores de serviços, é nestes que as lideranças populistas vão buscar apoio.

O segundo diz respeito à urbanização tomada em dimensão generalizada e não restrita a áreas sócio-geográficas delimitadas. Enquanto subprocesso do sistema capitalista de produção, ela suscita aspirações que se difundem, pelos meios de comunicação, das áreas citadinas às não-citadinas, a padrões mais elevados de consumo de bens materiais e não materiais. As massas populares, atingidas por este processo, se inclinam para os líderes e agremiações em maior sintonia com seus anseios de vida melhor.

Vinculados a este contexto, apareceram na década de 50 dois novos ramos importantes — o Evangelho Quadrangular ou a Cruzada Nacional de Evangelização e O Brasil para Cristo, bem como muitas igrejas de pequeno porte. Esta atomização do pentecostalismo desponta como fenô-

Quadragesimo Anno, o repúdio do comunismo e da luta de classes, a defesa do direito natural de propriedade, a necessidade da intervenção do Estado na questão social e a colaboração com outros trabalhadores em organizações similares. Os Círculos inspiravam-se largamente no corporativismo fascista" (Beozzo, J. Oscar, *A Igreja entre a Revolução de 30, o Estado Novo e a Redemocratização*, mimeogr., p. 58).

44. Weffort, Francisco, *O populismo na política brasileira*, Paz e Terra 1978, p. 76s.

meno paralelo à emergência das lideranças populistas mediatizadas pelas agremiações partidárias. Reafirmam-se assim, a partir da fase de redemocratização, as características de relacionamentos crentes/pastores sob a mediação das organizações religiosas. Não se trata, pois, de relacionamentos de caráter pessoal, mas enquanto mediatizados pelos grupos organizados.⁴⁵ Se no período anterior ocorreu uma consolidação das organizações pentecostais, como resultado de defesa contra as investidas do catolicismo, agora, na fase pós-Estado Novo, a presença das massas populares, impelidas por suas aspirações, força a eclosão de novos grupos no interior do pentecostalismo. Neste sentido, a multiplicidade das igrejas não parece denunciar carência de controle doutrinário. São as massas que aderem a organismos, mesmo dentro de uma crença comum, mais afins com seus anseios não satisfeitos. Não se trata aqui de uma perspectiva apenas psicossocial. No fundo o que está em jogo é o sistema de produção da sociedade capitalista, responsável em última análise pela eclosão das aspirações das massas e pelas limitadas oportunidades concretamente oferecidas. É nesta fase populista que «O Brasil para Cristo» penetra no campo político e vários de seus membros são eleitos deputados. Como é ainda nela que surgem outras tendências religiosas, enfatizando o dom de cura e a religiosidade protetora, assim a igreja «Deus é Amor». Nasceu ainda, mais ligado às camadas burguesas, o Templo de Nova Vida.

Estes grupos, antigos como novos, estão adstritos à esfera do sacral. Os mais recentes receberam dos primeiros uma herança de vivência em torno do sacral, sem experiência de práticas sociais e políticas. Assim elementos dissociados de sua igreja de origem, ao formarem um novo agrupamento, prolongam uma experiência religiosa apenas, ou quando muito ligada a padrões de solidariedade restrita ao círculo dos crentes. O Brasil para Cristo foi o único que de certa forma começou a romper com este esquema. Ensaíou uma prática política que não teve continuidade após 64.

Antes mesmo de 1964, práticas de mobilização social, como as Ligas Camponesas, parecem ter contado com a presença de pentecostais. E nos últimos anos, conflitos na área rural indicam que os pentecostais, aqui e ali, de modo esparso, se inclinam para certos tipos de práticas sociais.

No caso das Ligas, a julgar pela entrevista de Francisco Julião, é de se supor que contassem entre seus membros com alguns pentecostais.⁴⁶ Julião não chega a identificá-los, ao dizer que havia: «batistas, além de duas seitas que eu não sabia distinguir». A supor que os houvesse, importa levar em consideração: primeiro, Julião conscientizou os protestantes de que eram a religião perseguida: «Então, eu dizia: vocês são a religião oprimida. Os camponeses também estão sendo oprimidos. Por que vocês não se juntam comigo pra gente fazer um trabalho no campo?... Antes do Concílio Ecumênico, o protestante era ainda muito perseguido». Pelo menos no seu começo as Ligas eram mal vistas pelos padres. Não é exagero pensar que isso reavivaria nos crentes, nos pentecostais sobretudo, a lembrança de lutas antigas e a idéia de uma espécie de revanche através das Ligas. O segundo ponto é o aspecto

45. Tendo em vista este contexto, não vemos como adotar a posição assumida por D'Epínay, no caso do pentecostalismo chileno, segundo o qual o pentecostalismo estaria reinstaurando nas áreas urbanas antigos padrões de submissão e lealdade pessoais do trabalhador ao patrão, do homem rural ao coronel.

46. Pasquim, n. 497, de 05 a 11-01-1979.

legal: «Peguem a Bíblia que eu vou com o Código Civil. E isto deu certo e em pouco tempo os camponeses encheram esse vazio, mesmo sendo analfabetos». As práticas sociais se apoiavam na Lei, na Constituição. Disso Julião não arredou o pé: «nunca saí dali». No caso dos crentes, o normativo, o que está na Lei, é reforçado pela crença. Duas experiências parecem convergir no caso das Ligas — a das lutas que os pentecostais tiveram que enfrentar, tempos atrás, e a vivência ética do respeito à lei, à autoridade estabelecida. Apesar disso, fica porém um saldo positivo: aceitam participar de organizações cujo objetivo era a defesa dos camponeses em face dos grandes proprietários. O balanço dos resultados desta experiência na vida dos pentecostais ainda está para se fazer.

Algumas experiências dos últimos anos, e ainda na área rural, foram analisadas por Regina Célia Reyes Novaes, ao estudar o comportamento dos adeptos da Assembléia de Deus, no município de Santa Maria, Pernambuco, em relação aos sindicatos rurais.⁴⁷ Observa a autora que estes crentes recorriam ao sindicato como instrumento legal de defesa de suas terras contra investidas de proprietários. «Para os crentes o Sindicato é legítimo porque está nas leis do País». Mas eles não se metem «em confusão nem briga com patrão». Limitam-se ao cumprimento da lei, interpretada por eles no plano da crença. Segundo depoimento de um advogado, citado pela autora, «quando as ações passam pela justiça, concordam e acatam a justiça». Mas as práticas sociais destes crentes são individuais, não envolvem sua igreja: limitam-se a reivindicações econômicas; utilizam um instrumento fascista, que não discutem; acatam o que a justiça diz; visam reivindicações atinentes aos próprios crentes. Mesmo assim, não se pode negar que tais comportamentos individuais se prendem a conflitos entre crentes agricultores e grandes proprietários, conflitos que sem dúvida encobrem exploração por parte destes últimos. Mas gostaríamos de perguntar: até que ponto o recurso ao sindicato estaria sendo um simples meio de solucionar situações conflituosas, de caráter individual, e nada mais, ou estariam levando os crentes a perceber outras formas de exploração, por exemplo, na meação, e neste caso a lançar mão de outros recursos? Que atitudes tomaram os crentes ao descobrir que o sindicato rural favorecia o grande proprietário? Embora estes aspectos ora lembrados não se encontrem na tese de Regina Novaes, a contribuição que ela nos traz abre o caminho para estudos concretos sobre o pentecostalismo em outras áreas agrícolas.

Jornais trouxeram a público o caso de uma passeata nas ruas da cidade de Parati, marcada com expressiva presença de pentecostais e com cânticos de igrejas pentecostais. Organizaram-na e realizaram-na habitantes de Trindade, região litorânea do município de Parati. Os jornais chamaram a atenção para a presença de crentes pentecostais, ao informarem que se cantaram hinos religiosos de O Brasil para Cristo. Sabendo dessa ocorrência através de noticiários jornalísticos, a impressão que se tem é a de que os pentecostais foram os agentes dinamizadores daquela passeata-protesto público, com faixas de «Queremos justiça», «De Trindade não sairemos». Os hinos religiosos eram sem dúvida sinais inequívocos de uma presença pentecostal atuante. A realidade, entretanto, é mais complexa e implica outros elementos que a reportagem não

47. Novaes, Regina C. Reyes, *Os escolhidos. Doutrina religiosa e prática social*, Museu Nacional 1979 (mimeogr.). «Santa Maria é o nome fictício do município».



Circolo Dante Alighieri Ahlen

4730 Ahlen, li
Kampstraße 15

Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 41, fasc. 161, Março de 1981 139

transmite. Informações que colhemos dos próprios moradores da área e as primeiras observações locais como visão preliminar de um trabalho que pensamos empreender, configuram inicialmente um quadro de maior complexidade, de menor euforia, e de maior riqueza de detalhes. Trindade é uma faixa litorânea praticamente habitada por evangélicos — Assembléia de Deus, O Brasil para Cristo, e Igreja Adventista do Sétimo Dia, tirando uns poucos católicos (nenhuma capela católica no local) e outros que se dizem sem-religião. Havia assim três templos evangélicos.

A companhia Trindade Desenvolvimento Territorial Ltda., empresa ligada ao grupo Adela (Agencia de Desarrollo de la América Latina) comprou a área em que parte pertencia à prefeitura de Parati e parte a outros proprietários. Desde 1973, esta multinacional vinha intimidando e praticamente forçando os posseiros a venderem suas posses. Os posseiros lá moravam há mais de 50 anos. O intuito era limpar a área. Vários trindadeiros venderam suas posses, indo morar uns em Ubatuba, outros em Parati e outras localidades. Os pastores também venderam os templos. O da Assembléia de Deus, que morava na cidade de Parati, disse aos fiéis haver feito por decisão do presbitério dessa cidade; não consultou seus crentes e vários deles o criticam por isso; o de O Brasil para Cristo, sem dar aos adeptos uma prévia explicação, veio de Guaratinguetá onde morava e pediu a assinatura dos que estavam de acordo, vendendo em consequência o templo; o da Igreja Adventista, que também morava fora, vendeu sem nenhuma consulta. Os fiéis não reagiram, embora alguns façam ainda hoje crítica a este fato. Os pastores deixaram de vir ao local. Sem templos e sem visitas de seus pastores, entregues praticamente a si próprios, mas ligados na base pelo trabalho — pesca e agricultura de subsistência — e pelos laços de parentesco e de religião, diante da propaganda de que em Trindade não havia mais gente, decidiram todos dar um grito de protesto: uma passeata com faixas e cânticos religiosos. Era uma forma pública de dizer — estamos vivos e somos numerosos. Dessa passeata, nenhum pastor participou, e nenhum foi consultado a respeito. Como os hinos religiosos que mais sabiam eram os da Assembléia de Deus e de O Brasil para Cristo, cantaram-nos pelas ruas de Parati. A crença pentecostal não se tornou obstáculo. Esteve animando o ato cívico e político a um tempo. Relativizou-se por um consenso sobre o princípio pentecostal de respeito à autoridade. Esta, dizem alguns crentes, que faça justiça. Em parte também este princípio foi relativizado quanto aos pastores que não foram nem sequer consultados. Mas o do poder de Deus foi realçado: «pelo poder de Deus combatemos, como David, o poderoso Golias da multinacional», disseram alguns crentes. O movimento veio de baixo, da paciência gasta, mas forte, da revolta incontida que acabou estourando num gesto público e pacificamente político. O gesto continua tendo consequências: lutam através de um advogado do Rio, que já conseguiu liminar favorável a vários posseiros. Estamos diante de um ato público, de conotação política, em favor de todos e não de alguns, de um gesto popular e informal contra a decisão formal de um juiz que dera ganho de causa à empresa. Mas, de um lado, houve debilidade com um comportamento individualista: uns vendendo suas posses e procurando arranjar suas vidas, sem pensar nos que ficavam; e, do outro, o fio de coragem para manter as posses, sem se preocupar com a sorte dos que saíram. O individualismo ainda perpassa as tentativas dos que ficaram. Resta saber se a religião que o alimentou, será capaz de eliminá-lo.



Circolo Dante Alighieri

Ahlen

4730 Ahlen, li
Kampstraße 15

140

Comunicações

Há ainda, aqui e ali, gestos isolados. Tivemos oportunidade de ver, numa área rural limítrofe entre Paraíba e Pernambuco, uma comunidade rural discutir seus procedimentos de luta contra a invasão por parte de uma usina açucareira. Nela notava-se a presença de um líder pentecostal, filiado à «Igreja do Espírito». «Afrontei, disse ele, com ajuda de outros posseiros, minha Bíblia na mão, gente armada e gente com tratores que vieram botar meu barraco no chão». Este crente chamava à luta católicos e outros crentes, a fim de que não deixassem os tratores abaterem as plantações e fruteiras de tantos anos.

Estes fatos são isolados e têm se passado praticamente em áreas rurais. Muitos outros, também na zona rural, os contradizem. Não há estudos suficientes que nos possibilitem ver sua significação, no conjunto do pentecostalismo, ou quanto a um ramo pentecostal. O de Regina Novaes é pioneiro.

No tocante à área urbana, o Grande Rio mostrou-nos que em termos de práticas sociais, as dos pentecostais são assistencialistas e restritas aos membros desta ou daquela igreja. Praticamente inexistente a participação em associações de bairros. Observou-se que em casos de simples suspeita de ligação de crentes com grupos de conscientização social, eles foram sumariamente desligados de suas igrejas por serem considerados contrários à ordem estabelecida.

Claro que para ajuizar destes fatos não basta fazer apelo apenas à visão religiosa pentecostal. Há que se considerar como pano de fundo a experiência histórica do pentecostalismo. Pensamos que é em referência a esta experiência que as ocorrências que vêm despontando aqui e ali, com características de comportamentos individuais, ganham sentido. Melhor se chegará a perceber as mudanças que porventura estejam em gestação no pentecostalismo, se conseguirmos associar o que está ocorrendo, mesmo esporadicamente, ao que ele foi em épocas passadas.

Finalizando, poderíamos sugerir algumas etapas do pentecostalismo: a do enraizamento ou implantação que vai de 1910 a 1935, quando medidas de exceção permitem ao Governo abafar as agitações populares; e aqui retificamos posições anteriormente assumidas, ao indicarmos o ano de 1930 como o marco inicial da expansão pentecostal. A partir de 1935, início da expansão que se acelera nos anos 50 em diante. Dentro deste período de expansão, duas fases: a do populismo quando ocorrem a segmentação das igrejas pentecostais e uma incipiente e curta incursão na área política; e a da década de 70 até nossos dias que, sem perda do crescimento pentecostal, indica ocorrências de alguns tipos de práticas sociais reveladoras de que, de algum modo, condições sociais concretas estão sendo tomadas em consideração.

Estas datas, entretanto, não são marcos definitivos. De maior significação são os fatos que procuramos mostrar. Não se trata, pois, de períodos fixos nem isolados. São antes passos de uma experiência histórico-religiosa em nexo com a situação social e política.

Francisco C. Rolim
Rio de Janeiro, RJ

Riqueza e pobreza na celebração do Sacramento da Penitência

Há tempos que o Sacramento da Penitência me questiona e a diversidade com que é ministrado me angustia seriamente. Escrevo a partir da

Arm der USA

Der Arm der USA ist der Arm der Kirche (CLAD) in der USA. Er ist der Arm der Kirche, der die Armen in der USA unterstützt. Er ist der Arm der Kirche, der die Armen in der USA unterstützt.

Der Arm der USA ist der Arm der Kirche (CLAD) in der USA. Er ist der Arm der Kirche, der die Armen in der USA unterstützt. Er ist der Arm der Kirche, der die Armen in der USA unterstützt.

Der Arm der USA ist der Arm der Kirche (CLAD) in der USA. Er ist der Arm der Kirche, der die Armen in der USA unterstützt. Er ist der Arm der Kirche, der die Armen in der USA unterstützt.

Der Arm der USA ist der Arm der Kirche (CLAD) in der USA. Er ist der Arm der Kirche, der die Armen in der USA unterstützt. Er ist der Arm der Kirche, der die Armen in der USA unterstützt.

Der Arm der USA ist der Arm der Kirche (CLAD) in der USA. Er ist der Arm der Kirche, der die Armen in der USA unterstützt. Er ist der Arm der Kirche, der die Armen in der USA unterstützt.

Der Arm der USA ist der Arm der Kirche (CLAD) in der USA. Er ist der Arm der Kirche, der die Armen in der USA unterstützt. Er ist der Arm der Kirche, der die Armen in der USA unterstützt.

Der Arm der USA ist der Arm der Kirche (CLAD) in der USA. Er ist der Arm der Kirche, der die Armen in der USA unterstützt. Er ist der Arm der Kirche, der die Armen in der USA unterstützt.

Im Lateinamerikanischen Rat der Kirchen (CLAI) sind Lutheraner, Baptisten, Reformierte, Methodisten und Orthodoxe zusammengeschlossen. Er wurde 1978 gegründet.



SEKTEN-VORMARSCH IN LATEINAMERIKA

Streit um Ursachen

SAO PAULO (kna) - Während sich die Aufmerksamkeit der lateinamerikanischen Öffentlichkeit auf dem Papstbesuch konzentrierte, ist es in Brasilien zu einer heftigen innerkirchlichen Auseinandersetzung über die Ursache des aggressiven Vordringens nordamerikanischer fundamentalistischer Sekten im katholischen Lateinamerika gekommen.

Auf eine vatikanische Anfrage hin wies das Sekretariat der Brasilianischen Bischofskonferenz in einem inoffiziellen Dokument darauf hin, daß viele Sekten von Militärdiktaturen, aber auch von Kreisen der Administration in Washington unterstützt werden. Außerdem prangerte das Dokument die Verfilzung zwischen der Sektenszene und der US-amerikanischen CIA an.

Daraufhin kritisierte der als „konservativ“ eingestufte Weihbischof von S. Salvador da Bahia, Jose C. Boaventura Kloppenburg, das Sekretariat der Bi-

schöfkonferenz scharf, weil es „höchst unverantwortlich“ gewesen sei, auf der Basis von „Vermutungen“ die Vereinigten Staaten zu beschuldigen. Die Verdächtigungen gegen die CIA beruhten, so Kloppenburg, auf „Gemeinplätzen und Gerüchten“, die unter den Anhängern der „Theologie der Befreiung“ kursieren.

Als Ursache des Sektenvormarsches sei vielmehr die zu starke Betonung des Sozialen in der Arbeit der Kirche Brasiliens anzusehen, dadurch entstehe ein „religiöses Vakuum“, das von den Sekten ausgefüllt werde.

Der von massivem Einsatz finanzieller Mittel getragene Sektenvormarsch ist mit schriller antikatholischer Propaganda im Stil des 19. Jahrhunderts gekoppelt. Eine dieser Sekten hatte in Peru sogar bei der Übertragung der ersten Papstmesse aus Venezuela gestört und mehrere Minuten antikatholische Propaganda eingeblendet.

Wi2
Hed
15.2.85

Der lange Arm der USA

Der Gebrauch des Lateinischen in der katholischen Kirche ist ein Thema, das in den letzten Jahren in der Öffentlichkeit immer mehr Beachtung findet. In der Diskussion über die Rolle der Kirche in Lateinamerika wird oft die Frage gestellt, ob die Kirche nicht zu sehr unter dem Einfluss der USA steht. Diese Frage ist jedoch nicht nur eine Frage der Sprache, sondern auch eine Frage der Machtverhältnisse.

Die Diskussion über die Rolle der Kirche in Lateinamerika ist eine Diskussion über die Rolle der Kirche in der Welt. Die Kirche ist ein Teil der Welt, und sie muss sich mit den Problemen der Welt auseinandersetzen. Die Kirche muss sich mit den Problemen der Armut, der Ungerechtigkeit und der Umwelt auseinandersetzen. Die Kirche muss sich mit den Problemen der Gewalt, des Terrorismus und des Drogenhandels auseinandersetzen.

Die Kirche muss sich mit den Problemen der Zukunft auseinandersetzen. Die Kirche muss sich mit den Problemen der Globalisierung, der Technologie und der Umwelt auseinandersetzen. Die Kirche muss sich mit den Problemen der Zukunft auseinandersetzen. Die Kirche muss sich mit den Problemen der Zukunft auseinandersetzen.

Die Diskussion über die Rolle der Kirche in Lateinamerika ist eine Diskussion über die Rolle der Kirche in der Welt. Die Kirche ist ein Teil der Welt, und sie muss sich mit den Problemen der Welt auseinandersetzen. Die Kirche muss sich mit den Problemen der Armut, der Ungerechtigkeit und der Umwelt auseinandersetzen. Die Kirche muss sich mit den Problemen der Gewalt, des Terrorismus und des Drogenhandels auseinandersetzen.

Die Diskussion über die Rolle der Kirche in Lateinamerika ist eine Diskussion über die Rolle der Kirche in der Welt. Die Kirche ist ein Teil der Welt, und sie muss sich mit den Problemen der Welt auseinandersetzen. Die Kirche muss sich mit den Problemen der Armut, der Ungerechtigkeit und der Umwelt auseinandersetzen. Die Kirche muss sich mit den Problemen der Gewalt, des Terrorismus und des Drogenhandels auseinandersetzen.

Die Diskussion über die Rolle der Kirche in Lateinamerika ist eine Diskussion über die Rolle der Kirche in der Welt. Die Kirche ist ein Teil der Welt, und sie muss sich mit den Problemen der Welt auseinandersetzen. Die Kirche muss sich mit den Problemen der Armut, der Ungerechtigkeit und der Umwelt auseinandersetzen. Die Kirche muss sich mit den Problemen der Gewalt, des Terrorismus und des Drogenhandels auseinandersetzen.



Circolo Dante Alighieri Ahlen

4730 Ahlen, li
Kampstraße 15

Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 26, fasc. 3, Setembro de 1966 653

feição envelhecida se iluminava, com um sorriso largo, fruto de uma observação espiritual, que o fazia olhar os circunstantes por cima dos óculos, baixando a cabeça. Depois, e acima de tudo, uma grande impressão de *equilíbrio*. Esta é, talvez, a virtude intelectual mais difícil e mais rara, em nossos dias de desordem do espírito, de desorientação das idéias. O Padre Lebrecht chegara ao cimo para onde convergem as linhas da verdade, vindas da grande dispersão, da "diáspora" das divergências humanas. Lá, do alto, ele contemplava, com amor, o mundo dos homens e de Deus, esse pobre mundo pelo qual ele dera sua vida inteira, procurando fazê-lo melhor...

† Luciano Duarte
Bispo aux. de Aracaju.

O Fantástico Crescimento das Igrejas Pentecostais no Brasil

Com justo orgulho constata os protestantes que "a Igreja Evangélica no Brasil é a que mais cresce no mundo". Isto, entretanto, é válido apenas por causa do fantástico crescimento, entre nós, das Igrejas Pentecostais. Pois as outras, a Luterana, a Metodista, a Presbiteriana, mesmo a Batista, crescem sim, mas não notavelmente mais que em outras nações. Os Pentecostais constituem atualmente três quartos do Protestantismo no Brasil. Segundo as estatísticas publicadas em 1930 por Erasmo Braga, naqueles anos os pentecostais totalizavam apenas 9,5% do nosso Protestantismo. E hoje são, em números redondos, 75%! Este extraordinário aumento se deu, pois, nos últimos decênios e mais precisamente nestes últimos 15 anos. Minuciosas e criteriosas investigações sobre o crescimento do Protestantismo no Brasil foram feitas pelo missionário presbiteriano William R. Read, que trabalha aqui no Brasil desde 1952, e acaba de publicar os resultados num livro intitulado *New Patterns of Church Growth in Brazil* (Grand Rapids, Michigan, com 240 páginas). "Enquanto as Igrejas [protestantes] tradicionais, com o auxílio de centenas de missionários e milhões de dólares, cresceram de 300.000 a 1.000.000 (contando-se toda a comunidade e não apenas os 'membros plenos'), os Pentecostais, com a ajuda de poucos missionários e muitas vezes sem nenhuma assistência financeira, cresceram de menos de 100.000 para 3.000.000" (p. 12). Foi esta a verificação fundamental de William Read. No Brasil as Igrejas Pentecostais podem ser divididas em três grupos:

1) *Assembléia de Deus*. No período de 1911-1930, com os primeiros ensaios de uma Igreja incipiente: depois de 19 anos chegou a 14.000 membros plenos. O período seguinte, até 1949, chegou a 120.000, já com grande número de ministros nacionais. O terceiro período, de 1949 a 1966, houve um aumento médio anual de 75.000 membros plenos ou comungantes, tendo chegado neste ano de 1966 a 1.100.000 de membros plenos.

2) *Congregação Cristã no Brasil*. Começou em 1909 entre a colônia italiana de São Paulo (Brás), fundada por Louis Francescon (hoje com 96 anos, vivendo em Chicago), natural da Itália, mas vindo dos Estados Unidos. Até 1935 se mantinha exclusivamente em ambiente de língua italiana, com hinário e livros de oração em italiano. Em 1940 contava com 50.000 membros e 330 igrejas (a Igreja-Mãe no bairro do Brás); em 1950 eram 105.000 membros com 760 igrejas; em 1960 subiram a 230.000 membros com 1.537 igrejas; agora, em 1966, devem ser ca. de 350.000 membros com 2.500 igrejas. Estão principalmente



Circolo Dante Alighieri Ahlen

4730 Ahlen, li
Kampstraße 15

na cidade e no Estado de São Paulo e no Paraná. Não só nunca receberam ajuda financeira de fora, mas chegaram a enviar uma vez 25.000 dólares à igreja-irmã de Chicago. É um movimento tipicamente pentecostal (na gíria são conhecidos como "glórias") mas não associado à Assembléia de Deus nem aos outros movimentos pentecostais, dos quais se distingue porque: 1) faz questão de rezar ajoelhado, 2) as mulheres usam véus, 3) seus ministros não recebem dinheiro pelo serviço, 4) tem um modo especial de cumprimentar os irmãos, 5) insiste no batismo por imersão, 6) pratica a glossolalia ("falar em línguas") sem intérpretes, 7) não dá tanta importância à Bíblia (que, entretanto, é aceita como palavra de Deus), 8) tem uma organização local muito livre e espontânea ("como o Espírito Santo inspirar"), 9) não quer imiscuir-se na política.

3) *Pentecostais independentes*. Lá por 1950 surgiu em São Paulo o Pastor Manoel de Melo (que se desligara da Assembléia de Deus) e iniciou o movimento da "tenda divina" ("Holy Tent"), conhecida como Cruzada Brasil para Cristo, que dispõe agora de 1.100 igrejas organizadas, com 1.600 pastores ou candidatos e um aumento anual de 80.000 adeptos (Manoel de Melo gosta de compromissos políticos). Paralelamente surgiram outros movimentos pentecostais, como a Cruzada Nacional de Evangelização (atualmente dirigida por Jorge Russel Faulkner, também na base de "tendas divinas"), Cruzada de Nova Vida (tendo à frente o Pastor canadense McAlister, que trabalha principalmente no Rio), a Igreja da Renovação (com muitos elementos da Igreja Batista), a Igreja da Restauração (dirigida pelo Pastor Elmir Guimarães Maia), o Reavivamento Bíblico (com Mário Lindstrom, em Tucuruvi, SP), o Evangelho Quadrangular Pentecostal, o Cristo Pentecostal da Bíblia, a Igreja Pentecostal Unida, a Igreja Evangélica Pentecostal, a Igreja Pentecostal Jesus Nazareno, etc. Todos eles juntos (incluindo a Cruzada Brasil para Cristo) têm agora, em 1966, 449.000 membros plenos.

Assim temos, em 1966, no Brasil:

Assembléia de Deus:	1.100.000	de membros plenos
Congregação Cristã:	350.000	" " "
Independentes:	449.000	" " "
Total:	1.900.000	" " "

Para terem o número total da "comunidade" (que inclui as crianças e os que ainda não estão plenamente integrados) costumam os protestantes multiplicar por dois o número dos membros plenos (segundo a fórmula $A[ctive] C[ommunicant] M[embers] \times 2 = C[ommunity]$). O que daria 3.800.000 pentecostais para o Brasil de hoje.

Segundo observa William Read na p. 172, é a cidade de São Paulo a capital pentecostal do mundo: "Mais de 250.000 pentecostais de todos os tipos se reúnem à noite dos domingos em São Paulo para glorificar a Deus e n'Ele se alegrar".

Causas desta expansão. O livro de William Read permite indicar as seguintes:

1. Características raciais: o índio, o negro e o português se encontraram em diferentes graus e tempos, constituindo um fundo racial extraordinariamente aberto às possibilidades religiosas, emocionais, intelectuais e morais.

2. Natureza emocional do brasileiro: Ele gosta de todas as formas de drama e música; e os pentecostais encontraram a expressão adequada para comunicar sua mensagem.

3. O Espiritismo preparou grande parte do povo para aceitar com naturalidade as experiências religiosas pentecostais, como a glossolalia.

4. O analfabetismo de 55-65% de nossa população faz com que a maioria do povo ainda viva na superstição, na ignorância e na miséria; e os pentecostais oferecem a este povo belas oportunidades de aprender e de melhorar-se no contacto vivificante com o Evangelho.

5. O Catolicismo deixou no povo uma tendência muito grande para uma religiosidade miraculosa e mística; e o milagre, a intervenção do além, a cura divina é mais fácil, mais freqüente e sobretudo mais palpável no ambiente criado pelos pentecostais.

6. A importância do "patrão" encontra seu equivalente no "pastor presidente" da Igreja pentecostal, organizada, segundo a expressão de William Read, na mentalidade do caudilhismo.

7. O caráter pacífico e familiar do nosso povo está sendo pôsto em perigo com o novo estilo de vida (migrações para as zonas urbanas) e os pentecostais ajudam o povo no restabelecimento da estabilidade da vida familiar.

8. O movimento pentecostal é predominantemente urbano e entre a gente simples e religiosamente abandonada, principalmente entre os migrantes, que recebem assim o conforto religioso que, sobretudo com o "batismo do Espírito Santo", causa um impacto formidável.

9. O apelo constante e sistemático para uma vida melhor, libertada dos vícios e dos pecados, com a consciência e alegre aceitação de Cristo como Salvador; insistem também na necessidade de ler, de encontrar o caminho para educar os filhos, de ser econômicos e frugais, de viver de modo simples e manter um alto nível de vida espiritual.

10. A integração de todos os membros na participação ativa da vida comunitária: as reuniões informais e populares, fazem com que a gente simples se sinta em casa; todos têm algo a fazer: rezar, cantar, testemunhar o que Cristo fez em suas vidas.

11. Ministros no nível do povo. Sabem os pentecostais que 85% de nossa população pertence à classe social baixa; e que os ministros que terão que trabalhar nesta zona não necessitam de longa preparação; multiplicam assim com facilidade seus ministros.

12. O espírito missionário dos adeptos, como resultado da experiência pentecostal ("batismo do Espírito Santo"), do contacto direto com a Divindade, da transformante e fresca aceitação de Cristo como Senhor e Salvador, da participação ativa nas reuniões.

Que faremos nós? William Read propõe o seguinte:

1. Devemos encontrar caminhos para levar nossa Igreja a um esforço mais eficiente de verdadeira evangelização.

2. Devemos descobrir um tipo de apelo quente e emocional para ganhar o povo e levá-lo a uma alegre e consciente união com o Senhor Glorificado.

3. Devemos mostrar ao povo que eles devem e podem ter vitalidade em sua experiência religiosa.

4. Devemos prever ministros ordenados no nível popular.

5. Devemos trabalhar mais intensamente nas áreas populares.

6. Devemos encontrar modos de viver cordialmente com o povo para transmitir-lhe a fé na Boa-Nova de Jesus Cristo.



O Avanço das Seitas

A Revista italiana "30 Giorni", circulando já no Brasil com tradução brasileira, traz interessantes e curiosos artigos sobre as seitas, em seu número de março-abril-maio deste ano. Vendo-as, "a América Latina está presenciando a proliferação mais maciça e dramática de seitas religiosas da sua história", diz a Revista. A capa chama-nos logo a atenção, tal o colorido dos gestos de diferentes personagens. E o título, em destaque, não fica por menos — "O Avanço das Seitas".

Nosso intuito aqui é simples e sem pretensão. Umas poucas reflexões sobre dois pontos a fim de alertar os leitores brasileiros, leigos e eclesiásticos: a perspectiva que permeia os artigos sobre "seitas" (entre aspas, sempre, neste artigo, para respeitar a terminologia da Revista); e as fontes de que eles se servem, e neste ponto nos restringiremos ao caso brasileiro.

Antes, porém, de abordarmos estes dois pontos, convém denunciar a preocupação demasiada que os artigos refletem com o aspecto quantitativo, no tocante ao avanço das "seitas". Os números aparecem, em avalanche, para impressionar. Para despertar a contra-ofensiva católica. Não que se trate de um ataque direto e frontal. Mas de uma oposição em plano ativamente religioso. Coisa aliás já percebida pelos representantes das próprias "seitas".

Entretanto tal preocupação com o quantitativo carrega consigo uma grande e lamentável lacuna, principalmente no que se refere ao Brasil, e é a carência de informações qualitativas que felizmente nos oferecem estudos de sociólogos, antropólogos e historiadores. Quem não está suficientemente a par do assunto, com relativa facilidade se deixa impressionar pelos dados numéricos sem perceber uma série de problemas subjacentes aos números e que estes por si nem revelam, nem discutem, nem explicam. É para revelar a perspectiva que jaz por baixo dos números que tentaremos refletir agora.

1. A perspectiva que permeia os artigos da revista

O artigo de Alver Metalli, intitulado "A Grande Epopéia dos Evangélicos", começa dizendo que "um espectro anda solto pela América Latina. Alarma os governos, provoca discussões entre intelectuais, turba o sono dos episcopados católicos. Os círculos mais comprometidos não têm dúvidas em afirmar que no continente latino-americano está em ato uma verdadeira 'invasão', orquestrada pelo imperialismo norte-americano, com planos secretos da CIA. Só que, desta vez, as tropas de intervenção não são 'marines' armados até os dentes, mas missionários ianques, dotados de grande força de persuasão, com boa equipagem de bíblias e de produtos alimentícios" (p. 9). Mais adiante, referindo-se ao Brasil, cita-se um trecho de um documento da CNBB: "Algumas indicações levam a pensar num plano que encontra o seu lugar próprio na geografia política americana. Em alguns grupos é clara a infiltração da CIA ou talvez esses grupos estariam ao serviço dela. O problema é muito sério e exige uma pesquisa mais profunda".

Estes dois trechos, principalmente a citação tirada de um documento da CNBB, que não foi elaborado para ser publicado, indicam que há um problema sério e, portanto, sua gravidade não pode ser deixada de lado, no momento atual. E sobretudo quando se considera que o último vem de uma respeitável e muito conceituada organização religiosa brasileira. Mas não é só por isso. É também porque se assinala um problema importante,

a saber, a gênese de um fenômeno que se considera grave e sério é de suma importância. A análise das raízes sócio-econômico-históricas de um fenômeno de substancial relevância merece toda a atenção de quem pretenda estudá-lo criteriosamente. Principalmente, quando há indícios de que a gênese desse fato inclui elementos sócio-políticos.

Ora, ao invés de insistir sobre a dimensão genética dessa chamada "invasão das seitas", e alertar para este aspecto, o artigo lança a dúvida, ou a não-procedência das indicações que apontam para o problema, o que é sumamente lamentável tanto mais que, ao fazê-lo, não traz nenhuma contribuição séria. É assim que o artigo de Metalli diz: "Dependa ou não da CIA, o que é certo é que a 'invasão' está em pleno desenvolvimento. A América Latina está presenciando a proliferação mais maciça e dramática de seitas religiosas da sua história" (por exemplo Mórmons, os discípulos de Moon, movimentos pseudo-espirituais, testemunhas de Jeová — note-se que a penetração destes não é de agora — e sobretudo os pentecostais que também não são de hoje). Ao assinalar este fato acompanhado de números, o problema das "seitas" se desloca de seu eixo problemático para se centrar nos efeitos. É mais fácil mostrá-los e aduzir dados para fortalecer o que se pretende induzir, sem nenhuma preocupação em mostrar por que as coisas são assim e não de outra maneira.

Esta posição é também assumida em outro artigo da mesma Revista — "CIA ou não CIA... é esse o problema?" — da autoria de Alberto Methol Ferré. Ao se referir às "seitas" como instrumento da CIA, escreve o autor: "É o que, na América Latina, pensam católicos e marxistas. Tem a força de um lugar-comum, mas é um julgamento que não aprofunda a questão das seitas na América Latina. Seria um erro grave se o pretendesse. Algo forçado, para poder pôr em comum problemas inquietantes que atingem a América Latina, como por exemplo, o desenraizamento das relações internas que reduz a história a romance policial" (p. 19). Tais formulações em nada invalidam o problema levantado. São meras acusações que ficam mal na reflexão de um problema sério e grave. Onde ficaria então a CNBB? Entre os marxistas? Ou, no meio dos que sonham em forjar slogans e lugares-comuns?

Como então entender esta maneira de escamotear um problema? Ela assenta, sem dúvida, numa perspectiva subjacente aos números. E não é mais nem menos do que a perspectiva, de antemão traçada, de que a Igreja Católica e as Igrejas Protestantes históricas se encaminham pelo processo de secularização na transição de uma sociedade agrícola para a urbano-industrial. Esta é uma linha que vem sendo pensada, há vários anos, com o intuito de afastar as igrejas católicas e evangélicas de sua presença eficiente junto às camadas pobres. No fundo, o que se pretende é enfocar o problema sob o ângulo da secularização — as seitas estariam crescendo porque se apegam no sagrado e no religioso apenas, e as igrejas católicas perdem terreno porque se acham envolvidas com uma problemática social. A igreja é chamada a influir na sociedade urbano-industrial sem todavia se secularizar. O interessante é que nem se discute o problema da secularização nem se alude ao fato de que esta sociedade urbano-industrial tem um elevado custo social, a saber, os pobres dela nascidos e a opressão cada vez maior que pesa sobre eles. Deslocando o problema para o cultural, a perspectiva que é tomada acha-se incapaz de pensar o sistema de produção capitalista e a estreita vinculação existente entre as dimensões econômica, política e cultural. Ora, estes aspectos acham-se organicamente entrelaçados. Os portadores de crenças, católicas ou não, fazem parte de uma sociedade caracterizada por um sistema de produção. E a visão reli-

giosa é vista sob o prisma da perspectiva da secularização (Social Complex, XXVI, 1970), em alguns artigos da Revista Brasileira de Sociologia.

giosa, qualquer que seja, é chamada a desempenhar uma função, seja legitimadora seja de contestação. As seitas não são a-políticas, mesmo que não falem de política e do social.

O interesse em distorcer a problemática das "seitas" tem em comum o deslocamento do eixo do problema: situar a Igreja Católica em face das seitas e não em face da situação do pobre crente que luta pelo seu devido lugar na sociedade, de participação nos diversos níveis da sociedade. As gritantes desigualdades sociais, a riqueza se acumulando nas mãos de poucos e produzindo uma pobreza cada vez mais inquietante, disso não se diz uma só palavra. Mas, pelo contrário, comparam-se, felizmente em parte, os países latino-americanos com os Estados Unidos, em termos de situação de seitas. Ora, nem parcialmente cabe a comparação já que a situação sócio-religiosa sul-americana é inteiramente diferente.

É fora de dúvida que o que se pretende na perspectiva neoconservadora que permeia a Revista, é estimular a Igreja Católica para que venha a se concentrar apenas no religioso e aja no social, assistencialmente, amedrontando-a com os números do crescimento das "seitas". Como se o religioso apenas fosse a razão de ser da expansão das seitas. Lembremos a propósito dois fatos, que interessam à situação sul-americana, já que ocorreram no Brasil. O primeiro é que o crescimento dos pentecostais não é de hoje. Acelerou-se nos anos 40 e 50 quando a Igreja estava empenhada no religioso e já se espantava com o crescimento do pentecostalismo. Este surgiu no Brasil em 1910, em São Paulo. E o lento crescimento inicial da Congregação Cristã se deveu à resistência que ela encontrou por parte dos movimentos operários urbanos. Entretanto, a Assembléia de Deus fundada no Norte, em 1911, bem distante do movimento operário, tinha em 1940 igrejas plantadas em todos os Estados e Territórios nacionais. Era a época da intensificação da catequese, das missões católicas populares. Não obstante, o pentecostalismo cresceu. O outro fato se refere ao crescimento de igrejas protestantes. Em nossa pesquisa na Baixada Fluminense, verificou-se um crescimento desigual entre pentecostais e batistas, numa região intensamente urbana e de sensível surto industrial. No período 60-70, o crescimento dos batistas foi de 106,2%, e o dos pentecostais de 209,6%. No entanto uns e outros se achavam intensa e ativamente empenhados no proselitismo e no religioso.

2. O caso brasileiro

Um primeiro reparo é que enquanto a Revista cita pastores protestantes conservadores, esquece outros evangélicos de notável valor e preocupados simultaneamente com o religioso e com o social. Indício, ao que parece, de que se toma uma determinada tendência. Esquece ainda valiosos trabalhos de antropólogos, sociólogos e historiadores, os quais de forma alguma podem ser deixados de lado.

Vejamos agora os números. O autor do artigo — "Grande epopéia dos evangélicos" — não indica a fonte de onde tirou os seus dados. Embora indique o CELAM como fonte para o índice de crescimento percentual dos pentecostais no período 60-70, na realidade este dado nós o levantamos em trabalho efetuado nos primeiros anos da década de 70. O mais grave é que os dados relativos ao crescimento de templos pentecostais, tais quais são apresentados não trazem indicação de fonte. O leitor poderá pensar que o CELAM é também a fonte. Estes números relativos a templos nós os levantamos pela primeira vez. Foram publicados em artigo nosso (*Social Compass*, XXVI, 1979), em alguns artigos da *Revista Eclesiástica Brasi-*

leira (REB) e ainda em dois livros — *Religião e Classes populares* (Vozes, 1980) e *Pentecostais no Brasil* (Vozes, 1985). A bem da precisão caberia indicar a fonte, como o fez ao se referir a outros países.

Outra imprecisão: dizer que "o pentecostalismo constitui 70% de toda a população protestante". Aqui se confunde população protestante que engloba adultos e crianças, praticantes e não-praticantes, com os costumeiramente chamados membros comungantes. Os pentecostais, aqui, não incluem crianças mas os que praticam e a partir aproximadamente de 15 anos e mais. Assim, aquele percentual se refere a membros comungantes apenas. É uma estimativa, já que a rigor, em 1970, o percentual dos pentecostais sobre os outros protestantes proselitistas (membros comungantes), excluídos os luteranos que não são proselitistas, chegou a 58,9%. Mesmo assim são dados aproximativos, já que há pentecostais que recusam contar os "eleitos".

Ainda em relação ao pentecostalismo, convém lembrar que o Censo Demográfico do Brasil, 1980, registrou diminuição de pentecostais e aumento dos não-pentecostais, dado esse que nem foi assinalado nem discutido.

Outros aspectos merecem ser lembrados. Não se pode dizer, sem as devidas ponderações, que o pentecostalismo é a-político. Mesmo que seja tomado como um todo. Mas o fato é que, de uns vinte e poucos anos para cá, pentecostais se engajaram em movimentos sociais. Assim, pentecostais da Assembléia de Deus se engajaram, no Nordeste, nos primeiros anos da década de 60, nas Ligas Camponesas, ao lado dos batistas. Participaram de comícios em praça pública denunciando as injustiças contra os trabalhadores rurais da zona canavieira. Os mais comprometidos tornaram-se líderes. Também, no interior do País, pentecostais empreenderam criação de sindicatos rurais, como instrumento de luta em defesa de suas terras, roçados, famílias, contra a avarícia exploradora dos grandes e novos proprietários criadores de bois para exportação. Foi um empolgante movimento que despertou solidariedade entre crentes e não-crentes pela defesa das terras e germinação de uma consciência cívica. Mesmo com suas igrejas em plena expansão, os pentecostais mostram nos dias de hoje claros sinais de participação nos pleitos políticos eleitorais. Não votam apenas porque votar é obrigação. Mas chegam a discutir com candidatos, e muitos pentecostais se apresentam como candidatos. Alguns há com plena lucidez de engajamento político, como a deputada pentecostal Benedita da Silva, filiada ao Partido dos Trabalhadores e que recebeu verdadeira consagração de simpatia e votos. Poderíamos citar outros casos. Estes, porém, nos parecem suficientes para mostrar que hoje o pentecostalismo, no Brasil, não é uma "seita" a-política. Embora fale do poder do Espírito e do milênio, dele emergem cada vez mais numerosos os adeptos voltados para a situação social das camadas empobrecidas, participantes das lutas sociais.

Finalmente, importa recusar afirmações como estas: "A Igreja Católica enfrenta hoje, na América Latina, uma dupla e surpreendente problemática. De baixo, uma ofensiva das seitas, caracterizada por um espírito de reavivamento religioso, tão entusiasta como a-político. Do alto, a ofensiva de um pseudo-ecumenismo secularizante, alimentado por setores do Conselho Mundial das Igrejas, que recruta quadros eclesiais e apóia os objetivos políticos (desta vez não filo-americanos, mas pró-soviéticos) da assim chamada 'Igreja Popular', como nova 'seita' trans-confessional e ecumênica".

O neoconservadorismo mostra enfim sua verdadeira face, ao colocar a Igreja frente a esses dois desafios. Pretende-se assim voltar aos anos 40 e 50, quando a Igreja combatia o avanço pentecostal, inclusive com a

gidos, qualquer que seja, é chamada a desempenhar uma função, seja legitimadora seja de contestação. As seitas não são a-políticas, mesmo que não tenham de política e de social.

O interesse em discutir a problemática das "seitas", tem em comum o deslocamento do eixo do problema: situar a Igreja Católica em face das seitas e não em face da situação do poder frente que luta pelo seu devido lugar na sociedade, de participação nos diversos níveis da sociedade. As grunhidas desigualdades sociais, a rigidez de acumulação das mãos de poucos e produzindo uma pobreza cada vez mais insuportável, dizem não se dar uma só palavra. Mas, pelo contrário, comparam-se, facilmente em parte, os países latino-americanos com os Estados Unidos, em termos de situação de seitas. Ora, nem parcialmente cabe a comparação já que a situação sócio-religiosa latino-americana é inteiramente diferente.

É fora de dúvida que o que se pretende na perspectiva neoconservadora, data que permeia a Revista, é estimular a Igreja Católica para que venha a se concentrar apenas no religioso e não no social, assinaladamente, amedrontando-a com os números do crescimento das "seitas". Como se o religioso apenas fosse a razão de ser da expansão das seitas. Lembremos a propósito dois fatos, que interessam à situação sul-americana, já que ocorrem no Brasil. O primeiro é que o crescimento dos pentecostais não é de hoje. Acelerou-se nos anos 40 e 50 quando a Igreja estava empobrecida no religioso e já se expandia com o crescimento do pentecostalismo. Este surgiu no Brasil em 1910, em São Paulo. É o lento crescimento inicial da Congregação Cristã se deveu à resistência que ela encontrou por parte dos movimentos operários urbanos. Entretanto, a Assembléia de Deus fundada no Norte, em 1911, bem distante do movimento operário, não em 1940 igrejas plantadas em todos os Estados e Territórios nacionais. É a época da intensificação da catástrofe das missões religiosas populares. Não obstante, o pentecostalismo cresceu. O outro fato se refere ao crescimento de igrejas protestantes. Em nossa pesquisa na Base de Fiumi-nense verificou-se um crescimento desigual entre pentecostais e batistas numa região intensamente urbana e de renovação socio-industrial. No período 60-70, o crescimento dos batistas foi de 105,2% e o dos pentecostais de 209,8%. No entanto uns e outros se achavam intensos e altamente expandidos no proselitismo e no religioso.

3. O caso brasileiro

Um primeiro reparo é que enquanto a Revista cita pontos positivos, testantes conservadores, esquece outros evangélicos de notável valor e preocupados simultaneamente com o religioso e com o social. Indica, no que parece, de que se toma uma determinada tendência. Esquece ainda valiosos trabalhos de antropólogos, sociólogos e historiadores, os quais de forma alguma podem ser deixados de lado.

Vejamos agora os números. O autor do artigo — "Grande época dos evangélicos" — não indica a fonte de onde tirou os seus dados. Embora indique o CELAM como fonte para o índice de crescimento percentual dos pentecostais no período 60-70, na realidade este dado não é levantado em trabalho estatístico nos primeiros anos da década de 70. O mais grave é que os dados relativos ao crescimento de templos pentecostais, tais quais são apresentados não trazem indicação de fonte. O leitor poderá pensar que o CELAM é também a fonte. Estes números relativos a templos nos os levantamos pela primeira vez. Foram publicadas em artigo nosso ("Social Compar., XXVI, 1979), em alguns artigos da Revista Eclesiástica Brasileira.

ajuda do poder repressivo. Só que, agora, ela há de empregar o poder dos economicamente fortes, ou usar os mesmos mecanismos das seitas. No primeiro caso, já não há novidade na história do catolicismo brasileiro. Se adotar a segunda posição, as consequências são graves. Cabe lembrar aqui que os política e religiosamente conscientizados não só recusam sua entrada nas "seitas", mas recusam os mecanismos adotados por elas. E esta significativa faixa populacional está em franco desenvolvimento. O outro desafio assinalado é a declaração explícita do que se pretende enfocar — a secularização — que se pensa em termos europeus e na qual o problema específico e básico da pastoral latino-americana é posto à margem. Estamos vivendo hoje um momento singular, único por assim dizer, na história da Igreja Católica latino-americana. O lugar que ela busca na sociedade se inscreve diretamente, sem planos intermediários, no campo lamacento do pobre. Infelizmente, nem todos os setores da Igreja pensam assim, e buscam conservar o seu lugar na sociedade pela mediação dos economicamente fortes, quando não pelo Estado.

E esta Igreja ao lado das camadas mais empobrecidas e portadoras de religiosidade cristã, delas aprendendo e comunicando-lhes sua mensagem, Igreja que não é nem paralela nem hostil à hierarquia, mas uma realidade nova em nossos países, é a Igreja Popular. Não é uma "seita". A sua sombra os pobres têm vez e voz, que antes não tiveram. Empreendem um processo lento de gestação de consciência crítica. Descortinam um horizonte novo da história e aspiram participar na sua sociedade e na sua igreja. Max Weber propunha, como saída para o destino do homem moderno, uma comunidade fraternal, caracterizada por ele de solidariedade e de amor ao pobre oprimido, destinada a revitalizar o religioso racionalmente institucionalizado. Eis uma pista a ser repensada no contexto latino-americano. Ao lado de outras colocações, poderá ajudar-nos a entender nossas comunidades, sua caminhada rumo a uma Igreja que começa a lançar suas raízes nas aspirações legítimas do pobre e crente.

Francisco Cartaxo Rolim
Rio de Janeiro, RJ

A teologia do Terceiro Mundo

Um dos fatos mais promissores dos últimos 20 anos foi a emergência das Igrejas no Terceiro Mundo. Aí se está operando um encontro promissor do evangelho com as culturas locais. Consequentemente se elaboram pastorais próprias com as reflexões teológicas que sempre as acompanham. Sempre houve teologia onde há Igrejas. As teologias das Igrejas periféricas eram quase sempre eco das teologias das Igrejas centrais. Fazia-se teologia no Terceiro Mundo mas não a partir do Terceiro Mundo. O que caracteriza agora a reflexão teológica na Ásia, África e América Latina é o fato de se tomar a sério o contexto específico de cada Continente e fazê-lo desafio para a inteligência da fé. Antes que houvesse reflexão teológica a partir do Terceiro Mundo houve uma nova evangelização e uma inserção das Igrejas no mundo circundante. A teologia representa sempre a reflexão da fé concreta, assim como é vivida pelas comunidades eclesiais. Atualmente assistimos à eferescência de um pensamento novo; diz-se uma palavra diferente por causa da realidade diferente que se propõe ao pensamento

Protestantische Sekten bieten die rechte Alternative

In Süd- und Mittelamerika
verliert die katholische Kirche
immer mehr Gläubige. Die
Abtrünnigen bleiben Christen,
aber sie konvertieren zu
protestantischen Sekten.

Von WERNER THOMAS

Sonntag in San Salvador. Die Geräuschkulisse wechselt. Statt dröhnendem Verkehr mit schrillen Hubkonzerten dominieren religiöse Klänge: fromme Lieder, Gebete, Pastoren-Stimmen, durch Lautsprecheranlagen verstärkt. Die „Templos“ haben Hochbetrieb. Die Zahl dieser schlichten Gotteshäuser wächst rapide.

Auf dem lateinamerikanischen Subkontinent, wo die Hälfte der 800 Millionen Katholiken leben, vollzieht sich eine phänomenale Entwicklung, die der frühere guatemaltekeische Präsident Efraín Ríos Montt eine „religiöse Revolution“ nennt: In Scharen konvertieren die Menschen zu protestantischen Sekten. Von Mexiko bis Argentinien verliert die römische Kirche Mitglieder.

Das Thema „Sektas“ bewegt jede Bischofskonferenz. Überall werden Möglichkeiten diskutiert, dieser Herausforderung zu begegnen. Auch der Papst ist besorgt, wie ein Nuntius in Mittelamerika bestätigte. „Er kommt nicht zuletzt deshalb so oft in die Region.“ Johannes Paul II. hat bisher schon sechs Mal den Krisenkontinent besucht. Auch in diesem und im nächsten Jahr steht Lateinamerika auf seinem Reise-Programm.

Niemand kann zuverlässige Zahlen nennen. Von den acht Millionen Guatemalteken sollen jedoch bereits 20 bis 30 Prozent protestantischen Sekten angehören. „Campus Crusade for Christ“, eine amerikanische Organisation, wie die meisten Glaubensgemeinschaften, berichtet, daß es in El Salvador (viereinhalb Millionen Menschen) eine halbe Million Protestanten gibt. In dem Land würden 2465 „Templos“ und Bibelschulen existieren.

Der wachsende Einfluß fundamentalistischer Sekten ist besonders durch die kurze, aber turbulente Präsidentschaft des Generals Ríos Montt (März 1982 bis August 1983) publik geworden. Der ehemalige Alkoholik und „wiedergeborene Christ“ gehört der kalifornischen „Christian Church of the Complete Word“ an, in Guatemala „El Verbo“ getauft.

Der schnauzbärtige Offizier regierte die Indio- und Mestizennation mit alttestamentarischer Strenge. Seine Reden glichen missionarischen und moralisierenden Predigten. Sie enthielten die Begriffe „Ehrlichkeit“, „Fleiß“ und „Reinheit“. Der Präsident ließ in die Behördenbüros Plakate hängen, um die Beamten zu belehren: „Ich lüge nicht, ich stehle nicht, ich mißbrauche nicht die Macht.“ Jeden Sonntag abend hielt der Staatschef eine feurige Fernsehpredigt. Er befahl – Auge um Auge, Zahn um Zahn – die Hinrichtung des Mordes beschuldigter Häftlinge auf dem Zentralfriedhof der Hauptstadt. Auch am 4. März 1983 fielen Schüsse, drei Tage vor dem Besuch des Papstes. Vergeblich hatte Johannes Paul II. appelliert, man möge diese sechs Todeskanidaten verschonen.

Die Papst-Reise vor drei Jahren offenbarte die bis zum Haß reichende Rivalität zwischen Katholiken und Protestanten, die selbst Familien spaltet: Mario Enrique Ríos Montt, der Bruder des Generals, ist katholischer Bischof der Provinz Escuintla. Mancher Fundamentalist verteuftelte damals den Papst als falschen Propheten. Immer wieder fällt das Wort „Fanatismus“, wenn Katholiken den aggressiven Missionseifer und den absoluten Anspruch der Sekten kritisieren.

Die Veränderungen der religiösen Landschaft Lateinamerikas haben ihre Ursachen in den sozialen und politischen Problemen des Subkontinents, darüber sind sich alle Seiten einig.

Während die katholische Befreiungstheologie nach links tendiert und ihre radikalsten Vertreter die marxistische Gesellschaftsanalyse anwenden, bieten die Fundamentalisten rechte Alternativen. „Wir sind militante Anti-Kommunisten“, betont der Salvadorianer Manuel Martínez von „Campus Crusade for Christ.“ Die Bewegung verfolge politische Ziele: „Wir wollen besonders die Aktionsstätten der Marxisten beeinflussen. Der salvadorianische Konflikt begann in den Universitäten.“ In der Landeshauptstadt San Salvador existiert seit 1981 die erste protestantische Universität Lateinamerikas.

Die Fundamentalisten erzielten in jenen Ländern ihre dramatischsten Erfolge, in denen die katholische Kirche am meisten unter dem Polarisierungsprozeß litt: El Salvador und

Die Welt,
8. 11. 1986
3.

Guatemala. In diesen Nationen sind seit Ende der 70er Jahre 35 Priester ermordet worden, die meisten waren Opfer rechter Killer-Kommandos. Selbst der salvadorianische Erzbischof Oscar Arnulfo Romero mußte sterben, als er die Soldaten der Streitkräfte offen zur Befehlsverweigerung aufforderte. Die Befreiungstheologen würdigen Romero heute als Märtyrer. Sowohl in El Salvador und Guatemala als auch in Nicaragua und Kolumbien kämpften Priester mit marxistischen Guerilleros.

Die Mittelklasse läßt
sich leicht „bekehren“

Die Mitglieder der Mittelklasse, die um ihre Existenz fürchteten, ließen sich besonders leicht bekehren. Sie beeindruckte weiter die protestantische Arbeitsethik und die Effizienz, mit der viele Sekten das Glaubenswerk verbreiten. Protestanten gelten als geschäftstüchtig und erfolgreich. Aber auch die arme Indio-Bevölkerung zeigte sich empfänglich für die neue Botschaft.

Die meisten Sekten haben Geld – der texanische Öll milliardär Nelson Bunker Hunt und der Brauerei-Unternehmer Joseph Coors zählen zum Spenderkreis – und können soziale Hilfsprogramme finanzieren. Die fundamentalistische Revolution in Guatemala begann nach dem Erdbeben 1976, als die Glaubensgemeinschaften gewaltige Geldsummen in die Katastrophengebiete schleusten. Der Mitarbeiter-Kreis bezieht ein Gehalt. In allen Teilen Lateinamerikas unterhält die katholische Konkurrenz Kirchensender. Eine Kurzweile in der ecuadorianischen Hauptstadt Quito versorgt den Subkontinent.

Die meisten Anthropologen verfolgen die Aktivitäten der Protestanten unter der Indio-Bevölkerung mit wachsender Sorge. Sie fürchten um das kulturelle Erbe der Ureinwohner Amerikas. Im guatemalteken Hochland trennten sich viele Indios nach ihrer Taufe von ihren Trachten und entzogen sich dem Einfluß der „Brauchtumswächter“ (Costumbristas). Fanatische Fundamentalisten sollen gelegentlich Heiligenfiguren zerstören. In den kahlen „Templos“ hängt nur ein Kreuz.

„Sekten sind unbeglichene Rechnungen der Kirche“

Zum Phänomen „neuer religiöser Bewegungen“ in Lateinamerika

Von einem „Lawineffekt“ wird gesprochen, wenn in Lateinamerika von Sekten die Rede ist. Das Phänomen taucht in unterschiedlichen Varianten fast überall in der Welt auf (vgl. HK, Dezember 1985, 559ff. und Februar 1986, 83ff.), hat aber für Lateinamerika bzw. für die katholische Kirche des Subkontinents, nicht zuletzt angesichts des Einflusses in den USA, eine besondere Dringlichkeit. Deswegen geht es in dem Bericht auch weniger um eine von der Datenlage her ohnehin nicht mögliche allseitige Darstellung des Phänomens Sekten, sondern um deren Kennzeichnung als Herausforderung für die katholische Kirche Lateinamerikas auf dem Hintergrund von deren eigener Entwicklung.

„Für die Bischofskonferenzen Lateinamerikas ist das Vordringen der Sekten in unserem Kontinent das pastorale Problem Nummer Eins“, stellte der Generalsekretär des Lateinamerikanischen Bischofsrates (CELAM), Bischof Dario Castrillón Hoyos, jüngst vor der päpstlichen Kommission für Lateinamerika (CAL) in Rom fest. An zweiter Stelle nannte er in seinem Bericht zur Lage der Kirche in Lateinamerika unter dem Abschnitt „große Probleme“ das soziale Elend; es folgen „kultureller Atheismus“, der moralische Verfall und an fünfter Stelle „die Volkskirche und die Theologie der Befreiung“. Diese Rangfolge pastoraler Prioritäten, vor allem was die Punkte eins und fünf angeht, signalisiert zum einen, daß der CELAM das Phänomen „freier religiöser Bewegungen“ in seiner Relevanz für die katholische Kirche erkannt hat.

Ein nicht neues, aber sich noch vergrößerndes Phänomen

Zum anderen ist diese Herausforderung „von außen“ aber offenbar auch geeignet, den pastoralen Blickwinkel der Kirche insgesamt zu verändern, vielleicht sogar in entscheidender Weise neu zu bestimmen. Die Sorge der Kirche wegen der raschen Ausbreitung der neuen religiösen Gruppen in allen Ländern Lateinamerikas wächst, wenn sie auch in Lateinamerika wie bei uns publizistisch weit weniger Niederschlag findet als innerkirchliche Kontroversen, etwa der Streit um die Theologie der Befreiung. Es gibt wenige kirchenamtliche Stellungnahmen zum Sektenphänomen. Die Zurückhaltung der Kirchenführer – nicht zuletzt aus ökumenischen Rücksichten – ist groß. Äußerungen wie die folgende des CELAM-Präsidenten sind selten, sie gibt aber ziemlich genau gerade die Einschätzung des kirchlichen Personals wieder, das den Aktivitäten der Sekten im pastoralen Alltag begegnet: „Die Sekten, wohlwollend ‚freie Kirchen‘ genannte religiöse Gruppen, sind wie eine Lawine über unsere Völ-

ker gekommen – mit dem sie auszeichnenden Fanatismus, mit Dollars und materiellen Hilfsmitteln in Überfluß, mit einem längst überwunden geglaubten üblichen Proselytismus. Die sog. historischen protestantischen Kirchen, in Lateinamerika in der Minderheit, leiden wie die katholische Kirche unter der ökumenefeindlichen Haltung dieser Gruppen, die von einer bisweilen pathologischen Aggressivität sind. Dazu kommt, daß – wegen des sozialen Engagements der katholischen Kirche und der alten protestantischen Kirchen – Wirtschaftskreise, erzkonservative Kräfte und mit ihnen liierte Regierungen diesen Sekten überaus wohlwollend gesonnen sind und ihnen Tür und Tor öffnen, damit unsere Verkündigung an Kraft verliert. Mit dieser Taktik werden kurzfristige Interessen verfolgt, und sie trägt meiner Meinung nach bewußt dazu bei, den Ausspruch eines ehemaligen amerikanischen Präsidenten in die Realität umzusetzen, nach dem die Vorherrschaft über Lateinamerika nicht möglich ist, solange es katholisch ist. Der marxistischen Linken kommt das gelegen, sie wartet derweil“ (Bischof Antonio Quarracino in „Mensaje Iberoamericano“, August-September 1985). Das Zitat des CELAM-Präsidenten aus einem Beitrag über den Stand der Ökumene in Lateinamerika umschreibt nur schlaglichtartig, also unter Verzicht auf Differenzierungen, Zielsetzung und Wirken der Sekten; aber es läßt um so klarer erkennen, wie direkt betroffen die katholische Kirche sich von diesem Phänomen fühlt – und ist.

Es ist aber nicht leicht, einen Überblick über Entstehung und Ausbreitung der neuen religiösen Gruppen in Lateinamerika zu gewinnen, ohne in allzu einfache Schematisierungen zu geraten, die sich ihrerseits auf mutmaßliche Daten und vermutete Zusammenhänge stützen. Noch schwerer fällt den großen etablierten Kirchen das theologische Urteil und eine gerechte Einschätzung der von diesen neuen Gruppen (sehr unterschiedlich) praktizierten seelsorglichen Methoden.

Die Bezeichnung Sekten steht für die religiösen Bewegungen jüngerer Ursprungs in Lateinamerika, die weder katholisch sind noch zu traditionellen protestantischen Kirchen (wie etwa Lutheraner, Reformierte, Presbyterianer, Episkopalkirche, Baptisten, Methodisten) gehören. Der Terminus soll ohne pejorativen Beisinn verstanden werden und meint lediglich die Eigenexistenz außerhalb der „alten“ Kirchen, der ökumenischen Zusammenschlüsse oder überhaupt außerhalb des Christentums, was auch ihrem Eigenverständnis entspricht. Problematisch und in manchen Fällen sogar unzutreffend ist die Bezeichnung für einige der zahlreichen Pfingstbewegungen und -gruppen, die teils neben, teils am Rande, teils

innerhalb der traditionellen Kirchen existieren und miteinander in Verbindung stehen.

Viele der in Lateinamerika tätigen Sekten lassen sich weder von ihrer Herkunft noch von ihrer religiösen Botschaft her eindeutig bestimmen. Ihr Ursprung in einer der christlichen Kirchen besagt wenig über ihre Nähe zum christlichen Glauben, ihre Gründer haben teils Dissidentenkirchen gründen wollen, andere verstanden sich, wenn auch aus einer christlichen Gemeinschaft stammend, als Stifter einer gänzlich neuen Religion. Über ganz Lateinamerika sind heute auch sog. *Politreligionen* militant antikommunistischer Prägung wie die Vereinigungskirche des Koreaners Sun Myung Mun verbreitet. Auch finanzstarke transnationale Hilfsorganisationen wie World Vision, Summer Institute of Linguistics und International Love Lift arbeiten mit einer Vielzahl von Sekten zusammen und verfügen über einen kaum überschätzbaren religiösen, kulturellen, sozialen und politischen Einfluß. Der exklusive Charakter fast aller dieser Gemeinschaften verhindert die Erstellung zuverlässiger religiöser und soziologischer Daten.

Die evangelikalen Sekten aus den USA

Wie der historische Protestantismus, der sich ab der zweiten Hälfte des vorigen Jahrhunderts nur langsam in Lateinamerika ausbreitete, gingen auch die jüngeren protestantischen Missionsbewegungen von den *Vereinigten Staaten* aus. Die in den ersten drei Jahrzehnten dieses Jahrhunderts entstandenen Missionen (Zentralamerikanische Mission CAM, Lateinamerikanische Mission LAM, Baptistische Missionsräte) evangelisierten in den unteren Bevölkerungsschichten, ihre Lehre zeichnete sich durch fundamentalistische Bibelfrömmigkeit und die Suche nach persönlicher Heiligung aus, begleitet von einem kämpferischen Antikommunismus. Zur gleichen Zeit, etwa zwischen 1930 und 1965, etablierten sich die *Pfingstsekten* sowie die *Zeugen Jehovas* und die *Mormonen* in Lateinamerika, vor allem in den mittelamerikanischen Ländern. Seit den sechziger Jahren erlebte die *Pfingstbewegung* ihren großen Aufschwung sowohl innerhalb wie außerhalb der christlichen Denominationen. Sie ist heute die weitaus größte der neuen religiösen Gemeinschaften in Lateinamerika. Zu den ersten und erfolgreichsten Pfingstsekten auf lateinamerikanischem Boden gehörten die von den USA aus missionierenden „Assemblies of God“, „Churches of God“, „Churches of Christ“, etc. Mit dem Prozeß der Nationalisierung dieser Missionsgemeinschaften wuchs die Zahl der Anhänger, gleichzeitig kamen aus den USA sog. „*neue evangelikale Sekten*“, die bis heute zentral von dort aus geleitet und finanziert werden. Es folgte eine Aufsplitterung in eine unübersehbare Anzahl von neuen eigenständigen Pfingstgemeinden unterschiedlichster Prägung. Ebenso unterschiedlich sind Ausbreitung und Lebensdauer dieser Gemeinschaften.

Obwohl es auch über die Verbreitung der Pfingstsekte keine zuverlässigen Statistiken gibt, die einen lateiname-

rikanischen Überblick oder gar eine Aufschlüsselung nach Ländern ermöglichen, machen religionssoziologische Institute einzelner Länder Angaben, die sich aus mehrjährigen Beobachtungen ergeben haben und einigermaßen zutreffende, wenn auch sehr globale Schätzungen darstellen. So gehören nach einer Untersuchung der brasilianischen Bischofskonferenz für das vatikanische Einheitssekretariat zwischen 6 und 12 Millionen Brasilianer zu evangelikalen Sekten. 1982 waren nach Angaben des Rates Nordamerikanischer Kirchen mehr als 3000 amerikanischen Missionare in Brasilien tätig. (Zum Vergleich: Brasilien hat ca. 13 000 katholische Priester.) Wichtiger als die Zahl der Mitglieder ist für die Sekten selbst die Anzahl der Kirchen und Zentren. Die Pfingstsekte „Assembléias de Deus“ hat nach eigenen Angaben 9000 registrierte Zentren in Brasilien, die afro-brasilianischen Kulte 300 000 Terreiros (Zentren), die Vereinigungskirche 120 Niederlassungen. Das brasilianische Christliche Forschungsinstitut gibt für das Jahr 1982 die folgenden Zahlen an: 101 584 Mormonen, 122 661 Zeugen Jehovas, 4000 Mun-Mitglieder. Die rasch zunehmende japanische Sekte Seicho-No-Ie soll bereits mehr als eine Million Anhänger haben.

In Mittelamerika bilden die evangelikalen Sekten mit durchschnittlich ca. 10 Prozent der Gesamtbevölkerung ebenfalls die größte Gruppe. Nach Angaben des „Instituto de Evangelización a Fondo (INDEF)“ sind zum Beispiel in Guatemala aus dem Umfeld der Pfingstbewegung 210 Gruppierungen entstanden mit 335 000 getauften Mitgliedern und rund einer Million Anhängern, das sind ca. 12 Prozent der Gesamtbevölkerung. Der Anteil der evangelikalen Sekten unter den nichtkatholischen Gemeinden in Guatemala verdoppelte sich während der Regierungszeit von General *Rios Montt*, Mitglied der „Iglesia del Verbo“, auf 30 Prozent im Jahre 1983. Diese punktuellen Angaben vermögen nicht die Einschätzung vieler lateinamerikanischer katholischer Pastoralexperten zu untermauern, die Sekten seien „fast überall“. Sie verweisen jedoch auf die die katholische Großkirche irritierende starke Anziehungskraft dieser religiösen Gruppen auf dem sog. katholischen Kontinent.

Botschaft und Missionsstrategie der Pfingstsekte

Als zwar weitaus größte Gruppierung mit steigender Tendenz unter den in Lateinamerika tätigen Sekten sind die „Pfingstkirchen“, wie sie sich selbst nennen, vor allem wegen ihres Prinzips ständiger Neugründungen nur schwer zu umschreiben. Ohne die unübersichtliche Vielfalt der evangelikalen Sekten in ein religiös-theologisches oder ideologisches Schema pressen zu wollen, lassen sie doch *gemeinsame Wesenszüge* erkennen, die allerdings sehr unterschiedlich stark ausgeprägt sein können. Alle evangelikalen Gruppen schreiben ihre Existenz dem Wirken des Heiligen Geistes zu und beziehen von daher ihren missionarischen Eifer und ihre Überzeugungskraft.

heute zwei amerikanische Zusammenschlüsse existieren: der lateinamerikanische Kirchenrat CLAI und die ebenfalls 1982 gegründete lateinamerikanische Bruderschaft CONELA. Hinter CONELA steht unter anderem das Washingtoner „Institute on Religion and Democracy (IRD)“, mit dessen Gründung konservative Protestanten den Empfehlungen des Santa-Fé-Dokuments folgten. Berater des amerikanischen Präsidenten hatten sich darin 1981 gegen ein bloßes Reagieren und für ein rechtzeitiges Agieren der US-Außenpolitik gegenüber der in Lateinamerika Wurzel fassenden Theologie der Befreiung ausgesprochen.

Ein Vakuum, bedingt auch durch Selbstüberforderung

Auch in der katholischen Kirche Lateinamerikas verleiht die Diskussion um den ideologischen Hintergrund der Sekten zu polemischen Auseinandersetzungen zwischen konservativen, antikommunistisch geprägten kirchlichen Kreisen und Vertretern einer an sozialer Gerechtigkeit orientierten befreiungstheologischen Pastoral, was von dritter interessierter Seite zumindest auffällig registriert wird. Wenn konservative lateinamerikanische Bischöfe die explosionsartige Ausbreitung der Sekten mit dem von einer „horizontal“ denkenden nachkonziliaren Kirche mitverschuldeten geistlichen Vakuum in der katholischen Kirche erklären, geschieht genau das. Die mit dem Streit um die Befreiungstheologie unter entscheidender Mitwirkung von außen ohnehin gewachsene Polarisierung in der lateinamerikanischen Kirche schwächt nicht nur theologische Positionen, sondern die evangelisierende Kraft der Kirche insgesamt und bindet Kräfte, die sie gerade im Hinblick auf die konkurrierenden Sekten so nötig bräuchte.

Trotzdem ist die Diagnose vom *geistlichen Vakuum* richtig gestellt. Was von konservativen Kräften als Speerspitze gegen Theologie und Pastoral der Befreiung eingesetzt wird, betrifft die Kirche nicht nur in diesem stark ideologisch besetzten Bereich einer kontextuellen Theologie, sondern trifft sie in ihrem Innersten. Die verhängnisvollen politischen Auswirkungen des Sektenphänomens – im Sinne der Stabilisierung ungerechter sozialer Zustände in Lateinamerika – stellen auch für die ganzheitlich evangelisierende katholische Kirche vor allem im Hinblick auf ein weiteres Anwachsen der Sekten eine Herausforderung dar.

Das eigentliche Problem, das auch am Sektenphänomen offenbar wird, dürfte aber darin liegen, daß die katholische Kirche Lateinamerikas nach dem Aufbruch der siebziger Jahre eine gesellschaftliche und religiöse Herausforderung angenommen hat, die ihre Kräfte weit übersteigt. Da, wo sie mit ihrer erneuerten Pastoral an der Seite der Vernachlässigten und Unterdrückten erfolgreich wirken konnte, hat sie Gegenkräfte mobilisiert. Aber aufs Ganze gesehen, gilt aus heutiger Sicht, daß die

Kirche in Lateinamerika personell und spirituell (noch) nicht stark genug (gewesen) ist, um den gesellschaftlichen und politischen Umwälzungen gerecht zu werden und gleichzeitig das weithin sakramentalistisch versorgte Kirchenvolk zu reicherer, reiferer Spiritualität zu führen. So fordern in Puebla im Schlußdokument die Bischöfe das kirchliche Personal auf, die religiösen Unruhen anzunehmen, „die als geschichtliche Bedrängnis am Ende des Jahrhunderts wach werden, Sie müssen im Geist der Herrschaft Christi und der Vorsehung des Vaters angenommen werden, damit die Gotteskinder den notwendigen Frieden erhalten, während sie in der Zeit kämpfen. Wenn die Kirche die Religion des lateinamerikanischen Volkes nicht neu interpretiert, wird ein Vakuum entstehen, in das Sekten, verweltlichter politischer Messianismus und Konsumdenken eindringen ...“

Mit dem mehr oder weniger intensiven Studium des Sektenphänomens hat die katholische Kirche in Lateinamerika von der ziemlich verbreiteten Meinung Abschied genommen, sie und ihre Gläubigen seien lediglich Opfer ausländischer, aggressiver religiöser Mächte. Zu den zweifellos von außen einwirkenden Faktoren und Ursachen der Sektenausbreitung in Lateinamerika (Herkunft, Steuerung und Finanzierung, Administration, Verflechtung mit multinationalen Hilfswerken, missionarisches Sendungsbewußtsein) kommen jedoch noch eine Reihe von begünstigenden Faktoren, die in Lateinamerika selbst, in seiner Kultur und nicht zuletzt in seiner Kirche wurzeln. Das wird ganz deutlich, wenn in den von katholischer Seite erstellten Sektenstudien (zum Beispiel des CELAM – „Sekten in Lateinamerika“, Bogotá 1982 –; der Ökumenischen Kommission der brasilianischen Bischofskonferenz 1984; von Pro Mundi Vita „Sekten in Mittelamerika“) der Beschreibung der Sekten jeweils die Frage nach den – offensichtlich unbefriedigten – Bedürfnissen des Kirchenvolkes folgt, das zu diesen neuen Gemeinschaften abwandert.

Als eine grundlegende Bedingung für die im Zustrom zu den Sekten zum Ausdruck kommende Heilssuche der lateinamerikanischen Bevölkerung muß ein sozialer Faktor von immensen Auswirkungen auf die gesamte Entwicklung des Kontinents genannt werden: Die weit fortgeschrittene *Desintegration der ländlichen Gesellschaft* infolge einer Jahrzehnte dauernden Serie von weltmarktorientierten Wirtschaftsmodellen, die neben beachtlichen Wirtschaftswachstum auch die Massenmarginalisierung hervorbrachten. Die Entwurzelung von Millionen von Lateinamerikanern aus traditionellen sozialen Strukturen, das im Vergleich zu früher in mehrfacher Hinsicht ärmere, anonyme Leben am (Stadt-)Rand ist zweifellos eine wesentliche Ursache für die generelle *Anfälligkeit* gerade dieser Bevölkerungsschichten für *emotional geprägte Heilslehren*. Das in den existierenden politischen, sozialen und kulturellen Strukturen kaum integrierte Volk „sucht in seiner Weisheit in jeder Religion eine Antwort: die katholische Kirche wird für offizielle Akte in Anspruch genommen, bei Krankheit vertraut man dem

stehung Christi als des grundlegenden Paradigmas christlichen Lebens und des Kampfes hin zum Reich Gottes; die Vertiefung unserer Wertschätzung der Sakramente als einer Teilnahme am Gedächtnis Jesu, der in den Realitäten unseres Lebens lebendig und tätig wird; Bemühen um ein Leben voll unterscheidender Urteilskraft.

4.8.10 Wenn gleich die Fülle des Lebens ein Geschenk Gottes ist, ist es doch auch eine gewagte Aufgabe des Einbezogenwerdens in die Wandlung asiatischer Lebenswirklichkeit. Die zwei Dimensionen, die göttliche und die menschliche, bedingen einander, auch wenn sie nicht miteinander gleichgesetzt sind. So wiederholen wir unsere Entschlossenheit, unseren Dienst des Wortes Gottes und der Errichtung der Gemeinschaft so zu leisten, daß für unsere Laien eine dynamischere Spiritualität geschaffen werden kann.

4.8.11 Das wird eine tiefergehende Ausbildung der Laien mit sich bringen, aber es wird auch Schulung der Priester für Gegenseitigkeit und Dienst und Teamgeist erfordern. Wir hoffen, daß es dann eine stärkere Integration des Priesteramtes und der Laiendienste geben wird für einen besseren Dienst unserer Kirchen an den Völkern Asiens.

5.0 Conclusio

5.1 Liebe Brüder und Schwestern, wir möchten nun unsere gemeinsamen Überlegungen mit euch beschließen. Wir danken dem Geist, der unsere Augen öffnete und uns in diesen Tagen leitete, um miteinander – Bischöfe, Priester, Ordensleute und Laien – die Ängste und Freuden Asiens, seine Leiden und Hoffnungen (15) zu teilen. Noch lebendiger als vorher erkennen wir, daß der Weg, den wir alle gehen müssen als Volk Gottes, dem Ostermysterium Jesu ähnlich ist, ein Weg zum Leben durch das Kreuz in Mut und Hoffnung. Die Nachfolge Jesu ist seine Nachfolge, »den sie durchbohrt haben«, das Alpha und Omega (vgl. Joh 19,37; Zach 12,10; Offb 1,8) aller Wege, die im Glauben zurückgelegt werden.

5.2 Wir glauben, daß Gott, der uns sein Reich verhieß, bei uns ist in der Dunkelheit. Im Ostermysterium ist das Kreuz Jesu sowohl Tod als auch Sieg über den Tod. Er sagt zu uns allen: »Ich bin es; fürchtet euch nicht« (Joh 6,20).

5.3 Als die Laien, Ordensleute, Priester und unsere Mitbrüder im Bischofsamt bei unserer Versammlung zu uns sprachen, war es, als ob der auferstandene Herr zu uns spräche auf dem Weg nach Emmaus, und wir können nur fragen: »Brannte uns nicht das Herz in der Brust, als er unterwegs mit uns redete und uns den Sinn der Schrift erschloß?« (Lk 24,32). Halten wir unsere Herzen warm und unseren Geist lebendig in der Gewißheit, daß der Herr bei uns ist, wenn wir vorwärtsschreiten und die Herausforderungen Asiens angehen.

5.4 Wenn wir im Glauben den Weg gehen durch diesen großen Kontinent Asien und unter seinen Völkern, setzen wir unsere Hoffnung auf Maria, die für uns alle Mutter und Führerin auf diesem Weg ist. Ihr empfehlen wir die Kirche in Asien und bitten sie, bei uns zu sein wie sie bei der ersten Gemeinschaft der Jünger war (vgl. Apg 1,14).

Ruhm und Ehre seien dem Herrn Jesus Christus, dem Licht des Ostens, der Sonne, die nie untergeht.

Sein Reich komme!

□

Quelle:
ASIA FOCUS, Hongkong, Vol.
Nr. 47 Extra, 12.12.1986. Über-
zung aus dem Englischen.

sten und legen ein deutliches Zeugnis ab von dieser Situation der Ausbeutung, Unterdrückung und Abhängigkeit, in der sich unser Volk befindet.

10. Und genau in diesem Zusammenhang stößt man auf die MRC, die falsche Antworten geben auf die religiösen Fragen des Volkes und sich dessen Sehnsüchte und Bemühungen zunutze machen, mit denen es seinen Glauben zu leben und seine umfassende Befreiung zu erreichen sucht.

11. Bei diesen Bewegungen ist zu unterscheiden zwischen solchen christlichen, parchristlichen und nichtchristlichen Charakters. Sie alle, und vor allem die christlichen, weisen positive Aspekte auf; zum Beispiel gewähren sie den Menschen Zuflucht und Fürsorge, bieten fröhliche, beteiligende Gottesdienste an etc. Jedoch zeichnen sich ihre Methoden im wesentlichen durch folgende Merkmale aus:

- Eine vom Leben losgelöste Spiritualität mit eschatologischen Heilsankündigungen, wodurch jede historische Verpflichtung ihre Bedeutung verliert.
- Die Instrumentalisierung der Bibel durch eine fundamentalistische, reduzierte, willkürliche und fragmentarische Auslegung ohne Berücksichtigung des Gesamtzusammenhangs der biblischen Botschaft.
- Manchmal werden, ausgehend von einer scheinbaren Aufwertung der Kultur und Sprache des Volkes, fremde kulturelle Werte übermittelt, die neue Abhängigkeiten schaffen und den Interessen der Armen entgegenlaufen.
- Es gibt Institutionen, die die Religion zum Werkzeug nehmen und sich zu Komplizen der gezielten Unterdrückung und des Kolonialismus machen, die manchmal bis zum Völkermord geführt haben. Dennoch werden ihre missionarischen, wissenschaftlichen und humanitären Tätigkeiten als Hilfeleistungen für das Volk dargestellt.
- Einige dieser Bewegungen bedienen sich betrügerischer Reden und nutzen die Emotionen zur Fanatisierung und gehen sogar so weit, daß sie die geistige Gesundheit der Menschen angreifen, was die Betroffenen oft in einen Zustand der Entfremdung und Entrückung versetzt.

B. Sozio-politische Dimension

12. Die Situation der Armut und Ungerechtigkeit in Lateinamerika und der Karibik:

- Die lateinamerikanische Realität von Ungerechtigkeit, Ausbeutung, Massenelend, Hunger, Krankheit, Analphabetentum, Gewalt, Tod, Nicht-Leben ... stellt an sich eine große Herausforderung für die Christen des Kontinentes dar.
- Die Situation der Ungerechtigkeit und Ausbeutung, in der die große Mehrheit des Volkes in Lateinamerika und der Karibik lebt, wird hervorgerufen durch eine Politik, die sich nach den imperialistischen Interessen der Großmächte richtet und von nationalen Machtgruppen unterstützt wird. Diese Situation wird heute ganz besonders deutlich in der wachsenden allgemeinen Verschuldung der Länder Lateinamerikas und der Karibik.
- Eine Gesellschaft, die von den Männern beherrscht wird und wo man es den Frauen verwehrt, die Rolle auszuüben, die ihnen in der Gesellschaft und der Kirche zustehen würde.

13. Die Politik als solche

- Die ideologische Ausnutzung des Religiösen für politische Zwecke: Verwendung religiöser Sprache, Vorwurf des Kommunismus bei jedem Bemühen um Verständigung mit den Armen, etc.

14. Die neuen religiösen Bewegungen

- Viele der MRC weisen ausgeprägt politische Züge und Interessen unter einer scheinbar unpolitischen Haltung auf.
- Die MRC fördern den Konformismus gegenüber der Situation der Ungerechtigkeit und dem Elend des Volkes.
- Oft spalten die MRC die Gemeinden und zerstören die Kultur des Volkes.
- Das Vordringen der MRC durch die Kommunikationsmedien, wo sie ein aus den USA importiertes Modell von Gesellschaft und Religion vertreten, das den Wertvorstellungen des Volkes oft fremd ist und entgegenläuft.
- Die aggressive Flut der MRC.

C. Anthropologische Dimension

15. Menschliche Notwendigkeiten

- Die gegenwärtigen Gesellschaftsstrukturen rufen ein Gefühl der Einsamkeit und Anonymität hervor, was verhindert, daß der einzelne Mensch sein Bedürfnis nach Anerkennung, nach der notwendigen Beachtung seiner Probleme und seinen Wunsch nach Zugehörigkeit zur Gemeinschaft stillen kann.
- Die Identitätslosigkeit, die auf die Abwanderung vom Land in die Stadt und den daraus resultierenden Verlust der eigenen Werte zurückzuführen ist.
- Die negativen Auswirkungen auf die Gemeinden, Familien und Einzelpersonen durch das Leid und die Spannungen, die die Wirtschaftskrise mit sich bringt.

16. Kulturelle Aspekte

- Mangelnde Kenntnis der Kulturen der verschiedenen ethnischen Gruppen in Lateinamerika und der Karibik, die ein besseres Verständnis ihrer eigenen Ausdrucksformen des religiösen Lebens ermöglichen würde.
- Die verfremdende Übertragung der amerikanischen und anderer Kulturen durch die MRC.

D. Pastoraltheologische Dimension

17. Die Option für die Armen

- Das Volk Lateinamerikas und der Karibik ist im wesentlichen ein armes, aber gläubiges Volk.
- Die Option für die Armen stellt eine Forderung des Evangeliums an unsere Kirchen dar.
- Christus wird in den leidenden Gesichtern des armen Volkes heute gegenwärtig.
- Die Armen müssen eine zentrale und bevorzugte Stellung einnehmen in unseren Untersuchungen und unserem Verständnis der Realität.

18. Die Kirchen

- Die Anerkennung des Glaubens der autochthonen Völker als eine Ausdrucksform des Planes Gottes, der Absicht und des Wortes Gottes selbst.
- Die Forderung, das Evangelium so zu verkünden, daß es dem einfachen, armen Volk zugänglich ist, damit es von ihm aufgenommen und mit seinen eigenen Mitteln weitergegeben werden kann.
- Unsere Kirchen müssen christliche Gemeinden fördern, die ein persönliches Erleben des Glaubens möglich machen.
- Die Erfahrung der Umkehr, für den einzelnen wie für die Gemeinde, muß ein Prozeß des Reifens im Glauben sein, der uns durch das ganze Leben begleitet.
- In einigen Kirchen wird kulturelles Leben vermißt, was auf die übermäßige Kälte und Rationalität unserer Glaubensbekundungen und liturgischen Feiern zurückzuführen ist.
- Innerhalb unserer Kirchen gibt es manchmal Vorurteile im Hinblick auf Rasse und Kultur, die es verbieten, daß jedes ihrer Mitglieder Zugang hat zu den Diensten in der Gemeinde, die für deren Wachsen und Entwicklung notwendig sind.
- Einige MRC zeichnen in ihrem eigenen Bekehrungseifer ein verzerrtes Bild von den Kirchen und der christlichen Botschaft.

19. Die Ökumene

- Die Notwendigkeit des Dialoges mit den anderen Kirchen und den MRC macht es erforderlich, daß wir uns auf unsere eigene Geschichte und Identität als Kirche zurückbesinnen und sie zu schätzen wissen.
- Die Erfahrung des Gebetes, die soziale Verpflichtung und der Dienst am Nächsten stellen eine Gemeinsamkeit dar, die die Ökumene nicht nur im Großen, auf der Ebene der Verantwortlichen in den Kirchen möglich macht, sondern auch auf der Ebene der Basis.
- Eine offene Haltung gegenüber den MRC suchen und mit ihnen in den Dialog treten,

trotz ihrer Aggressivität und ohne daß dabei unser eigener Glaube an unsere Kirche, der wir angehören, beeinträchtigt wird.

- Die Forderung, in unseren eigenen Kirchen auf allen Ebenen ökumenische Formen zu finden.
- Das Gespräch über Gott so anlegen, daß es als Plattform dienen kann für den Dialog mit den Mitgliedern der MRC.
- Die defensive Haltung gegenüber den MRC überwinden, die als Reaktion auf deren Aggressivität entstanden sein mag, und auf einen fruchtbaren ökumenischen Dialog mit ihnen hinarbeiten.

II. Theologische Erhellung

20. Angesichts der Herausforderungen, die aus der Situation der Armut und Unterdrückung in unseren Ländern erwachsen, und der Herausforderung durch die MRC, sehen wir uns dazu veranlaßt, im Lichte des Glaubens einige Überlegungen anzustellen. Die Realität der Armut und Unterdrückung in Lateinamerika und der Karibik, die auf ungerechten Strukturen beruht, zeigt sich im Lichte des Glaubens als eine Situation der individuellen wie der kollektiven Sünde. Zusammen mit unseren eigenen Kirchen können wir dieses Mysterium des Unrechtes nur verurteilen, und es drängt uns zur individuellen Gegenwart Gottes im Glauben unseres Volkes, in seiner Widerstandskraft in unmenschlichen Situationen, in diesem lauten Protestgeschrei, das sich aus dem Volk erhebt gegen die Ungerechtigkeit, in seinen Versuchen, seine umfassende Befreiung zu erreichen, und in all den Taten der Liebe und Dienstbereitschaft, durch die es sich auszeichnet. Wir spüren, daß es in unseren lateinamerikanischen und karibischen Völkern noch einen Rest Hoffnung gibt, der sie dazu treibt, entschlossen und freudig den Kampf gegen die starken Mächte des Bösen aufzunehmen mit der Hilfe Gottes, unseres Vaters, der uns Jesus geoffenbart hat, seinen Sohn, der den Armen und Unterdrückten solidarisch verbunden nahesteht.

21. Wir möchten auf die jüngsten Dokumente unserer einzelnen Kirchen verweisen, die sich bei verschiedenen Anlässen aus dem Glauben heraus zu dieser empörenden Situation geäußert haben.

22. Im Hinblick auf die besondere Absicht unserer Zusammenkunft möchten wir unseren gemeinsamen christlichen Glauben ausdrücklich bekunden. Angesichts der Konfrontation mit den MRC ist es notwendig, daß unsere historischen Kirchen versuchen, das zu vertiefen, was sie miteinander gemeinsam haben, was weitaus wichtiger ist, als das, was sie voneinander trennt.

23. Die Kenntnis dieses gemeinsamen Kernes unseres Glaubens, den unsere theologischen Kommissionen in ihren Besprechungen behandeln und erörtern, gewinnt in gemeinschaftlichen Glaubenserfahrungen, die Mitglieder verschiedener Kirchen miteinander teilen, an Leben.

24. Unterdessen verlangt unser Glaube und unsere religiöse Praxis nach der entsprechenden Ausrichtung einiger grundlegender Konzepte, die uns nicht nur im täglichen Leben von Nutzen sein, sondern uns auch den Weg weisen sollen, unser Wissen und unseren Glauben zu gebrauchen, um den Herausforderungen der MRC gegenüberzutreten, denen wir im persönlichen Kontakt oder durch die Medien begegnen.

25. Die Vielfalt der MRC, nicht nur in der Zahl, sondern auch in theologischer und philosophischer Hinsicht, bereitet große Schwierigkeiten bei der Analyse, wenn man den gemeinsamen Glaubenskern dieser Gruppen herausfinden will. Schon bei einer oberflächlichen Betrachtung ihrer religiösen Botschaft kann man jedoch relativ leicht feststellen, daß ihre Glaubensinhalte weit entfernt sind von dem gemeinsamen Kern des christlichen Glaubens, den unsere Kirchen bewahren.

26. Wir werden versuchen, hier darzulegen, was die historischen christlichen Kirchen im Hinblick auf ihre theologische Tradition verbindet.

27. Die Zentralität Jesu Christi als fleischgewordener Gott, der damit im Leben der Christen und der Kirche gegenwärtig wurde, ist das grundlegende Element. Gott Vater (Abba), der sich in Christus geoffenbart hat, ist transzendent und kann so mit seinen Kindern eine Beziehung väterlicher Liebe erhalten, innerhalb derer die Geschichte der Erlösung sich vollzieht.

28. Dieser Akt Gottes in Christus ist eine umfassende Gnade, die allen Menschen zuteil wird und die menschlichen Grenzen dessen überwindet, was wir als Kirche bezeichnen. So ist Gott also weder ausschließliches Eigentum dieser oder jener Gruppe von Menschen, noch irgendwelchen Einflüssen unterworfen. Andererseits ist einer der verheißungsvollsten Aspekte unseres christlichen Glaubens, nämlich die Hoffnung auf die Wiederkunft Christi, nicht den Gesetzen der Zeit untergeordnet. Es ist nicht wichtig, den Akzent auf die Epoche zu setzen, in der er kommen soll, sondern vielmehr auf die Form dieses glorreichen Ereignisses und auf unsere Vorbereitung darauf, wie es die apokalyptischen Texte des Evangeliums zeigen (Mt 24).

29. Die Heilsgeschichte ist ein Plan Gottes, der sich im Reich konkretisiert, nicht als ahistorisches Ereignis, das sich erst nach dem »Eschaton« vollziehen soll, sondern als ein Plan, der sich in Jesus Christus – Fleischwerdung, Tod und Auferstehung – und in dem Herabkommen des Geistes erfüllt.

30. Wir leben bereits im Reich Gottes, nicht in seiner Vollendung, aber mit seinen Erstlingsgaben, wie der Apostel Paulus schreibt (Röm 8, 23). Darin liegt die Freude des Christseins und der Verbundenheit mit dem Evangelium. Diese Freude ist nicht passiv, sondern es ist die Freude dessen, der in seiner Erwartung gleichzeitig als Gehilfe Jesu Christi am Aufbau des Reiches mitbeteiligt ist. Diese Mitwirkung zeigt sich auch in der Erfahrung der Kirchengemeinde in ihren Aktionen, im Gottesdienst, im Gebet und in der Verkündigung der Frohen Botschaft des Reiches.

31. Ein weiteres Element des gemeinsamen Kernes unserer Kirchen ist die Anwendung der Bibel. Diese hat eine tiefe historische Bedeutung, denn sie ist aus dem Schoß der Gemeinschaft der Gläubigen erwachsen. Die Bibel ist ein Ausdruck Gottes, genauso wie er sich früher in der Geschichte zum Ausdruck brachte. Die Geschichte läuft auf Christus zu, und daher ist Christus der Schlüssel für die Interpretation der Bibel. Folglich muß man für eine richtige Auslegung der Bibel diese in der Dynamik sehen, in der sie entstand: im Kontext der Gemeinschaft, in der entwicklungsgeschichtlichen Perspektive und in der Erfüllung in Christus. Diese Sicht verlangt auch die Dialektik zwischen der exegetischen Strenge und der Spontaneität des Glaubens (der Vater offenbart sich den Unmündigen, vgl. Mt 11, 25-27).

32. In den MRC finden wir nicht immer diese Zentralität Jesu Christi, so wie wir sie in unseren Kirchen finden. Ganz im Gegenteil nimmt er in vielen von diesen Bewegungen eine sekundäre oder praktisch unbedeutende Rolle ein. Andererseits wird durch den Transzendenzbegriff, wie er in vielen dieser Bewegungen dargestellt wird, Gott zum Gegenstand der Manipulation. Durch den Verlust des Vaterschaftsbegriffes wird Gott oft zum Gegenstand der Angst. Die beruhigende Sicherheit des schon angebrochenen Reiches Gottes fehlt und wird durch die Hoffnung einer zweiten Wiederkunft in unserer Zeit ersetzt. So tritt die Angst an die Stelle der freudigen Erwartung.

33. Die Bedeutung der Bibel in den MRC ist unterschiedlich: Für die einen ist sie eines der heiligen Bücher der Menschheit; in anderen erkennt man zwar an, daß sie das wichtigste Buch ist, sie erleidet aber Verzerrungen durch eine fundamentalistische Auslegung.

34. All diese Unterscheidungen gegenüber den MRC sind eine der Herausforderung an unseren Glauben: Wir sind gefordert, unsere Wurzeln zu festigen und die Botschaft des Wortes Gottes so darzubieten, daß sie von allen Menschen aufgenommen und zur Quelle des Lebens und des Heiles werden kann.

III. Pastorale Optionen

35. Wir entschließen uns zu diesen Optionen in der Absicht der treuen Nachfolge unseres Herrn Jesus Christus, der uns heute zum Handeln mahnt gegenüber der großen Herausforderung der Situation der Armut und Unterdrückung, in der sich die große Mehrheit unseres Volkes befindet, und angesichts des Bestehens und des Vormarsches der neuen religiösen Bewegungen. Dieses religiöse Phänomen muß im Lichte des Glaubens als ein Zeichen der Zeit gesehen werden, das das Leben und die pastorale Tätigkeit unserer Kirchen in Frage stellt.

36. Option für die Armen

Angesichts der Herausforderungen, die unser Glaube an uns stellt und die aus ihm erwachsen – unser Glaube an Jesus Christus, der sich mit dem Los der Armen identifizierte – , erheben wir die Forderung, die vorrangige und solidarische, aber weder ausschließliche noch begrenzende Option für die Armen zu leben. Das bedeutet:

- Eine religiöse Praxis, die die lebensnotwendigen Bedürfnisse der Armen berücksichtigt.
- Das Herantreten an das Volk als verantwortliche Seelsorger unserer Kirche und die Solidarität mit seinen materiellen und spirituellen Bedürfnissen.

Ausgehend von den Armen und in Solidarität mit ihnen verpflichten wir uns, eine Kirche der Armen – aber nicht nur für sie – aufzubauen, eine Kirche, die sich in Ortskirchen konkretisiert, die aus den autochthonen Werten heraus als Stätten der Solidarität und Brüderlichkeit geschaffen werden.

37. Evangelisierung

Wir betrachten die Evangelisierung als fundamentale Aufgabe unserer Kirchen und gehen sie als solche an, was folgende Forderungen einschließt:

- Die unserem Volke eigene spirituelle und transzendente Dimension der Erfahrung Gottes ernstnehmen;
- Das Wort Gottes an die Armen als seine primären Empfänger weitergeben und ihnen helfen, die Bibel zu benutzen, sie zu lesen und in Bezug zu setzen zu ihrer eigenen Situation;
- Unseren Glauben und unsere Verantwortung so miteinander verbinden, daß unser Auftrag der Evangelisierung Glaubwürdigkeit erhält;
- Gemeinden und andere organisierte christliche Gruppen gründen, die aus ihrem religiösen Erleben heraus die grundlegende sozialpolitische Aufgabe auf sich nehmen, indem sie die Organisation des Volkes unterstützen und fördern und gleichzeitig für die persönliche und familiäre Dimension Sorge tragen;
- Die Laien ermutigen, damit sie, motiviert durch den Glauben, ihre Verantwortung beim Aufbau der Gesellschaft übernehmen, indem sie sich an den politischen und gesellschaftlichen Organisationen in Einklang mit ihrem Glauben und der Option für die Armen beteiligen;
- Die Kultur des Volkes respektieren und fördern, indem man bemüht ist, sie kennenzulernen und zu leben, um sich für sie einsetzen zu können;
- Den Rhythmus des Volkes respektieren im Hinblick auf seine soziale Beteiligung und Verpflichtung;
- Eine authentische religiöse Sprache und eine Theologie ausarbeiten, die in der Darstellung der utopischen und eschatologischen Dimension des Reiches die soziale, politische und kulturelle Wirklichkeit unserer Länder berücksichtigt.

38. Feiern und Erziehen im Glauben

In unseren Kirchen zusammengerufen durch den Heiligen Geist, um über unseren Herrn Jesus Christus zum Vater zu gelangen, möchten wir unseren Glauben so feiern, daß er unsere christliche Identität und unsere Aufgabe, das Reich zu empfangen und zu erweitern, zum Ausdruck bringt. Das bedeutet:

- Eine wahrhafte Spiritualität fördern, die über die Verpflichtung mit den Brüdern hinausgeht und alle Dimensionen des Lebens erfäßt;
- Einen religiösen Kult schaffen, der die gefühlvollen Ausdrucksformen unseres Volkes so miteinschließt, daß das Volk sich aktiv beteiligen kann;
- Den Gläubigen im tiefen Sinn des persönlichen und gemeinschaftlichen Gebetes erziehen.

Neben dem Feiern des Glaubens sehen wir die Notwendigkeit zur Erziehung im Glauben. Dabei bedarf es einer fortwährenden Heranbildung, die die Gläubigen in die Lage versetzt, ihre Aufgaben beim Aufbau der Kirche und der Welt zu erfüllen, indem sie christliche Gemeinden bilden, die tiefe, verbindliche zwischenmenschliche Beziehungen ermöglichen.

39. Gerechtigkeit und Frieden

Die Option für den Frieden, die sich auf die Gerechtigkeit gründet und folgende Forderungen stellt:

- Die Menschenrechte fördern und verteidigen, indem man alle Anzeichen des Gegenreiches verdammt, die das Leben der Menschen zerstören, und indem man das Recht der Armen auf ein menschenwürdiges Leben und auf ihre Organisation unterstützt;
- Dem Volk seine Situation zu Bewußtsein bringen und es in seiner historischen Aufgabe unterstützen zugunsten einer gerechten und brüderlichen Gesellschaft;
- Das Ausnutzen der Religion als bloßes Instrument zugunsten von Ideologien oder wirtschaftlichen und politischen Interessen verurteilen;
- Insbesondere die Regierungen verurteilen, die unsere Völker unterdrücken oder ihre Rechte verletzen.

40. Erneuerung unserer Kirchen

- Die Aktionen des permanenten Gespräches und der Erneuerung unserer Kirchen neu beleben, damit wir der Nachfolge Jesu von der Option für die Armen her getreu sein können;
- Die Strukturen, Methoden und Lebensformen unserer Kirchen so erneuern, daß sie im Dienste der Bedürfnisse unseres Volkes stehen;
- Die Beteiligung der Laien unterstützen und erweitern, so daß sie eine wirkliche Verantwortung übernehmen können und ihre religiöse und menschliche Heranbildung gefördert wird.

41. Ökumenische Option

- Die Ökumene unterstützen, indem man die Option für die Armen so lebt, daß sie über den einfachen Dialog hinaus eine ökumenische Begegnung im Dienste eines Befreiungsplanes wird, der aus der Basis erwächst;
- Das »Schalom«, den Frieden in seinem allumfassenden Sinn hinaustragen zu dem gesamten Volk Gottes auf der Basis der Gerechtigkeit;
- Im Sinne der Religionsfreiheit uns zu informieren suchen, um die MRC besser kennenzulernen und ihnen eine positive Haltung entgegenbringen zu können, damit wir ihre guten Seiten erkennen und zu schätzen wissen, aber dennoch Kritik üben an ihren Mängeln;
- Offenheit gegenüber den MRC zeigen und ausgehend von der Option für die Wahrheit über Gott und den Menschen versuchen, mit unserer Lebenspraxis Zeugen dieser Wahrheit zu sein;
- Eine Haltung des ökumenischen Dialoges einnehmen, nicht nur innerhalb unserer Kirchen, sondern auch mit den Führern und Mitgliedern anderer religiöser Bewegungen, die dazu bereit sind;
- Der Herausforderung der MRC begegnen, indem wir uns unseren Glauben besser zu eigen machen und so unserem Volk helfen können, die Wahrheit des Evangeliums wiederzuerlangen und der heutigen Situation anzupassen;
- Das Wesen und Wirken der Kirche beständig im Lichte des Evangeliums und entsprechend der Realität Lateinamerikas und der Karibik überdenken.

42. Option für die Hoffnung

Im Vertrauen auf Gott, den Vater, den Sohn und den Heiligen Geist, bekunden wir unsere Hoffnung, die uns als christliche Kirchen zu folgendem verpflichtet:

- Einen Plan des Lebens und der Vollkommenheit zu entwickeln, nach dem alle Menschen, Völker und Kulturen ihren Wert haben;
- Das Volk zu unterstützen, das sich organisiert und den Plan für seine umfassende Befreiung ausarbeitet, indem wir uns am Aufbau der Geschichte beteiligen und in ihr die Zeichen des Reiches zum Ausdruck kommen lassen bis hin zur Vollendung im Herrn;
- Soweit als möglich gemeinsam zu beten, überlegen und handeln, um zu der vollkommenen Einheit der Kirche zu gelangen, zu der uns der Herr gerufen hat (Joh 17,21).

Cuenca, 10. November 1986

Quelle:
Separatum der Acción Ecuénica,
Venezolanische Gruppe des CLAI,
Caracas/Venezuela, Dezember 1986.
Übersetzung aus dem Spanischen:
Ruth Fetzner.

WELTKIRCHE 10/1986

Liebe Leser der WELTKIRCHE,

mit unserem Dokumentationsdienst WELTKIRCHE wollen wir den Ortskirchen in Afrika, Asien und Lateinamerika helfen, ihre pastoralen Erfahrungen und ihren spirituellen Reichtum, aber auch ihre sozialen Probleme und ihre materielle Not bei uns bekannt zu machen. Die Werke ADVENIAT, MISEREOR und MISSIO betrachten das als gemeinsame Aufgabe, deren Kosten sie gemeinsam tragen.

Wie im Vorjahr möchten wir Sie als Leser bitten, sich daran zu beteiligen. Eine Spende von Ihnen als Beitrag zu den Aufwendungen für Material und Übersetzungen, für Herstellung und Versand dieses Dienstes wäre uns eine spürbare Hilfe bei der Fortsetzung unserer Arbeit. Es sind letztlich die Jungen Kirchen, denen unser Bemühen gilt und Ihre Spende zugute kommt.

Mit herzlichem Dank
und freundlichem Gruß

Die Redaktion

Geistlicher Zermürbungskampf

Protestanten im Bürgerkrieg Mittelamerikas

Heinrich Schäfer

EVKOM 12/90

Die psychologische Aufstandsbekämpfung in den Ländern Zentralamerikas geschieht teilweise in engem Konnex mit protestantischen Gruppen aus dem fundamentalistischen und pfingstlerischen Spektrum. Diese Zusammenhänge hat der Theologe Heinrich Schäfer jahrelang vor Ort erforscht und zeichnet in seinem Beitrag das Bild einer Strategie politischer Manipulation mit religiösen Mitteln.

In unseren Ländern hat die Verehrung des Geldes, der Macht, der Privilegien und des Vergnügens die Verehrung Gottes zweifellos ersetzt. Das Geld ist zum Götzen geworden, und die »Götzen fordern Menschenopfer« – geschlachtet auf den Altären des Geldes mit den Messern der Strategie des »Low Intensity Conflict« (LIC), der gewaltsamen »Konfliktaustragung niedriger Intensität«. Dieses Mittel nordatlantischer Machterhaltung in den Ländern der Dritten Welt – eine modernisierte Form der spätestens aus Vietnam bekannten Aufstandsbekämpfung – ist alltägliche Wirklichkeit in den Ländern, aus denen die Autoren der zitierten Sätze kommen.

Das Dokument mit dem Titel »Der Weg nach Damaskus, Kairos und Bekehrung«, 1989 vom Londoner Catholic Institute for International Relations vorgestellt, wurde in einem zweijährigen Konsultationsprozeß von Theologen aus Guatemala, Nicaragua, El Salvador, Südafrika, Namibia, Südkorea und den Philippinen erarbeitet. Die Autoren decken die in ihren Ländern von den Machthabern im Verein mit nordatlantischen Militärs durchgeführte Strategie des LIC als Waffe der Idolatrie des Geldes auf. Diesem tödlichen Götzendienst stellen sie als religiöses Pendant die Häresie eines »rechtsgerichteten Christentums« zur Seite, welches auf vielfältige Weise der »Ideologie der nationalen Sicherheit« beispringt.

Die Verbindung von »rechtsgerichtetem Christentum« – im wesentlichen evangelikale Fundamentalisten,

Pfingstkirchen und vor allem Charismatiker – und der gewaltsamen Erhaltung des Status quo von Ausbeutung und Unterdrückung soll am Beispiel Mittelamerikas überprüft werden. Von »Verschwörung« kirchlicher und militärischer Kräfte der USA im Interesse der Bekämpfung von Freiheitsbewegungen in Mittelamerika ist in den letzten zehn Jahren verstärkt die Rede; besonders im Zusammenhang mit dem US-amerikanischen Protestantismus. Gelegentlich wird gar sein starkes Wachstum in der Region aus seiner Unterstützung durch die CIA abgeleitet. Diese etwas hilflose, häufig von katholischen Amtsträgern vorgeschlagene Erklärung verkennt die soziale Dynamik Mittelamerikas und die Fähigkeit verschiedener Strömungen des Protestantismus, die sozialen Veränderungen religiös aufzugreifen. Wenngleich die Zunahme des Protestantismus in Mittelamerika nicht auf geheimdienstliche Operationen zurückgeführt werden kann, so kommt es dennoch immer häufiger zur Aufdeckung direkter Zusammenarbeit evangelikaler Institutionen mit Geheimdiensten und Militär.

Strategie psychologischer Kriegführung

In einen der letzten, besonders eklatanten Fälle ist Oberstleutnant Oliver North höchstpersönlich verwickelt. Er war es, der – nach Informationen der US-Journalistin Sara Diamond und des Research Center, Albuquerque – den »Gospel Crusade« (Evangeliumsfeldzug) des Neopfingstlers Gerald Derstine und die Niederlassung der »International Christian Embassy Jerusalem« in Honduras zur direkten Zusammenarbeit mit der nicaraguanischen Contra verholfen hat. Mit anderen Organisationen habe North, so Derstine zu Sara Diamond, die gleichen Übereinkünfte. In »Youth With a Mission« (Jugend mit einer Mission), in »Campus Crusade for Christ« (Campus für Christus) und einer großen Zahl anderer, weniger bekannter Organisationen der religiösen Rechten haben Geheimdienste

Las noticias, asertos y opiniones contenidas en este trabajo, son de la exclusiva responsabilidad del autor. La Escuela de Estudios Hispano-Americanos sólo responde del interés científico de sus publicaciones.

W 1958. 177
Sevilla, 1948

und Militär der USA und Lateinamerikas enge Verbündete.

Das Interesse der US-Regierung am militärisch verwertbaren Einsatz religiöser Institutionen und an der Berücksichtigung religiöser Vorstellungen in der sogenannten psychologischen Kriegsführung hat nach dem Zweiten Weltkrieg stark zugenommen. Durch die in den fünfziger Jahren in der Dritten Welt verstärkt auftretende Strategie des Guerillakrieges sind die Militärs genötigt, mehr Ressourcen auf das Verstehen der psychischen Voraussetzungen einer Bevölkerung und auf deren Beeinflussung zu verwenden. Die militärpsychologische Auseinandersetzung mit der Religion wird zunehmend wissenschaftlich und in den Rahmen der neuentwickelten Strategie zur »Aufstandsbekämpfung« gestellt.

Counter insurgency

Das zivil-militärische Konzept der »Aufstandsbekämpfung« (Counterinsurgency) stellt dabei ein wissenschaftlich geplantes System aus mehreren militärischen und nicht-militärischen Elementen dar. Militärische Übergriffe von zuweilen großer Grausamkeit gegen die Zivilbevölkerung werden – verteilt auf verschiedene Truppenteile und Situationen – mit sozialen »Entwicklungsprogrammen« und Propagandakampagnen unter Einsatz aller verfügbaren ideologischen Mittel kombiniert. Nach Probeläufen auf den Philippinen, in Malaya und in Griechenland wurde das Konzept der Aufstandsbekämpfung unter dem Eindruck der cubanischen Revolution in den sechziger Jahren stark verbessert und in der zweiten Hälfte der sechziger Jahre auch auf Guatemala angewandt. In Vietnam erlitt diese Militärdoktrin eine schwere Niederlage. Wenig beachtet in den siebziger Jahren wurde sie erst unter Reagan wieder aufgenommen und weiterentwickelt, vor allem um die Komponente der Kriegsführung niedriger Intensität (LIC).

Ebenso wurde das Studium der Religion in Lateinamerika als eines Schlüsselfaktors der gesellschaftlichen Entwicklung intensiviert. Eine von der Rockefeller-Stiftung finanzierte Tagung an der Notre-Dame-Universität in New York analysiert 1964 die Frage des Verhältnisses von Religion und sozialem Wandel in Lateinamerika in großem Rahmen und unter Beteiligung von namhaften, meist konservativen Theologen und Religionssoziologen. 1969 stellt der Report einer Sonderkommission des US-Vizepräsidenten

Nelson Rockefeller nach einer Lateinamerika-Reise fest, daß Kirche und Militär als die wichtigsten Kräfte des »sozialen, ökonomischen und politischen Wandels« besonders zu beachten seien.

Kurz darauf erscheint eine vom US-Verteidigungsministerium in Auftrag gegebene Studie, in der die konservative Rand Corporation dem »Wandel der katholischen Kirche« nachgeht. Hier wird der zu erwartende politische Wandel explizit in Zusammenhang gebracht mit dem Ausbrechen der Kirche aus antikommunistischen Denk- und Handlungsmustern. Die Militärplaner haben zu dieser Zeit die Religion schon längst in ihre Strategie einbezogen. In Guatemala ist eine detaillierte Analyse der schichtenspezifischen religiösen Bedingungen nach Aussage des ehemaligen Pressereferenten des guatemalteken Innenministers Elias Barahona schon in den sechziger Jahren durchgeführt worden. Dies entspricht den militärischen Planungsvorhaben aus den Zentren der Entwicklung der Aufstandsbekämpfung wie etwa Fort Bragg.

Der Untersuchungsausschuß unter dem Vorsitz von Senator Frank Church zu geheimdienstlichen Tätigkeiten der Regierung stellte 1976 den »direkten operationellen Gebrauch von 21 (US-amerikanischen) Individuen« aus dem Feld der Religion fest – die Individuen anderer Nationalität nicht gerechnet. Gebraucht wurden sie für Nachrichtenbeschaffung und verdeckte Aktionen. Zur Nachrichtengewinnung wurden nach Informationen der Zeitschrift »Christianity Today« (hier zitiert nach Sara Diamond) in den frühen siebziger Jahren nahezu alle Mitarbeiter des in den USA ansässigen argentinischen Massenpredigers Luis Palau regelmäßig von der CIA nach Informationen befragt. Das Blatt schätzte 1975, daß etwa zehn bis 25 Prozent aller US-Missionare Informationen an die CIA weitergegeben hätten.

US-Außenpolitik gegen Befreiungstheologie

Die problemgebeutelte US-Außenpolitik hält sich allerdings in den siebziger Jahren zurück mit der Erstellung neuer Analysen und Handlungsmodelle hinsichtlich religiöser Fragen in Lateinamerika. Erst 1980 schlägt ein außenpolitisches Strategiepapier, welches auf die Regierung Reagan einen starken Einfluß erhalten sollte, einen bisher ungewohnt scharfen Ton an. Das

»Santa-Fe-Papier« (nach dem Tagungsort der Planungsgruppe) stellt fest: »Die Außenpolitik der USA muß damit beginnen, der Theologie der Befreiung, wie sie in Lateinamerika durch den Klerus der Theologie der Befreiung angewendet wird, zu begegnen (und nicht nur im nachhinein zu reagieren).« Mit diesem bekannten Text ist im Zuge der allgemeinen Wiederaufrüstung der US-Geheimdienste auch ein verstärktes Wiederaufnehmen der Operationen auf dem Feld der Religion angezeigt. Zum einen meint dies die Analyse und Bekämpfung der christlichen Basisbewegung, wie es die Dokumente der »XVII. Konferenz der Amerikanischen Armeen, 1987« deutlich machen; zum anderen verweist es auf die Instrumentalisierung der Religion für die psychologische Kriegsführung.

Instrumentalisierung von Religion ist nicht unbedingt auf die Mitarbeit von kirchlichen Akteuren angewiesen. Es kann sich auch um die Manipulation mit religiösen Vorstellungen in den Medien handeln. In diesem Sinne hat die CIA die nicaraguanische Oppositionszeitung »La Prensa« nach dem Sieg der sandinistischen Revolution benutzt, ähnlich wie den »Mercurio« in Chile unter der Regierung Allende und den »Daily Gleaner« in Jamaica während Michael Manleys Regierungszeit. Der Einsatz religiöser Manipulation war dabei in Nicaragua besonders stark. Diese Form der ideologischen Manipulation ist freilich unabhängig von kirchlicher Vermittlung. Sie bedarf lediglich der Bereitschaft zur Mitarbeit der Zeitungsmacher und/oder hinreichend Bestechungssummen.

In Guatemala hat sich, mit dem neopfingstlichen Medienriesen »Trinity Broadcast« aus Californien im Rücken, eine neopfingstlich dominierte Fernsehstation etabliert. Der Canal 21 bringt vor allem Teleevangelisation nach US-Strickmuster. Die Nachrichtensendungen bezieht er zum größten Teil aus dem Informationsservice der US-Botschaft in Guatemala.

Hier stellt sich die weitergehende Frage nach den kirchlichen, genauer: den protestantischen Akteuren im Einsatz von Religion für die Zwecke der Aufstandsbekämpfung in Mittelamerika. Es ist hinlänglich bekannt, daß bei der Agentenwerbung oft mit Geld gearbeitet wird. Dies ist freilich im Bereich religiöser Institutionen aufgrund der

relativ starken moralischen Bindung der Akteure und einer Sehnsucht nach der Reinheit der Motive eine zweischneidige Angelegenheit. Eine Handvoll Dollars würden viele Kirchenleute sicher empört zurückweisen, auch wenn sie durchaus zum Schutz der US-amerikanischen Interessen in der Dritten Welt beizutragen bereit wären.

Um so wichtiger sind daher die Mechanismen, die die religiösen Überzeugungen und Energien für die Zwecke der Aufstandsbekämpfung mobilisieren oder kanalisieren, und solche, die die Bestechung mit religiösen Inhalten vermitteln. Am deutlichsten liegt die Motivation bei den **neopfungstlichen** Kirchen zutage. Diese setzen sich fast ausschließlich aus (Industrie-) **Bourgeoisie** und der ihr verbundenen Mittelschicht zusammen, aus Teilen der Gesellschaft also, denen ohnehin daran liegt, die Verarmten unter Kontrolle zu halten. Es liegt sozusagen in ihrem wohlverstandenen Interesse, der Aufstandsbekämpfung zur Hand zu gehen. Sie wird verstanden als Teil eines kosmischen Kampfes zwischen Gott und dem Teufel.

Strenge genommen und auf Mittelamerika bezogen, trifft der Begriff des »antagonistischen Dualismus«, den das Dokument »Weg nach Damaskus« allgemein auf die religiösen Systeme des »rechtsgerichteten Christentums« anwendet, nur auf seine **neopfungstlichen**, also charismatischen, Formen zu; nur hier arbeitet die religiöse Symbolik mit der Relation des Antagonismus: Die Angehörigen dieser religiösen Richtung werden »auf der Seite Gottes« in den Kampf gegen den gesellschaftlich inkarnierten Teufel geschickt. Die großen parakirchlichen **Missionsorganisationen** der USA schwenken im Laufe der achtziger Jahre immer deutlicher auf diese Linie ein, selbst wenn sie einer anderen Tradition als der **neopfungstlichen** entstammen.

Die **traditionellen** Pfingstkirchen und die **fundamentalistischen** Kirchen, deren Mitglieder hauptsächlich den **unterdrückten Massen** angehören, verlegen die Hoffnung der Christen in die Zukunft nach der Entrückung der Kirche aus der Welt »in die Wolken«; damit trennen sie Christus von der Geschichte und die Kirche von der Gesellschaft. Dergestalt leiten sie ihre Anhänger im allgemeinen in die **politische Passivität** und sind indirekt der Aufstandsbekämpfung nützlich. Diese Tatsache ent-

springt freilich vor allem der Dynamik, die die religiösen Vorstellungen im Zusammenspiel mit den gesellschaftlichen Bedingungen erzeugen. Sie ist nicht als Resultat politischer Überzeugung oder gar Berechnung aufzufassen, und schon gar nicht als Resultat von Bestechung. Das Abdrängen in die **Passivität** ist hier zunächst und vor allem die gesellschaftliche Funktion einer religiösen Überzeugung.

Die strenge Hierarchie in bezug auf die Glaubenssysteme und die kirchliche Organisation ermöglicht den zentralen religiösen Planern verschiedene Arten von Manipulation. Die Hefte mit den Inhalten für die Lehrgottesdienste am Sonntag (Sonntagsschule) der »**Asambleas de Dios**« etwa werden zentral in den USA auf spanisch produziert und müssen dann im gesamten spanischsprachigen Lateinamerika in jeder Gemeinde verpflichtend behandelt werden. Dies stellt eine starke Möglichkeit zur direkten Einflußnahme der Zentralplaner auf die Mitglieder dar; sie übertrifft jede religiöse Manipulation von Nachrichtenmedien. Es ist kaum vorstellbar, daß das Material nicht mit politischem Kalkül genutzt wird.

Eine zweite Form der Manipulation, die durch die streng autoritäre Struktur der etablierten fundamentalistischen und Pfingstkirchen begünstigt wird, ist die Auslese der linientreuen Leute durch raschen Aufstieg in der Hierarchie. Die Hoffnung auf einen gewissen sozialen Aufstieg ist bei vielen der armen Pastoren verständlicherweise eine begleitende Motivation für die Berufswahl. Diese Hoffnung kann durch entsprechende Stimuli von seiten der Kirchenleitungen und – vor allem – von seiten der sogenannten parakirchlichen Missionsorganisationen wie etwa »Campus Crusade for Christ« (Campus für Christus), »Youth with a Mission« (Jugend mit einer Mission) oder auch »World Vision« zu einer handfesten Ausrichtung der Personen auf eine Karriere in autoritären kirchlichen Strukturen sein.

Die Kirchen einbinden in eine Gesamtstrategie

Ein starker Akzent, der von diesen Organisationen im letzten Jahrzehnt auf die Herausbildung von Führungskräften (Leadership Training, nach dem Prinzip der hierarchischen Organisation von Wirtschaftsunternehmen) auf jeder Ebene der Kirchen gelegt wurde, trägt dazu bei, die Karriereorientierung bei den einzelnen zu verstärken und die

autoritären Strukturen in sich zu festigen und auszubauen. Auf diese Weise wird Bestechung vermittelt über das symbolische – und erst in zweiter Linie materielle – Gut des Aufstiegs in der Hierarchie der Diener des Herrn. Die Aussicht auf Aufstieg verführt so zum Einstimmen in die »von oben« aufgetragenen Inhalte und Aktionen. Das Interesse der Politiker und Militärs der USA und Lateinamerikas geht dahin, die Kirchen in ihrer Verschiedenheit einzubinden in eine zivil-militärische Gesamtstrategie zur Erhaltung des **Status quo** der sogenannten »nationalen Sicherheit«.

Die allgemeine ideologische Beeinflussung kann an die vorhandenen religiösen Vorstellungen der protestantischen Bevölkerung weitgehend anknüpfen. Eine deutliche Tendenz besteht freilich darin, möglichst flächendeckend die Assoziationsreihe von Gott – Teufel, USA – Kommunismus, Militär – Guerilla zu verfestigen und die Mitglieder der Kirchen unter dieser Voraussetzung politisch zu aktivieren.

Die hemisphärische Ausrichtung wird von den **neopfungstlichen** Kirchen stark unterstützt und in politische Aktivität im Sinne der Festigung der US-Dominanz über die Wirtschaft Mittelamerikas umgesetzt. Vor allem in der Propaganda in den USA zur Unterstützung des Regimes des Neopfungstlers **Rios Montt** in Guatemala (1982–1983) tritt diese Position deutlich zutage. Hier wird offen die Frage des Zugriffs auf die lateinamerikanischen Rohstoffe angesprochen. **Guatemala** sei, so wird der Privatsekretär des **neopfungstlichen** guatemalteckischen Ex-Präsidenten Rios Montt, Francisco Bianchi, in der Zeitschrift der »Maranatha Campus Ministries« zitiert, nur eine »Zwischenstation auf dem Weg (der Marxisten) zu den mexikanischen Ölfeldern«.

In einem weit verbreiteten Rundbrief der Führung der Kirche Rios Montt, **El Verbo**, in dem diese um Unterstützung für dessen Aufstandsbekämpfung bittet, heißt es: »Indem wir so handeln (die Wahrheit verkünden und Rios Montt helfen) werden wir die Stellung der Marxisten schwächen und ihre Fähigkeit mindern, sich Guatemalas reiche Vorräte an Öl, Titanium und anderer wertvoller Ressourcen zunutze zu machen.«

In Mittelamerika kommt es darauf an, die in den Kirchen vorhandenen reli-

giösen Vorstellungen im Sinn der genannten Gegensatzreihe zu entwickeln und zuzuspitzen. Rev. Geoff Donnan von den »Caribbean Christian Ministries« etwa nutzt, wie Sara Diamond berichtet, den Respekt der sandinistischen Regierung vor der Religionsfreiheit auf seine Weise: Er versucht, durch die Bereitstellung von Unterrichtsmaterial für protestantische Schulen, den nicaraguanischen Protestanten die Unterscheidung zwischen »**satanischer »Befreiungstheologie«** und dem wahren befreienden Evangelium« geläufig zu machen. Autor eines geplanten Geschichtsbuches ist der Exil-Nicaraguaner **Humberto Belli**, dessen erstes Buch über Nicaragua nach Aussagen des Contra-Führers Edgar Chamorro von der **CIA** finanziert worden ist.

Geistlicher Kampf gegen Satan

In **Guatemala** wirkt als **neopfungstlicher** Vordenker der US-Bürger, ehemalige Green Barrett und Vietnam-Veteran John Carrette. Als Besitzer zweier Hotels und aktives Mitglied der **neopfungstlichen** **Shekinah-Kirche** sowie der »Full Gospel Businessmen Fellowship« verbringt Carrette einen großen Teil seiner Zeit mit religiösen Aktivitäten: Er organisiert Evangelisierungsfeldzüge der Shekinah gegen den Kommunismus in El Salvador, trommelt vor dem Putsch Rios Montts 1982 Pastoren zum Gebet für die nationale Errettung zusammen, gründet die Gruppe der »Fürbittenden für Guatemala«, organisiert Veranstaltungen der Businessmen Fellowship, finanziert zu einem Teil die Hilfs- und Missionsorganisation für die eingeborene Bevölkerung (**ASIDE**), lehrt an einer von »Gerald Derstines Gospel Crusade« eröffneten Evangelistenschule und publiziert reichlich politisch-religiöse Traktate und Büchlein.

Carrette ist einer der **neopfungstlichen** Vordenker im Sinn der aggressiven dualistischen Weltanschauung der Aufstandsbekämpfung, insofern er sich in seinen Schriften bemüht, die politischen Geschehnisse auf den Reim des »geistlichen Kampfes« zwischen Gott und dem Satan zu bringen; und er ist einer der ersten Protestanten in Guatemala gewesen, die von der Hoffnung auf die Entrückung der Kirche aus der Welt auf die Lehre vom Entscheidungskampf zwischen Gott und dem Satan in der Welt gekommen sind. Seit der Regierung Rios Montt und den politischen Bemühungen des neo-

Israel

pfungstlichen Präsidentschaftskandidaten (1985) **Jorge Serrano Elias** gehört Carrette zu denjenigen, die stark auf politisches Engagement und politische Wirksamkeit **neopfungstlicher** Kirchen drängen. Daß John Carrette seine Aktivitäten für seinen Dienstherrn in den USA ausführt, kann ihm freilich bisher nicht nachgewiesen werden.

Unter den Mitgliedern **neopfungstlicher** Kirchen herrscht im allgemeinen eine große Offenheit gegenüber **zionistischen Ideen**, und nicht selten bestehen enge Beziehungen zu konservativen Kreisen in Israel. Der Führer der »Fraternidad Cristiana«, Jorge H. López, etwa ist guatemalteckischer Leiter und einer der zwölf internationalen Direktoren der »International Christian Embassy Jerusalem« (ICEJ, Internationale Christliche Botschaft Jerusalem). Diese Organisation ist 1980 von christlichen Zionisten in Jerusalem gegründet und als »Botschaft« eingerichtet worden. Die Gründung erfolgte als Reaktion auf den Auszug aller dreizehn ausländischen Gesandtschaften aus der geteilten Stadt infolge der UNO-Resolution, die die Ernennung Jerusalems zur Hauptstadt des Landes verurteilt hatte.

Mit Rückhalt in der israelischen Regierung (und weiteren wichtigen Standbeinen in Südafrika und den USA) gelingt es der Organisation, sich in knapp acht Jahren zu einer weltweit vernetzten Lobbyorganisation für das konservative, zionistische Israel mit einem Jahresbudget von etwa einer Million Dollar zu mausern. Zentrales Element der religiösen Symbolik dieser Organisation ist die (millenaristische) Erwartung der Wiederkunft Christi nach der Sammlung des jüdischen Volkes in Israel, seiner politischen Stärkung und dem Neubau des Tempels.

Was **Guatemala**

betrifft, so stehen den engen religiös-politischen Beziehungen der **neopfungstlichen** Aktivisten traditionell enge zwischenstaatliche Beziehungen Guatemalas und Israels zur Seite. Es existieren freundschaftliche Bande, seit Guatemala 1948 einen der drei UNO-Kommissare stellte, die die Einrichtung des Staates Israel überwachten und der frühere UNO-Botschafter Guatemalas, Jorge García Grenados, sich sehr für enge Beziehungen der beiden Staaten eingesetzt hatte. García Grenados war später ein enger politischer Berater des Diktators Gen. Romeo Lucas García (1978–1982) und nützlich bei der Aus-

weitung israelischer Militärhilfe an Guatemala. In der zweiten Hälfte der siebziger Jahre stellte die USA ihre Militärhilfe an Guatemala offiziell ein, und Israel sprang in die Bresche. Die engen Beziehungen spielen nun vor allem im Bereich der Aufstandsbekämpfung eine wichtige Rolle.

Die **neopfungstlichen** Folterer wollen ihre Gewalt rechtfertigen

Eine besondere Funktion der religiösen Ideologie in der Aufstandsbekämpfung besteht darin, daß sie Gewissenskonflikte einzelner angesichts der Gewaltanwendung zerstreuen kann. Der pfingstliche Bauer aus dem Widerstand in Guatemala stellt im Interview diese Funktion auf der Ebene der unmittelbaren Erfahrung in seinem Dorf dar: »Ich will sagen, daß die Theologie eine Gewalt ist, die nicht direkt ist, sie ist leise. Sie (die Pastoren) treiben (die Gewalt) voran, aber zugleich doch nicht – man spürt nichts. Denn genau das ist dort (im Dorf) passiert bei einigen Brüdern (der Asamblea de Dios) die in die Weiler gegangen sind; sie haben sich wie Soldaten angezogen, und sie gingen los. Sie haben dort Leute getötet. Als sie zurück waren, sagte ihnen ihr Gewissen, daß das nicht in Ordnung war, was sie getan hatten, daß das nicht gut war. Dann sagt aber der Pastor: »Nein Brüder, lobt ruhig Gott, denn ihr habt einen guten Dienst für den Herrn getan.« (Interview mit dem Verfasser).

Die Männer sind Diakone aus der Gemeinde; sie haben in den umliegenden Weilern vermeintliche Sympathisanten der Guerilla und deren Familien getötet. Der Pastor arbeitet nach Aussage des Interviewpartners eng mit dem **Militär** zusammen. Bei diesen Diakonen müssen die Bedenken erst durch den Pastor zerstreut werden; bei den **neopfungstlichen** Folterern liegt dagegen die Rechtfertigung der Gewalt von vornherein in einer bereits gefestigten religiösen Ideologie und wird von ihnen selbst geleistet. Dies kommt der Lösung des psychologischen Problems, das die Gewaltanwendung für die militärischen Planer bedeutet, entgegen. In der Aufstandsbekämpfung oder der Kriegführung niedriger Intensität ist rationelles, gezieltes Töten von unbewaffneten Zivilisten – »chirurgische« Schläge – von großer Bedeutung. Hierbei spielen in der Rechtfertigung der Operationen und der psychologischen Bewältigung der Einsätze durch die Mannschaften **Ausgrenzungsideolo-**

glen eine große Rolle. Diese grenzen den Gegner – etwa als »Kommunisten« – aus einer bestimmten, als richtig empfundenen Gemeinschaft aus und lassen ihn als tötungswürdigen »Untermenschen« erscheinen.

Der ehemalige Mitarbeiter im guatemaltekischen Innenministerium, Elias Barahona, sagt aus, er habe seit Ende der sechziger Jahre in seinem Kontakt mit Angehörigen der guatemaltekischen Armee beobachtet, daß sie von Ausbildungskursen in Aufstandsbekämpfung selbst konvertiert zurückgekommen seien. Damit sei ein Bewußtseinswandel in bezug auf ihre militärischen Aufgaben verbunden gewesen. Sie hätten gesagt: »Wenn wir töten, und töten einen Kommunisten, dann haben wir nicht gesündigt.«

So legitimierten auch Mitglieder der El Verbo Kirche und der Regierung Rios Montt sowie das Militär die Greuelthaten gegen die eigene Zivilbevölkerung. Francisco Bianchi vor Journalisten in Guatemala zur Ermordung von unbewaffneten Zivilisten: »Die Indios sind Subversive. Es ist klar, daß sie getötet werden müssen, denn sie arbeiten mit der Subversion zusammen. Später heißt es dann, daß unschuldige Leute umgebracht wurden. Aber die waren nicht unschuldig; sie hatten sich an die Subversion verdingt.«

Psychologie im Dienst des Militärs

Das Problem der menschlichen Tötungshemmung gegenüber hilflosen Zivilisten bleibt eine dauernde Sorge der Planer von Aufstandsbekämpfung. Ein Handbuch der US-Armee über Guerillabekämpfung aus den sechziger Jahren (FM 31-16) formuliert das Problem wie folgt: »Die in Operationen gegen die Guerilla eingesetzten Truppen sind dauerndem moralischen und psychologischen Druck ausgesetzt, der zum Teil entspringt aus: 1. Der natürlichen Barriere des Soldaten vor dem Bekämpfen von Frauen, Kindern und Alten, die möglicherweise die Guerillaaktivitäten unterstützen...« Die Bemühungen der Militärpsychologie gehen dahin, wie Peter Watson in einer Analyse des militärischen Ge- und Mißbrauchs von Psychologie feststellt, immer effektivere Propagandamethoden zu ersinnen, um den Gegner zu entmenslichen. Es liegt auf der Hand, daß die beste Herabsetzung der menschlichen Tötungsschwelle dann erfolgt, wenn der Feind mit dem absoluten Bösen ineins gesetzt wird; wenn die Soldaten also gegen den Teufel kämpfen. ■

SOZIALES LEBEN

Die ausgebeutete Maria

Zur Situation geschiedener Pastorenfrauen

Ingrid Pajunk

Die wenig schmeichelhafte Lage geschiedener Pastorenfrauen illustriert der Beitrag von Ingrid Pajunk, der eines vor allem anzeigt: Handlungsbedarf.

Ein Gefühl von Heimatlosigkeit begegnet mir ständig in der Arbeit mit getrennt lebenden und geschiedenen Frauen von Pastoren. Sie sind davon im doppelten Sinn betroffen:

○ Ihren Wohn- und Wirkungsbereich mußten sie ziemlich überstürzt verlassen, ohne recht zu wissen wohin. Die meisten haben Schulden, manche sind über Monate obdachlos und schlüpfen mal da mal dort bei Verwandten oder Freunden unter. Unruhe und Getriebensein sind am ausgeprägtesten bei denen, die ihre Kinder im Pfarrhaus haben zurücklassen müssen.

○ Die eigentliche Orientierungslosigkeit sitzt tiefer. Neben dem Gotteshaus ist das Pfarrhaus als Haus der Kirche für irdische Nöte zu einem Markenzeichen der evangelischen Kirche geworden. Pfarrfrauen haben es zu dem gastfreundlichen Ort gemacht, an dem eigene Wünsche zurücktreten, damit andere sich wohlfühlen. Das neue Scheidungsrecht bringt es an den Tag: Auch dieses Haus der Kirche ist nur Haus des Mannes, das Frauen mit ihren eigenen Vorstellungen von einem Zuhause kein Wohnrecht einräumt. Die Erkenntnis, daß sie nur Pfarrhauhaltnerinnen waren ohne Arbeitnehmerrechte und willkürlich kündbar, erschüttert betroffene Pastorenfrauen in ihrer Identität, macht sie für lange Zeit unfähig, das äußere Chaos bei Trennung und Scheidung zu ordnen. Sie können nicht mehr verdrängen, daß die Frau eines Pastors nur im Wohlwollen des Ehemanns ein Bleibensrecht hat und daß der Mitdienst ihrer Ehe nicht dient.

Zwölf Jahre nach Einführung des neuen Scheidungsrechts und acht Jahre nach Gründung der ersten Selbsthilfeinitiative geschiedener Pastorenfrauen hat die Evangelische Kirche in Deutschland (EKD) im Juni 1990 eine Rah-

menrichtlinie herausgegeben mit dem Titel »Hilfen für geschiedene Frauen von Pfarrern«. Nötig wurden sie aus drei Gründen:

○ Die Zahl der Pastorenscheidungen hat stetig zugenommen, sie unterscheidet sich kaum noch vom gesellschaftlichen Umfeld. Ein Abflauen ist nicht in Sicht.

○ Daraus ergibt sich ein Glaubwürdigkeitsproblem in der Öffentlichkeit. Die geforderte Vorbildfunktion von Pastoren wird dabei nicht durch geschiedene Pastoren in Frage gestellt. Wenn sie wiederverheiratet sind und die Kinder behalten, gelten sie sogar als leidgeprüfte Menschen mit seelsorgerlichen Qualitäten. Das Ärgernis sind die geschiedenen Pastorenfrauen. Gestärkt durch EKD-weite Initiativen haben sie ihre Scham überwunden, werden öffentlich um Verständnis für ihre Situation und fordern Rechte, von denen niemand vermutet, daß sie keine Selbstverständlichkeit sein könnten.

○ Die Landeskirchen gehen mit der Problematik unterschiedlich um. Eine Vereinheitlichung könnte sinnvoll sein. Die Pfarrfrauendienste haben stets auf frauenfreundliche Lösungsansätze, wie sie besonders in Württemberg praktiziert werden, hingewiesen. Doch die EKD will alle Landeskirchen restriktiv auf strikte Einzelfallprüfung festlegen. Rechtsansprüche oder generelle Regelungen, die zu Rechtsveränderungen führen könnten, sollen tabu sein. Aus der Sicht betroffener Frauen ist das ein Rückschritt.

Betroffene können nicht erkennen, daß und welche Hilfen ihnen mit dieser Rahmenrichtlinie angeboten werden sollen. Hilfe wird hier nicht verstanden im Sinne von Güte und christlicher Fürsorge. Der Begriff wird gebraucht aus einem Bedürfnis amtskirchlicher Rechtfertigung und Ausgrenzung derer, die hier in Not sind.

Dies wird besonders deutlich, wenn Betroffene eine Überbrückung brauchen, weil der Unterhalt ausbleibt. Sie müssen im Kirchenamt ihre Mittellosigkeit nachweisen, können das aber nicht, ohne den Pastor zu diffamieren. Neben dem kostenträchtigen Rechts-

Seite 12 / Süddeutsche Zeitung Nr. 233

In Brasilien grassiert das Sektenfieber

Der Tanz um den goldenen Klingel

Wunderheiler, Teufelsaustreiber und falsche Priester versprechen den Armen und Hoffnungslosen das Heil auf Erden

Von Volker Skierka

Rio de Janeiro, im Oktober – Die Besucher können eine gewisse Überraschung nicht verhehlen, als der dickbäuchige Herr in den schmutzigen Hosen und dem zu engen, mit Speiseresten bekleckerten gelben Poloheft mit dem verschlagenen Blick eines Kleinganovens seinen Namen offenbart: »Senhor Divino« – was wörtlich übersetzt »der Göttliche« heißt. Divino Gomes da Silva, wie laut Personalausweis sein voller Name lautet, ist 58 Jahre alt und hat Hände wie Bagerschäufeln. Er sei, sagt er, bis vor sieben Jahren Baukolonnenführer gewesen, ehe er – nomen est omen – seine wirkliche Berufung erkannt haben will. Seither nennt er sich Pastor und ist einem abgegriffenen, offiziell aussehenden Dokument zufolge berechtigt, »das Evangelium zu predigen, die heiligen Sakramente zu

erteilen, Spenden und Geschenke entgegenzunehmen«. Er ist bei der »Internationalen Kirche von der Gnade Gottes« angestellt und dort vor allem für das Eintreiben des »Zehnten« vom Bruttoarbeitslohn der Gemeindemitglieder zuständig. Seine »Kunden« zählen meist zu den Ärmsten der Gesellschaft.

»Senhor Divino« raunt den fremden Besuchern zu: »Kommen Sie am Abend in die Kirche. Heute morgen hatten wir ein Wunder, heute mittag gab's ein Wunder, und heute abend wird auch ein Wunder geschehen.« Warum auch nicht? Wir sind in Brasilien und in Brasilien haben Wunder derzeit täglich in tausenden von »Kirchen« protestantischer Sekten und Glaubensgemeinschaften vollbracht. Blinde, Lahme, Taube, Krüppel und Verrückte müssen keine mühseligen Wallfahrten unternehmen und in wundertätigem Wasser baden, um Heilung zu finden. Sie brauchen nur in eine der vielen Tausend »Igrejas«, der Kirchen, zu gehen, die zwischen die Hütten der elenden Favelas gequetscht wurden. Dort versucht man, sich gegenseitig die Gläubigen abzugeben. In diesen Supermärkten des Glaubens geschehen Wunder am Fließband – wenn man dafür bezahlt. Brasilianische Presseberichte verraten, daß bisweilen stellunglose Schauspieler gegen Honorar und Stillschweigen verpflichtet werden,

den Wundern und Teufelsaustreibungen einrücksvoll auf die Sprünge zu helfen, wenn die Wunderkräfte des Predigers etwas erschöpft sind.

Scharenweise laufen nicht nur die Armen, Ungebildeten und Hoffnungslosen, sondern zunehmend auch Angehörige der mittleren und oberen Schichten von der katholischen Kirche zu den protestantischen Glaubensgemeinschaften über oder geben sich afro-brasilianischen, spiritistischen Kulte hin, weil, wie ihnen scheint, dort mehr fürs Seelenheil geboten wird. Wenn Papst Johannes Paul II. vom 12. bis 21. Oktober dem – nach der Zahl der katholisch Getauften – größten katholischen Land der Erde seinen nunmehr zweiten Besuch abstattet, wird er seine Kirche in ihrer bisher wohl schwersten Krise vorfinden. Weder die marxistisch beeinflusste Theologie der Befreiung, die

sogenannte Kirche der Armen mit ihrer basisdemokratischen Missionsarbeit, noch die vom derzeitigen Papst und dem Vorsitzenden der römischen Glaubenskongregation, Kardinal Ratzinger, konsequent verfolgte Rückwendung zu den konservativen Glaubensstraditionen der römischen Amtskirche haben den Aderlaß aufhalten können. Im Jahre 1980 bekannten sich in Brasilien 82 Prozent der Bevölkerung zum Katholizismus. Heute sind es nur noch 76,2 Prozent. sagte im Februar der Präsident der katholischen Bischofskonferenz CNBB, Erzbischof Luciano Almeida, auf dem IV. Lateinamerikanischen Missionskongreß in der peruanischen Hauptstadt Lima.

Der zum konservativen Kirchenflügel zählende Bischof Kloppenburg aus der im südlichen Brasilien gelegenen Diözese Novo Hamburgo zeigte im Juli auf einer Brasilien-Tagung der Konrad-Adenauer-Stiftung in Bonn auf, daß bei steigenden Bevölkerungszahlen der Anteil der katholischen Gemeinden seit 1940 kontinuierlich abnahm. Damals waren noch 95 Prozent der Brasilianer katholisch. Das bedeutet eine Abnahme um ein Fünftel in einem halben Jahrhundert. »Bei einer Gesamtbevölkerungszahl von 150 Millionen Menschen in Brasilien«, erklärte Kloppenburg, »läge demnach der Anteil der nicht-katholischen Bevölkerung mittlerweile bei 35,7 Millionen. Wenn diese

Entwicklung andauert, müssen wir fürchten, daß der katholische Bevölkerungsteil bis zum Ende dieses Jahrtausends auf 65 Prozent absinkt. Brasilien hätte damit aufgehört, eine katholische Nation zu sein.«

»Weiche Teufel, im Namen Gottes weiche«, schreit Divinos Chef, »Pastor« Valmir, pausenlos ins Mikrofon. Ehrfürchtig hockt die Gläubigengemeinde in einem alten Keller-Kino und starrt gebannt auf das Schauspiel des eiteln, modisch gekleideten Scharlatans. Der läßt fast anderthalb Stunden lang, mal eindringlich-leise, mal ins Mikrofon brüllend, ein »heiliges« Stakkato auf die überwiegend schwarzen Frauen niederprasseln. Zentrales Thema ist der Kampf gegen die Dämonen, die verantwortlich gemacht werden für Krankheiten und andere Mißgeschicke des Lebens:

Die Show nähert sich dem Höhepunkt, als alle Anwesenden mit einem Fingerzeig ihre Gebrechen andeuten und vortreten müssen. Eine Frau mittleren Alters mit Kopf- und Halsleiden springt und hopst, mit keifender Stimme angefeuert von einem zahnlosen dünnen Weib, das die Kranke an den Armen packt und sie schüttelt, bis sie mit ungelinkten, eckigen Bewegungen in eine scheinbare Ekstase verfällt. »Weiche, Satan, weiche«, schreit der Priester und siehe da: Plötzlich hebt die Frau die Arme, macht ein erschrecktes Gesicht, sie springt auf der Stelle, schüttelt sich wirt – und der Dämon scheint sich davonzumachen. Der Teufelsaustreiber schlägt zornig mit der Faust auf sein Pult, dreht die Augen zum Himmel und ruft: »Seht Ihr, der Teufel ist von ihr gewichen.« Das also war das Wunder. Selbstverständlich hat die solchermaßen Kurierte keine Schmerzen mehr. Und während sie sich kurz darauf bereits wieder gelassen die Haare ordnet, dreht Senhor Divino mit dem Klingelbeutel eine Runde.

Es ist der Zulauf zu den Kirchen- und Glaubensgemeinschaften, der die katholische Kirche beunruhigt; und es ist die Zahl derer, die in die Gottesdienste strömen und ihren Glauben praktizieren. Darin sind die rund 40 bekannten protestantischen Sekten, Kirchen und Glaubensgemeinschaften sowie die Spiritisten

REISER'S Laub-Spezialisten

Verantwortlich für diese Ausgabe:

Jac Coenen ofm

Die BÜRO-SENSATION: Büromaschinen u. preiswerte Büromöbel sofort aus einer Hand!

Frohe Botschaft im Fußballstadion

Lateinamerika erlebt eine spirituelle Revolution:

Der katholischen Kirche laufen die Gläubigen weg – in die

Arme der Evangelikalen / Von Carl D. Goerdeler

Rio de Janeiro

1 Halleluja! Halleluja! brüllt und kreischt es
5 unter dem Wellblechdach. Barbara Ab-
réu dos Santos, alleinstehende Mutter
von fünf Kindern und dunkelhäutig wie alle aus
der Favela Guadalupe, reißt ihre Arme empor.
Die Tränen fließen ihr über die Wangen, dann
sackt sie zusammen und wimmert. Der Gottes-
dienst in der Garage geht seinem Ende entgegen.
10 „Jesus Christus hat mich erhört. Er hat mein
Leben verändert. Seit ich zu ihm gefunden habe,
geht es mir besser. Dieses Haus habe ich ihm zu
verdanken“, behauptet Barbara und deutet auf
das durchgesessene Sofa, den Fernsehapparat
15 und den Herd in ihrem Verschlag aus Brettern
und Pappkarton. Barbara Abréu dos Santos ist
eine *crente*. So nennt man in Brasilien die „Bibel-
gläubigen“. Dreimal in
der Woche folgt sie dem
20 Ruf der „Versammlung
Gottes“, so wie Millionen
Menschen in Lateiname-
rika, die sich den „evan-
gelikalen“ Pfingstkirchen
und Erweckungsbewe-
gungen anschließen.

Die Armen Lateinamerikas
wollen endlich ihren
Wohlstand vermehren –
nicht ihre Familien

25 Doch bezeichnen sich
die meisten Lateinamerikaner als katholisch.
Aber die Anhänger der vielfältigen protestanti-
schen Kirchen und Sekten sind heute schon zahl-
reicher als die Katholiken, die regelmäßig zur
30 Messe gehen. Zusammen haben die evangelika-
len Glaubensgemeinschaften mehr Mitglieder als
irgendeine andere Massenorganisation auf dem
Kontinent: Vor zwanzig Jahren waren die Nicht-
katholischen nur eine winzige Minderheit – heute
35 zählen sie mehr als fünfzig Millionen in Latein-
amerika. Wenn die Sekten weiter so wachsen,
dann werden in wenigen Jahren in Brasilien, El
Salvador, Puerto Rico und Guatemala und selbst
40 in Chile die meisten Christen nicht mehr katholi-
schen Glaubens sein.

Ist der „Katholische Kontinent“, den der Papst
Johannes Paul II. im Februar erneut besucht hat,
also schon ein potemkinsches Dorf? „Die Bot-
schaft wird nicht mehr vernommen“, klagt Dom
45 Aloisio Lorscheider, Bischof von Fortaleza. Al-
lein in Brasilien verliert die katholische Kirche
jedes Jahr 600 000 Seelen. Im Jahr 1990 sind in
ganz Lateinamerika drei Millionen Katholiken zu
den Sekten konvertiert.

50 Die Neue Welt war einst mit Kreuz und
Schwert erobert worden. Katholische Kirche und
Staatsmacht marschierten Hand in Hand. Nach
der gegen Spanien und Portugal erfochtenen Un-
abhängigkeit trennten sich zwar Kirche und Staat
55 – aber der Katholizismus blieb die inoffizielle,
mancherorts sogar die anerkannte Staatsreligion.
Die argentinische Verfassung schreibt beispiels-
weise noch immer vor, daß der Staatschef rö-
misch-katholisch getauft sein muß. So gut wie
60 alle lateinamerikanischen Staaten sind durch

Konkordate dem Heiligen Stuhl verbunden. Zu-
sammen mit dem Militär galt die römische Kir-
che jahrhundertlang als die Säule der Nation.

Die Zeiten änderten sich mit der Lateinameri-
kanischen Bischofskonferenz von Medellín
(1968). Ihr Platz sei an der Seite der Armen und
Unterdrückten, verkündeten die Bischöfe – und
hoben damit die „Theologie der Befreiung“ aus
der Taufe. Aber sie blieb die Sache einer intel-
lektuellen Minderheit. Die Söhne der Ober-
schicht jedenfalls, die bis dahin die Priesterse-
minare besuchten, waren nicht bereit, in die Slums
und Favelas zu gehen, zu den Kranken und Sie-
chen, den Obdachlosen und Verlassenen. Aller-
dings wäre ohne den Einfluß der Befreiungstheo-
logie die demokratische Öffnung Lateinamerikas
in den achtziger Jahren nicht so schnell erfolgt.

Die Kirche hatte den De-
mokraten den Rücken
gestärkt. Nur: Die Demo-
kratie und die marktwirt-
schaftlichen Reformen
beseitigten weder die ma-
teriellen noch die spiritu-
ellen Nöte der Latein-
amerikaner. Die Amts-
kirche hat sich, auf Ge-

heiß des Vatikans, inzwischen längst wieder in
die Sakristei zurückgezogen. Die Bischöfe ver-
schließen, wie der Papst, ihre Augen weiterhin
vor dem größten Problem des Kontinents, dem
rapiden Bevölkerungswachstum; statt dessen pre-
digen sie den Kindersegen – ohne genug dafür zu
tun, die Kinder von der Straße zu holen. Die
95 progressiven Theologen aber, denen der Sozialis-
mus wenigstens eine menschliche Alternative
schien, stehen nun vor einem Scherbenhaufen.
Denn der Papst hat ausgerechnet vor seinem Be-
such in Lateinamerika das Ende der Befreiungs-
theologie verkündet: „Mit dem Fall des Kommunis-
mus ist auch die Theologie der Befreiung zu Ende“, behauptete der – und hat damit nicht nur
100 die „Option für die Armen“ zum Teufel ge-
schickt, sondern auch die jahrelangen Bemühun-
gen der römisch-katholischen Kirche, sich für so-
ziale Gerechtigkeit einzusetzen, zunichte gemacht.
„Solche Worte kommen den Mächtigen nur ge-
legen“, bedauert der ehemalige Franziskaner Leo-
nardo Boff, der nach jahrelangen Schikanen dem
Vatikan den Rücken gekehrt hat.

Die Befreiungstheologie ist tragisch gescheit-
tert: Die Armen strömen statt dessen den Predi-
gern im Sonntagsanzug zu, die ihnen Reichtum
durch harte Arbeit und ein spartanisches Leben
versprechen. Allein im Großraum der Stadt Rio
de Janeiro sprossen in den Jahren 1990 bis 1992
710 Kirchen und Gemeinden empor. Nur eine
davon war eine katholische Pfarrei. Der demago-
gische „Bischof“ Edir Macedo (zur Zeit abgängig
110 in Miami; in Brasilien laufen Ermittlungen gegen
ihn) und die Prediger der „Universalen Kirche
vom Königreich Gottes“ trommeln so viele An-

Mittwoch, 9. Oktober 1991

der Tasche zu ziehen und damit reich zu werden.“

Gemeint sind damit nicht unbedingt die alteingesessenen großen protestanti-
schen Missionskirchen wie die Anglika-
ner, die Lutheraner, die Reformierten,
Baptisten, Methodisten und Presbyteria-
ner, sondern vielmehr die sogenannten
Pfingstler, Charismatiker und pseudopro-
testantischen Gruppen. Das Strickmu-
ster, mit dem sie ihre Schäfchen einfan-
gen, ist einfach: Sie hämmern ihnen ein,
daß alle Armut vom Teufel und aller
Reichtum von Gott komme. So erklärt
sich, daß die Sektenprediger in ihren
Gebeten den Teufel anbrüllen, er solle
gefälligst auch aus den leeren Kühl-
schränken und Geldbeuteln verschwin-
den. Da die Verführer wissen, daß nicht
nur die Armut, sondern auch der Anal-
phabetismus in diesen Ländern eher
wächst als schwindet, wird ihre Gemeinde
mithin aus dem Teufelskreis von Armut
und mangelnder Bildung nie hinauskom-
men. Das wiederum sichert langfristig und
bequem die Existenz dieser Glaubensge-
meinschaften, die übrigens auch zuneh-
mend in Europa Fuß zu fassen versuchen.

Charismatischer Medienzar

Eine, die derzeit offenbar ihre Aktivitä-
ten in Spanien ausweiten möchte, ist die
„Universalkirche vom Gottesreich“ des
mit charismatischen Gaben gesegneten
ehemaligen Lotterieangestellten Edir Ma-
cedo. Die brasilianischen Steuerbehörden
veranschlagen die Einnahmen Macedos
und seiner Universalkirche auf mittlere-
weise 32 Millionen US-Dollar monatlich.
Er besitzt zahlreiche Firmen, darunter
eine Baufirma, eine Druckerei, mehr als
ein Dutzend Radiostationen und den neu-
lich für angeblich 45 Millionen Dollar er-
worbenen Fernsehsender „Record“. Vor
allem über seine Medien hält er seine
auch in den USA aktive Gemeinde zu-
sammen. Obwohl gegen ihn bereits meh-
rere Verfahren wegen des Verdachts der
Scharlatanerie, der Steuerhinterziehung,
des illegalen Geldtransfers in die Verei-
nigten Staaten und der Geldwäsche aus
dem Rauschgifthandel laufen, scheint er
ungebrochenen Zulauf zu haben.

Wenn der Papst sich am 12. Oktober
zum Auftakt seiner Reise in Natal im
Nordosten in Reflektionen über „500 Jah-
re Evangelisation in Amerika“ ergehen
wird, will Macedo parallel dazu mit einer
Gegenveranstaltung seiner Universalkir-
che das Maracana-Fußballstadion in Rio
de Janeiro füllen, welches 150 000 Men-
schen faßt. Was kein Fußballverein mehr
schafft, ist ihm bereits zweimal gelungen.
So sehr leisten ihm die Menschen Gefolgs-
chaft, daß er es sich erlauben konnte,
Hunderte und Tausende von Brillenträ-
gern dazu zu bringen, ihm in dem Glau-
ben, er könne mit einem Machtwort auch
Augenleiden kurieren, ihre Brillen abzu-
liefern, bis ein großer Haufen auf der
Bühne lag. Mit den Worten, die würden
sie fortan nicht mehr benötigen, zertrat
und zertrampelte er daraufhin die Gläser
unter lautem Knirschen.

Ganz Lateinamerika, insbesondere
aber Zentralamerika, ist inzwischen vom
Sektenfieber erfaßt. Brasilien ist dabei
das hervorstechendste Beispiel für die
Krisen-Entwicklung innerhalb der römi-
schen Weltkirche. Unterdessen sucht die
se ihr Seelenheil in einer radikalen Absa-
ge an die Befreiungstheologie und einer
Reetablierung der konservativen Werte
und Riten. Wo immer es geht, werden
Vertreter der traditionellen Amtskirche in
Schlüsselpositionen berufen. Parallel
dazu versucht die katholische Kirche nun,
die lange im Hintergrund gehaltene so-
genannte „Charismatische Bewegung“ ver-
stärkt ins Spiel zu bringen. Diese ist eine
Art Gegenpol zur Kirche der Befreiung
und eine katholische Ausgabe der pro-
testantischen Wundersekten.

Unterdessen sahten und sahten die
Sektenführer weiter ab: Als nach voll-
brachtem Wunder Senhor Divino und sein
vorgesehter Prediger den „Zehnten“ ein-
gesammelt und in zweiter Runde noch
einmal mit dem Klingelbeutel abge-
schöpft haben, wird die „Beute“ vor aller
Augen auf den Fußboden gehäuft. Der
Prediger, Senhor Divino und ein kreis-
schendes, sabbelndes Weib knien nieder
und stoßen wie beim Tanz um das goldene
Kalb ein minutenlanges, schrilles „Dank
sei dem Herrn“ ins Mikrofon.

den Katholiken weit voraus: Die katholi-
schen Kirchen bleiben leer, falls sich
aufgrund des Priestermangels ihre Pfor-
ten überhaupt einmal in der Woche öff-
nen, während die „Gotteshäuser“ und
Kultstätten der anderen gut besucht, voll
oder gar überlaufen sind. Die protestan-
tischen Glaubensgemeinschaften bieten
sogar meist mehrere Gottesdienste pro
Tag an. Und während bei der katholischen
Kirche mittlerweile ein Priester für rund
35 000 Seelen zuständig ist und in ländli-
chen Regionen ihre Sprengel so groß sind,
daß eine Betreuung gar nicht mehr möglich
ist, gibt es bei der Konkurrenz eine Predi-
gerschwemme.

„Unsere Kirche hat das Volk verlassen“,
sagt bitter Pater Luis, der als Anhänger
der Befreiungstheologie ein Armenviertel
in Nova Iguaçu, einer elenden Millionen-
Vorstadt vor den Toren von Rio de Janei-
ro, betreut. „Die Menschen finden bei uns
keine emotionale Ansprache mehr. Im-
mer mehr strömen vom Land in die Stadt.
Aus ihrem früheren sozialen Zusammen-
hang gerissen und in Hoffnungslosigkeit
verfallen, finden sie in der katholischen
Kirche keinen Ansprechpartner mehr, der
sich um sie kümmert, weil wir nicht
präsent genug sind. Die Menschen leben
in einer so tiefen Verlassenheit, daß sie,
wenn einer kommt und ihnen Hoffnung,
Heilung von Krankheiten und Wunder
verspricht, ihm nachlaufen.“ Sie werden
nach den Worten des Vorgesetzten von
Pater Luis, dem Bischof von Nova Iguaçu,
Adriano Hipolito, „Opfer von religiösen
Hochstaplern und Gaunern, die sich als
Religionsgründer“ betätigen. „Das einzige
Wunder, das die Sektensprediger wirklich
zustandebekommen, ist“, nach den Wor-
ten von Helio Luz, einem der Polizeichefs
von Rio, „den Menschen, die überhaupt
nichts mehr haben, immer noch Geld aus

hänger zusammen, daß sie das weltgrößte Fußballstadion Maracana füllen.

Die „Universalkirche“ hat mittlerweile 3,5 Millionen Anhänger in 34 Ländern; aber zur größten aller evangelikalen Gruppen, der „Versammlung Gottes“, zählen in Brasilien allein mehr als 8 Millionen Gläubige. Die ökonomische Macht dieser neuprotestantischen Kirchen (die „alten“ Lutheraner und Presbyterianer fristen nur ein kümmerliches Dasein) läßt sich kaum präzise schätzen. Auf Geld aus dem Ausland jedenfalls sind die Evangelikalen, anders als der katholische Klerus, nicht angewiesen – ihnen gehören Radiostationen, Fernsehsender, Verlage, Banken und Immobilien.

Zeitweise hatte man in Washington und in der CIA den protestantischen Sekten eine besondere strategische Rolle im Kalten Krieg gegen die Kommunisten zugeordnet. Schon Teddy Roosevelt schimpfte über das laxer Arbeitsethos der lateinamerikanischen Katholiken. Doch welchen politischen Einfluß hat die neuprotestantische Kirche in Lateinamerika?

Unter den Militärdiktaturen haben die Sekten oft eine „staatstragende“ Rolle gespielt. In Chile standen sie auf Seiten Pinochets, in Guatemala stellten sie mit General Efraín Ríos Montt und Jorge Serrano Elias zwei antikommunistische Caudillos, in Peru setzt der Autokrat Alberto Fujimori auf die evangelikale Karte. In Paraguay bandelte der Diktator Alfredo Stroessner mit den Evangelikalen (und den Mennoniten) an – und Kubas Fidel Castro ließ sich von den Protestanten jahrelang hofieren. Die brasilianischen Mili-

tärs tolerierten die Evangelikalen, den aufmüpfigen Katholiken begegneten sie dagegen mit Argwohn und bisweilen mit Repression.

Heute konkurrieren die evangelikalen Kirchenführer mit dem katholischen Klerus um Geld und politischen Einfluß. In Brasiliens Kongreß bilden bibelgläubige Abgeordnete bereits einen parteiübergreifenden Block, mit dem die Regierung rechnen muß.

Eine klare gesellschaftspolitische Position beziehen die Armenkirchen jedoch nicht. Sie sind dafür viel zu diffus und organisatorisch zersplittert; sie propagieren auch kein theologisches Staatskonzept wie etwa die islamischen Fundamentalisten. Die Stärke und Anziehungskraft der neuprotestantischen Glaubensgemeinschaften liegen vielmehr darin, daß sie an Bedürfnisse der Armen appellieren, welche von den traditionellen Kirchen nicht wahrgenommen wurden.

ARBEITSAUFTRÄGE

Untersuchen Sie anhand des Artikels Bedeutung, Gemeinsamkeiten und Unterschiede der katholischen Kirche und der neuen evangelischen Sekten in Lateinamerika. Beachten Sie dabei die Gesichtspunkte: theologische Merkmale, Anhängerschaft (Zahl, sozialer Status), Verbreitung und politische Funktion.

(Tip: Fertigen Sie für den Vergleich eine Tabelle an!)

Rubem César Fernandes, ein Forscher des Instituts für religiöse Studien (ISER), erklärt die spirituelle Kraft der Evangelikalen so: „Eine Grundaussage des Protestantismus ist, daß Wandel zum Besseren möglich und nötig sei, und daß auch der Mensch sich ändern könne. Das ist eine Botschaft der Moderne.“ Otávio Velho, ein Kollege, stimmt dem zu: „Der Evangelikale glaubt an den sozialen Aufstieg durch ehrliche Arbeit.“ Arbeit, Enthaltsamkeit, Sparsamkeit – die alte protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus kommen in den Bretterverschlägen der Favela-Kirchen immer wieder zu Ehren. Der traditionelle Katholizismus hatte den Traum vom irdischen Glück ins Himmelreich abgeschoben, die

Befreiungstheologen haben ihn auf die Revolution verschoben. „Das Versprechen des Wohlstands ist sicher ein ganz materieller Antrieb für viele Anhänger der Kirchen“, meint Jaime Wright, ein Presbyterianer aus Rio. Das nordamerikanische Magazin *Forbes*, mehr dem Geld als dem Geist verpflichtet, begrüßt mit Hosianna voreilig die Evangelikalen als eine antimarxistische, prokapitalistische Massenbewegung im „Hinterhof“ der Vereinigten Staaten.

In den Menschenscharen, die zu den Predigern strömen, dominiert allerdings nicht der Typus des profitgierigen Jungunternehmers; es sind vielmehr die wirklich Geschundenen, die von Krankheiten, Drogen und Not Gezeichneten, die sich von der katholischen Kirche abwenden. Oft sind es die von Männern verlassenen Ehefrauen und Mütter, die diesen Weg antreten. Und unter diesen Frauen befinden sich viele, die Familienplanung nicht für das Werk des Teufels halten. Nachbarschaftshilfe, Krankenpflege und Vermittlung von Arbeit nehmen nicht wenige Gemeinden in die eigene Hand – ohne daß darüber große Worte gemacht werden. In einer von Drogendealern beherrschten Favela ist die Pfingstkirche oft der einzige Rettungsanker.

Barbara Abréu dos Santos aus der Favela Guadalupe weiß nicht mal, wie der Papst heißt. Sie hält sich an ihre zerfledderte Bibel, deren magische Schrift sie Buchstabe für Buchstabe mühsam entziffert. Aber sie ist nicht mehr allein, sie gehört jetzt zur Gemeinde der Gläubigen. Und das gibt ihr neuen Halt, auch ohne den Segen aus Rom.

aus: DIE ZEIT Nr. 9
19m 23.2.1996, S. 15

Renasce no Recife a primeira sinagoga das Américas

62

A breve ocupação holandesa de Pernambuco, entre 1630 e 1654, foi um hiato de tolerância religiosa num continente marcado pela imposição, à força, do catolicismo e pela severa vigilância da Inquisição.

Maurício de Nassau, que representava, na região, os esclarecidos despotas dos Países Baixos viu, sob seu domínio, florescerem templos de vários credos, dos quais talvez o mais notável tenha sido a Sinagoga Tzur Israel (“Rochedo de Israel”), a primeira das Américas.

Seus fundadores eram os descendentes daqueles judeus portugueses que, quando dos éditos de expulsão dos judeus da Península Ibérica, tinham ido buscar abrigo nos Países Baixos — onde continuaram a falar português.

Com a tomada do nordeste açucareiro pelos holandeses, eles, de refugiados, rapidamente se transformaram em instrumentos-chave na manutenção do domínio político e econômico de Nassau. Além da habilidade ao negociar e da lealdade à coroa holandesa, eles conheciam bem o idioma das novas terras de Holanda na América e foram, por isso, essenciais para mediar as relações entre os cidadãos locais e os representantes dos novos soberanos.

Prosperaram, assim, rapidamente e em 1636 a Sinagoga Tzur Israel foi erigida em Recife, sob o comando de um rabino de origem portuguesa trazido especialmente de Amsterdã.

A rua onde foi construído o edifício — nos altos de uma próspera casa de comércio — passou a chamar-se Rua dos Judeus, evidenciando a tolerância religiosa dos novos soberanos. A nova liberdade também levou muitos dos cristãos-novos (judeus convertidos ao catolicismo por imposição da Inquisição) — que ali residiam antes da chegada dos holandeses e praticavam secretamente os rituais judaicos — a assumirem em público sua verdadeira religião.

Hoje, a Rua dos Judeus, localizada no bairro do Recife Antigo, faz parte de um grande projeto de restauração do bairro (veja quadro). Encontrar o local exato da sinagoga demandou um grande trabalho de pesquisadores, coordenado pelo historiador José Antônio Gonçalves de Mello. Diversas plantas das ruas tiveram que ser verificadas, pois as fachadas das casas foram modificadas ao longo do tempo, principalmente no século XIX. O trabalho deu resultados. Contudo, hoje, quem quiser visitar o local deve ter paciência para encontrar uma pequena placa comemorativa na fachada do prédio da antiga Sinagoga, primeira das Américas.

O local deve seguir os passos do bairro do Recife Antigo e ser restaurado. O Banco Safra, em conjunto com a prefeitura e a comunidade judaica, quer fazer da Sinagoga um

centro de memória com exposições sobre os judeus no Recife colonial holandês. O projeto deve custar em torno de R\$ 1 milhão. Dentre os documentos expostos deverão estar as listas das famílias judias que vieram da Europa para o Brasil e as histórias de perseguições aos cristãos-novos — especialmente aqueles que, com a derrota dos holandeses e a retomada portuguesa de Pernambuco, ficaram no Recife e foram denunciados por terem participado, abertamente, dos cultos na Rua dos Judeus. “Recuperar esta tradição é muito importante para

Recife. A herança holandesa é uma das marcas mais fortes do passado colonial brasileiro”, diz o historiador José Antônio Gonçalves de Mello, de 80 anos.

A Sinagoga, quando for reformada, vai servir de centro para os estudos da sociedade religiosamente tolerante que se criou sob o domínio holandês, e onde protestantes, católicos e judeus conviviam em paz. “Como entender as transformações decorridas depois desse período de liberdade religiosa? A equipe de pesquisadores que vai trabalhar na casa tentará recuperar o passado analisando documentos, mapas e a iconografia do período”, diz Gonçalves de Mello. O historiador sabe do que está falando. No final dos anos 80, escreveu “Gente da Nação”, livro que aborda o passado judaico de Recife em 546 páginas.

Para a empreitada intelectual foram consultados os mais de 60 mil documentos relativos ao período, guardados no Arquivo Municipal da Prefeitura de Amsterdã, e que agora se encontram no Instituto de Ciências do Homem de Recife e farão parte do acervo da Sinagoga.

Gonsalves de Mello analisa o período com sobriedade. “O capitalismo comercial faturava alto com um comércio triangular entre o açúcar brasileiro, os escravos africanos e os países europeus. A conquista holandesa esteve pautada no valor do açúcar no mercado internacional”, diz. Chamado de ouro branco em pó, a especiaria também foi o motivo de brigas entre judeus e holandeses. Como a maioria do comerciantes da comunidade judaica falava português, possuíam uma enorme vantagem nas negociações com os comerciantes e fazendeiros brasileiros. A rivalidade entre holandeses e judeus não tardou a virar reclamação para as autoridades holandesas.

“Os pedidos foram enviados em diversas formas: cartas de notários, relatório de pequenos burocratas e reclamações dos próprios homens de negócios”, explica Mello.

O acervo que será reunido na Sinagoga incluirá uma série de documentos importantes, como os Cadernos do Promotor, do cartório da Inquisição de Lisboa. Ai estão registrados depoimentos prestados às autoridades eclesiásticas por denunciantes, que mencionam “o bairro dos observantes da lei de Moisés”. Em 1642, um denunciante em Lisboa dizia que os judeus ajuntavam-se “três vezes ao dia na esnoga (Sinagoga) que tinham na entrada de Arrecife à mão direita, da banda de dentro, andando vestidos como judeus e guardando os sábados, pois nele

fechavam as tendas”. “O cotidiano do mundo holandês em Recife pode ser aferido neste depoimento”, diz o historiador. Essas três vezes ao dia eram, usualmente, a manhã, às três da tarde e ao pôr do sol. A referência de andarem vestidos como judeus é significativa pois a roupa era um sinal de distinção entre classes e profissões na época. Em 1648, outro depoente conta a respeito das roupas que: “em uma festa de

Recife
8/98

Cíelo do Congado invade Divinópolis (MG)

FdSP 3.8.98

Durante este mês, Divinópolis (a 110 km de Belo Horizonte), em Minas Gerais, é cenário do Congado, ciclo de festas que homenageia Nossa Senhora do Rosário, protetora dos negros. Cultua-se também a não-canônica princesa Isabel, que aboliu a escravidão no Brasil, e outros santos católicos.

Durante a festa, todos os congadeiros levam a tiracolo um rosário de contas de lágrimas de Nossa Senhora do Rosário. A sacra devoção é manifestada por um ritual composto de rezas, cantos, danças e gestos dramáticos. Tudo é praticado nas igrejas, nos seus adros ou levados em cortejos e evoluções coreográficas pelas ruas e praças.

Missas congas têm rito católico

No programa das comemorações do ciclo do Rosário, tornou-se obrigatória a missa conga, com a participação das diversas guardas e do Estado da Coroa, com seus cantos, danças e rezas.

A celebração da missa conga, que tem aprovação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos

sua Lei andavam com uns panos brancos na cabeça berrando como bodes”. O preconceito dos católicos, acostumados a denunciar os atos judaizantes de seus vizinhos para a Inquisição, aparece claramente.

O pano branco, referido no depoimento e usado sobre os chapéus, era chamado talé, feito de algodão branco, com fios postiços de lã nas quatro pontas. Várias gravuras dos séculos XVII e XVIII mostram essa prática no Recife. A iconografia é uma parte importante do projeto, já que os holandeses são os responsáveis pelo melhor retrato do Brasil na época. “O que eles retrataram em pouco mais de vinte anos, os portugueses não fizeram em séculos de colonização”, conta o historiador.

Esta passagem dos judeus por Recife, no século XVII, deixou também uma herança literária: Recife foi o berço dos primeiros textos literários em hebraico do continente americano, com os poemas e orações dos “Hahamim” (em hebraico, sábios, termo com que eram designados os eruditos) Isaac Aboab e Moisés Rafael de Aguiar. O historiador norte-americano Geoffrey Parker diz que os primeiros livros judaicos do continente foram impressos em Recife em 1636.

Com o fim da ocupação holandesa, em 1654, os judeus que eram cidadãos holandeses fugiram pois sabiam que seriam denunciados e implacavelmente perseguidos pelos portugueses.

O Congado é constituído de vários grupos — com variado número de pessoas — chamados de “guardas”, “ternos”, “cortes”, “companhias”, “bandas” ou “batalhões”, cada um com seu uniforme, sua história, suas lendas e características próprias.

De acordo com o folclorista Saul Martins, presidente de honra da Comissão Mineira de Folclore, cada guarda possui vestuário e coreografia próprios e tem função bem definida no Congado.

Há guardas com 12, 30, 40 ou mais integrantes, além do bandeirero, que leva à frente a bandeira e carrega uma sacola para recolher as esmolas dos fiéis, todos comandados por um ou mais capitães.

do Brasil), obedece aos cânones da Igreja Católica e começou no final da década de 60, a partir de pesquisas do folclorista Romeu Sabará, que constatou semelhanças entre o ritual da missa católica e o dos congadeiros.

FdSP 3.8.98

Für den geplanten Gipfel haben die Rektoren schon deutlich gemacht: Sie kommen nur, wenn der Bundeskanzler mit ihnen auch über Geld sprechen wird. Die Strukturreformen selbst seien allein Sache der Länder, der Universitäten und der Fachhochschulen.

Weder die Krise, in der sich der deutsche Hochschulbetrieb befindet, noch die Dringlichkeit einer umfassenden Reform werden von irgendeiner Seite bestritten. Und es herrscht auch – zumindest was die Grundzüge betrifft – große Übereinstim-

mung bei den Reformvorstellungen; ebenso in der grundsätzlichen Bekräftigung durch alle genannten Gremien, die Hochschulen prinzipiell für alle, die studieren wollen und dazu in der Lage sind, auch weiterhin offenzuhalten. Jedoch scheinen unter den derzeit gegebenen Umständen die Chancen gering zu sein, daß die geforderte Neugestaltung der deutschen Bildungslandschaft in dem gewünschten Maße unabhängig von finanzpolitischen Erwägungen stattfinden kann.

Alexander Foitzik

Ernstzunehmende Anfragen

Die katholische Kirche und die Sekten in Lateinamerika

Lateinamerika ist längst nicht mehr der geschlossen „katholische Kontinent“: In manchen Ländern gehört schon ein Viertel der Bevölkerung evangelikal-pfingstlerischen Gruppierungen und neuen religiösen Bewegungen verschiedenster Provenienz an. Die Sekten sind inzwischen stärker als früher in Gesellschaft und Kultur des Subkontinents verwurzelt; sie kommen den religiösen Bedürfnissen bestimmter Bevölkerungsschichten entgegen. Die katholischen Bischöfe haben sich bei ihrer Vollversammlung in Santo Domingo im Herbst letzten Jahres (vgl. HK, Dezember 1992, 562 ff.) der Herausforderung durch den zunehmenden Pluralismus in Lateinamerika zu stellen versucht.

„Das Problem der Sekten hat dramatische Ausmaße angenommen und ist vor allem wegen des wachsenden Proselytismus [der Sekten] wirklich besorgniserregend.“ Mit diesen Worten leiten die in Santo Domingo versammelten Bischöfe ihre Anmerkungen zur Problematik der fundamentalistischen Sekten in Lateinamerika ein (Kapitel 1.4.5., Nr. 139–146 der „Conclusiones“ der 4. Generalversammlung des lateinamerikanischen Episkopats in Santo Domingo, vom 12. bis 28. Oktober 1992). Diese Anmerkungen stehen im größeren Kontext der evangelisatorischen Aufgabe der Kirche, ihrer „Mission ad gentes“, ihrer ökumenischen Aufgabenstellung, ihres Dialogs mit nicht-christlichen Religionen, ihrer Auseinandersetzung mit Atheismus und religiösem Indifferentismus. Neben den fundamentalistischen Sekten werden in einem weiteren Abschnitt die „neuen religiösen Bewegungen“ oder „freien religiösen Bewegungen“ parachristlicher, esoterischer, philosophischer usw. Provenienz erwähnt (Kapitel 1.4.6., Nr. 147–152).

Bemerkenswert an der Aufnahme der „Herausforderung“ der fundamentalistischen Sekten und religiösen Bewegungen in das Abschlusdokument von Santo Domingo sind die Anfragen, die die Bischöfe aufgrund dieser vor allem in den letzten Jahren „explodierenden“ Entwicklung an das Gelingen ihrer eigenen Pastoral stellen. Noch in den 80er Jahren wurde der „Boom“, die „Lawine“ der Sekten als eine „Invasion“, ein „Angriff“ auf die katholische Kirche verstanden. Diese ging mit einer fast naiven Selbstverständlichkeit von ihrem religiö-

sen Monopol in Lateinamerika, dem „katholischen Kontinent“, aus, und dementsprechend wurde das Anwachsen der Sekten allein von außen, aus einer defensiven Perspektive, betrachtet. In Santo Domingo machen die Bischöfe darauf aufmerksam, daß hinter den Anfragen und „Herausforderungen“, die die Sekten und religiösen Bewegungen stellen, mehr steht als ein peripheres Problem: Auf dem Spiel stehen die von der katholischen Tradition geprägten und beanspruchten Ausdrucksformen und Symbole des Glaubens und ihre Koexistenz mit den religiösen Bedürfnissen vor allem der einfachen Bevölkerungsschichten auf dem Land und in den Randzonen der Metropolen, die besonders stark unter dem Umbruch, Aufbruch und Zerfall traditioneller Sozialstrukturen und -bindungen leiden. Das Aufkommen der religiösen Bewegungen wird als „Zeichen der Zeit“ interpretiert und als eine „Warnung“ an die Kirche angesichts ihrer fehlenden Präsenz in vielen Sektoren der Bevölkerung, was zu einem Nachdenken über ihre evangelisatorischen Aufgaben und die Neugestaltung ihrer Pastoral führen muß. (Concl. 147).

Es ist schwer, genaue statistische Angaben über die Anzahl der Sektenanhänger in Lateinamerika zu machen; alle unterschiedlichen Schätzungen, sei es auf Seiten der Kirchen oder auch der einzelnen Sekten und religiösen Bewegungen, kommen darin überein, daß das Anwachsen der Sekten seit Ende der 60er Jahre und vor allem in den letzten zehn Jahren ein Ausmaß angenommen hat, das den Konversionsprozeß in den Zeiten der Reformation im Europa des 16. Jahrhunderts bei

weitern übersteigt. Nach offiziellen Angaben von Erzbischof Obando y Bravo aus Nicaragua aus dem Jahre 1987 wenden sich jeden Tag 8000 Katholiken evangelikalen Bewegungen zu. Nach Schätzungen von Newsweek (Sept. 1986) sind es 10000 pro Tag; alle 60 Minuten „bekehren“ sich demnach 400 Katholiken. Von 4 Millionen Anhängern im Jahre 1967 ist die Zahl auf 30 Millionen im Jahr 1987 angestiegen.

Ein explosionsartiges Wachstum

Länderspezifisch ist der Sektenanteil und auch die Sozialform der jeweiligen Sekten aufgrund von Geschichte und Kultur, des je spezifischen sozialen und ökonomischen Entwicklungsprozesses unterschiedlich; Länder mit einem großen Anteil indigener Bevölkerung und einem ausgeprägten Agrarsektor sind besonders verletzlich für die Sektentätigkeit. Schwerpunkte bilden die Länder Zentralamerikas (Guatemala hat bereits einen Sektenanteil von bis zu 30 Prozent der 5 Mill. Einwohner, 14000 neue „Tempel“ wurden in den letzten Jahren errichtet), die Andenländer Bolivien und Ecuador (hier haben sich mittlerweile 400 Sekten niedergelassen und staatliche Anerkennung erhalten), sowie Brasilien. In Brasilien, so wird geschätzt, werden im Jahr 2000 40 Prozent der Bevölkerung den unterschiedlichsten Sekten angehören.

Gerade das wachsende Ausmaß der Sekten macht die Hilflosigkeit und Ideologieverhaftetheit im Umgang mit dem Phänomen der Sekten in den 70er Jahren deutlich: Wurde auf konservativer Seite das Anwachsen der Sekten der „Politisierung“ des Glaubens in der Theologie der Befreiung, seiner Auflösung in geschichtlich-revolutionäre Projekte der Basisgemeinden zugeschrieben, so sahen progressive Kreise in den Sekten ein politisch-ideologisches Instrument der „Neuen Rechten“ in den Vereinigten Staaten und mit ihr verbundener rechtsgerichteter Kreise in Politik und Kirche Lateinamerikas. Aber auch die vertieften Studien, die in den letzten Jahren erstellt worden sind, können bislang nur Spuren eines Phänomens aufzeigen, das in seiner Komplexität und seinem explosionsartigen Wachstum an die Wurzeln des Glaubens, der Religiosität der Bevölkerung greift.

In der religionssoziologischen Literatur der Gegenwart bezieht sich der Begriff der „Sekte“ sowohl auf Differenzierungsprozesse, die in einer religiösen Gemeinschaft ablaufen, als auch auf Transformationsprozesse der Profangesellschaft. Das Entstehen von Sekten hat religiöse und gesellschaftlich bedingte Wurzeln: soziologische, religionssoziologische, religionspsychologische und ekklesiologische Momente sind bei Analyse und Identifizierung der Sekten zu berücksichtigen. In einer Minimaldefinition kommt ihnen das Moment des Protestes zu – gegen jegliche Form von Erstarrung, Fixierung und Etablierung in Kirche und Gesellschaft. Fragmentierungs- und Differenzierungsprozesse, die in einer Gesellschaft ablaufen, wirken sich auch auf die sozialen Organisationsformen des Glaubens aus.

Auf diesem Hintergrund begleitet das Phänomen der Sekten die Gestalten der etablierten Großkirchen in der Moderne, vor allem im 20. Jahrhundert. Eine „Fraktionierung“ und „Fragmentierung“ des Christentums kann ausgemacht werden: Während es im Jahr 1900 1900 christliche Denominationen gab, ist die Zahl auf 22189 im Jahre 1985 angestiegen; davon finden sich bereits 3799 in Lateinamerika. Erst heute wird dieser Prozeß wahrgenommen als ein Moment der Krise, in die das Organisationsmodell der etablierten Kirchen geraten ist. Am stärksten von der „Sektarisierung“ betroffen ist die sogenannte Dritte Welt. Während sich die Gestalt der Kirche in den Ländern der Ersten Welt an ihrem Verhältnis zur saturierten, offenen und pluralen Gesellschaft entscheidet und gesellschaftliche Instabilität, ein Leiden an einer entmenslichenden Technik- und Informationsgesellschaft den „retour du sacré“ auslöst, trägt der strukturelle Wandel in den ursprünglich auf Agrarwirtschaft, traditionellen Werten und autoritärer paternalistischer bzw. feudalistischer Herrschaft beruhenden Gesellschaften der Dritten Welt zur Proliferation der Sekten bei.

Der Übergang zu einer modernen, urbanen Industriegesellschaft mit demokratischen Strukturen geht mit Armut, Marginalisierung einfacher Volksschichten, Zerstörung indigener Kulturen einher. Aus religionspsychologischer Hinsicht kann das Phänomen der zunehmenden Sektenbildung unter Marginalgruppen und indigenen Kulturen als eine „auto-affirmación religiosa“ der Völker der Dritten Welt bezeichnet werden (Franz Damen); in der Abspaltung von Christentum bzw. der „Konversion“ zu einer der zahlreichen evangelikalen Pfingstgruppen in Brasilien z.B. drückt sich der Protest gegen mißlungene Indigenisierungs- oder Inkulturationsprozesse in der Evangelisierung und Pastoral der katholischen Kirche aus sowie gleichzeitig das Bedürfnis, in neuen religiösen Gestalten die eigene geschichtlich-kulturelle Identität zu formen.

Der Begriff der Sekte wird heute in aller Offenheit und auch Undifferenziertheit verwendet und sowohl auf Gruppierungen bezogen, die ihre religiöse Quelle auf die jüdisch-christliche Tradition beziehen, sich jedoch aus den traditionellen Organisationsformen des jüdisch-christlichen Glaubens gelöst haben, als auch auf Gruppen nicht-christlicher Herkunft, die vielleicht noch über ein recht diffuses Jesusbild eine Sekundärbeziehung zum Christentum aufbauen.

Im 1986 veröffentlichten vatikanischen Dokument zur Problematik der Sekten („Progress Report on Sects or New religious Movements – Pastoral Challenge“), in Stellungnahmen einzelner Bischöfe bzw. Bischofskonferenzen in Lateinamerika wird der Begriff der Sekte auf die „evangelikalen“ – „evangelischen“, „protestantischen“ bzw. „fundamentalistischen“ – Gruppierungen bezogen, die sich von den protestantischen Kirchen europäischer oder nordamerikanischer Provenienz abgespalten haben. Alle übrigen Bewegungen nicht- und parchristlicher Herkunft werden – in Anlehnung an den in Puebla verwendeten Begriff – als „freie religiöse Bewegungen“ (DP 1102) bezeichnet. Die Bischöfe in Santo Domingo schließen sich diesem Gebrauch an.

Es fällt demgegenüber auf, daß in den wissenschaftlichen Studien, die in den letzten Jahren zum Phänomen der „Sekten“ angestellt wurden (wie z.B. am CISOC/Centro Bellarmino in Santiago de Chile von Renato Poblete und Carmen Galilea: „Movimiento pentecostal e Iglesia católica en medios populares“, 1984; „Sectas modernas y el contexto socio-religioso en Chile“, 1988; „El Pentecostal, Testimonio y experiencia de Dios“, 1990, der Begriff der Sekte auf die destruktiven Bewegungen, Jugendreligionen, auf parachristliche Gruppierungen esoterischer, gnostischer usw. Art und religiös-kommerzielle Unternehmen angewandt wird. Die der evangelikalen Pfingstbewegung erwachsenen Gruppierungen werden immer weniger mit dem Begriff der „Sekte“ bezeichnet (vgl. Florencio Galindo) – gerade wegen der negativen Konnotationen des Begriffs, die vor allem an einen exklusivistischen Anspruch hinsichtlich der Heilsmittlung denken lassen.

Viele dieser evangelikalen Gruppen haben an Volkskultur und Volksbewegungen anknüpfen können und werden als eine berechnete Alternative zu den bzw. Anfrage an die etablierten Kirchen empfunden, gerade weil sie – und genau dies ist ein Kriterium für die „Unterscheidung der Geister“ – im Dienst der Befreiung stehen und Identität und religiöses Wachsen fördern. Andererseits ist vielen der Lateinamerika überziehenden „neuen bzw. freien religiösen Bewegungen“ ein elitäres und exklusivistisches Moment eigen, das zum Realitätsverlust und zur Flucht aus der Gesellschaft führt, für die Mitglieder der Gruppe Freiheits- und Persönlichkeitsverlust bedeutet. Die notwendige ökumenische Zusammenarbeit mit den von den Bischöfen in Santo Domingo als „Sekten“ titulierten evangelikalen Gruppierungen gerade angesichts dieser destruktiven „religiösen Bewegungen“ könnte durch den hier mißverständlichen Gebrauch des Begriffs „Sekte“ beeinträchtigt werden.

Eine Entwicklung in drei Phasen

In der Geschichte der Sekten auf dem lateinamerikanischen Kontinent lassen sich – grob gezeichnet – drei Phasen ausmachen: zunächst das Ausbreiten einer fundamentalistischen Pfingstbewegung, die sich in ihrer Struktur an den nordamerikanischen Protestantismus anlehnt, dann ein Anwachsen der Sektentätigkeit in den 60er Jahren, zum einen mit stark konservativ-fundamentalistischen Zügen, ideologisch an die „Neue Rechte“ in den USA angelehnt, von dort auch finanziert, zum anderen aber auch mit inkulturierten Zügen, in der Bewegung des Volkes verankert, und schließlich in den letzten zehn Jahren ein Anwachsen nicht- oder parachristlicher Gruppierungen orientalischen und asiatischen Einflusses, der Jugendreligionen, kommerzieller religiöser Organisationen, „elektronischer Kirchen“ und autochthoner Sekten. Der Beginn der Geschichte der Sekten auf dem lateinamerikanischen Kontinent läßt sich auf das Ende des 19. Jahrhunderts datieren und stand in Verbindung mit den großen Ein-

wanderungswellen auf dem Kontinent sowie mit dem religiösen Sendungsbewußtsein und wachsenden politischen Expansionsdrang der Vereinigten Staaten. Im religiösen Sinn gefördert wurde dieses Sendungsbewußtsein durch die Ende des 19. Jahrhunderts entstehende evangelikale Pfingstbewegung, die aus der von puritanischen und pietistischen Elementen geprägten Missions- und Erweckungsbewegung des 18. Jahrhunderts hervorging und sich an die Theologie von John Wesley anlehnte. Die Pfingstbewegung hat antimodernistische Züge, setzt sich von liberalen Entwicklungen im Protestantismus wie der liberalen Theologie ab, läßt als einzige Autorität die Bibel gelten, vertritt die Lehre der Verbalinspiration sowie eine intensive Naherwartung; wesentliche Momente sind die individuelle Bekehrung und ein ausgeprägter Missionseifer. Der Evangelikalismus und die Pfingstgemeinden, die sich in den ersten 30 Jahren dieses Jahrhunderts in den meisten lateinamerikanischen Ländern ausbreiteten, trugen starke nordamerikanische Züge und waren von einem Wertkonservatismus geprägt. Es entstanden daneben jedoch auch, und das ist gerade für die Komplexität des Phänomens der Pfingstbewegung der Gegenwart entscheidend, in Ländern wie Chile und Argentinien Pfingstbewegungen auf dem Boden der dort etablierten protestantischen Einwandererkirchen, die sich auf diesem Hintergrund durch stärker nationale, und das heißt inkulturierte, Züge auszeichnen.

Das Moment einer politisch-ideologischen Bindung an den Neokonservatismus der Vereinigten Staaten, eine direkte Verbindung mit politischen Zielen der „Neuen Rechten“, wurde in der zweiten Phase der Ausweitung der Sekten in Lateinamerika bewußt gefördert. Die US-amerikanische Bischofskonferenz berichtete 1987 von „aggressiv proselytierenden, fundamentalistischen Sekten, die häufig finanziell aus den Vereinigten Staaten unterstützt werden“, und im schon erwähnten Bericht des Vatikans über die „Herausforderung der Sekten“ heißt es: „In vielen Ländern haben wir den Verdacht und in einigen Fällen die Gewißheit, daß eine mächtige ideologische Kraft sowie wirtschaftliche und politische Interessen, die der Sorge um das Menschliche völlig fremd sind, durch die Sekten am Werk sind.“

In den 60er Jahren wurden fundamentalistische „Sekten“ mit im Ausland geschulten Missionaren („Time/Foreign Legion“ zählte 1987 39309 fundamentalistische Missionare aus den USA und Kanada; dagegen waren nur 9104 Missionare der katholischen Kirche in Lateinamerika tätig; die evangelikalen Gruppen verfügten seinerzeit über 764 Missionsorganisationen mit einem Budget von 1,3 Milliarden Dollar pro Jahr) als „Bollwerk“ gegen den Kommunismus gefördert und bewußt gegen die Basisbewegungen der katholischen Kirche und die Theologie der Befreiung eingesetzt, wie aus den „Strategiepapieren von Santa Fe“ (1980/1988) hervorgeht. Die Förderung solcher Sekten gehörte zu den Zielsetzungen des 1981 gegründeten „Institute for Religion and Democracy“ (IRD), das mit weiteren Institutionen wie dem „Council for Inter-American Security“ (CIS) und der „World-Anti-Communist League“

(CL) einen politisch-ideologischen Kampf gegen die Kirche führte.

Fundamentalistische Gruppen schlossen sich gegen den ökumenischen Rat der Kirchen zusammenarbeiten. „Consejo Latinoamericano de Iglesias“ (CLAI) zur „Comunidad Evangélica Latinoamericana“ (CONELA) zusammen. Die Ausbreitung der „Sekten“ finanzieren u.a. in den lateinamerikanischen Ländern agierende „Misiones Fe“ wie die „Misión Centroamericana“ (CAM), die „Newer Missionary Agency“ und das „Instituto Lingüístico Verano“ (ILV) sowie „religiöse Transnationale“ wie „World Vision“, „Cruzada Estudiantil“, „Juventud con Mí“ und SEPAL („Servicio Evangelizador para América Latina“), wobei sie auch einen Prozeß der Nationalisierung dieser fördern. Fundamentalistische, antimoderne Ideen werden ebenfalls von parachristlichen Sekten wie den Zeugen Jehovas und den Mormonen vertreten, ebenso von der „Moon-Organization“ („Unification Church“). Weit in die lateinamerikanischen Gesellschaften hinein wirken die sogenannten „elektronischen Kirchen“, kommerzialisierte Formen des „religiösen Supermarktes“ („religión comercializada“), „religiösen Transnationalen“, die Organisationen nordamerikanischer Fernsehprediger wie Jerry Falwell, Billy Graham („Billy Graham Evangelistic Association“) und Pat Robertson („Club 700“), die mit den modernsten Techniken, der Ausnutzung der sozialen Kommunikationsmittel um Anhänger werben.

Gerade in den einem raschen Säkularisierungs- und kulturellen Wandlungsprozeß unterworfenen Großstädten ist – und ist Charakteristik für das Anwachsen der Sekten in den Jahren – nicht mehr allein der Protest gegen eine etablierte Kirche leitend, vielmehr ist Bezugspunkt die gesellschaftliche, kulturelle und spirituelle Ordnung der Moderne. Postmoderne. Von den neuen freien religiösen Bewegungen parachristlicher Art wird eine „neue Gesellschaft“ über Veränderung des je einzelnen Individuums angestrebt. Gesprochen sind vor allem Jugendliche, eine Großstadtbevölkerung mit höherem Bildungsniveau; versprochen werden Sinnvermittlung im Sinne eines unmittelbaren, innerweltlichen Heils, eine Totalerklärung menschlicher Existenz, direkte Gotteserfahrungen und Bewußtseinsweiterungen. Die Gruppen stehen mit der New-Age-Bewegung in Verbindung, mit Einflüssen aus dem Orient, der Esoterik, Psychologie, Science Fiction usw. (z.B. Mahikari, Seicho No Hare Krishna, Baha'i, Ananda Marga, Misión de la Luz, Gran Fraternidad Universal, Asociación Mundial Hapupa, Círculo Cultural de Estudios Esotéricos, Kinder usw.). Die Gefahr dieser Bewegungen liegt in einer Abziehung auf die Gruppe, der Entwurzelung ihrer Anhänger aus dem eigenen sozialen und familiären Umfeld. Im Karibik und in Brasilien leben afroamerikanische wie Umbanda, Macumba, Candomblé, Yango und Voodoo. „neue religiöse Bewegungen“ wieder auf. Mit großer Verständlichkeit nimmt man an Gottesdiensten der ka-

tholischen Kirche teil und sucht gleichzeitig eine Santería auf, besucht eine Zeremonie des Macumba oder Umbanda. Bereits über 300000 „terreiros“, afrobrasilianische Kultstätten, werden gezählt.

Die Pfingstler haben sich inkulturiert

Überraschend am Sektenphänomen der letzten Jahre ist vor allem das explosionsartige Ausbreiten verschiedenster Pfingstgruppen wie der „Asamblea de Dios“ (vor allem in Brasilien, wo ca. 6–12 Mill. Menschen dieser Gruppe angehören), der „Iglesia de Dios“, „Iglesia de Cristo“, „Iglesia Cuadrangular“, „Iglesia Apostólica de la Fe en Cristo Jesús“ usw. Von 10 Millionen in den 60er Jahren ist die Zahl ihrer Anhängerschaft auf 33 Millionen im Jahre 1985 angestiegen (bei einer Gesamtbevölkerung Lateinamerikas von 380 Millionen); bei einem jährlichen Wachstum von 10 Prozent (3mal so viel wie das Bevölkerungswachstum in Lateinamerika) werden die Pfingstgemeinschafter an der Jahrtausendwende 137 Millionen Mitglieder zählen. In einzelnen Prognosen wird davon ausgegangen, daß bis zum Jahre 2010 die Pfingstbewegung in Ländern wie Guatemala, Puerto Rico, El Salvador, Brasilien und Honduras über die Hälfte der Gesamtbevölkerung erfassen wird.

Die Bewegung breitet sich vor allem auf dem Land, in Kontexten indigener Gruppierungen und Kulturen sowie in den Randzonen der Metropolen aus. Es ist sicher unzureichend, wenn das rasch anwachsende Pfingstertum allein durch ausländische Einflüsse erklärt wird. Im Gegenzug zur ersten Ausbreitungswelle der Pfingstbewegung ist die jüngste Entwicklung durch eine Anpassungsfähigkeit an die einzelnen gesellschaftlichen Gruppen, auch die unterschiedlichen Kulturen geprägt; die Pfingstgruppen haben die Fähigkeit, an die Bedürfnisse der aus ihren ursprünglichen Lebenskontexten gerissenen Marginalgruppen auf ihrer Suche nach Identität, nach Integration ihrer Geschichten anzuknüpfen, die in der säkularisierten Welt durch die Fragmentierung der Konsum- und Medienwelt immer noch mehr zerrissen werden. Die religiösen Praktiken dieser Gruppen sind charakterisiert durch die Suche nach einem intensiven, durch den Heiligen Geist vermittelten Gotteserlebnis, durch Heiligung und eine starke eschatologische Erwartung.

Gerade die Einbeziehung von Laienmitarbeitern ermöglicht den einfachen Volksschichten, ihre religiösen Erfahrungen und Bedürfnisse in ihrer eigenen Sprache ausdrücken zu können, sie mit Elementen ihrer ursprünglichen Kulturen zu verknüpfen. Indigene Elemente in zentralamerikanischen Ländern wie Guatemala und El Salvador und Elemente afrikanischer Kulturen in der Karibik (Vodú) und in Brasilien – das Anknüpfen an die afrikanischen Gebräuche des Geisterglaubens der Yorubas in Kulturen wie Umbanda, Macumba, Candomblé und Xango – prägen die Pfingstgruppen dieser Länder.

Die Verankerung evangelikaler Gruppen in der Volkskultur weist auf die „Zweideutigkeit“ des Fundamentalismus hin. Während einzelne evangelikale Gruppen ihre Bindung an nordamerikanische religiöse Strukturen und politisch-ideologische Projekte nicht aufgeben und darin „dem heutigen Lateinamerika wenigstens so fremd wie der Katholizismus im 15. Jahrhundert“ sind (F. Galindo), wobei sie die durch die Säkularisierungsprozesse und Vermassung eingetretene kulturelle Nivellierung noch fördern, kann der sich an die Volkskultur anpassende Fundamentalismus, der den ihres ursprünglichen Lebenskontextes beraubten Marginalgruppen eine Identitätsmöglichkeit, Resozialisierung und Reorientierung bietet, als „Alternative“ zur katholischen Kirche angesehen werden. Die Inkulturation des christlichen Glaubens ist hier besser verlaufen als in der katholischen Kirche, so daß dieser „Popularprotestantismus“ sich zu einem „Substitutionskatholizismus“ entwickelt (Ignacio Vergara, Alfredo Hurtado).

Die vielen Kultstätten in den Vierteln der Randgruppen (1987 machten die 1150 evangelischen Kultstätten 71,3 Prozent aller christlichen Kultstätten in Santiago de Chile aus) und die aktive Präsenz der Laien ermöglichen eine intensive Betreuung der Gläubigen, schaffen soziale Identität und Integration, festigen die Gemeinschaftsbande der Marginalgruppen. Anknüpfungspunkt für diesen „populären Protestantismus“ sind die Volksfrömmigkeit, der Wunderglaube, das Bedürfnis nach Heilung, ein „magisches Bewußtsein“. Die lateinamerikanischen, präbürgerlichen Gesellschaften haben den – in seinem Ursprung modernen, bürgerlichen – Protestantismus „wieder verzaubert“, ihn in eine „autochthone und millenaristische Religion“ (Jean Pierre Bastian) umgewandelt, die auf in der autochthonen Bevölkerung verwurzelte Sozialstrukturen zurückgreift.

Es geht um die Organisationsgestalt von Kirche

Die Bischöfe in Santo Domingo stellen die Herausforderungen der Sekten in den größeren Kontext des *Evangelisierungsauftrages der Kirche*. Leitend ist für sie das Modell einer „Iglesia ministerial“ (Concl. 142), einer Kirche der „Gemeinschaft und Teilhabe“ (ebd.). Gerade um ein intensiveres Erleben und Teilen des Glaubens zu ermöglichen, soll die Pfarrei als eine „Gemeinschaft der Gemeinschaften“ (Concl. 142) gestaltet werden, sollen kirchliche Gemeinschaften, Familien-, Bibelkreise, kirchliche Bewegungen und Vereinigungen gefördert werden. Die Zahl der Priester soll erhöht, die Dienste der Laienmitarbeiterzahlen erweitert werden. Großer Wert wird auf religiöse Erziehung und Belehrung gelegt: Neben einem persönlichen Bezug zu Christus und zur Kirche soll eine Katechese gefördert werden, die die Inhalte des christlichen Glaubens – bzw. des katholischen Bekenntnisses – darlegt: das Geheimnis der Kirche, das Sakrament der Erlösung und Gemeinschaft, die Vermittlung Marias und der Heiligen und den

Auftrag der Hierarchie (Concl. 142), wobei hier insbesondere das Moment des Gehorsams gegenüber Papst und Bischöfen betont wird (Concl. 143).

Auch wenn die Bewegung der *kirchlichen Basisgemeinden*, über die die Kirche in den 70er und 80er Jahren zu einer Präsenz in den marginalen Bevölkerungsgruppen gefunden hat und in denen der einzelne Gläubige – als aktiver Mitgestalter seines Lebens – in der Gemeinschaft und über deren soziales Engagement eine Befreiung zum Leben erfahren hat, nicht erwähnt werden, so ist zu hoffen, daß mit einer „Iglesia ministerial“ und über das Modell der Pfarrei als einer „Gemeinschaft von Gemeinschaften“ die *fruchtbaren pastoralen Ansätze der kirchlichen Basisgemeinden* fortgeschrieben werden.

Wenn die Bischöfe in Santo Domingo sich die Frage stellen, wie „inmitten der beständigen und anwachsenden sozialen Krise“ die Sinn- und Gottesfrage zu beantworten sind und sie sich selbst die Aufgabe stellen, die „Identitäten und Kulturen unserer Völker“ besser kennenzulernen (Concl. 150) und die „Evangelisierung und Feiern des Glaubens an die Kulturen und subjektiven Notwendigkeiten der Gläubigen anzupassen“ (Concl. 151), weisen sie den Weg, daß Evangelisation in einer Zeit sozialen Umbruchs nicht von menschlicher Förderung und Inkulturation zu trennen ist. Pastorale Konzepte im Horizont einer Neuevangelisierung sowie deren theologische Fundierung müssen darauf aufbauen.

Angesichts der gesellschaftlichen und religiösen Differenzierung und Fragmentierung stellt das Aufkommen der Sekten eine erhebliche Anfrage an die Inkulturation des Glaubens, zeigt Defizite in der Evangelisation des lateinamerikanischen Kontinents in Vergangenheit und Gegenwart an. Hat die lateinamerikanische Kirche sich in Puebla noch als das einheitsstiftende Band eines armen und katholischen Kontinents verstanden (Dokument von Puebla, DP 1099), so muß angesichts der Sekten und neuen religiösen Bewegungen sowie auch der Einsichten, die die Besinnung auf die 500 Jahre Evangelisierung brachte, der Anspruch der Evangelisierung heute mit der realistischen Einsicht verbunden werden, daß die Bevölkerung Lateinamerikas in der katholischen Kirche nicht mehr den einzigen Partner sieht, der Antworten auf ihre religiösen Sehnsüchte, Fragen, Bedürfnisse und Ängste geben kann.

Die wirkliche Herausforderung, die mit dem Anwachsen von Sekten und unterschiedlichen religiösen Bewegungen – nicht nur in Lateinamerika – gegeben ist, betrifft in einer zunehmend pluralen Gesellschaft die *Organisationsgestalt* der Kirche überhaupt, die Vermittlungsformen, die dem Glauben in jeder Zeit neu zu seiner Lebendigkeit verhelfen sollen – und zwar in je unterschiedlicher geschichtlicher-kultureller Gestalt sowie auch im Angesicht der Bedrohung und Auflösung dieser kulturellen Lebensformen. Sekten und religiöse Bewegungen sind ein internes ekklesiologisches Problem: Sie stellen stets die Frage, wie die Institution Kirche mit dem Element des Geistes und der je neuen Lebendigkeit des Glaubens umgegangen ist. Sie führen je neu zu einer „Unterscheidung der Geister“, wobei gerade heute, in einer Zeit gesellschaftlichen und religiösen

ismus', die Mechanismen der „Regulierung“ neu werden müssen. Positiv gewendet kann das Phänomen auf die Lebendigkeit des Glaubens hinweisen, auf Fragen um Glauben, das sich auch in der Suche nach den erforderlichen Formen der Umsetzung des evangelischen Impulses durch die Kirche ausdrückt.

auf gesellschaftlicher Ebene der Differenzierungs- und Identifizierungsprozeß zunimmt, so kann auch die Kirche weltweit Ebene die „Sektarisierung“ des Christentums übersehen, kann sie sich selbst auch nicht von diesen essen der Partikularisierung freimachen. Die theoretisch praktisch noch unzureichend gelöste Frage einer „autonomen Inkulturation der Botschaft des Evangeliums“ gilt innerkirchlich die Problematik dieses Differenzierungsprozesses wider. Inkulturation bedeutet zum einen eine Anerkennung des Pluralismus religiösen Lebens, auch innerhalb der katholischen Kirche, in Entsprechung zu den unterschiedlichen sozialen, religiösen, kulturellen Milieus, in denen Glaube gelebt wird. Inkulturation bedeutet, einer Vielfalt von Glaubens in der Kirche, der Dynamik des Glaubens der Kreativität des einzelnen Gläubigen in seinem Glaubensraum zu geben.

der anderen Seite bedeutet Inkulturation auch, die Bedeutung des einheitsstiftenden Bandes des Glaubens zu betonen. Im Glauben an den einen Gott und seine erlösende Tat aus Christus liegt eine „integrierende“ Kraft, verschiedene, Ethnien, die unterschiedlichsten Lebensgeschichten, auf eine Mitte zu beziehen, zu einem Dialog zu sein, zur Einheit in wahrer Anerkennung des Partikularen.

siehts einer „Sektarisierung“ im negativen Sinn, einer Unversöhnlichkeit zwischen den einzelnen Heilsangeboten, eines

aggressiven Wahrheitsabsolutismus und -exklusivismus, der in sich das Moment der Differenz und des „Religionskrieges“ trägt (zwischen fundamentalistischen „Sekten“ und katholischen Christen kam es in einzelnen lateinamerikanischen Ländern bereits zu offenen Zeichen des Konflikts), ist es wichtig, *Strukturen des Dialogs* zu fördern. Das bedeutet für die katholische Kirche in Lateinamerika den Ausbau des ökumenischen Gesprächs, ein Lernen von gelungenen Formen der Inkulturation des Glaubens im Protestantismus (Concl. 135), ein Lernen von nicht-christlichen Religionen (Concl. 138). Ein solcher Dialog braucht Strukturen, Vermittlungsgestalten: Und gerade hier können die positiven und wesentlichen Momente des Kirche-Seins in Anbetracht der „Sektarisierung“ neu herausgearbeitet werden. Religiöse Unmittelbarkeit ist, will sie in einen Lebenskontext und Lebensgeschichten integriert werden, auf die unterschiedlichsten Momente einer Vermittlung angewiesen. Gerade um des Menschen, seines Heils und seiner wahren Befreiung willen muß die katholische Kirche einen Dialog mit den „sektiererischen“ Formen des Protestantismus, der evangelikalen Pfingstbewegung, den Gestalten eines „populären Protestantismus“ führen.

In der Anfrage der Sekten steckt ein „Schrei nach Leben“ und ein Protest gegen ein *faktisches Defizit katholischer Pastoral*. Die Anfrage kann so in positivem Sinn als Notwendigkeit der Erneuerung der katholischen Kirche im Sinne der ursprünglichen christlichen Spiritualität, einer Erneuerung des Glaubenslebens des einzelnen und der Gemeinschaft verstanden werden. Im Dialog und Lernen von „alternativen“ Gestalten des Christseins kann sich die Kirche in der je neuen Glaubenserfahrung zum Ziel der wahren Befreiung des Menschen erneuern und verändern lassen.

Margit Eckholt

Die Grenzen des Laizismus

Zur Situation der islamischen Gemeinschaft in Frankreich

Die muslimische Gemeinschaft ist in Frankreich inzwischen nicht nur die zweitgrößte Religionsgemeinschaft des Landes noch vor den Protestanten: Sie stellt längst mehr dar als eine vorübergehende Erscheinung. Dies hat weitreichende kulturelle und politische Folgen, die z. T. noch kaum absehbar sind. Michel Reeber, der Autor des folgenden Lageberichtes, ist Direktor am Grand Séminaire der Erzdiözese Straßburg sowie Mitglied der „Groupe d'études de recherches islamiques“ (GERI) an der Universität Straßburg.

der religiösen Landschaft Frankreichs ist die islamische Gemeinschaft nicht mehr wegzudenken: Die Mehrheit der Muslime ist zu einem festen Bestandteil der französischen Gesellschaft geworden. Aus unterschiedlichen Gründen macht die muslimische Gemeinschaft immer wieder auf sich aufmerksam: Zum

einen wegen der großen Zahl ihrer im allgemeinen ausgesprochen eifrigen Anhänger, zum anderen wegen der Bereicherung, die sie im Mosaik von Religionen innerhalb der französischen Gesellschaft der Gegenwart darstellt. Schließlich wegen der vielen Spannungen, die in ihr bestehen, sowie der

ESPIRITUALIDADE E NEGÓCIOS

“Quisemos dar aos lojistas uma oportunidade de conhecer de perto como trabalham algumas das maiores

dc Talk



CHEGA DE ESPERA

Se você estava procurando o cd do Dc Talk, temos uma boa notícia: Você já pode encontrá-los nas melhores livrarias evangélicas. Tenha o cd do grupo que revolucionou a música evangélica mundial.

Visite Nosso Site
www.bompastor.com.br



Bompastor

Telefone: 0300 789 5388



demais poderes. No passado, dizia-se que o presidente da República precisava de dois instrumentos para governar: a caneta para aprovar despesas e o *Diário Oficial* para publicar as ordens assinadas no dia anterior. O fortalecimento da democracia tornou a vida do presidente um pouco mais complexa e aumentou o poder do Congresso Nacional. Legalmente, não se cons-

trói uma escola na periferia com dinheiro federal sem a aprovação dos parlamentares. Algumas questões como a reforma tributária e a reforma política, duas das transformações mais esperadas para os próximos anos, só andam se o candidato eleito formar maioria entre deputados e senadores. Nesse campo, o presidente tem pela frente um desafio adicional. O Senado Federal pode reunir um foco de resistência significativo em função dos caciques que vai eleger: Antonio Carlos Magalhães, Fernando Collor de Mello e Roseana Sarney estão em primeiro lugar nas pesquisas em seus Estados.

Os oito anos de governo Fernando Henrique Cardoso mostraram que a Presidência perdeu toda vez que tentou impor sua vontade. FHC contou com a base de apoio parlamentar mais sólida que um presidente brasileiro já teve. Mesmo assim, projetos importantes, como a reforma da legislação trabalhista, a reforma tributária e a contribuição previdenciária dos servidores inativos não vingaram. Falhou acordo. Porém, quando o presidente contornou as disputas partidárias e ideológicas, as reformas saíram. Os tucanos aprovaram dezesseis emendas constitucionais que alteraram profundamente o Brasil. Essa marca funciona como um alerta adicional aos candidatos que prometem mudanças de um dia para o outro.

Os projetos são aprovados em discussões que envolvem os interesses de 27 Estados e mais de quinze partidos com legendas que têm representação no Congresso. Além disso é preciso superar a resistência dos grupos que se formam além dos interesses partidários. É o caso da bancada ruralista que reúne parlamentares de quase todos os partidos e da maioria dos Estados. Mesmo com sua formidável base de apoio, o presidente Fernando Henrique gastou em média seis meses para aprovar cada emenda constitucional. É nesse ritmo que as decisões são tomadas em Brasília. Desconfie do candidato que prometer mudar essa lógica paralisante de uma vez só. Seria ótimo que ele tivesse poder para isso. Só que não tem.

3 de julho, 2002 veja

TUDO SUGERE O TERCEIRO CONFRONTO

Apesar do salto de Ciro, o eleitorado tende a se dividir entre PT e PSDB — de novo

Desde que se criou o instituto do segundo turno, em 1989, qualquer eleição no Brasil provoca sempre uma curiosidade: haverá polarização entre dois candidatos no primeiro turno ou apenas no segundo? Em 1989, três candidatos tinham chances reais de chegar ao segundo turno. Nas eleições seguintes, de 1994 e 1998, Fernando Henrique encerrou a disputa já na primeira rodada. Desta vez, há sinais de que o pleito será polarizado entre o petista Luís Inácio Lula da Silva e o tucano José Serra. Em pesquisa do Instituto Vox Populi, divulgada na semana passada, Lula aparece com 38%. Caiu 2 pontos, mas continua com uma liderança folgada. Serra vem em segundo lugar, com 21%. Subiu 1 ponto e parece consolidar-se como alternativa ao petista. A certeza de um terceiro embate consecutivo entre candidatos do PT e do PSDB, que se enfrentaram em 1994 e 1998, só não está cristalizada por causa de um dado novo apontado pelas pesquisas da semana passada. Saíndo de uma longa letargia, Ciro Gomes, do PPS, deu seu primeiro salto desde que a disputa ganhou força. Subiu 7 pontos, chegou a 16% das intenções de voto e tirou o terceiro lugar de Anthony Garotinho, do PSB.

A subida de Ciro Gomes, que capturou mais de 300 000 votos por dia, representa uma ameaça ainda tímida à polarização. Ciro está se beneficiando das aparições no programa de televisão da tróica de partidos que o apóia, repetindo o mesmo desempenho positivo de todos os outros candidatos quando fizeram suas estréias na TV. O programa de

Ciro Gomes não tem a qualidade técnica dos comerciais de Lula e Serra, mas contou com uma presença que fez diferença: a atriz Patrícia Pillar, namorada do candidato. Com sua estampa simpática, bonita e familiar ao grande público, a atriz apareceu no vídeo falando em nome de Ciro. Foi uma forma de contornar um impedimento do candidato de aparecer nos programas dos partidos aliados, PDT e PTB, antes do início oficial do horário eleitoral gratuito, que começa em agosto. Se

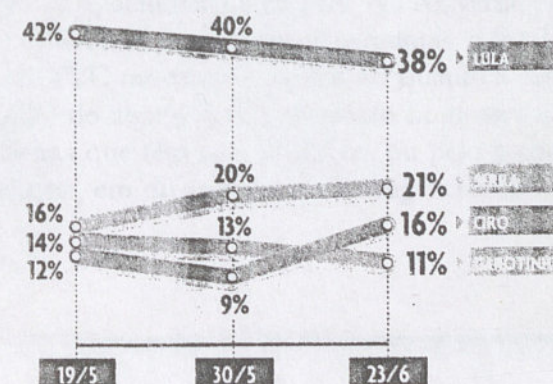
conquistar 200 000 votos por dia até a eleição, Ciro tirará o passaporte para disputar o segundo turno com Lula, mas as projeções estatísticas indicam que o adversário mais provável do petista é mesmo José Serra.

Os estatísticos prevêem que a identificação do tucano como candidato do governo poderá lhe render mais 5 a 10 pontos percentuais — o que alçaria Serra a um patamar entre 25% e 30% da preferência do eleitorado. Isso porque, de cada dez pessoas que aprovam o governo de Fernando Henrique, três dizem hoje que pretendem votar em Lula. Como, em tese, esse voto não faz sentido, estima-se que parte desses eleitores pode migrar para a candidatura do PSDB quando ficar

mais claro para os menos informados que o candidato de FHC é Serra. Lula não tem a mesma perspectiva. De cada vinte eleitores que reprovam o governo, apenas um diz que votará em Serra — a grande maioria já está com o petista. Mesmo que consiga atrair esses votos, Lula crescerá pouco, entre 2 e 4 pontos percentuais. Mas nem precisa disso. Atualmente, suas chances de estar no segundo turno são de quase 100%, devido a seu alto índice de votação espontânea — 27%, o mais robusto de todos. "O cruzamento desses dados leva à conclusão de que dificilmente Serra e Lula não se encontrarão no segundo turno", interpreta a socióloga Fátima Pacheco Jordão. 3 de julho, 2002 veja

Dois pelotões

A pesquisa do Vox Populi divulgada na semana passada mostra que, no pelotão dianteiro, Luís Inácio Lula da Silva (PT) e José Serra (PSDB) mantêm suas posições, com pequenas alterações. Mas, no segundo pelotão, houve uma mudança significativa, com Ciro Gomes (PPS) tomando a terceira posição de Anthony Garotinho (PSB)





NA FOTO à direita, trio de feras do mercado internacional: Luis Fernandez (esquerda), da Word, com Bruce Munns e Jim Cook, da LifeWay; abaixo, a apresentação da cantata *Faz-nos um*, que emocionou os participantes da conferência. À esquerda, o presidente do Grupo Bompastor, Elias de Carvalho (de boné), com Luiz Neto, diretor internacional, e Silas Augusto, da M.R.Werner: distribuição de brindes foi uma festa. Abaixo, à esquerda, o catarinense Ervino Janetzky, que ficou satisfeito: "Saio levando ótimos produtos e novos conceitos"

empresas evangélicas do mundo", frisou o presidente da Bompastor, Elias de Carvalho. Ele comemorou os resultados. "Atraímos gente de todos os cantos do Brasil e até do exterior, antigos e novos parceiros que vieram estreitar os laços conosco."

Novos conceitos - Além dos generosos descontos na compra dos produtos, o que fez a alegria dos profissionais presentes foi o alto nível das palestras. "Para mim, foi ótimo. Saio levando novos conceitos para meu trabalho, além de ótimos produtos", disse Ervino Janetzky, gerente da Livraria Evangélica Rhema, de Joinville (SC). A programação incluiu também apresentações de cantores da Bompastor, como Luiz de Carvalho, Eduardo e Silvana, Paulo Cesar Baruke Priscilinha, além de Graziela, cujo talento encantou os participantes. "Já a levei para cantar na minha cidade e foi um estouro", entusiasmava-se Fernando Bezerra, diretor da loja Renascer Gospel, de Belém (PA). Ele aproveitou para encomendar o novo CD da jovem cantora, *É tempo de cantar*.

Numa das noites do evento, um coral emocionou a todos apresentan-



do peças da cantata *Faz-nos um*, que promete fazer sucesso nas igrejas neste Natal. Mesmo reunido às pressas, o grupo fez bonito. Há sete anos no mercado evangélico, o comerciante Francisco Duarte, diretor da Livraria Evangélica Ruach, de São Luís (MA), acha que valeu a pena vir de tão longe. "A gente só tem a ganhar com este conta-

to com irmãos na fé que também são nossos colegas", comentou. Esta foi sua primeira vez numa conferência da Bompastor. Já faz planos para voltar: "Ano que vem, virei buscar mais idéias e produtos de qualidade." Então, já fica combinado o próximo encontro na 6ª Conferência de Vendas Bompastor. (Carlos Fernandes)

ecclésia 15

TELEVISÃO Acordo assinado no domingo divide produção, operacionalização

Igreja Renascer assume R

Lili Martins - 28.nov.98/Folha

LINHA CRUZADA

Telefônica promete 2 milhões de linhas em 99

da Sucursal de Brasília

A Telefônica irá instalar 2 milhões de novas linhas telefônicas em São Paulo neste ano, anunciou ontem o presidente da holding Telesp Participações, Fernando Xavier Ferreira. Só neste mês, serão instaladas 150 mil novas linhas.

Serão investidos cerca de R\$ 3,5 bilhões no Estado neste ano. "Estamos fazendo, em 12 meses o que a Telesp realizou nos últimos 26 anos", disse Ferreira.

No Brasil, a Telefônica de Espanha (que controla a Telesp Participações, a CRT e a Tele Sudeste Celular e tem a gestão da Tele Leste Celular) irá investir R\$ 4,5 bilhões em 1999.

A Telefônica fechou o ano passado com cerca de 6 milhões de linhas. Pelas metas acertadas com a Anatel, ela precisará ter 7 milhões em dezembro deste ano.

Ferreira disse que os índices de qualidade do serviço em São Paulo "não estão bons". Os problemas mais comuns são queda de ligações, mudanças involuntárias de número e congestionamento no serviço de atendimento ao usuário.

Ferreira disse que esses problemas estarão resolvidos em três meses. "Temos o controle da situação. É apenas uma questão de tempo." Sobre os planos de expansão vencidos, disse que eles serão instalados até junho. (FG)



Fernando Xavier Ferreira, presidente da Telesp Participações, que admitiu problemas e deu prazo para solu

o e comercialização das emissoras da TV rede Manchete

TONI SCIARRETTA
da Sucursal do Rio

IVAN FINOTTI
da Reportagem Local

A Fundação Renascer, da Igreja Renascer em Cristo, é a nova parceira da Rede Manchete de Televisão.

Segundo acordo assinado no domingo, a R.G.C. Produções Ltda. —que faz os programas da Igreja Renascer exibidos na Manchete— passa também a ser responsável pela produção, operacionalização e comercialização das cinco emissoras que compõem a rede.

Segundo o bispo Antonio Carlos Abbud, sócio do presidente da Renascer, o apóstolo Estevam Hernandes, não se trata da compra da rede, e sim de uma sociedade.

Abbud, que é cotado para assumir a programação da emissora, afirmou que a nova grade da Manchete não será apenas religiosa.

Ele esteve ontem, junto com Hernandes e Newton Jamus Salim, diretor-geral da R.G.C., na sede da Manchete no Rio.

A Renascer atualmente possui vários programas veiculados na Manchete. Há quase um ano, arrendou também algumas das emissoras de rádio da rede, como as de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Brasília.

O presidente da Rede Manchete, Pedro Jack Kapeller, confirma a sociedade: "Não se trata de venda nem de arrendamento, mas sim de um reestruturação econômico-financeira que englobará todo o Grupo Bloch, incluindo gráfica e editora", escreveu em comunicado distribuído aos seus funcionários.

Nenhum deles quis informar os valores da negociação. O mercado avalia a dívida da emissora em mais de R\$ 500 milhões. A seus funcionários, a Manchete deve cerca de R\$ 20 milhões, devido a um atraso de quatro meses no pagamento de salários.

No comunicado, Kapeller afir-

mou que pagará todos os salários atrasados em 90 dias. Os pagamentos devem começar a ser feitos até o fim deste mês.

Crise

A crise da Manchete se aprofundou após a Copa do Mundo, quando seu faturamento caiu 40%. No final de setembro, a emissora demitiu 540 funcionários —o equivalente a um terço do total.

Desde setembro, a Manchete não paga em dia os salários. Em outubro, cortou a produção de quase todos os seus programas jornalísticos, abortando, inclusive, a novela "Brida".

No mês passado, pagou 20% do salário de setembro. Mesmo assim, ficou fora do ar três vezes, a primeira devido a uma invasão de funcionários na torre da emissora em São Paulo.

Igreja

A Renascer é uma fundação construída a partir da Igreja Renascer em Cristo, do apóstolo Estevam Hernandes e de sua mulher, Sônia Hernandes. É uma dissidência liberal das igrejas protestantes Pentecostal e Presbiteriana.

Possui hoje, segundo sua página na Internet (www.renascer.com.br), 202 templos, metade deles em São Paulo, incluindo a região metropolitana.

A fundação se define filantrópica e sem fins lucrativos, "com atividades culturais, artísticas e assistenciais. Tem como objetivo principal contribuir e auxiliar o maior número de pessoas".

A igreja também já tem um canal de TV paga, o Gospel, uma editora, uma gravadora de CDs e uma emissora de rádio.

Além disso, comercializa produtos nas igrejas —em pelo menos 47 delas—, como CDs de sua gravadora, camisetas (R\$ 15), bonés (de R\$ 8 a R\$ 10), chaveiros e também a colônia "De Bem com a Vida", com perfume de pêssego, mas que está em falta.

País terá 10 milhões de evangélicos em 2000

das agências internacionais

A visita de João Paulo 2º ao México acontece no momento em que outras religiões cristãs —entre elas algumas seitas— crescem vertiginosamente no país.

Segundo projeções do governo, elas poderão reunir 10 milhões de mexicanos no ano 2000, quase 10% da população. Estima-se em 90 milhões (cerca de 90% da população) o número de católicos.

Em 1990, o protestantismo era praticado por apenas 2% das pessoas, contra 97% de católicos.

Entre as igrejas não-católicas mais importantes do país estão a Igreja da Luz do Mundo (1,5 milhão de fiéis), Testemunhas de Jeová (600 mil), cultos presbiterianos (cerca de 900 mil) e os mórmons (900 mil).

A situação que o papa verá no país tem paralelos com a que encontrou no Brasil em 1997. Na ocasião, ele disse se preocupar com a perda de fiéis para as "seitas" cristãs (referência aos evangélicos).

Segundo dados de 97 da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), a Igreja Católica perde 600 mil fiéis por ano, grande parte deles para grupos evangélicos. O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) estima que havia 4,8 milhões de evangélicos no Brasil em 1980. Esse número já teria ultrapassado os 18 milhões.

O sociólogo mexicano Roberto

Blancarte diz que o crescimento dessas práticas religiosas se dá em maior escala em regiões fronteiriças do México.

Ao norte, há a influência de igrejas dos EUA, fortalecida pelo movimento de milhões de mexicanos que cruzam a fronteira para trabalhar em solo norte-americano.

Ao sul, na Província de Chiapas, é forte a presença de presbiterianos, adventistas e testemunhas de Jeová. Cerca de 40% da população dessa região, área de atuação da guerrilha indígena zapatista, se define como não-católica.

O antropólogo Elio Masferrer, coordenador da Subsecretaria de Assuntos Religiosos, aponta algumas razões para a expansão do protestantismo mexicano.

Segundo ele, muitos acham a oferta de salvação dos católicos "muito flexível". Os outros grupos têm visão mais agressiva do pecado, e conseguem levar os fiéis a deixar o álcool, o adultério ou a prostituição. Masferrer diz também que a Igreja Católica trabalha com multidões, enquanto a relação evangélica entre pastores e fiéis é mais pessoal.

A convivência entre católicos e evangélicos é complicada em algumas partes do país. Em Chiapas, alguns povoados já foram afetados pela expulsão de católicos por evangélicos, e vice-versa.

Colaborou a Redação

■ ADMINISTRAÇÃO & MARKETING

O executivo que se co

O novo presidente da Pensamento/Cultrix, a maior editora de livros esotéricos do País, não usa turbante, não acredita em búzios e nem dirige a companhia captando as energias de uma pirâmide. Aliás, longe disso. Ricardo Ferraz Riedel, 45 anos, vem de uma brilhante e ortodoxa carreira de 17 anos na área farmacêutica.

Seu último feito foi o "turnaround" nada transcendental da Searle do Brasil, onde atuou como presidente por nove anos e deixou o posto em janeiro. Quando assumiu a Searle, a empresa devia R\$ 6 milhões para bancos, com um prejuízo anual de R\$ 30 milhões e faturamento de R\$ 20 milhões. Ao final de 1998, o laboratório tinha vendas de R\$ 130 milhões, lucro de R\$ 35 milhões e zero de dívida.

Antes disso, Riedel trabalhou no laboratório Merck, foi diretor da di-

Ricardo Ferraz Riedel deixa a presidência da Pensamento/Cultrix, de sua família e que

Patrícia Campos

visão farmacêutica da Pfizer e foi responsável pela "volta por cima" da Rorer Pharmaceuticals. Para completar o figurino "certinho", ele é formado em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e fez Master of Business Administration (MBA) na Michigan State University.

Com esse currículo de executivo tradicional, por que assumir uma empresa de faturamento comparativamente modesto (R\$ 13 milhões), em um setor considerado ingrato? Em primeiro lugar, Riedel é herdeiro da Pensamento — seu pai, Diaulas Riedel, morreu em 1997, deixando o negócio para o filho tocar. Mas é bom deixar claro que ele não está assumindo a editora apenas por sucessão natural ou dívida familiar.

Pode-se dizer que o "bichinho" do esoterismo mordeu Riedel cedo. A começar por seu bisavô materno, Antônio Olívio Rodrigues, que fundou a editora em 1907. Rodrigues era o chamado homem à frente de seu tempo. Em plena época do início da industrialização, primeiro vó de Santos Dumont e política do café com leite, Rodrigues inaugurou o mercado de livros esotéricos para divulgar o ocultismo no País. Começou criando o Círculo Esotérico para a Comunhão do Pensamento, entidade que realizava reuniões sobre mediunidade, espiritismo e outros temas ocultistas.

Arthur Riedel, avô de Ricardo, foi um dos pioneiros do filão de auto-ajuda no País. Escreveu o livro "Hei de Vencer" em 1952, e rodava o Brasil dando palestras sobre como ter sucesso na vida.

Com todos estes antecedentes esotéricos na família (o pai de Riedel era amigo íntimo do médium Chico Xavier), o executivo encara a presidência da Cultrix/Pensamento como um "karma". No começo, estranhou a mudança de rotina. Dei-

xou para trás a convivência diária com caixinhas de Cicladol, Ginopletil e Tricerol, remédios da Searle. Passou a lidar com títulos como "Deus encaxotado", "A mente e seu poder de curar", "A energia dos anjos", "Vidas passadas, sonhos presentes", "Prana — o segredo da cura pela yoga" e "Minha vida no mundo dos espíritos."

"Meus filhos adolescentes acharam que eu estava ficando louco e que ia ficar pobre", conta Riedel. "Não conseguiam entender porque eu ia trocar o status e as mordomias da presidência de uma multinacional por uma editora". Mas Riedel garante que não sente falta de toda aquela "entourage". E se prepara para deixar sua marca "careta" na editora alternativa do mercado.

Sua primeira jogada é atacar no "front" dos livros de "business espiritual". Títulos como "Intuição: a nova fronteira da administração" e "Como administrar com a sabedoria do amor" fazem parte da estratégia mais pragmática de Riedel. O executivo aposta na queda do segmento puramente esotérico e, em contrapartida, no crescimento de livros de auto-ajuda mais "pé no chão".

"Minha análise é que, com a crise mundial, as pessoas se voltam para livros mais práticos, que as ensinem como pagar as contas no final do mês e como melhorar seus empregos", diz. "Livros esotéricos sobre anjos e outras coisas menos palpáveis devem vender menos no próxi-



Rica

A guerra do papel

A Associação Brasileira da Indústria Gráfica e a Câmara Brasileira do Livro (CBL) declararam guerra contra os fabricantes de papel. Segundo Felipe Lindoso, diretor de Relações Institucionais da CBL, o protesto é contra a intenção da Associação Nacional de Fabricantes de Papel e Celulose de aumentar em 18% o preço do papel. "Recomendamos às editoras que não aceitem esse aumento descabido", diz Lindoso. "Os fabricantes de papel quase não têm insumos importados". Procurada por este jornal, a Abrapel não quis se pronunciar.

Segundo Lindoso, o cenário recessivo não permite o reajuste dos livros. "Estamos reduzindo o consumo de papel, já que a demanda por livros escolares já passou". ■

(P.C.M.)

O avô
foi um
da au
escre
"Hei
em 1

Inverteu ao esoterismo

a Searle do Brasil para comandar a editora
há 92 anos aposta em livros esotéricos

Walter, de São Paulo



Ricardo Riedel

mo milênio".

Riedel fala com conhecimento de causa: há dez anos, a Pensamento/Cultrix governava sozinha o reino dos anjos, OVNI's e chacras. Seu nicho de mercado foi invadido pelas grandes editoras, com o boom dos esotéricos no fim dos anos 80. Mas, segundo Riedel, isto não significou uma ameaça. "Aumentaram os concorrentes, mas o mercado cresceu muito, o que foi bom para todos", diz. "Daqui a pouco, grandes editoras devem deixar um pouco de lado os esotéricos, e nós continuaremos a explorar o nicho".

A Pensamento é uma editora média que conta com alguns trunfos na manga. Uma das publicações mais populares é o "Almanaque do Pensamento". Sua primeira edição foi em 1912 e o livro já vendeu mais de 20 milhões de cópias. "O Poder do Pensamento Positivo", de Norman Vincent Peale, considerado um dos clássicos do setor, foi lançado em 1956 e já vendeu 500 mil exemplares.

Já a Cultrix, que foi criada em 1956, trafega pelas áreas universitárias, psicologia, literatura, sociologia, auto-ajuda e "business". Tem entre seus autores os prestigiados acadêmicos Alfredo Bosi e Massaud Moisés.

Preços baixos fazem parte do arsenal de guerra da editora: em média, os livros da Pensamento custam R\$ 12 e os da Cultrix, R\$ 14, bem abaixo da concorrência das grandes editoras. "Temos a estratégia de vender mais barato que os concor-

rentes e ganhar no volume", diz Riedel. Para isso, contam com a vantagem de trabalhar com autores menos conhecidos, que pedem adiantamentos menores, o que aumenta a margem de lucro.

Mas com a desvalorização do real, Riedel já se conformou em reduzir sua margem. O papel, a tinta e a cola dos livros são importados. Um repasse total de custos está fora de cogitação, já que parte do público alvo é de classe mais baixa. Então, a editora está negociando com fornecedores e vai tentar comprar colas nacionais.

O principal desafio do executivo é reestruturar a editora da família, tarefa que iniciou no ano passado, quando começou a assumir funções na Pensamento. A primeira etapa foi reorganizar a distribuição: a editora trabalhava com apenas 1 distribuidor, e agora tem 11. "Estamos mais eficientes e com mais poder de negociação", diz Riedel.

O pedaço mais espinhoso é criar a área de marketing "do nada". "Meu pai sempre achou que livro se vendia sozinho", diz. O executivo está organizando promoções no ponto de venda e malas diretas.

Canha para marketing Riedel já tinha. "Trabalhei área farmacêutica, onde o marketing tem de ser muito criativo, por causa das restrições", diz Riedel.

Ante expectativas de um ano recessivo, Riedel tem previsões otimistas de um crescimento de 10%. Como parte de seu aprendizado de administração "não convencional", ele trocou o dia-a-dia frenético da multinacional pela leitura de cerca de 20 livros por semana. Inclui vários títulos de medicina alternativa, terapia com as mãos, "shiatsu", florais de Bach. "Tudo aquilo que eu xingava durante os anos que passei na indústria farmacêutica", brinca Ricardo Ferraz Riedel. ■

O misticismo que avança

A "esoterização" de vários segmentos da área editorial é o que prevê Felipe Lindoso, diretor de Relações Institucionais da Câmara Brasileira do Livro. "Estamos vendo o misticismo entrar em setores anteriormente imunes, como nos livros de negócios", diz. Para Lindoso, é possível que o setor se diversifique ainda mais, com a "esoterização" de livros infantis, científicos e romances.

Segundo Lindoso, é muito difícil delimitar o setor dos esotéricos, por isso não há números específicos de vendas ou faturamento. Os livros esotéricos entram no segmento de "Obras Gerais", que teve crescimento de 16,58% em faturamento e 21,19% em exemplares vendidos, de 1997 para 1998.

"Esotérico é tudo o que está ligado à religião dos outros", diz. "Quando se trata da nossa religião, os livros se encaixam como teologia, filosofia, nova era, dependendo do parâmetro." Mesmo assim, o diretor estima que o setor continue tendo crescimento constante nos próximos anos.

Mas Lindoso, assim como Ricardo Riedel, da Editora Pensamento/Cultrix, acredita que as publicações irão ganhar um tom mais pragmático. "As pessoas estão buscando cada vez mais livros de resultados", diz. Esse pragmatismo se estende a publicações científicas e de negócios. "Nós não vemos mais livros de teoria de negócios, mas sim publicações sobre como vender mais, ou como atender bem ao cliente", diz o diretor da Câmara Brasileira do Livro. ■

(P.C.M.)

RELIGIÃO Reivindicações junto às igrejas incluem piso salarial

Pastores evangélicos

CLÁUDIA TREVISAN
da Reportagem Local

Piso salarial de R\$ 580,00, férias, 13º salário, aviso prévio e licença-paternidade são alguns elementos típicos da relação de emprego que começam a fazer parte do vocabulário de pastores evangélicos.

Os sinais mais evidentes desse fenômeno são o aumento do número de ações na Justiça do Trabalho contra igrejas e a criação do primeiro sindicato da "categoria", chamado de Simeesp (Sindicato dos Ministros de Cultos Religiosos Evangélicos e Trabalhadores Assomelados no Estado de São Paulo).

As ações —que não são propostas apenas por pastores— vêm crescendo desde o início da década de 90. Levantamento do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo indica que foram propostas 3 ações desse tipo em 93 na capital do Estado. Em 98, foram 80. E só até maio deste ano, 53.

No caso dos pastores, a tentativa de equiparar sua atuação à de qualquer outro empregado tem sido malsucedida. Os juízes entendem que se trata de uma relação de caráter religioso e não trabalhista.

A mudança desse cenário é um dos objetivos do Simeesp, que negocia uma convenção coletiva de trabalho com o representante dos "patrões", o Sindicato das Instituições Beneficentes, Filantrópicas e Religiosas no Estado de São Paulo.

"Com a convenção, os juízes não vão mais poder dizer que não há vínculo empregatício", diz o presidente do Simeesp, pastor José Lauro Coutinho, da Assembleia de Deus. Entre os possíveis itens da convenção está o registro dos pastores em Carteira de Trabalho (ver quadro nesta página).

Contribuição

Além da convenção coletiva, o sindicato conta com outro trunfo para se estruturar: a cobrança de contribuição confederativa dos cerca de 98 mil pastores e obreiros

do Estado, sejam eles filiados ou não à entidade.

A cobrança é possível graças à Carta Sindical do Ministério do Trabalho que reconheceu a existência oficial do sindicato, publicada no "Diário Oficial" da União no dia 22 de abril.

Apesar da carta sindical, o Simeesp ainda está longe de ser representativo. O próprio Coutinho reconhece que os "pastores gostam do sindicato, mas têm medo de ser reprimidos".

Segundo ele, o sindicato tem cerca de 1.800 filiados no Estado. Agora que possui a carta sindical, Coutinho pretende fazer campanhas de filiação nas igrejas para aumentar esse contingente.

A falta de representatividade é certamente um problema do sindicato patronal, ao qual não estão filiadas igrejas como a Universal do Reino de Deus ou a Assembleia de Deus —fato que deverá enfraquecer a convenção coletiva negociada com o Simeesp.

O sociólogo Ricardo Mariano, autor do livro "Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil", acredita que a disputa por fiéis está profissionalizando cada vez mais as igrejas evangélicas.

A Universal é a que mais se enquadra nesse movimento, diz Mariano. Todos os seus pastores são remunerados e perseguem metas empresariais de eficiência, que incluem aumento do número de seguidores e de arrecadação. Segundo ele, a situação é muito semelhante na Igreja Deus é Amor.

"Faz sentido falar em direitos trabalhistas nesses casos, porque os pastores são empregados da igreja", afirma.

Mas o sociólogo ressalta que há igrejas, como a Congregação Cristã, que contam somente com trabalho voluntário, sem nenhuma remuneração.

Nesse caso, não se caracterizaria a relação de emprego, que tem de ser remunerada.

As reivindicações do si

■ Registro em Carteira de Trabalho

■ Para exercer a profissão os pastores devem se registrar no Conselho Estadual de Ética Pastoral, que será criado pelo próprio sindicato

■ Piso salarial de R\$ 528,00 para os pastores e de R\$ 250,00 para os demais trabalhadores

■ Pagamento de férias, 13º salário, FGTS e contribuição previdenciária

■ Desconto da contribuição confederativa de todos os empregados que o sindicato pretende representar, sejam eles associados ou não

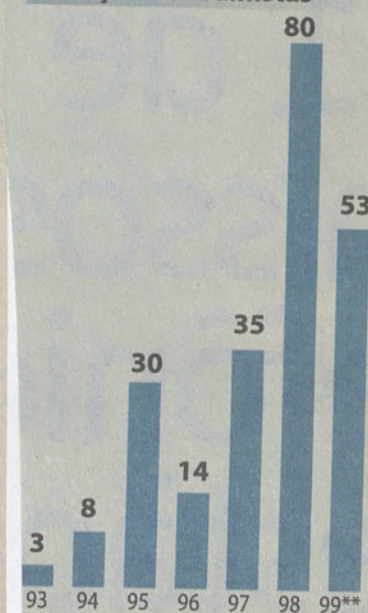
■ Licença paternidade, auxílio-transporte, auxílio-natalidade, auxílio-doença e auxílio-funeral

*Só na cidade de São Paulo **Até maio

Editoria de Arte/Folha Imagem

ndicato

As ações trabalhistas*



de R\$ 580, férias, 13º salário e licença-paternidade

criam sindicato

Universal sofre mais ações

da Reportagem Local

A Universal do Reino de Deus lidera o ranking de igrejas evangélicas processadas na Justiça do Trabalho da cidade de São Paulo. Das 238 ações propostas desde 93, 67 têm a Universal como alvo.

Em segundo lugar, está a Deus é Amor, com 39 ações, seguida pela Assembléia de Deus, com 23. As três igrejas têm em comum a orientação pentecostal. A principal característica delas é a valorização da manifestação dos dons do Espírito Santo, como cura e a fala em línguas estranhas.

São também igrejas agressivas na conquista de fiéis.

Há dois tipos de ações: as movidas por pastores e fiéis que

trabalhavam na igreja e as iniciadas por pessoas que prestaram serviços eventuais, como pedreiros e seguranças.

Das primeiras, as igrejas se defendem com o argumento de que se trata de uma relação de natureza religiosa, na qual não existem os elementos básicos do emprego, como a subordinação. Segundo as igrejas, os pastores trabalham de "livre e espontânea vontade".

No segundo tipo de ações, as igrejas dizem que o trabalho não é permanente, o que afastaria a relação de emprego.

De qualquer forma, em muitas igrejas a atuação dos pastores é equiparável à dos empregados de qualquer empresa. Eles dedicam todo o seu tempo ao trabalho como pastores.

HERANÇA A pequena Venha-Ver, fundada em 1811 por cristãos.

Cidade no RN preserva

ULO

-novos, guarda vestígios de sua origem judaica

tradição judaica

Fotos Niels Andreas/Folha Imagem

Grupo retomou características

da Agência Folha, em Natal

Em Natal, cinquenta famílias —cerca de 200 pessoas— formam a "comunidade marrana". São famílias cujos ancestrais eram cristãos-novos e que, nas últimas gerações, retornaram à fé judaica.

As famílias se reúnem uma vez por semana na sinagoga do Centro Israelita do Rio Grande do Norte, que foi fundado, em 1929, pela família Palatnik e reinaugurado, em 1979, pelo ex-pastor presbiteriano e líder espiritual João Dias Medeiros.

Às sextas-feiras à noite, é celebrado o cabalat-shabat, a cerimônia religiosa que marca o início do dia sagrado para os judeus.

Não há rabino. Um orador entoia as orações cantadas e seguidas pelos frequentadores por meio de

um livro (sidur) doado pela Congregação Israelita Paulista (CIP).

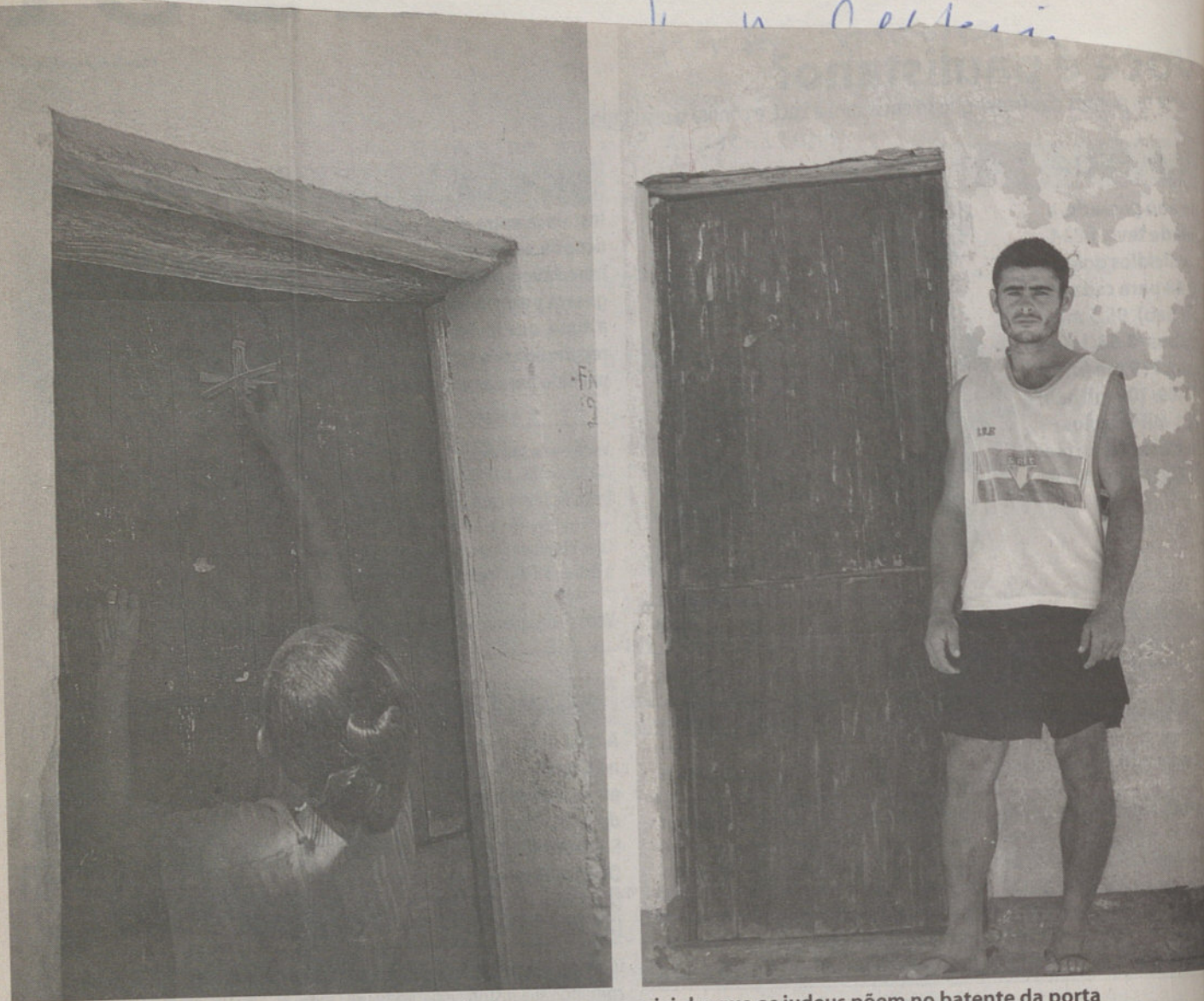
No início da cerimônia, velas são acesas e, no final, é feita a bênção do vinho e a repartição da chalá (pronuncia-se ralá), o pão de tranças. Mulheres e homens cobrem as cabeças. A cerimônia é um rito judaico.

"Nós também celebramos as festas tradicionais, como o Yom Kipur (Dia do Perdão), Rosh Hashaná (Ano Novo), Pessach (Páscoa), Purim e Shavuot", afirma Éder Barosh. Seu sobrenome original era Barros.

Os integrantes da comunidade natalense também seguem a dieta kasher, que prevê a separação entre refeições de leite e carne. Uma ala israelita no Cemitério do Alecrim demarca a presença judaica em Natal.



Crianças brincam em rua da cidade de Venha-Ver (RN)



Moradores de Venha-Ver colocam cruz na entrada da casa, como a caixinha que os judeus põem no batente da porta



Famílias da "comunidade marrana" de Natal, descendentes de cristãos-novos que retornaram à fé judaica, celebram o "Cabalat Shabat" em sinagoga de Natal

ANDRÉA DE LIMA
da Agência Folha, em Venha-Ver

Uma pequena cidade perdida no interior do Rio Grande do Norte guarda vestígios da origem judaica de sua população, cujos fundadores, em 1811, eram descendentes de cristãos-novos — judeus convertidos à fé cristã. Mesmo cristãos, os habitantes de Venha-Ver (440 km a oeste de Natal) revelam em hábitos cotidianos uma tradição particular, transmitida há séculos de geração a geração.

A maioria dos habitantes, porém, não tem consciência da origem de seus ancestrais.

Os sinais mais evidentes da tradição judaica encontrados na pequena cidade pela Agência Folha são a **fixação de cruzes em formato hexagonal na porta de entrada** das casas, o enterro dos corpos em **mortalhas brancas** e os **sobrenomes** típicos de cristãos-novos.

Os costumes de retirar totalmente o sangue da carne animal após o abate e de colocar seixos sobre os túmulos também podem ser relacionados à ascendência judaica dos habitantes.

Os judeus colocam seixos sobre as sepulturas com o significado de que o morto não será esquecido. Em Venha-Ver, pôr um seixo sobre o túmulo significa uma oração à pessoa ali enterrada.

O próprio nome da cidade é uma provável fusão da palavra "vem" (do verbo vir, em português) com o termo hebraico "chaver" (pronuncia-se ráver), que significa amigo, companheiro. Ou seja, Venha-Ver seria uma corruptela de "Vem, Chaver".

Esses foram parte dos indícios relatados pelo rabino Jacques Cukierkorn em sua tese de rabinato (equivalente a mestrado) sobre a ascendência judaica entre a população do Rio Grande do Norte.

A preservação de tradições centenárias entre a comunidade de Venha-Ver foi facilitada pelo isolamento do município, situado no extremo oeste do Rio Grande do Norte, nas fronteiras com Ceará e Paraíba. Só se chega ali por uma sinuosa estrada de terra.

Batentes

Para o rabino Cukierkorn, as cruzes de Venha-Ver têm sua origem na mezuzá — pequena caixinha com uma reza que os judeus fixam nos batentes das portas.

Muitas delas têm formato hexagonal, como a Estrela de David,



símbolo da fé judaica.

A população explica as cruzes nas portas de suas casas como uma proteção contra o mal, o demônio, a ventania e os raios.

Os judeus fixam a mezuzá nos batentes para demarcar a proteção divina sobre a casa.

Na pequena localidade, os cadáveres são envolvidos em mortalhas para serem conduzidos até a sepultura. É o que determina a tradição judaica.

Esse costume é explicado pelos habitantes de Venha-Ver como algo passado de pai para filho. Há um preconceito contra o uso de caixão — recentemente introduzido nos funerais locais.

Cukierkorn vê, na forma de tratar a carne animal, a presença das regras da culinária "kasher" — determinadas pelo judaísmo. Logo após o abate de um animal em Venha-Ver, os pedaços de carne são **dependurados com uma corda sobre um tronco de árvore**, para que todo o sangue escorra.

Depois disso, a carne é salgada — prática usual entre os judeus ortodoxos.

Cristãos-novos

Os sobrenomes mais comuns da população branca de Venha-Ver (parte da comunidade, de fixação mais recente, tem origem negra) são **Carvalho, Moreira, Nogueira, Oliveira e Pinheiro**, notadamente de cristãos-novos, conforme estudo do professor de antropologia José Nunes Cabral de Carvalho (1913-1979), fundador da Comunidade Israelita do Rio Grande do Norte.

A repressão religiosa desencadeada pela Inquisição, particularmente nos séculos 15 e 16, fez com que uma ampla população judaica tenha sido forçada a se converter ao cristianismo em Portugal, Espanha e também no Brasil, alterando sua fé religiosa, sobrenome e comportamento social.

'Práticas judaicas

da Agência Folha, em Venha-Ver

O rabino Jacques Cukierkorn, 31, sustenta em sua tese de rabinato, defendida há cinco anos no Hebrew Union College (HUC), em Cincinnati (Ohio, EUA), que a comunidade de Venha-Ver mantém vivos até hoje vestígios de práticas judaicas.

A Agência Folha encontrou alguns dos indícios descritos pelo rabino, mas não achou outros — como saquinhos de areia presos no batente das portas e rituais de funerais (lavagem do corpo e a permanência da família em casa durante sete dias após a morte).

O rabino afirmou que não encontrou na cidade parte dos indícios que ele relata em sua tese de-se ao fato de os marranos

'são sigilosas'

manterem as práticas religiosas judaicas "em segredo".

"Não existem sinais exteriores. Pelo medo, pela necessidade que lhes foi passada, desde a Inquisição, de que era preciso manter em sigilo a condição ou qualquer indício judaico, eles não externam evidências", afirmou.

Segundo o rabino, pelo menos 10% da população brasileira (cerca de 16 milhões de pessoas) tem origem judaica remota.

Cukierkorn chama de "marrano" quem tenha judeus em sua ascendência. A comunidade judaica no Brasil tem hoje cerca de 175 mil pessoas. Para ele, a porcentagem de marranos no Nordeste é ainda maior. "Creio que a origem judaica dos marranos, incluindo os que povoaram o Nordeste, é incontestável."

Por uma Nova

Seitas religiosas apocalípticas atraem turismo

Andrea McDaniels
Financial Times

No fim de uma estrada de terra batida, um cartaz sobre o portão em forma de arco dá as boas-vindas aos visitantes do Vale do Amanhecer. Atrás de um largo templo de pedra, mulheres trajando túnicas púrpuras e pretas ao estilo medieval com véus cintilantes e chapéus em formato de cone entoam cânticos à beira de um lago artificial circundado por uma pirâmide com deusas entalhadas em madeira.

Perto daí, homens com chapéus de cetim ornados com diversos símbolos religiosos pregam o que parece ser liturgia cristã, intercalada por apelos a princesas galáticas e deuses afro-brasileiros.

O visitante confere no guia para verificar se não entrou sem querer em um cenário de filme de ficção científica. Na verdade, ele encontrou uma das maiores atrações turísticas do Brasil: os cultos.

Com cerca de 5 mil membros, o Vale do Amanhecer é um dos cerca de 150 grupos místicos religiosos que surgiram ao redor de Brasília nos últimos anos. E os números aumentam todos os dias, segundo os pesquisadores.

Agora o governo em Brasília espera tirar proveito da imagem mística de "Capital do Terceiro Milênio" com a promoção de eventos no ano 2000, que coincide com o 500º aniversário do Brasil. Cerca de metade do milhão de visitantes a Brasília no ano passado foi lá por causa do turismo místico, segundo as autoridades locais.

"Acreditamos que podemos dobrar o número de turistas da Nova Era à medida que o milênio se aproxima", observa Marcelo Dourado, secretário de Turismo da cidade. "Brasília tem uma aura mística que nenhuma outra cidade do Brasil possui. É um excelente produto."

No fim do ano passado, o escritório de turismo de Brasília lançou um guia para os grupos místicos, escrito em português e inglês. Os turistas podem escolher excursões ecumênicas a igrejas e comunidades religiosas ou percorrer o "Caminho do Milênio", de Brasília a Porto Seguro, na Bahia, onde os portugueses aportaram pela primeira vez em 1500.

Entre as atrações mais populares está a Legião do Templo da Boa Vontade ecumênica, uma pirâmide com sete lados e sete andares, encimada pelo que o panfleto chama de "o maior cristal do mundo".

Outras atrações para os turistas são a Universidade da Paz e comunidades religiosas como a Cidade Eclética e o Vale do Amanhecer, em que os visitantes podem participar de cerimônias e tirar fotos de devotos em vestimentas de ritual.

"Esta é a Interlândia, centro do continente sul-americano", afirma Luiz José da Cunha Lima, um pesquisador de grupos da Nova Era que oferece excursões a Alto Paraíso, comunidade mística localizada a três horas de carro de Brasília. "Esta região tem sido esotericamente preparada para ser o berço de um novo movimento."

Desde sua fundação em 1960, Brasília intitulou-se "cidade do futuro". Sua arquitetura modernista, emoldurada por um vasto céu azul, e a localização isolada no cerrado brasileiro emprestam à cidade uma aura extraterrena.

Muitos devotos da Nova Era acreditam que a região está assentada sobre um leito de rocha de cristal que supostamente confere ao local poder espiritual incomum. Construída na forma de um avião, Brasília foi criação do ex-presidente Juscelino Kubitschek.

Os historiadores dizem que ele decidiu construir Brasília porque Dom Bosco, padre italiano do sé-

culo XIX, previu a chegada de uma nova civilização entre os paralelos 15 e 20, que se transformaria na sede do novo milênio.

Cartazes em toda a parte advertem sobre o apocalipse iminente e exortam os pecadores ao "arrependa-se hoje!". Cada bloco parece ter uma casa com uma faixa pendurada sobre a



GREET



porta convidando os visitantes a uma consulta com um médium. Visualizações de UFOs são tão comuns como estrelas cadentes, especialmente perto de Alto Paraíso.

Egon e sua mulher Inti-Ra fundaram a organização Arcadia em Alto Paraíso, com base em visões que alegam ter sido "canalizadas" por seres extraterrestres. Disseram que seus guias espirituais os conduziram à planície central para promover sociedades sustentáveis.

Era em Brasília

místico nos arredores da capital da burocracia





e curas da era espacial. Como muitos grupos da Nova Era, a Arcadia acredita que o mundo como o conhecemos acabará em breve.

"Atendemos à busca das pessoas pelo significado da vida e as preparamos para a Nova Era. Estamos nos dirigindo para a quarta dimensão", diz Egon.

Temendo o Apocalipse, o Osho — grupo de meditação hindu formado pelo falecido Bagwan Shree Rajneesh — transferiu-se para um lote de terra espetacular perto de Alto Paraíso, onde administra uma espécie de "estância ecoespiritual".

"Francamente, viemos para cá porque acreditamos que é o lugar

mais seguro no planeta", explica Shivana da Lua, porta-voz do Osho no Brasil. "Quando tudo começar a desmoronar — e será neste ano, acreditem-me — este lugar será poupado de toda a turbulência e destruição devido à sua elevada energia espiritual."

Deis Siqueira, sociólogo da Universidade de Brasília, diz que o crescimento dos novos movimentos religiosos "está acontecendo com muita rapidez" na região de Brasília porque a terra ali é barata e o território vasto e vazio permite a esses grupos se desligarem da sociedade.

A tradição brasileira de religiões sincréticas ou mistas também ajudou os grupos da Nova Era a se sentirem à vontade. "O Brasil é, acima de tudo, um país de exotismo, onde o misterioso é tolerado", afirma Deis Siqueira.

Grupos polêmicos como o Santo Daime — que utiliza uma planta alucinógena emprestada dos índios

da Amazônia peruana para proporcionar aos membros visões religiosas — são tão bem acolhidos em Alto Paraíso quanto seitas protestantes radicais e religiões hindus.

"Todos esses grupos coexistem realmente bem", observa Siqueira. "É sua crença na importância de construir a Nova Era, preparando-se para uma nova época de paz e unidade. Alto Paraíso é um laboratório vivo."

As novas religiões podem ter um verniz de outro mundo, mas são firmemente brasileiras em sua incorporação de outras tradições e em seu papel social. A maioria dos devotos é formada de pobres e frequentemente analfabetos. Por este motivo, as doutrinas são transmitidas oralmente, e não por estudos de textos. Desabrigados, alcoólatras e marginalizados deixados à míngua pelos inadequados serviços sociais do Brasil acabam batendo as portas desses grupos.

"Vamos apenas dizer que é um lugar onde comerão, não importando se fazem qualquer trabalho ou não", explica um guia de turismo na Cidade Eclética. Localizada no alto de um platô nos arredores de Brasília, a comunidade adota crianças e as educa de graça; trata dos doentes com remédios à base de plantas; e constrói casas para quem quiser morar na região, explica o guia.

Dos residentes exige-se abstenção de bebidas alcoólicas, e as mulheres precisam deixar crescer seu cabelo e usar vestidos compridos.

A construção de utopias é tema comum entre as novas religiões. A maioria descarta as hierarquias, preferindo a estrutura igualitária. Elas defendem a autodescoberta individual, uma visão comunal e uma maneira alternativa de vida. Mas, historicamente, a maioria não dura mais de três anos.

Igreja Universal libera bancada de deputados

DO ENVIADO A BRASÍLIA

A Igreja Universal do Reino de Deus liberou seus 18 deputados na questão da CPI para investigar o ex-secretário-geral Eduardo Jorge. Segundo o deputado federal Bispo Rodrigues (PL-RJ), líder

posição dele, da Universal, e se a Record — que pertence à igreja — iria fazer campanha a favor da CPI ou contra o governo.

Segundo ele, todos foram informados que não há uma posição fechada da Universal sobre o assunto e que o conselho dos bispos

Inquisição, fundamentalismo e sectarismo: a prática teológica da Igreja Presbiteriana do Brasil

João Dias de Araújo *

* Professor do Programa Teologia para o Desenvolvimento, no Estado da Bahia.



as preparamos
tamos nos diri
mensão", diz
Temendo c
— grupo de
mado pelo fa
Rajneesh —
lote de terra
Alto Paraíso
uma espécie
ritual".
"Francam
porque acrei

da Amazônia peruana para proporcionar aos membros visões religiosas — são tão bem acolhidos em Alto Paraíso quanto seitas protestantes radicais e religiões hindus.

"Todos esses grupos coexistem realmente bem", observa Siqueira. "É sua crença na importância de construir a Nova Era, preparando-se para uma nova época de paz e unidade. Alto Paraíso é um laboratório vivo."

As novas religiões podem ter um verniz de outro mundo, mas são firmemente brasileiras em sua incorporação de outras tradições em seu papel social. A

Igreja Universal libera bancada de deputados

DO ENVIADO A BRASÍLIA

A Igreja Universal do Reino de Deus liberou seus 18 deputados na questão da CPI para investigar o ex-secretário-geral Eduardo Jorge. Segundo o deputado federal Rinaldo

posição dele, da Universal, e se a Record — que pertence à igreja — iria fazer campanha a favor da CPI ou contra o governo.

Segundo ele, todos foram informados que não há uma posição fechada da Universal.

97

Vamos falar sobre a prática teológica da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), dentro da experiência daqueles que foram expulsos dos seminários dessa Igreja e hoje militam na recém-organizada Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU). Destacaremos algumas características da prática teológica da IPB e ao mesmo tempo mostraremos qual a prática que está sendo almejada pela IPU.

I — Prática Inquisitorial

Embora tenha havido no passado aspectos dessa prática, ela se intensificou depois de 1966. Os professores dos três seminários teológicos da IPB que procuravam adaptar o pensamento teológico à realidade do mundo e do Brasil, foram dispensados de suas cátedras. Assim, quatro professores foram expulsos do Seminário Presbiteriano do Norte, no Recife; oito professores do Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas; e, todos os professores do Seminário Presbiteriano do Centenário, em Vitória, que teve as suas portas fechadas. Mais de sessenta seminaristas foram também colocados fora dos seminários. Houve a implantação da prática inquisitorial em toda a Igreja, de modo que vários pastores, presbíteros e líderes foram também atingidos. Ninguém podia pensar de modo diferente da cúpula que dirigia a Igreja. Entre esses expulsos, há mais ou menos uma dezena neste Congresso.

Na Igreja Presbiteriana Unida do Brasil estamos tentando colocar em prática a convivência da diversidade com a unidade. O pensamento teológico não pode ser limitado à interpretações dos séculos anteriores. Temos que buscar novas formas de expressão, mantendo o respeito para com aqueles que pensam de modo diferente.

II — Prática Fundamentalista

De 1966 para cá a Igreja Presbiteriana do Brasil se voltou para o fundamentalismo acirrado, seguindo o pensamento e os métodos do movimento fundamentalista internacional, liderado por uma facção norte-americana. O movimento fundamentalista é ultra conservador, bíblicista, literalista e pietista, comprometido com o passado e com as formulações teológicas do século XVII. A prática fundamentalista despreza as novas conclusões das ciências bíblicas e as tentativas de formulação de uma teologia relevante. Os professores e os estudantes, os pastores e os leigos que sentiam necessidade de uma reformulação das interpretações bíblico-teológicas foram considerados como modernistas, esquerdistas e como elementos suspeitos.

O fundamentalismo impede qualquer progresso da teologia, por isso a prática teológica na IPB permaneceu estagnada. Os teólogos presbiterianos que hoje fazem parte da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil estão dispostos a uma prática que nós chamariamos de "progressista", no sentido de fazer uma nova leitura da Bíblia ao lado de uma nova leitura da realidade. Isso não é possível ainda hoje na IPB, onde os "caçadores de heresias" pululam em todos os quadrantes, tentando fiscalizar especialmente os professores e estudantes dos seminários. É tanta a implicância que os seminaristas do Recife apelidavam esses conservadores "fun-funs" num desabafo diante das pressões. No ano de 1966 a IPB criou a Comissão Especial dos Seminários que tinha como finalidade principal investigar o pensamento dos professores sobre o movimento ecumênico e a responsabilidade social dos cristãos. Essa comissão era um verdadeiro tribunal da inquisição que atingiu dezenas de professores e estudantes, sem falar no movimento nacional da mocidade, que já tinha sido extinto pela IPB.

III — Prática Sectária

Como resultado dessas duas tendências anteriores a IPB foi se tornando cada vez mais sectária, deixando de ser igreja. Uma das características da seita é o isolacionismo, que é resultante da atitude daqueles que acham que são "os donos da verdade". Foram rompidas as relações da IPB com a Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos, com a ASTE, com a Sociedade Bíblica do Brasil, com a Associação de Igrejas Presbiterianas e Reformadas da América Latina (AI-PRAL), com a Aliança Mundial de Igrejas Reformadas, com o Dia Mundial de Oração e com todas as organizações que mantêm qualquer vínculo com o Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Foi rejeitada uma grande oferta para crianças orfãs do Nordeste, enviada por uma igreja reformada, somente pelo fato de ter sido mandada através de um órgão do CMI.

Na Igreja Presbiteriana Unida do Brasil estamos procurando evitar esses aspectos sectários, que são, geralmente, frutos de preconceitos de todos os tipos. Por exemplo, no aspecto dos ministérios da Igreja, a IPU, seguindo o ensinamento do Novo Testamento, está abrindo mais as oportunidades para os "leigos" e para as mulheres. Quase todas as igrejas da IPU já adotaram a eleição e a ordenação de diaconisas e de presbíteras, e o Presbitério do Salvador já aprovou a possibilidade da ordenação de pastoras. Nas reuniões dos Concílios das Igrejas locais e dos presbitérios há maior participação dos líderes jovens e um grande número de senhoras.

Conclusão — Nesses três aspectos anteriormente citados, estamos vivendo uma transição na prática teológica, como igreja. Somos de uma formação teológica conservadora, mas ao mesmo tempo não podemos ficar irresponsáveis diante dos sinais dos tempos no mundo e em nosso país.

Sem deixar a nossa vinculação histórica com a Bíblia, estamos procurando nos desvincular de interpretações erradas da Bíblia, em busca de um maior comprometimento com o presente e o futuro de nosso povo.

Igreja Universal libera bancada de deputados

2.8.00
DO ENVIADO A BRASÍLIA

A Igreja Universal do Reino de Deus liberou seus 18 deputados na questão da CPI para investigar o ex-secretário-geral Eduardo Jorge. Segundo o deputado federal Bispo Rodrigues (PL-RJ), líder político da igreja, cada um pode seguir a orientação do partido ao qual é filiado ou votar de acordo com a própria consciência.

No entanto, ele próprio decidiu assinar o pedido para abertura da CPI e afirma que irá cabalar votos para isso.

"Eu sou de centro. Mas nas questões principais eu voto com a esquerda", afirmou ele. "A esquerda não é esse comedor de criancinhas que dizem."

Bispo Rodrigues, que é vice-presidente do PL, salientou estar seguindo uma decisão do partido — que tem 11 deputados federais, sendo dois ligados à Universal.

O deputado afirmou que a Universal se reserva o direito de orientar seus deputados apenas nas questões morais e religiosas.

Bispo Rodrigues disse que foi sondado por líderes da oposição e da situação para saber qual seria a

posição dele, da Universal, e se a Record — que pertence à igreja — iria fazer campanha a favor da CPI ou contra o governo.

Segundo ele, todos foram informados que não há uma posição fechada da Universal sobre o assunto e que o conselho dos bispos — que discute os temas mais importantes e dão orientações — não foi convocado. Isso só ocorrerá se houver alguma denúncia nova ou se provas contundentes aparecerem complicando a situação do ex-secretário-geral.

"Só se fatos novos forem revelados e causarem uma comoção no país. Aí a igreja vai ter que tomar uma posição", afirmou. (LAR)



A esquerda não é esse comedor de criancinhas que dizem

BISPO RODRIGUES
deputado federal (PL-RJ), líder político da Igreja Universal

Kapitalanlagen

2
ntos
s a
s, e
ntos
mi



Cena na sinagoga Rubinstein, na capital, onde há mais de 50 entidades judaicas

80 mil judeus festejam Rosh Hashaná em SP

Adriana Fernandes Farias e Regina Neves
de São Paulo

Os 80 mil judeus que habitam a capital comemoram hoje, ao anoitecer, a passagem do ano, o chamado Rosh Hashaná, que irá até domingo. Para a religião judaica, que segue o calendário lunar, entramos no ano 5761.

Meditação e orações marcam o período que culmina com o Yom Kipur, ou Dia do Perdão, a data mais importante do calendário, em que jejuam e fazem um jantar festivo. Nesse dia, os judeus acreditam que Deus sele a sentença que determina como será o ano de cada pessoa.

Para que os paulistanos entendam melhor a cultura hebraica, a Casa de Cultura de Israel promove na próxima quarta-feira uma palestra aberta a todos os interessados explicando o significado do Yom Kipur.

Como todas as grandes datas judaicas, o Rosh Hashaná também é cercado de refeições especiais, com alimentos recheados de simbológicas. O mais importante é que haja pratos doces — e a maçã e o mel estão sempre presentes — para que o ano que se inicia seja doce. Com uma grande comunidade em São Paulo, restaurantes e rotisseries preparam pratos especiais para a data. ■

ver mais na página 4

Judaicos rechaçam compa

Comunidade israelense no Brasil critica jornalista por ter c

Indignados com as afirmativas contidas na coluna do jornalista Sebastião Nery publicada no último dia 4, em vários jornais do País, entre eles a GAZETA DE ALAGOAS, oito integrantes da comunidade judaica enviaram correspondência à Organização Arnon de Mello, rechaçando as comparações feitas entre as atrocidades cometidas por nazistas durante a II Guerra Mundial e os atuais conflitos no Oriente Médio, entre palestinos e o Estado de Israel, no artigo "Ariel Sharon, teu nome é Hitler".

Os signatários da correspondência discordam com veemência das acusações de tortura oficializadas entre os israelenses e da análise feita por Sebastião Nery, segundo o qual Israel, Estados Unidos e a Europa continuam "impedindo a criação do Estado palestino" e, por extensão, impedindo o processo de paz no Oriente Médio. "O senhor parece ser ainda o mesmo ingênuo seminarista de quase 60 anos atrás. É daqueles inocentes que acreditam que basta que Israel ceda aos palestinos e lhes dê o que pedem para que o terrorismo palestino e árabe recue espontaneamente. Trata-se, antes de tudo, de um raciocínio lamentavelmente simplista", frisam.

As afirmativas contidas no citado artigo não são a opinião das empresas da Organização Arnon de Mello, muito menos de seus proprietários, refletindo única e exclusivamente a opinião do autor da coluna.

A seguir, a GAZETA publica, na íntegra, as considerações feitas pelos integrantes da comunidade judaica, a saber: Szyja Ber Lorber (jornalista), Sheilla Figlarz (cientista social), Gerson Guelmann, Salomão Rotenberg (engenheiro civil), Victor H. Raskin (empresário), Karina Brodski (psicóloga), Franklin W. Goldgrub (escritor) e Sílvia Parnes (secretária executiva bilíngüe).

"Resposta ao Nery:

Senhor jornalista Sebastião Nery: Pode ficar certo de que Israel jamais estará nas mãos de nazistas. E muito menos nas mãos daqueles fanáticos árabes ou palestinos que desejam um novo Holocausto, não só o dos judeus de Israel, mas também o do resto do mundo. Em sua coluna do dia 4/11, o senhor citou o artigo 5º da Declaração Universal dos Direitos Humanos. A propósito vamos aqui repetir o artigo 7º dos estatutos da organização terrorista islâmica Hamas, que, temos certeza, desconhece. Para que não parem dúvidas a respeito, foi citado por Bruce Hoffman em *A Mão Armada: História do Terrorismo*: "O tempo da redenção não chegará até que os muçulmanos lutem contra os judeus e os matem e que os judeus tenham de esconder-se atrás das árvores e rochas quando soar o grito: Muçulmano, aqui está escondido um judeu! Vem e

bes. Ou o senhor é desinformado ou então é um daqueles antisemitas que batem no peito e ainda dizem possuir amigos judeus. O anti-semitismo, aliás, fica patente na maneira em que empregou a palavra "judiação" logo no início da referência a Israel.

Israel é a única democracia no Oriente Médio. Existe 1,5 milhão de árabes vivendo dentro desse país. E existem deputados árabes no Parlamento de Israel. Agora perguntamos: existem judeus ou parlamentares judeus em países árabes?

O senhor fala, hipocritamente, da tortura em Israel como se não houvesse tortura nos demais países árabes, onde nenhum deles é uma democracia.

O senhor parece ser ainda o mesmo ingênuo seminarista de quase 60 anos atrás. É daqueles inocentes que acreditam que basta que Israel ceda aos palestinos e

Comunidade judaica não acei

roristas quando atacou somente os israelenses. Não havia ali uma só palavra contra os atentados suicidas. Só existem direitos humanos para os palestinos? Os judeus não têm direito de viver em paz? Seu posicionamento é aviltantemente injusto, desumano, parcial e, o que é pior, acintosamente tendencioso e descompromissado com a história, ainda mais partindo como partiu de um jornalista.

Ao omitir o terrorismo palestino, ficou clara e evidente sua intenção de estabelecer duas categorias de violência: a boa e a má, a

comparação entre Sharon e Hitler

comparado atrocidades nazistas a conflitos no Oriente Médio



a comparação entre política de Sharon e ações dos nazistas

mente se preocupa com os direitos humanos dos árabes-palestinos?

"A Síria, Iraque, Egito, Irã, Jordânia e outras nações muçulmanas têm advertido Israel, sob variadas formas e diferentes graus de intensidade, a respeito do suposto mau tratamento que o Estado Judeu dispensa aos árabes-palestinos. Há um problema maior com tais advertências. Aquelas nações têm feito muito menos pelos árabes-palestinos do que Israel".

"Isto é verdade. Digo e penso assim. Permitam-me dar um exemplo do que estou falando. O jornal The Jor-

crita explicação pode acontecer sem cair no ridículo internacional e sem a denúncia universal".

"Tenham em mente que a maioria dos refugiados palestinos nasceu bem depois de 1948. Nunca viveram num país chamado Palestina. E a razão é que os vizinhos árabes se mostraram pouco hospitaleiros. Não se lhes foi permitido se assentarem nos países árabes porque os líderes árabes estavam determinados a soprar as chamas do ódio a Israel. Desejavam manter viva essa válvula de escape de uma pátria palestina a fim de que o povo ára-

suas casas."

"Alguns, no Líbano, já reconheceram a natureza "racista" dessa campanha - políticas muito piores do que qualquer coisa que jamais aconteceu em Israel."

"Agora, mais de meio milhão de sírios marcharam, no início da semana, em apoio do levante palestino em Israel, acusando o Estado Judeu de práticas "Nazistas e fascistas". Tais cidadãos sírios têm a menor idéia do tipo de opressão que os árabes-palestinos enfrentam na porta-vizinha no Líbano? Terão eles a menor idéia de que seu governo apóia diretamente tais políticas? Estarão eles cientes de que mais tropas sírias foram levadas, agora, para o Líbano, para dar apoio a um regime que impôs essas medidas repressivas?"

"As noções árabes somente fizeram explorar a sua miséria. Essa exploração continua até os dias de hoje. Ela é aberta. É matéria de lei. Mas o mundo não vê isso".

E parece que o sr. Sebastião Nery também não...

O senhor não mencionou, mas o povo judeu, do qual fazemos parte, foi expulso de seu país há cerca de vinte séculos. Mas esse povo se recusou a desaparecer, depois de ter legado ao mundo a base monoteísta de todas as grandes religiões e de toda a civilização moderna. Durante todo o seu exílio, esse povo sofreu toda a espécie de perseguição, atos de humilhação e atrocidades e mortes. O senhor mencionou o Holocausto, mas não falou do anti-semitismo, da Inquisição, dos Pogroms, das perseguições por séculos e séculos sofridas pelos judeus. Desde 1948, isto é, há 53 anos, Israel luta pela sua existência e sobrevivência, pelo direito de ser reconhecido, frente a todos os países que o circundam, e não o é. As organizações terroristas internacionais impedem qualquer tipo de acordo entre Israel e Palestinos, pois a paz é a contradição de

DEB 672
Setembro 2000

O Crescimento do pentecostalismo no Brasil

O presente texto não pretende refletir sobre o fenômeno do crescimento do pentecostalismo no Brasil. Pretende apenas apresentar dados estatísticos e comparações que podem indicar pistas para reflexões futuras.

Dados estatísticos e comparativos

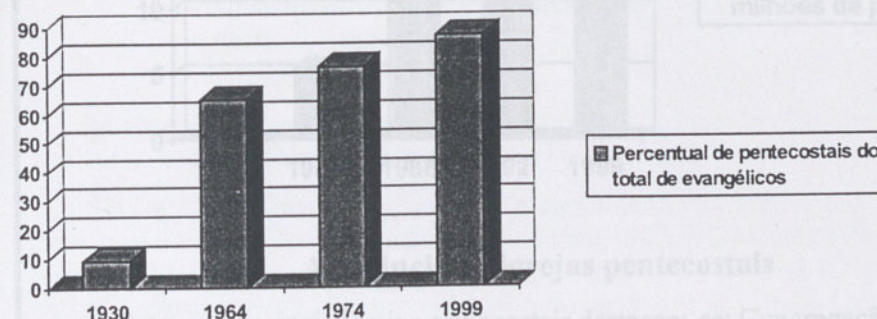
O extraordinário crescimento das igrejas pentecostais no Brasil pode ser constatado pelos dados abaixo-relacionados:

⇒ Em 1930, os fiéis pentecostais representavam 9,5% dos evangélicos brasileiros.¹

⇒ Em 1964, os fiéis pentecostais já representavam 65,2% dos evangélicos.²

⇒ Em 1974, os fiéis pentecostais representavam 76,2% dos evangélicos.³

⇒ Em 1999, de acordo com a projeção de Luís Alberto Sayão a partir de dados publicados pelo ISER (Instituto de Sociologia e Estudos da Religião), os fiéis pentecostais representavam 87% dos evangélicos brasileiros. Eram aproximadamente 24,3 milhões de pentecostais, para 28 milhões de evangélicos.⁴



1. Luís Alberto SAYÃO, Uma avaliação sociológica do pentecostalismo e do neopentecostalismo contemporâneo, em: *Revista Vox Scripturae* 9 (1999) 83. Luís Alberto Sayão é professor de Hebraico e de Antigo Testamento no Seminário Servo de Cristo e Editor Acadêmico de Edições Vida Nova.

2. SAYÃO, *op. cit.*, p. 83.

3. William R. READ, *Fermento religioso nas massas do Brasil*. Citado por SAYÃO, *op. cit.*, p. 83.

4. Cf. VV.AA., *Novo Nascimento. Os evangélicos em casa, na igreja e na política*, Mauad, Rio de Janeiro 1998.

Considerando que a
tes,⁵ os pentecostais re
14,65% em 1999). Vale
tavam 16,9% da populaç

Outra demonstração
pelo pesquisador André (C
costalismo no Brasil",⁷ p

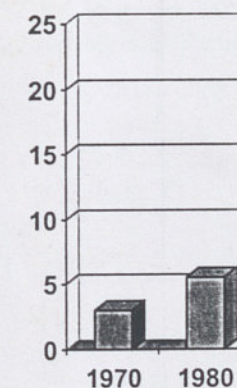
⇒ Em 1970, existia

⇒ Em 1980, os pent

⇒ Em 1988, os pent

⇒ Em 1992, os pent

Se estas estimativas
tados, pode-se ilustrar o c



As

Entre as principais i
Brasil, Assembléia de D

5. Estimativa feita pelo IBGE
ibge.gov.br/disseminacao/online

6. Observação de Regina N

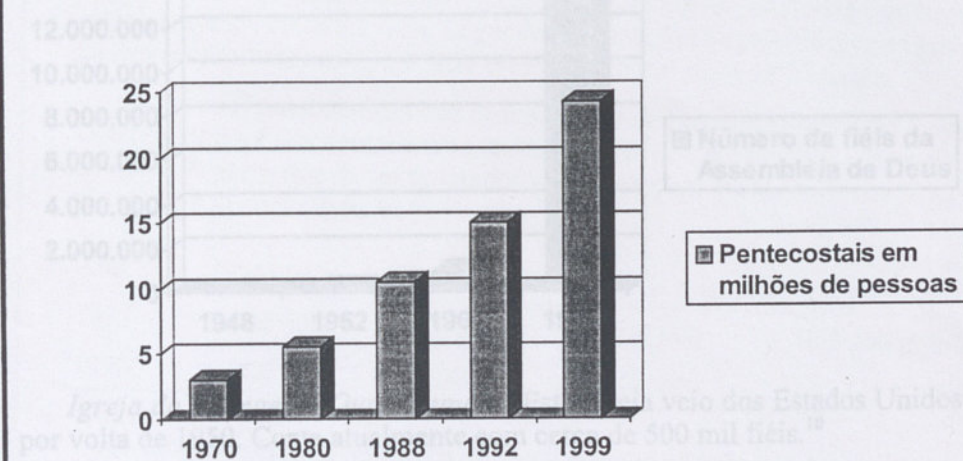
7. André CORTEN, *Os pen*

Considerando que a população brasileira atual é de 165.761.544 habitantes,⁵ os pentecostais representam hoje mais de 15% da população (eram 14,65% em 1999). Vale lembrar que, em 1991, todos os evangélicos representavam 16,9% da população brasileira.⁶

Outra demonstração do crescimento dos fiéis pentecostais no Brasil é feita pelo pesquisador André Corten, no livro "Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil",⁷ publicado pela Editora Vozes:

- ⇒ Em 1970, existiam 3 milhões de fiéis pentecostais no Brasil;
- ⇒ Em 1980, os pentecostais já eram 5,5 milhões;
- ⇒ Em 1988, os pentecostais eram 10,5 milhões;
- ⇒ Em 1992, os pentecostais eram 15 milhões.

Se estas estimativas forem mescladas com os dados anteriormente apresentados, pode-se ilustrar o crescimento do pentecostalismo com o seguinte gráfico:



As principais igrejas pentecostais

Entre as principais igrejas pentecostais destacam-se: Congregação Cristã do Brasil, Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Deus é Amor e

5. Estimativa feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) disponível em: <http://www.ibge.gov.br/disseminacao/online/popclock/scripts/popclock.asp>. Arquivo capturado em 06 de maio de 2000.

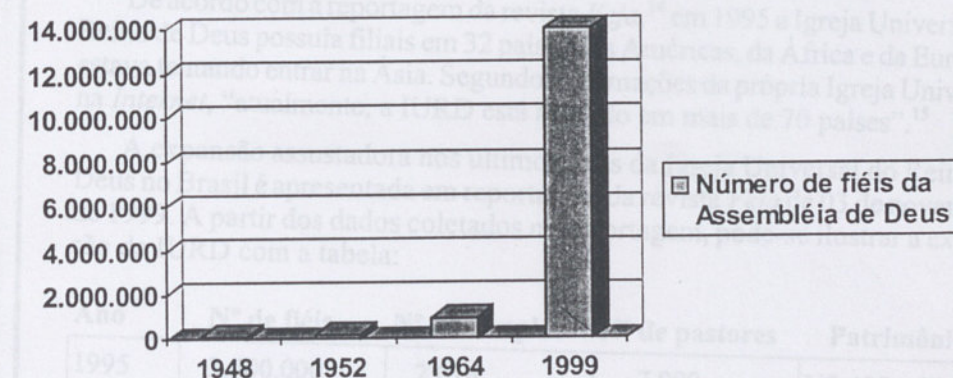
6. Observação de Regina Novaes, pesquisadora do ISER, a partir do Censo do IBGE de 1991.

7. André CORTEN, *Os pobres e o Espírito Santo*, Vozes, Petrópolis 1996, p. 68, n. 17.

Igreja Universal do Reino de Deus. Serão apresentadas algumas informações sobre estas igrejas, com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus.⁸

Congregação Cristã do Brasil. Iniciada no Estado do Paraná pelo imigrante italiano nos EUA, Luigi Francescon, em 1910, a Congregação Cristã do Brasil é a primeira igreja pentecostal em território nacional. Conta hoje com aproximadamente 3 milhões de fiéis.

Assembléia de Deus. Fundada em 1911 por dois imigrantes sueco-americanos que haviam participado do movimento pentecostal em Chicago, onde tiveram a "revelação divina" de que deveriam ir pregar no Estado do Pará, no Brasil. Logo a Assembléia de Deus espalhou-se por todo o Brasil, sendo hoje a maior igreja pentecostal. Seu crescimento é intenso nas camadas mais pobres da população, aumentando de 100 mil fiéis em 1948 para 200 mil em 1952, 500 mil em 1960, 950 mil em 1964 e para aproximadamente 14 milhões de fiéis hoje.⁹ Seu crescimento nos últimos anos é extraordinário, como mostra o gráfico abaixo.



Igreja do Evangelho Quadrangular. Esta igreja veio dos Estados Unidos por volta de 1950. Conta atualmente com cerca de 500 mil fiéis.¹⁰

Deus é amor. Uma das primeiras igrejas totalmente brasileiras, fundada pelo "missionário" David Martins Miranda em 1962. Não temos informações precisas atuais sobre o número de fiéis desta igreja, mas pode-se ter uma idéia da sua expansão pelos dados recolhidos pelo professor Ari Pedro Oro: no ano

8. As informações apresentadas foram pesquisadas no artigo de SAYÃO, *op. cit.*, e nos livros: Leonildo Silveira CAMPOS, *Teatro, Templo e Mercado*, Vozes, Petrópolis 1997; Francisco Cartaxo ROLIM, *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*, Vozes, Petrópolis 1985; Ivo ORO, *Avanço pentecostal e a reação católica*, Vozes, Petrópolis 1996; André CORTEN, *op. cit.*, e de artigos da revista *Veja*, de 03/11/99 e 19/04/95.

9. Estimativa feita por SAYÃO, *op. cit.*, p. 87.

10. Estimativa feita por SAYÃO, *op. cit.*, p. 87.

de 1994 a igreja Deus é Amor possuía 6.365 templos espalhados por todo o Brasil; 294 templos espalhados; 1 templo em P

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) tem chamado a atenção por sua atuação em relação à mídia e aos meios de comunicação, aliada ao sucesso provocado am

Na avaliação da expansão da igreja é difícil fazer uma estimativa de Deus no Brasil. Segundo Leonildo Campos apud a imprensa do Estado de São Paulo, de 1 milhão e 500 mil em 1994 e o *Jornal da Tarde* (S. Paulo) em 1999

De acordo com o *Jornal da Tarde*, a Igreja Universal do Reino de Deus possui 14 milhões de fiéis em 1999. estava tentando entrar na Internet, "atual

A expansão da igreja de Deus no Brasil é a mais rápida de 1999. A partir de 1999, a expansão da IURD com

Ano	Nº de fiéis
1995	3.500.000
1999	8.000.000

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) dia para proselitismo

11. Conferir ORO, Ari Pedro.
12. SAYÃO, op. cit.
13. SAYÃO, op. cit.
14. *Veja*, 19 de abril de 1999.
15. IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS, disponível na Web no endereço: www.iur.org.br

de 1994 a igreja Deus é Amor possuía 6.365 templos espalhados por todo o Brasil; 294 templos espalhados pela América Latina; 5 templos nos Estados Unidos; 1 templo em Portugal; 10 templos na África e 1 templo na Ásia¹¹.

A Igreja Universal do Reino de Deus. "Fundada em 1977 por Edir Macedo, a IURD tem chamado a atenção de toda a sociedade brasileira. Sua postura belicosa em relação à majoritária e dominante Igreja Católica e aos cultos afro-brasileiros, aliada ao seu poder financeiro, político e na área das telecomunicações tem provocado ampla discussão nos meios de comunicação".¹²

Na avaliação dos professores Leonildo Campos e Luís Alberto Sayão, é difícil fazer uma estimativa do crescimento da Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil, porque os números são variáveis e contraditórios.¹³ Leonildo Campos apresenta um quadro do crescimento da IURD, segundo a imprensa do Estado de São Paulo. Segundo este quadro, a IURD cresceu de 1 milhão e 500 mil fiéis em 1991, para 3 milhões (segundo a revista *Veja* e o *Jornal da Tarde*) ou 6 milhões (segundo o conceituado jornal *Folha de S. Paulo*) em 1995.

De acordo com a reportagem da revista *Veja*,¹⁴ em 1995 a Igreja Universal do Reino de Deus possuía filiais em 32 países das Américas, da África e da Europa e estava tentando entrar na Ásia. Segundo informações da própria Igreja Universal na *Internet*, "atualmente, a IURD está atuando em mais de 70 países".¹⁵

A expansão assustadora nos últimos anos da Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil é apresentada em reportagem da revista *Veja* de 03 de novembro de 1999. A partir dos dados coletados na reportagem, pode-se ilustrar a expansão da IURD com a tabela:

Ano	Nº de fiéis	Nº de templos	Nº de pastores	Patrimônio
1995	3.500.000	2.014	7.000	US\$ 400 milhões
1999	8.000.000	8.000	20.000	US\$ 1 bilhão

A Igreja Universal do Reino de Deus destaca-se pelo uso crescente da mídia para proselitismo. Além de comprar muitos espaços em veículos de comu-

11. Conferir ORO, *op. cit.*, p. 48. Nota de rodapé.

12. SAYÃO, *op. cit.*, p. 90.

13. SAYÃO, *op. cit.*, p. 90 e CAMPOS, *op. cit.*, p. 409.

14. *Veja*, 19 de abril de 1995, p. 92-94, Anexo 02.

15. IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS, *Nossa História. A IURD no exterior*. Arquivo disponível na Web no endereço: <http://igrejauniversal.org.br>. Arquivo capturado em 05 de maio de 2000.

informações so-
de Deus.⁸

pelo imigran-
Cristã do Bra-
com apro-

americano-
onde tive-
no Brasil.
hoje a maior
da popu-
500 mil em
hoje.⁹ Seu
abaixo.

de fiéis da
de Deus

dos Unidos

fundada
informações
uma idéia
Oro: no ano

Leonildo Sil-
Pentecostais no
e a reação ca-
1999 e 19/04/95.

Igreja Universal do Reino de Deus. Seis representações informam as-
bre estas igrejas, com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus.
Congregação Cristã do Brasil, iniciada no Estado do Paraná pelo pastor
te italiano nos EUA, Luigi Francescon, em 1910, e Congregação Cristã do Bra-
sil e a primeira igreja pentecostal em território nacional. Cesta hoje com apro-
ximadamente 3 milhões de fiéis.

Assembleia de Deus, fundada em 1911 por dois imigrantes suco-america-
nos que haviam participado do movimento pentecostal em Chicago, onde vive-
ram a "revolução divina", de que deviam se orgulhar no Brasil, onde vive-
ram a Assembleia de Deus espalharam-se por todo o Brasil, sendo hoje a maior
igreja pentecostal. Seu crescimento é inconstante, com algumas crises de popu-
lação, aumentando de 100 mil fiéis em 1948 para 700 mil em 1971, 700 mil em
1980, 920 mil em 1984 e para aproximadamente 1,4 milhões de fiéis hoje.⁹ Seu
crescimento nos últimos anos é extraordinário, como mostra o gráfico abaixo.



Igreja do Evangelho Quadrangular, esta igreja / do dos Estados Unidos
por volta de 1930. Com atualmente com cerca de 500 mil fiéis.

Deus é amor. Uma das primeiras igrejas localmente distribuídas, fundada
pelo "missionário" David Martin, fundada em 1962. Não possui informações
precisas atuais sobre o número de fiéis desta igreja, mas pode-se ter uma idéia
da sua expansão pelos dados recolhidos pelo professor Ari Lúcio Oro no ano

8. As informações apresentadas foram coletadas no artigo de SAYÃO, *op. cit.*, p. 90.
9. Estimativa feita por SAYÃO, *op. cit.*, p. 90.

10. Estimativa feita por SAYÃO, *op. cit.*, p. 90.

nicação no Brasil e no exterior, a IURD é proprietária de diversos jornais, revistas, rádios, da gravadora de discos *Line Records* e da *Rede Record de Rádio e Televisão*. Em estudo de caso sobre as programações religiosas no estado de São Paulo, o Estado mais populoso do Brasil, o professor Leonildo Campos conclui que o pentecostalismo exerce uma hegemonia absoluta em horas de programação nas redes de televisão.¹⁶

Marcelo Fereira de Andrades
Editora Vozes
25689-900 Petrópolis, RJ/BRASIL

Nota: Reunimos no
relacionados a um mes

1.

"O
para
mis:
rest
de g
esta

Estamos vivendo o
João Paulo II nos prepa
Carta Apostólica "Ter
"No espírito do livro d
todos os pobres do mu
pensar, além do mais,
da dívida internaciona

Na "Ecclesia in Am
vida externa que sufoca
um problema complex
ja, na sua solicitude pa
à vida de tantas pesso

De fato, "só o paga
pobres um peso que pr
sário para o desenvolv
dor de emprego" (EA

Impelida por esta c
cando desenvolver un
da dívida externa e in

Este processo vem
e as diversas "Seman
conjunto das Pastora

16. Cf. CAMPOS, *op. cit.*, p. 286.

LITORAL DE CONTRASTES População espera chegada de um telefone público

Quietude local só é abalada por cultos evangélicos

LITORAL CEARENSE

Ponta Grossa é tão sossegada que ainda nem telefone tem, embora haja um orelhão, sem o aparelho. "Eles colocaram o capacete na última 'política'", relata o morador Eliseu Crispim, referindo-se à campanha eleitoral para prefeito do ano passado.

De acordo com a Prefeitura de Icapuí, município onde fica a praia, o telefone público deve ser instalado até abril.

O povoado tem a quietude quebrada apenas pelo burburinho das ondas do mar e pelos cultos na Assembléia de Deus.

Sim, pois a grande maioria da população é evangélica e leva muito a sério a religião. Muitos vão ao templo rezar às 4h todos os dias, e as mulheres quase sempre

têm cabelos muito longos.

O único culto que pode incomodar os turistas é o de domingo de manhã, realizado das 5h às 7h, acordando os mais preguiçosos.

Mas o horário não chega a ser um incômodo tão grande, pois a falta de entretenimento noturno obriga os poucos turistas que passam uma temporada no local a dormir cedo e desfrutar das belezas da região enquanto é dia.

Vale a pena aproveitar a luz solar para decifrar os animais e os tipos humanos esculpidos nas rochas avermelhadas e para descobrir as cores das pedras próximas à água doce que brota praticamente dentro do mar.

De acordo com a população, essas águas chegavam a formar piscinas naturais até serem aterradas pela própria areia. Os moradores

garantem que o fenômeno costuma atrair peixes-bois e que esses animais são facilmente avistados a partir de jangadas e barcos, principalmente de pescadores.

Segundo eles, a carne do animal era muito apreciada em Ponta Grossa, até o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) proibir a pesca da espécie, que está ameaçada de extinção.

Esqui-bunda

Outra dádiva que a natureza deu à região são as dunas, de onde se pode avistar o pôr-do-sol de um lado e o vizinho povoado de Redonda do outro.

O cenário, cercado por cajueiros pertencentes a uma fazenda particular, é perfeito para a prática do esqui-bunda (leia mais sobre a

atividade nas págs. F6 e F8).

A "prancha" de madeira pode ser emprestada por Eliseu Crispim, que acompanha os turistas às dunas e ainda lambuza o fundo da prancha com bastante parafina para que ela deslize com uma velocidade alta.

Também vale a pena caminhar sem rumo pela praia, repleta de pontos desertos, e chegar meio por acaso, se o destino for leste, à também sossegada praia de Peroba ou passar em frente à cinematográfica sede da fazenda da família Queiroz, em Retiro Grande, se a direção tomada for oeste.

O único problema é que o mar dessa região, embora calmo, é repleto de sargaço (espécie de alga), que só não lambe as pernas do banhista quando a maré está baixa.

(MARISTELA DO VALLE)



Eliseu Crispim pratica esqui-bunda em duna de Icapuí

Nova pousada dobrará oferta de quartos

NOLITORAL CEARENSE

Ponta Grossa começa a acordar para o turismo, com a discreta ampliação da oferta de leitos e o projeto de um novo restaurante.

Atualmente o povoado só conta com a pousada Canaã, inaugurada no réveillon 1999-2000 e que tem três quartos —cada um com uma cama de casal e outra de solteiro. Ela cobra diária de R\$ 20 por casal, com café.

Mas outra pousada está sendo construída. De propriedade de Misaac Crispim, ela tem a mesma capacidade e estilo da Canaã.

A simplicidade e o caráter acolhedor são as principais características das casas.

O café da manhã da Canaã, servido na varanda da casa dos seus proprietários, Jonas e Santana Crispim, consiste de tapioca, ovo frito, suco, café, leite, pão e, de vez

em quando, um bolinho.

Embora não tenha restaurante próprio, o local também faz almoço e/ou jantar para seus hóspedes mediante encomenda prévia.

Dessa forma, se o turista está com vontade de comer peixada ou peixe frito com baião-de-dois (um prato local à base de arroz, feijão e queijo coalho), basta encomendar a refeição a Santana, e ela mesma a prepara.

Já o seu marido, Jonas, é especialista em assar peixes numa fogueira preparada por ele mesmo no quintal da pousada.

Restaurantes

Outra opção é recorrer a um dos três restaurantes locais, o do Sidrak, a barraca Pantanal e a de Jeová, localizada tão perto do mar que chega a alagar quando a maré sobe muito e por isso tem o apelido de O Apertado da Hora.

Os três têm a mesma arquitetura: teto de palhoça sustentado por uma estrutura de madeira, lembrando mais barracas de praia.

Assim como no restaurante do Sidrak, o cardápio da barraca Pantanal é simples: camarão, peixe e lagosta, embora a última não possa ser pescada nesta época por ser seu período de reprodução. Com isso o crustáceo só voltará a ser servido em 1º de maio, quando há a festa da lagosta.

Normalmente a porção de peixe, seja ele frito ou ensopado (pei-

xada), muito bem servida para duas pessoas, com arroz, farofa, salada, custa R\$ 10. O tipo de peixe servido depende sempre do que foi pescado recentemente.

Embora com o cardápio limitado, os proprietários de tais restaurantes preparam outras refeições encomendadas com antecedência. A Pantanal, por exemplo, faz galinha cabidela por R\$ 17 —o preço é alto porque a ave precisa ser comprada de terceiros.

Já a barraca de Jeová é mais especializada em tira-gostos. A porção de polvo com molho de tomate, por exemplo, é deliciosa, mas nem sempre há o molusco no local. Um quilo custa R\$ 10.

Numa perspectiva de diversificar as opções de pratos, Otoniel Crispim, filho de Jonas (da Canaã), pretende inaugurar a longo prazo um restaurante que oferecerá peixe na telha, porções de macaxeira e de bolinho de peixe.

No quesito bebida, todos os restaurantes têm cerveja à vontade, mas a caipirinha e a caipirosca não costumam constar nos cardápios devido à dificuldade na produção de gelo em larga escala.

Ao lado do restaurante do Sidrak, há um terreno que pode ser utilizado para acampamento de turistas. O local é uma alternativa para quem não consegue se hospedar na Canaã, já que a falta de telefone no povoado impede as reservas antecipadas. (MV)



Barraca de Jeová Crispim, que costuma alagar quando a maré sobe

Pr

MARCELO BERABA

6.7.01

Os evangélicos e a política

RIO DE JANEIRO - A prática política do governador Anthony Garotinho, do Rio, aponta os holofotes para o eleitorado evangélico, um segmento religioso que vem crescendo em todas as regiões do país. O interesse pelo comportamento político e eleitoral dos evangélicos não é novo e não se deve exclusivamente ao governador.

Eles despertaram a atenção já em 86, quando elegeram 33 deputados constituintes numa Câmara que tinha antes apenas quatro representantes. Depois, a atenção se voltou novamente para o segmento quando a Igreja Universal entrou abertamente no jogo político, sem artifícios.

O que têm em comum, no que concerne à prática política, os deputados evangélicos em geral, os deputados da Igreja Universal e o governador do Rio? Nada.

Os da Igreja Universal pedem voto abertamente durante seus rituais e fazem isso de forma transparente, por entenderem que o espaço político seja fundamental para expandirem a

fé. Os candidatos de outras igrejas, principalmente as protestantes históricas, em geral têm escrúpulo em misturar os canais.

A estratégia política do governador do Rio é diferente. Há uma confusão aparentemente proposital entre política e religião. Seu programa religioso na rádio Melodia é nitidamente político, o que é um retrocesso num Estado laico e numa sociedade multirreligiosa.

Já escrevi que Garotinho sustenta sua pré-campanha para presidente em dois pontos: no proselitismo religioso e no uso intensivo dos meios de comunicação —através de programas que tentam escamotear a propaganda eleitoral. Devo acrescentar um terceiro: a publicidade oficial, com reservas de R\$ 90 milhões até o final do mandato.

A administração do governador é bem avaliada em todas as pesquisas. Talvez ele não precisasse desses artifícios. Talvez eles a expliquem.

6.7.01

A força dos evangélicos

RIO DE JANEIRO - A pré-candidatura de Garotinho à Presidência coloca o chamado segmento evangélico na berlinda, porque o próprio governador faz questão de associá-lo à sua campanha política por meio de declarações e de viagens pelo país e no seu programa na rádio Melodia FM.

Pois, se assim é, o melhor é saber um pouco mais quem são os evangélicos em termos de peso eleitoral. Para isso, contamos com a ajuda da última pesquisa nacional do Datafolha sobre a eleição presidencial, realizada no final de junho.

A pesquisa mostrou que 19% dos eleitores se declaram evangélicos. Os próprios evangélicos costumam calcular esse índice entre 20% e 25%, conforme a região. O Iser (Instituto de Estudos da Religião) calcula, baseado em dados do censo de 91, entre 13% e 16%. Tirando o possível exagero de um e a defasagem do outro, é provável que 19% esteja bem próximo da realidade.

A maior presença é de evangélicos pentecostais, com 14%. Os históricos

são 5%. Juntos têm peso maior entre as mulheres (20%) do que entre os homens (17%), e entre os adultos de 25 a 34 anos (21%) do que entre os que têm mais de 60 anos (16%).

Estão mais presentes no Sudeste (22%) do que no Nordeste (15%) e nas regiões metropolitanas (24%) do que no interior (17%). O que parece indicar que o fenômeno de crescimento dos pentecostais esteja associado ao meio urbano, onde são maiores os problemas sociais e mais forte a ação da mídia religiosa.

São Paulo e Rio, com 24%, concentram mais fiéis entre os dez Estados pesquisados e contrastam com Santa Catarina (13%) e Rio Grande do Sul (15%). Entre as capitais, os evangélicos são mais fortes em São Paulo, Curitiba e Recife, com 24%.

E o apoio dos evangélicos ajuda ou atrapalha um candidato a presidente? A resposta está em outra pesquisa, da Sensus/CNT: 36,5% acham que ajuda; 11,5%, que atrapalha; e 49,3%, que não ajuda nem atrapalha.

Yc **SUCCESSÃO NO ESCURO** Meta é eleger

Assembléia de De

lo menos um deputado federal por Estado e o apoio a candidatos a cargos majoritários
s aprova plano para eleições de 2002

Zulmair Rocha/Folha Imagem



Convenção Geral das Assembléias de Deus, no Rio de Janeiro

Garotinho usa R\$ 22,6 milhões em publicidade

DA SUCURSAL DO RIO

No primeiro semestre deste ano o governador do Rio, Anthony Garotinho (PSB), gastou R\$ 22,6 milhões em publicidade, cerca de 80% dos R\$ 28 milhões gastos nos dois primeiros anos de seu governo.

A investida publicitária vai continuar a partir deste mês, com novos anúncios sobre obras de saneamento ambiental. O objetivo de Garotinho é consolidar sua imagem junto ao público com maior renda e escolaridade.

A definição desse alvo parte

de uma análise que considera que o governador já é bem avaliado entre as camadas mais populares.

Mostra da preocupação do governo com a divulgação de seus atos foi dada ontem com a publicação de dois anúncios e quatro informes publicitários em jornais do Rio, além da divulgação de mensagens em emissoras de TV. Os textos trazem a versão do governo para notícias publicadas nos últimos dias, referentes a supostas irregularidades na prestação de contas ao Tribunal de Contas do Estado; a aumento de gastos com alimentação de presos; a mudanças nos procedimentos do Detran e a ilegalidades que teriam sido cometidas pela Fundação Departamento de Estradas de Rodagem.

Renúncia é 'estapafúrdia', diz Freire

REPORTAGEM LOCAL

O presidente nacional do PPS, Roberto Freire, classificou ontem de "estapafúrdia" e "constrangedora" a proposta do vice-presidente da legenda, João Herrmann, de que todos os pré-candidatos à Presidência abdicuem de suas candidaturas para unir as oposições. "Ele teve um surto? Estou esperando que ele me ligue para perguntar que diabo deu na cabeça dele", declarou Freire.

Segundo ele, nem mesmo quando o partido discutiu, há dois anos, a possibilidade de diálogo entre os candidatos de oposição essa hipótese foi cogitada.

"Não conversamos sobre isso em nenhum momento. Fui pego de surpresa, e o Ciro, também. Isso não tem fundamento, mas nos causou constrangimento", disse.

"Ele não pode falar em nome do Ciro ou do partido. Que converse com quem quiser, mas que não diga que foi em nome do PPS.

Não quero fazer patrulhamento e não posso pedir ponderação para um membro da Executiva. Mas espero que as pessoas não utilizem o nome do partido para gestos histriônicos como esse."

Freire afirmou que não pretende tomar nenhuma medida contra o deputado, um dos principais interlocutores de Ciro.

Herrmann declarou que a tese foi aprovada pelo partido e que as afirmações de Freire não passam de um mal-entendido. "Nenhum

de nós pode abrigar teses e falar em nome do PPS, mas, se a tese tiver sido aprovada pelo partido, todo militante tem o direito de propagá-la", disse.

O deputado afirmou ainda não estar preocupado com a repercussão negativa do caso. "Não me importo que cause mal-estar. Tem remédio para isso. O que não tem remédio é para a sucessão de FHC." A assessoria de Ciro informou que ele não se manifestaria sobre o episódio.

4-8-01
ELVIRA LOBATO
DA SUCURSAL DO RIO

A Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil aprovou ontem no Rio um projeto de atuação política, em âmbito nacional. O plano tem como meta a eleição de pelo menos um deputado federal por Estado em 2002 e o apoio explícito a candidatos para governador, senador e presidente.

A aprovação do projeto, que vai fixar metas também para as eleições municipais em 2004, coloca a Assembléia de Deus em um novo patamar, o da ação política organizada, como já faz a Igreja Universal do Reino de Deus. A Assembléia de Deus é a mais antiga igreja pentecostal em atividade no Brasil, trazida dos EUA em 1910.

O presidente da convenção, pastor José Wellington Bezerra da Costa, disse que serão feitas prévias eleitorais nos Estados para a indicação dos candidatos a deputado e que os pré-candidatos deverão ter pelo menos três anos de vínculo religioso.

O pastor Wellington disse que a igreja não ajudará financeiramente as campanhas. "Temos o material mais valioso, que é o voto", afirmou. Na avaliação dele, as Assembléias de Deus têm pelo menos 10 milhões de fiéis eleitores.

Mesmo que não entrem com dinheiro, as Assembléias de Deus poderão ajudar seus candidatos por outro meio importante: sua extensa rede de rádios espalhada pelo país afora. Os pastores admitem que há cerca de 70 rádios pertencentes a fiéis da igreja.

Além das rádios, há a TV RBN (Rede Boas Novas), de Belém, que

tem 40 retransmissoras. A programação da TV pode ser captada por parabólicas, pelo sistema de transmissão por satélite JesusSat.

A igreja ainda não definiu quem apoiará na eleição presidencial. O presidente da convenção disse que há "uma simpatia" pelo governador do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho (PSB), pelo fato de ele ser evangélico, mas que isso não significa compromisso.

Segundo o pastor José Wellington, a Convenção Geral das Assembléias de Deus vai convidar todos os candidatos que forem homologados pelos partidos a apresentarem seus planos de governo e que o apoio da igreja será definido em razão das propostas.

O projeto político aprovado ontem foi preparado por uma comissão de sete integrantes.

Segundo o presidente da comissão, pastor Ronaldo Fonseca, a igreja não vai interferir na escolha do partido político dos candidatos. "Para nós, tanto faz se o candidato estiver filiado ao PT ou ao PFL. O que nos interessa é a postura dele." Só não seria admitida a participação de um candidato da igreja em partido ateuista.

Ronaldo Fonseca disse que o objetivo é "despertar a cidadania" dos evangélicos. As Assembléias de Deus já possuem 14 representantes na Câmara, que se candidataram por iniciativa própria, sem um processo de indicação formal. Segundo o pastor Fonseca, o deputado Neuton Lima (PFL-SP) tem coordenado a bancada, mas a coordenação ficará a cargo da comissão política. Um dos papéis da comissão será sugerir projetos de leis aos deputados da igreja.

QUESTÃO DE FÉ Após ataques, número de ligações aos templos quadruplicou

Atentado desperta interesse pelo islamismo no país

REGIO DURAN

REPORTAGEM LOCAL

raná), são de pequeno porte e não têm administração única. Além disso, não têm estrutura para atender à nova demanda.

Os ataques terroristas ao World Trade Center e ao Pentágono transformaram a vida pacata dos teques Jihad Hassan Hammadeh, 36, e Ali Abdune, 36, em São Paulo. Como líderes muçulmanos no Brasil, eles proferiam, em média, duas palestras por semana sobre a religião, em instituições da cidade. Agora, têm três compromissos do gênero por dia, em várias regiões do país.

O dia-a-dia dos xeques — espécie de líder espiritual, juiz, advogado e político dos muçulmanos — é o melhor exemplo do efeito que a guerra ao terror provocou no país: o aumento do interesse pelo islamismo.

Islamismo é a religião fundada pelo profeta Muhammad (570-632), na península arábica. Seus seguidores, os muçulmanos, acreditam em praticamente todos os profetas da Bíblia, inclusive Jesus. A diferença é a inclusão de Muhammad, que teria recebido diretamente de Deus a revelação da sua vontade, escrita no Alcorão.

De escolas a programas femininos de televisão convocam a presença de Ali e Jihad, respectivamente presidente e vice da World Assembly of Muslim Youth.

De repente, conta Ali, o número de ligações telefônicas aos templos — 52, em todo o país — quadruplicou. Hoje, ele planeja instalar uma central de atendimento. Nas últimas semanas, foi montado um escritório para cuidar do assunto. "Ligar os muçulmanos aos atentados despertou a curiosidade", considera o xeque.

Em paralelo, a visita de curiosos às mesquitas, cena incomum para os muçulmanos paulistanos, por exemplo, tornou-se banal. "A toda hora, surgem pessoas fazendo perguntas", afirma.

O mesmo ocorre com os livros. Há 63 títulos traduzidos, dos principais teólogos muçulmanos, disponíveis no Brasil. São títulos como "Apresentação Geral da Religião do Islam", de Ali Attantawy, pensador sírio contemporâneo de prestígio no mundo árabe.

Os exemplares são distribuídos pelo Centro de Divulgação do Islam para a América Latina. Segundo Ali Saifi, 25, responsável pela distribuição, o número de pedidos triplicou.

"Temos tiragens de cerca de 50 mil livros para todos os 63 títulos, que podem durar um ano para acabar. Em um dia, já chegamos a registrar 150 pedidos", diz Ali. Antes do atentado, o movimento de solicitações variava entre 20 e 50 pedidos antes do atentado.

Os centros de divulgação da religião, cujos pontos principais se localizam em São Bernardo (Grande SP) e Foz de Iguaçu (Pa-

Por outro lado, o interesse em explorá-la já foi manifesto por editoras seculares brasileiras. "Negociamos com três empresas do setor, mas ainda não podemos divulgar os nomes", afirma Ali.

São editoras que têm visto esgotar livros editados há anos, mas cujo destino, antes dos atentados, era a prateleira das livrarias. A Companhia das Letras, por exemplo, reeditou na semana passada "Uma História dos Povos Árabes", de Albert Hourani, após o livro, lançado em 1994, estreitar na lista dos mais vendidos.

Seria permitida a publicação, por essas editoras, apenas dos livros de introdução ao islamismo. Sobre o Alcorão em português, eles pretendem ter mais controle (leia texto nesta página).

"Novos revertidos"

Os números do crescimento do islamismo no Brasil são escassos. De acordo com o Censo de 1991, havia 22.449 muçulmanos no país, 0,02% da população brasileira. Já os centros islâmicos brasileiros afirmam ter cerca de 1 milhão de adeptos. Por essa razão, os xeques preparam uma contagem interna de fiéis no país.

"Nós não fazemos campanhas de divulgação", diz Jihad. "A única maneira de mostrarmos o que é o Islã, aqui, é por meio do testemunho dos muçulmanos e do que a mídia fala de nós."

A prática, afirma o xeque, tem feito com que novos "revertidos" (eles não usam a palavra conversão porque não acreditam no pecado original) surjam em quantidade considerável. "E a religião cresce entre pessoas de alta formação acadêmica, principalmente mulheres", conta Jihad.

A antropóloga Regina Novaes, diretora do Instituto de Estudos da Religião (Iser), acompanha a expansão dos credos no Censo 2000, cujos resultados ainda não foram concluídos. Segundo ela, é certo que a população muçulmana cresceu no período, mas não de forma expressiva.

"O Brasil não é uma área de expansão do Islã, em comparação a outros países, como Estados Unidos e Inglaterra", afirma a antropóloga. O movimento migratório, considera Regina, pode ser usado como explicação. Um dos momentos importantes do islamismo no mundo — a revolução do Irã, na década de 70 — ocorreu quando a imigração de árabes estava em declínio no país.

"É natural que aumente o interesse pelo islamismo, porém o fenômeno, nesse caso, é o fato de como a religião voltou à cena após os atentados", analisa Regina.

Procura pelo Alcorão aumenta após atentado

DA REPORTAGEM LOCAL

Em 1974, o matemático libanês Samir El Hayek, 58, morador de Santo Amaro, na zona sul de São Paulo, lançou a primeira edição da tradução do Alcorão para o português mais aceita pelos muçulmanos. Até hoje, foram 11 edições e 75 mil exemplares.

A última edição, feita em julho, está prestes a se esgotar. Hayek calcula que, por causa do aumento da procura, as próximas terão de ser mais frequentes e numerosas. "Tenho quatro linhas telefônicas que não param."

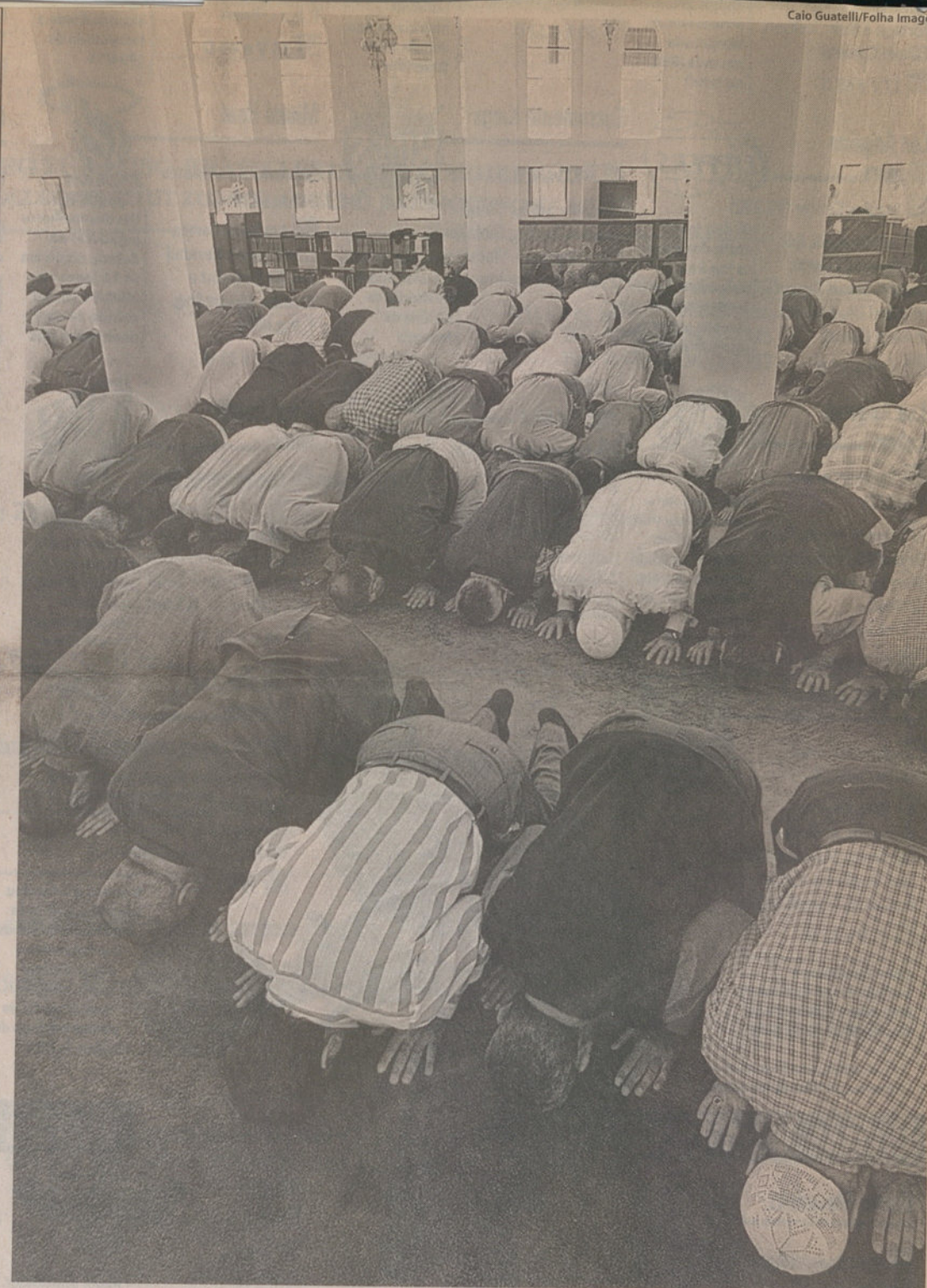
Além de Hayek, o livro sagrado dos muçulmanos foi traduzido por Mansur Chaila. "Ele não é adepto da religião. A tradução dele foi feita de outra, francesa", afirma.

Após ter traduzido o Alcorão, o matemático estabeleceu uma espécie de monopólio sobre a revelação feita ao profeta Muhammad (é indelicado, para eles, chamá-lo de Maomé). É Hayek quem edita e imprime o livro no país.

Os motivos, de acordo com ele, não são "apenas financeiros", mas também religiosos. "Para traduzir o Alcorão, é preciso conhecer a fundo o panorama histórico e teológico em que foi escrito", afirma.

Segundo o matemático, editoras seculares o procuraram com propostas. "Trata-se de um livro de 800 páginas, que nós conseguimos oferecer com a dignidade devida — como capa dura e algumas inscrições em dourado — por cerca de R\$ 35. O mercado não o faria por menos de R\$ 80, e isso é ruim", diz. Ele afirma aceitar apenas a distribuição do livro por empresas interessadas.

A exemplo dos xeques, Hayek teve a rotina alterada pelo interesse repentino pelo islamismo no Brasil. "Não podemos esquecer que estamos diante do mesmo cenário da Segunda Guerra", diz. "Como bodes expiatórios, em vez de judeus, temos os árabes." (SP)



Culto em mesquita islâmica de São Bernardo do Campo (SP), realizada apenas às sextas-feiras

Revertidos viram referência sobre o islã

DA REPORTAGEM LOCAL

Após os ataques terroristas nos Estados Unidos, os muçulmanos novos revertidos viraram o ponto de referência sobre o islamismo em casa e no trabalho. "As pessoas não param de fazer perguntas", afirma a paisagista Renata Maria Mariante, 37, de São Paulo, adepta há três anos.

Renata adotou o nome árabe de Máriam (Maria). Era católica não-praticante, mas se interessava em estudar outras religiões. Ela diz que a família e os clientes acei-

taram a mudança naturalmente.

A fé muçulmana inclui algumas práticas, como o uso do véu pelas mulheres — o "hijab" —, as seis orações diárias voltadas para Meca e o abandono de hábitos, como consumo de bebidas alcóolicas e cigarro. "Mas nada é impositório, são coisas que você vai incorporando em seu tempo pessoal."

A eletrotécnica Soraia Castro Maricilha, 41, adepta também há três anos, conta história semelhante. Ela não adotou nome árabe, veio de uma família católica praticante e conheceu o islamis-

mo ao traduzir, para um amigo, um texto sobre a religião em francês, idioma no qual tem fluência.

Soraia afirma que, no início da sua trajetória religiosa, trabalhava em uma empresa estatal e teve de informar o seu chefe da necessidade de orar seis vezes ao dia. O fiel deve dobrar os joelhos e encostar o rosto no chão repetidas vezes. "Ele pediu apenas que eu fosse discreta. Na verdade, nós enxergamos dificuldades onde não há." Vale lembrar os horários das orações: 4h30, 6h, 12h30, 16h, 18h e 20h. (SP)

RELIGIÃO *Católicos criticam secretários evangélicos de Santos e*

Retirada de imagens

Carlos Nogueira - 19.out.2001/A Tribuna de Sa



CIDIANO

terça-feira, 30 de outubro de 2001

C 5

(M/W)

São Vicente por não permitirem que santa fique em repartições públicas

causa protestos em SP

FAUSTO SIQUEIRA

DA AGÊNCIA FOLHA, EM SANTOS

Católicos de Santos e de São Vicente empreendem uma cruzada contra dois secretários de governo, evangélicos, que tentaram impedir a permanência de imagens de Nossa Senhora Aparecida em repartições públicas das duas cidades, no litoral paulista.

Em São Vicente, a comunidade católica promete lotar o plenário na sessão de hoje da Câmara local, em protesto contra a retirada da imagem da santa de uma das cinco unidades do Cecof (Centro de Convivência e Formação), que atende crianças de 7 a 14 anos.

Em Santos, a manifestação na Câmara estava programada para a noite de ontem. Nas igrejas locais, circula um abaixo-assinado, que até ontem reunia 5.000 adesões, para que o Pronto-Socorro da Zona Leste volte a ostentar a estátua da santa.

A polêmica começou após a inauguração da reforma do PS, que fica em frente à Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Segundo o padre Carlos de Miranda Alves, após a reforma constatou-se que o nicho onde estava a imagem tinha sido removido.

"É uma medida arbitrária. Se tivesse sido inaugurado um novo PS, sem imagens, tudo bem. Mas não entendemos por que retirar a imagem, que já estava lá havia tantos anos", declarou o padre.

Pastor evangélico, o secretário da Saúde, Tomas Soderberg, disse que a decisão de remover a "gruta", cuja instalação não estava prevista no projeto original de reforma do PS, foi exclusivamente técnica. Segundo ele, havia risco de o local se tornar criadouro do mosquito transmissor da dengue.

Soderberg afirmou ainda ter sido informado por funcionários de que a imagem já tinha saído do PS havia pelo menos quatro anos

—antes, portanto, do início da reforma. Por causa da polêmica, o secretário disse que recebeu pedidos de representantes de outras religiões solicitando a instalação de "altares" no PS, se a presença da santa fosse autorizada.

O vereador Geonísio Aguiar (PPB), conhecido como Boquinha, chegou a oferecer outra imagem para o PS, mas ela não foi colocada no estabelecimento.

Também evangélico, o secretário de Cidadania e Ação Social de São Vicente, Luiz Cláudio Bili, disse que determinou a retirada da imagem em janeiro, quando assumiu o cargo. Na ocasião, segundo ele, não houve protestos, que teriam sido suscitados pela repercussão do caso de Santos.

"Lirei a imagem de lá, mas não determinei que se pregasse qualquer outra religião. Se há intolerância, é deles [católicos], que estão querendo impor determinada imagem", afirmou.

Zeugnis-
topie

Endnote

rühungs-
gebnis

Berufsausbildung: und Berufstätigkeit

a.) Ausbildungsstätte./ggf. staatliche Institution

Name und Ort	Art der Ausbildung	
Gesellen-/Facharbeiterprüfung	Ausbildungsabschluß als	bestanden am

b.) Beschäftigungsverhältnisse und sonstige Tätigkeiten Lehrgänge etc.

Name und Ort der Firma	Art der Beschäftigung	Dauer der Beschäftigung

Bitte nur beglaubigte Kopien beifügen!

Hiermit versichere ich, daß die von mir gemachten Angaben der Wahrheit entsprechen.

_____, den _____

(Unterschrift des Bewerbers)

Tribuna da imprensa online

www.tribunadaimprensa.com.br

Rio de Janeiro, quarta-feira, 12 de dezembro de 2001

Bispo Macedo e mais seis da Record indiciados por fraude

SÃO PAULO - A Justiça Federal de São Paulo decidiu ontem que o bispo Edir Macedo Bezerra e mais seis integrantes do Conselho Coordenador da Rádio Record devem ser indiciados criminalmente por uma operação fraudulenta, tentada por eles no início do ano para liberar equipamentos importados irregularmente e apreendidos pela Receita Federal em São Paulo.

Edir Macedo e os diretores da Record João Batista Ramos da Silva, Demerval Gonçalves, Carlos Orlando Gomes Clemente, Rodolpho Mário Carvalho Lopes, Honorilton Gonçalves da Costa e Paulo Roberto Vieira Guimarães foram acusados pelo Ministério Público Federal (MPF) de apresentar falsas declarações de importação para liberar os bens. A Justiça Federal aceitou a denúncia e os indiciou pelos crimes de descaminho e uso de documentação falsa, ambos previstos no Código Penal.

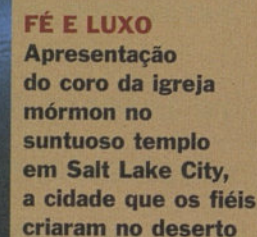
O desembargador Roberto Haddad, relator do processo, afirmou que "nos crimes de autoria coletiva, denominados societários, não há necessidade de que a denúncia especifique a conduta de cada sócio, devendo apenas ser garantido a todos os acusados o direito do contraditório e da ampla defesa".

12/12/2001 11:48:02

SF

OS JOGOS NO REINO DOS MÓRMONS

Os jogos no Reino dos Mórmons são uma atividade muito comum entre os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias. Os jogos são considerados uma forma de recreação saudável e são frequentemente realizados em eventos sociais e religiosos. Os jogos mais populares incluem o pôquer, o blackjack e o crêpê. Os jogos são geralmente realizados em salas de jogos ou em áreas designadas para este propósito. Os jogos são considerados uma forma de recreação saudável e são frequentemente realizados em eventos sociais e religiosos. Os jogos mais populares incluem o pôquer, o blackjack e o crêpê. Os jogos são geralmente realizados em salas de jogos ou em áreas designadas para este propósito.

[illegible]

Olimpíadas de Inverno testam o carisma da igreja que mais cresce no mundo

38 30 de janeiro, 2002 veja



BOAS-VINDAS
Atletas e turistas
serão recebidos
por voluntários
mórmons: a ordem
é evitar o assédio
religioso aos visitantes

PHILIPPE MILLEREAU/DPPH

porariamente o proselitismo, de modo a conquistar a simpatia dos visitantes. Para isso, está orientando os mórmons que farão o trabalho voluntário de receber os turistas durante os Jogos a serem inconvenientes. A ordem é ajustar sem discutir religião.

Por mais de um século, os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — esse é o nome oficial — viveram uma relação tumultuada, muitas vezes sangrenta, com os protestantes e o governo dos Estados Unidos. Hoje, o clero protestante e o católico não aceitam os mórmons como verdadeiros cristãos. A primeira igreja mórmon foi construída em 1836 no Estado de Ohio, no norte do país. As particularidades da religião, especialmente

a poligamia, despertaram a hostilidade da população. Em 1838, conflitos explodiram em várias cidades, provocando mortes, a expulsão dos mórmons do Estado e a prisão de Joseph Smith, o fundador da igreja. Seis anos depois, Smith foi linchado e morto, junto com seu irmão. Isso não arrefeceu a fé de seus seguidores. Após tentarem se estabelecer sem sucesso no Estado de Illinois, 17 000 fiéis iniciaram uma lendária caravana de 2 000 quilômetros rumo ao oeste. Finalmente pararam num vale desértico a 1 250 quilômetros de distância do último povoamento de homens brancos. Ali fundaram Salt Lake City. O nome do Estado que os mórmons criaram, Utah, deriva dos índios utes, que viviam na região. Com pragmatismo, o

profeta Brigham Young, que liderou seu povo na migração, concluiu que era economicamente melhor alimentar e vestir as tribos indígenas do que lutar contra elas. Young teve 27 esposas em vida e, fiel ao costume mórmon de consagrar os matrimônios para a eternidade, mais 150 casamentos póstumos.

Não é de agora que a Igreja Mórmon está se esforçando para diminuir o isolamento. Se seus membros antes procuravam ressaltar suas diferenças com outras denominações cristãs, hoje fazem questão de se intitularem seguidores de Cristo. As palavras "Jesus Cristo" na fachada de suas igrejas são agora grafadas em letras três vezes maiores que as outras. O fato é que a Igreja Mórmon já se integrou de modo pacífico e bem-sucedido



HARÉM AMERICANO
Uma família polígama: apesar de proibida por lei e condenada pela igreja, a poligamia ainda é praticada por 30 000 mórmons

na sociedade americana. A CIA, serviço secreto, e o FBI, polícia federal, gostam de contratar mórmons, pois eles desfrutam a fama de ser honestíssimos. O governador de Utah, 85% dos prefeitos do Estado, dois senadores e outros três parlamentares federais são mórmons. Todos republicanos, por sinal. Mas a grande integração é econômica. Quando o assunto é dinheiro, não há melhor capitalista que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Trata-se da única igreja estruturada como uma corporação. O patrimônio é avaliado em 30 bilhões de dólares. Só com o dízimo (os fiéis entregam à igreja 10% de seus rendimentos) arrecada 5 bilhões de dólares por ano. O sistema de assistência social da igreja é talvez o maior não-estatal existente nos Estados Unidos. Os mórmons são donos de um patrimônio imobiliário de fantástico valor, fazendas imensas (entre elas as maiores produtoras de carne e de nozes do mundo), indústrias, hotéis, escolas e veículos de comunicação. A explicação para tanta iniciativa comercial está na experiência mórmon de isolamento. O profeta Brigham Young já dizia, há 150

anos, que o reino de Deus só poderia sobreviver entre nações pagãs se fosse auto-suficiente em produtos e alimentos. O triunfo material tem equivalente na evangelização. Com 50 000 missionários espalhados no exterior, é a religião que cresce com maior rapidez atualmente. Estudos estatísticos apontam que, se mantido o ritmo atual, em oitenta anos o número de mórmons poderá chegar a 260 milhões. Quando a igreja foi fundada no interior dos Estados Unidos, em 1830, contava com cerca de 1 000 fiéis. Um século depois, atingiu 1 milhão de seguidores. Hoje, já são 11 milhões — 4,9 milhões nos Esta-

dos Unidos. A história de Smith é singular. Filho de um fazendeiro falido, afirmou ter tido visões de Deus e Cristo. Depois da ressurreição, São João, que lhe dizia para não seguir nenhuma religião conhecida e preparar para uma importante missão. Em 1823, outra aparição foi relatada. A fé, como em muitas variações do

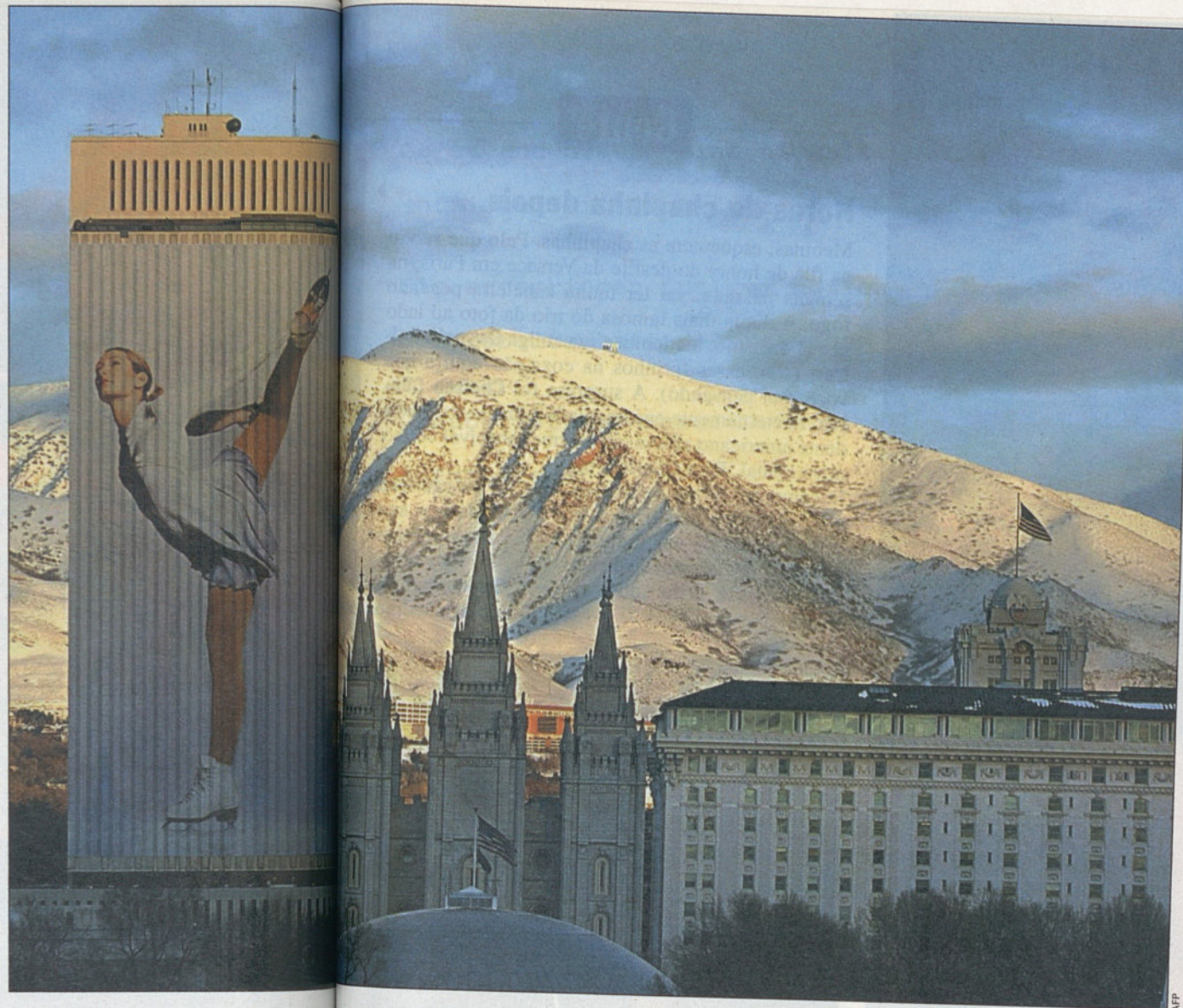
MEDIDAS EXTREMAS PARA EVITAR O TERRORISMO

O desafio tem dimensões olímpicas: como evitar que o terrorismo ataque durante as Olimpíadas de Inverno de Salt Lake City? A primeira característica das competições, a decisão do governo americano foi mobilizar um contingente de 11 000 homens, policiais e soldados da Guarda Nacional. A segunda, armá-los com a melhor tecnologia de segurança. Veja um exemplo: a polícia poderá monitorar a multidão com 300 câmaras de vídeo. Há também um grande

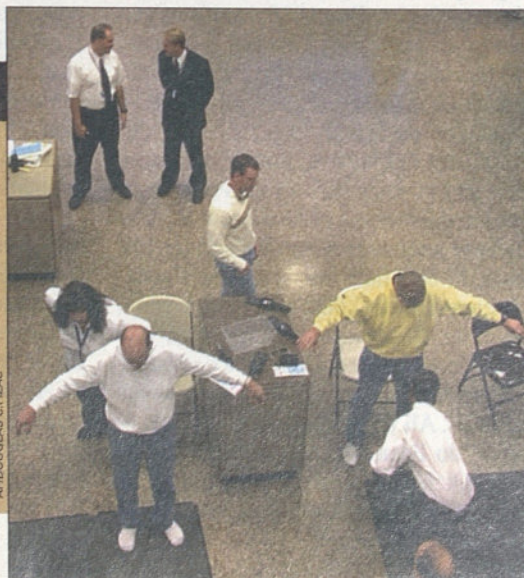
estoque de antibiótico Cipro, para o caso de ataques com anthrax. Uma preocupação à parte é para o que vem do céu. Caças F-16 vão policiar o espaço aéreo da cidade para evitar tragédias nos moldes das ocorridas em Nova York e Washington. O aeroporto de Salt Lake City vai permanecer fechado durante quatro horas nos dias das cerimônias de abertura e de encerramento dos Jogos. Por fim, ninguém, nem os atletas, entra no local das competições sem passar por detectores de metal.

bora um profeta a tenha sancionado, nos primeiros anos da religião mórmon, ela foi rejeitada por um novo profeta sessenta anos depois. Apesar da proibição, acima de 30 000 mórmons ainda vivem com mais de uma esposa. Em 1978, nova revelação abriu as portas aos negros, atitude que permitiu a expansão da igreja no Brasil.

O presidente (e atual profeta) da igreja, Gordon B. Hinckley, planeja gastar alguns dos bilhões de dólares dos mórmons na construção de 350 igrejas por ano em todo o mundo. Para Hinckley, a realização das Olimpíadas de Inverno, o tipo de evento que sempre traz muitos dividendos para a cidade escolhida como sede, estava escrita nas estrelas. Ele afirmou que os Jogos são a concretização da profecia de Brigham Young. Prevê ele que um dia Salt Lake City receberia a visita de "reis, imperadores, nobres e sábios da Terra, enquanto os maus e infiéis os invejariam por seus lares confortáveis e posses". ■



FESTA PRONTA
Cartaz das Olimpíadas de Inverno veste um prédio em Salt Lake City. No centro, o principal templo mórmon de Utah



NO PLANALTO

Mackenzie abre arcas da filantropia

domingo, 21 de abril de 2002 A 17

o para Igreja Presbiteriana

JOSIAS DE SOUZA

DIRETOR DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

REUNIDA em Guarapari (ES), em outubro de 98, a cúpula da Igreja Presbiteriana do Brasil submeteu a sua rotina financeira a um pente-fino. Recomendou aos fiéis a otimização de receitas e a racionalização de despesas. Constatou-se, por exemplo, que "a estrutura administrativa dos seminários é pesada e cara". Decidiu-se, entre outras coisas, deflagrar nos templos uma "campanha nacional por fidelidade nos dízimos".

Súbito, o que era coisa de presbítero começou a virar tema de interesse de todo brasileiro em dia com o fisco. A igreja deitou olho gordo sobre o Instituto Presbiteriano Mackenzie.

Trata-se de autarquia da Igreja Presbiteriana. Sua face mais notória é a universidade assentada na área central de São Paulo. Classificado pelo governo como entidade filantrópica, o Mackenzie não paga impostos. Só aos cofres da Previdência deixa de recolher mais de R\$ 20 milhões por ano.

O Supremo Concílio dos presbiterianos decidiu pedir socorro ao Mackenzie. Deu-se em 27 de abril de 99, numa reunião realizada em São Paulo. O objetivo da igreja foi à ata: para "não mais votar orçamento deficitário".

Submetido ao conselho deliberativo do Mackenzie em 20 de novembro de 99, o pedido foi aprovado. E a filantrópica pingou nos cofres da igreja R\$ 1,3 milhão. O recibo não deixa dúvidas quanto ao beneficiário: "Igreja Presbiteriana do Brasil".

Integram o conselho do Mackenzie nomes batizados pela igreja. Presidia-o à época Humberto Araújo. Além de presbítero, é suplente de outro conselho: o CNAS, órgão da Previdência que expede os certificados filantrópicos.

O repasse levou à renúncia o missionário Olson Pemberton Jr., respeitado membro do conselho do Mackenzie. O texto da carta de desligamento não faz rodeio: "O que me motiva a tomar essa decisão (...) é a transferência de recursos do Mackenzie para seminários da igreja (...)".

Olson Pemberton receava que a comunhão monetária com a igreja pudesse "colocar o Mackenzie em conflito com a lei". Amparava-se em pareceres jurídicos.

Respondendo a consultas feitas

pelo próprio Mackenzie, os advogados Roberto Quirga Mosquera, Ana Cláudia Akie Utumi e Fábio Soares de Melo disseram que o repasse fere a lei e sujeita a escola à "suspensão" da imunidade tributária.

Em outro parecer, o advogado Sérgio Roberto Monello admitiu a costura de um "convênio filantrópico/educacional" entre a universidade e a igreja. Desde que o Mackenzie alterasse o seu estatuto. Do contrário, poderia ser interpretado como "distribuição de parcela do patrimônio", com a consequente perda da imunidade tributária.

Ouvuiu-se também o tributarista Ives Gandra da Silva Martins. Ele considerou defensável o auxílio à igreja, já que "o ensino teológico está dentro das finalidades institucionais do Mackenzie". Mas alertou: "Tenho sério receio de que a sustentação financeira de seminários teológicos da Igreja Presbiteriana possa ser considerada como desvio das finalidades institucionais da entidade, com risco de perda dos benefícios" tributários.

O socorro à igreja não se restringiu ao óbolo de R\$ 1,3 milhão. O Mackenzie comprou equipamentos para uma tal RPC (Rede Presbiteriana de Comunicação). Em ofício de 16 de dezembro de 99, a igreja orçou as compras em US\$ 535 mil. Algo como R\$ 1,23 milhão a preços de hoje.

Em troca do aporte, ofereceu: 1) veiculação de programas da TV universitária do Mackenzie, em canal próprio, 24 horas, com cobertura nacional; 2) transporte de dados via satélite entre o Mackenzie de São Paulo e o de Brasília; e 3) uso da estrutura da RPC. Firmou-se o acordo em 2000.

Responsável pela setor de comunicação e marketing da igreja, o reverendo Alcides Martins Jr. informa: passados dois anos, a RPC "engatinha". Conectada ao Brasilsat, racha com o Mackenzie o pagamento à Embratel. Coisa de R\$ 40 mil mensais.

Mantém um canal a cabo na DirecTV. Produz programas para algo como seis horas diárias. Mesmo com as inevitáveis repetições, o canal mantém-se ocioso a maior parte do dia. Foi ao lixo a idéia de transmitir dados entre as escolas de São Paulo e Brasília. "Ficou caro demais."

Em vez de o Mackenzie usar a "estrutura" da RPC, dá-se o oposto. A rede da igreja mendiga espa-

ço nos estúdios da universidade. "Às vezes passamos meses sem poder usar", lamenta o reverendo Alcides.

Os papéis que revelam o relacionamento financeiro entre o escola e a igreja recheiam processo em tramitação no conselho filantrópico da Previdência. Chegaram ali graças a uma desavença. Deitado, um ex-diretor educacional do Mackenzie foi à forra. Chama-se Pedro Klassen. Enviou a Brasília cópias de documentos que colecionara no exercício de suas funções.

Instado a manifestar-se, o Mackenzie deve entregar a sua defesa até 25 de abril. Humberto Araújo deixou a presidência do conselho deliberativo do Mackenzie em dezembro passado. Mas mantém o posto de conselheiro. Afirma que "os convênios com a igreja foram firmados dentro dos objetivos educacionais da universidade".

Procurado, o diretor-presidente do Mackenzie, Cyro Aguiar, preferiu calar-se. O presidente da Igreja Presbiteriana do Brasil, reverendo Guilhermino Cunha, diz que é a igreja que ajuda o Mackenzie, e não o contrário. "Todos os prédios são cedidos em comodato. Não se paga um tostão de aluguel", exemplifica.

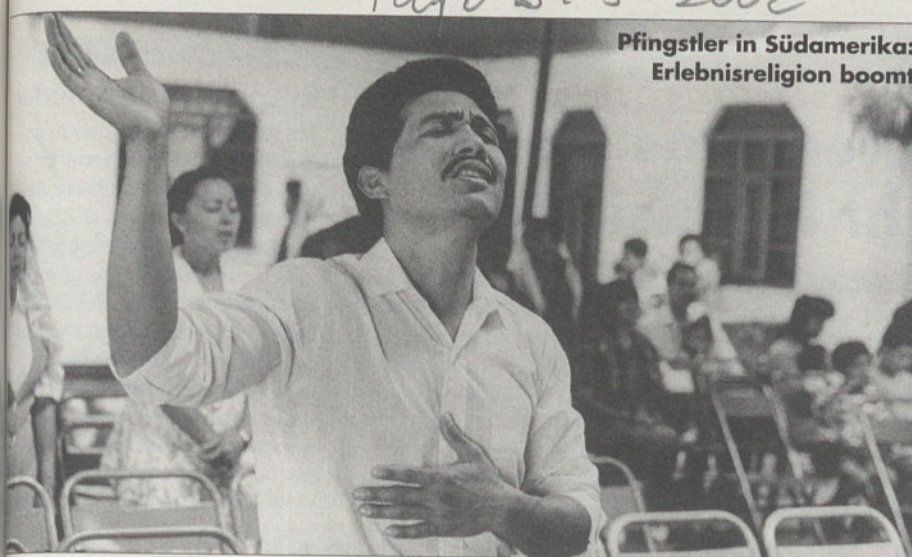
Referindo-se ao socorro aos seminários, diz que houve uma "parceria educacional". O dinheiro foi "integralmente" usado para "pagar professores dos seminários, tudo documentado".

Em mensagem que mantém na internet, o reverendo Guilhermino pontifica: "A igreja não pode imitar a República no que ela tem de pior. A igreja é a consciência do Estado. O cristão, nascido de novo, é sal da terra e luz do mundo. Não pode perder o brilho nem o sabor". Então, tá. Deus permita que o brilho dos cristãos ajude a iluminar as contas da igreja. Ainda que tenham um sabor amargo. Amém.

Das sombras: investigado por Ministério Público, Receita, PF e Banco Central, Ricardo "no limite da irresponsabilidade" Sérgio marcou hora e local para levar a boca ao trombone. Segunda-feira passada, às 11h. O repórter voou de Brasília para São Paulo. E o ex-procurador das arcas do grão-tucanato medrou. Não apareceu. Seu silêncio continua ensurdecedor.

Info

Puro 31.5. 2002



Pfingstler in Südamerika: Erlebnisreligion boomt

Opium des Volkes oder Befreiung?

Pfingstgemeinden: Der Bekehrungsweg des Professors Shaull

VON WALTER J. HOLLENWEGER

Warum nennen wir den Kampf der Nordamerikaner gegen die britischen Kolonialherren im 16. Jahrhundert »Befreiungskrieg«, den heutigen Kampf der Lateinamerikaner gegen den nordamerikanischen Imperialismus aber Terrorismus? Die Antwort ist einfach: Weil die Nordamerikaner ihren Kampf gewonnen, die Lateinamerikaner aber verloren haben. Siegreiche Terroristen nennen wir Freiheitskämpfer, besiegte bleiben Terroristen. Darum vertreten wir im Namen Lateinamerikas eine Theologie der Revolution, den Kampf gewinnen wird – wenn nötig – Waffengewalt. Dies sagten südamerikanische Theologen der Revolution – in der Mehrheit ethisch radikale Protestanten – einst auf der Weltkonferenz für Kirche und Gesellschaft des Weltkirchenrates in Genf 1967. Einer ihrer Sprecher war der Theologieprofessor Richard Shaull aus den USA und Brasilien.

Die deutschen evangelischen Bischöfe waren empört, aber den berühmten reformierten Theologen Shaull konnten sie nicht torieren. Sie protestierten wütend und ermahnten die Armen zur Gewaltlosigkeit. Die Gewalt des Kapitals erwähnten sie nicht. Heute ist Richard Shaull über achtzig Jahre alt. Ende der 90er Jahre kehrte er in sein frühere Missionsfeld nach Brasilien zurück. Er erlebte den Kollaps seiner Theologie der Revolution fest. Außer Leichen und Leiden hat sie nichts gebracht. Die Basisgemeinden, die aus der Initiative dieser Theologie entstanden waren, dienten – so Shaull – den etablierten Kirchen als Feigenblatt. Wo aber findet Shaull die Frömmigkeit der großen brasilianischen

Pfingstkirchen, die er bislang nur mit theologischer Kritik bedacht hatte. Aber, so berichtet er, in der Pfingstbewegung nehmen die Armen ihr Los in die Hand. Sie brauchen weder finanzielle Zuwendungen der kirchlichen Hilfswerke noch theologische Lehrer oder Missionare aus Übersee.

Aus ihrer Armut heraus bauen sie im ganzen Land große Kirchen, allein in der Region von Rio de Janeiro fünf pro Woche. Sie integrieren die brasilianische Kultur in ihre Gottesdienste, vom Samba und vom Saxofon bis zum Schlagzeug, vom ekstatischen Tanz bis zum wortlosen Gebet. Ihre Kirchen sind nicht nur eine Stunde pro Woche geöffnet, sondern Tag und Nacht, 24 Stunden lang. Die Pfingstkirchen haben mehr einheimische Pfarrer als die katholische Kirche (meist ausländische) Priester. Sie teilen alles, was sie haben (Apostelgeschichte 2,44). So entsteht eine Subkultur der Solidarität, von der die Theologen der Revolution nur träumten.

In ihren Tempeln wird nicht nur gefeiert, da werden auch Hungerige gespeist. Alphabeten lernen lesen. Alkoholiker schwören dem Suff ab. Arbeitslose finden Arbeit. Misshandelte Frauen werden aufgerichtet. Eine allein Stehende bringt ihr verkrüppeltes Kind in den Gottesdienst und erlebt seine Heilung. Fernsehsüchtige entwickeln ein gesundes Misstrauen gegen die von den USA kontrollierten Medien. Die Pfingstler kaufen Fernsehketten, gründen Zeitungen (bis zu einer Million Auflage) und lassen sich ins Parlament wählen. Begreiflich, dass Brasilien heute die zweitgrößte protestantische Nation genannt wird, nach den USA.

Was er da sieht und hört, erschüttert Shaull zutiefst. Sein Traum von einer Revolution erfüllt sich, doch anders als er ihn geträumt hat. Es ist eine Revolution des Heiligen Geistes. Sie befreit die Armen aus der kulturellen, theologischen und wirtschaftlichen Abhängigkeit der Reichen. Beschämt erkennt Shaull seine eigene spirituelle Leere an, seine verdorrte protestantische Frömmigkeit – ohne die naiven theologischen Vorstellungen der Pfingstler zu übernehmen.

Er begegnet Frauen, die kaum lesen können, die aber durch ihre Glaubenskraft sich und ihre Welt verändern. Bis zur Hälfte ihres spärlichen Einkommens opfern sie. »Diese Pfingstler haben etwas, das unseren Kirchen fehlt«, sagt Shaull. Damit meint er nicht einzelne liturgische Elemente, sondern die Gewissheit, dass der Heilige Geist stärker ist als die internationalen Konzerne und die korrupten einheimischen Eliten. Vielleicht sagt Shaull in seinem Bericht mehr aus über sich als über Brasiliens Pfingstkirchen. So jedenfalls kritisiert ein pfingstlicher Rezensent. Erstaunlich ist das Zeugnis trotzdem: Ein Theologe der Revolution entdeckt in der Frömmigkeit verachteter und ungebildeter Frauen die Revolution des Heiligen Geistes!

Walter J. Hollenweger lehrte Theologie an der Universität von Birmingham und war Exekutivsekretär des Weltkirchenrates. Er lebt in der Schweiz. Der Bericht von Richard Shaull ist zu lesen in Richard Shaull & Waldo Cesar, *Pentecostalism and the Future of the Christian Churches. Promises, Limitations, Challenges*. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans 2000.

das neue heft ist da!

schlangenbrut
zeitschrift für
feministisch und
religiös interessierte
frauen

no 77: islam der frauen
€ 4,80 + Versandkosten

postfach 7467
d-48040 münster
fon & fax
(02 51) 27 97 98
info@schlangenbrut.de
www.schlangenbrut.de

Para a CNBB, houve 'ganho na qualidade'

DA SUCURSAL DO RIO

O secretário-geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), dom Raymundo Damasceno Assis, disse que os dados do Censo 2000 mostram que ser brasileiro não é mais sinônimo de ser católico, embora tenha havido um ganho na qualidade dos fiéis católicos no país.

"Ser brasileiro era sinônimo de ser católico, justamente devido à presença muito forte da Igreja Católica no Brasil desde o seu início. Sinônimo não se pode dizer que é, num mundo plural em que vivemos", afirmou o secretário-geral da CNBB.

O censo mostrou que, em relação a 1991, a participação dos católicos no total da população brasileira caiu 11,9%, enquanto a de evangélicos subiu 70,7% e a de pessoas que se dizem sem religião, 52,3%.

Na interpretação de dom Damasceno, o ganho da qualidade acontece porque antes havia uma transmissão "tradicional" da fé, como se ela passasse de geração em geração — o que ocorre com menos frequência atualmente.

"Estamos na fase de superação da fé tradicional por uma fé mais consciente, mais comprometida. Quem tem contato com a igreja na base percebe isso, com mais pessoas participando, mais comprometidas com a fé e a transformação da sociedade", disse ele, para quem os números do censo não medem a prática religiosa.

Damasceno disse que não interpreta o crescimento dos evangélicos e dos sem-religião como um sinal de insatisfação do brasileiro com a Igreja Católica.

"Nas pesquisas sobre a credibilidade das instituições, a Igreja quase sempre aparece em primeiro lugar", afirmou, lembrando que, de acordo com o censo do IBGE, os católicos ainda são 73,7% da população.

Para ele, sempre é possível melhorar o trabalho de evangelização e adequá-lo às exigências do mundo moderno, valorizando a atuação dos leigos e uma ação pastoral mais personalizada.

O resultado do censo não preocupou a CNBB, disse dom Damasceno: "Vivemos num mundo plural. Devemos saber conviver com a diferença hoje em dia".

PÁGINA C 1 ★ SÃO PAULO, SEGUNDA-FEIRA, 13 DE MAIO DE 2002

CENSO 2000 Entrevistados citaram cerca de 1.200 novas denominações religiosas;

'Pulverização pentecostal'

★ CONCLUÍDO ÀS 19H59

dados mostram crescimento de 70,7% de evangélicos

cria microigrejas

Roberto Price/Folha Imagem

FERNANDA DA ESCÓSSIA

DA SUCURSAL DO RIO

O militar aposentado Roberval Teles de Castro, 65, teve de adaptar a garagem de casa para exercer sua nova atividade profissional: a de pastor evangélico.

Ex-membro da Igreja Universal do Reino de Deus e da Assembléia de Deus, Castro é hoje presidente e único pastor da Comunidade Evangélica Renascer no Amor de Cristo, que funciona em Vila Tiradentes, bairro pobre de São João de Meriti (Baixada Fluminense).

Um grupo de 35 fiéis frequenta o templo-garagem e, quando pode, paga o dízimo para ajudar na manutenção da igreja e na assistência aos mais pobres do bairro.

A pequena igreja de São João de Meriti é exemplo de um fenômeno que o Censo 2000 ajuda a medir: a multiplicação de pequenas igrejas evangélicas Brasil a fora, que os especialistas definem como "pulverização pentecostal".

Os dados do Censo 2000 mostram que foram citadas cerca de 1.200 novas denominações religiosas. A antropóloga Clara Mafra, pesquisadora do Iser (Instituto de Estudos da Religião) e consultora do IBGE para o assunto, diz que, dessas, de 60% a 70% são igrejas pentecostais evangélicas.

São consideradas pentecostais igrejas que valorizam os chamados "dons do Espírito Santo", como a capacidade de orar em línguas desconhecidas (glossolalia), a cura e a profecia, além de cultos cheios de expressões de êxtase.

São pentecostais, por exemplo, a Assembléia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus —igrejas que mais do que duplicaram seu rebanho em relação a 1991 e puxaram o aumento de 70,7% da proporção de evangélicos no país, revelado pelo censo.

A denominação pentecostal diferencia essas igrejas das evangélicas, chamadas "de missão" e instaladas no Brasil por imigrantes e missionários estrangeiros (Baptista, Luterana, Metodista).

Na avaliação da antropóloga Regina Novaes, professora do IFCS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais) da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), a pulverização pentecostal multiplica de forma peculiar no país uma característica dos evangélicos: a criação de ramificações.

"É próprio dos evangélicos pensar no seu rebanho como uma grande árvore que vai sempre criando um novo galho e dali mais outro. O que está acontecendo é o surgimento de igrejas muito pequenas, quase de bairro, de rua", explica Regina Novaes.

Essas novas igrejas podem ser identificadas pelos especialistas pelas denominações "pentecostais", "renovadas", "congregacionais" ou pelos nomes fervorosos.

Alguns exemplos colhidos pelo censo: "Fogo da Bíblia", "Apocalipse de Jesus", "Subimos com Jesus", "Pingo da Fé", "Fé para Vencer Mensagem Revelada", "Jesus é a Porta", "Aldeões Missionários" e "Varões de Guerra".

Para Clara Mafra, a pulverização sinaliza também uma busca de cidadania por parte da população pobre —público mais frequente desse fenômeno.

"O morador sente necessidade de ter um líder próximo, como se assim exercesse melhor sua religiosidade como forma de cidadania. Na sua igreja o fiel recebe atenção do pastor, mas também colabora e ajuda outras pessoas que precisam", afirma ela.

A antropóloga avalia que essas pequenas igrejas se apropriam ainda de referenciais já presentes no repertório simbólico do brasileiro, transformando-os de acordo com a nova religião. "É o caso do profeta local, da benzedeira, da rezadeira, do líder comunitário. Eles podem acabar criando suas igrejas e virando pastores."

Outra característica do avanço pentecostal no Brasil, por fim, é sua mistura com as igrejas "de missão" tradicionais, que acabam criando novos ramos e adotando denominações de "renovada".

Desempregada prefere templo perto de casa

DA SUCURSAL DO RIO

Ex-integrante da Universal do Reino de Deus, sem emprego há dez anos, Olíndina Jales, 52, trocou a antiga igreja pela que foi aberta pelo vizinho pastor. Agora, ela frequenta a Comunidade Evangélica Renascer no Amor de Cristo, criada por Roberval Teles de Castro.

"É melhor, mais perto, mais prático. Posso ajudar aqui os meus vizinhos", afirma Olíndina.

Quando chamado, o pastor Castro vai fazer orações nas casas dos vizinhos. Sua garagem está sempre cheia de fiéis. A igreja também é um comitê da Ação da Cidadania, movimento de combate à fome e defesa da cidadania. Distribui cestas básicas e organiza cursos de informática para crianças.

"Criei uma igreja para mostrar a obra de Deus", afirma Castro. Ele conta que, depois de frequentar a Assembléia de Deus, foi elevado a pastor em 1996, tendo decidido criar sua igreja.

Castro tenta agora ampliar o templo improvisado no segundo andar de sua casa. "Não gosto nem de pedir o dízimo para não dizerem que estou fazendo obra com o dinheiro dos outros. Quem pode ajuda, quem não pode não dá nada, só ora", afirma.

Em algumas favelas, as recém-surgidas igrejas evangélicas, com nomes semelhantes, proliferam. No Rio, aparecem principalmente na Baixada Fluminense.

O marceneiro e pastor José da Silva (conhecido como Sílvio), 39, já passou por duas dessas igrejas. Hoje está na Renascendo em Cristo, em Nova Iguaçu, criada por um pastor amigo, que trabalha como pedreiro.

"Em igreja pobre o pastor tem de trabalhar. A gente cria outras igrejas porque tem de expandir. Alguns pastores também não estão satisfeitos com sua igreja, aí criam outra onde todos obedecem à sua voz", diz o pastor Sílvio. (FE)



Pastor Roberval Teles de Castro prega em frente à garagem de sua casa, em São João de Meriti, que foi transformada em templo

Assembléia de Deus tem maior número de fiéis

DA SUCURSAL DO RIO

Pelos dados do Censo 2000, a Assembléia de Deus é a maior denominação evangélica do Brasil e, entre as grandes igrejas evangélicas, a Universal do Reino de Deus é a que mais cresceu.

Segundo a demógrafa Nilza Oliveira Martins Pereira, a Assembléia de Deus tinha 8,1 milhões de fiéis em 2000 —31% dos 26 milhões de evangélicos brasileiros e 18,4% do total de evangélicos de origem pentecostal.

Criada em 1911 em Belém (PA), a Assembléia de Deus foi a segunda denominação pentecostal a surgir no Brasil. Em 1991, tinha 2,4 milhões de fiéis, de acordo com o IBGE. Representava 29,6% dos pentecostais e 18,4% do total de evangélicos do país.

Seja de 1991 para 2000, a denominação não só se manteve como a maior igreja como triplicou seu rebanho em números absolutos e ainda conseguiu aumentar sua participação entre os evangélicos.

A Universal pulou de 268 mil

fiéis em 1991 (ano em que constava como a quarta maior igreja pentecostal) para 2 milhões em 2000, atingindo o terceiro lugar no ranking pentecostal.

Em número absoluto de fiéis, é um crescimento de 646%. A parcela de adeptos da Universal entre os evangélicos cresceu 491,5%.

Diferentemente de outras denominações evangélicas, a Universal tem uma atuação política unificada, indicando a seus fiéis a votação em parlamentares escolhidos pela igreja.

Com isso, conseguiu aumentar sua bancada de seis deputados federais e seis estaduais eleitos em 1994 para 17 deputados federais e 26 estaduais em 1998.

Tem também um uso mais intenso da comunicação, com o jornal "Folha Universal" e uma rede de televisão, a Record.

Quem perdeu espaço

A segunda maior igreja pentecostal brasileira continua sendo a Congregação Cristã do Brasil, que tinha 1,6 milhão de fiéis em 1991 e

passou para 2,3 milhões em 2000.

Apesar do crescimento em número absoluto de fiéis, essa denominação, a primeira pentecostal criada em território brasileiro, em 1910, em São Paulo, perdeu espaço. Entre os dois censos do IBGE, viu sua participação entre os pentecostais cair 34% e, entre o total de evangélicos, 28,4%.

Pelos dados do censo, os evangélicos são hoje 26,1 milhões de pessoas no Brasil (15,45% da população). A parcela de evangélicos na população cresceu 70,7% em relação a 1991.

Entre as igrejas tradicionais, os batistas continuam sendo os mais numerosos, aumentando a quantidade de fiéis de 1,5 milhão em 1991 para 3 milhões em 2000 —são, entre todas as denominações evangélicas, a segunda maior, perdendo apenas para a pentecostal Assembléia de Deus.

Dados são questionados

Os números do censo são questionados pelo pastor Dilmo dos Santos, membro do Copem (Con-

selho Político Evangélico da Assembléia de Deus de Madureira).

"Só o nosso grupo tem, em todo o país, 7,5 milhões de pessoas com carteirinha de membro da igreja, chegando a 10 milhões de congregados", afirmou o pastor.

Dilmo dos Santos é da Conamad (Convenção Nacional das Assembléias de Deus), um dos dois órgãos da igreja no Brasil. O outro é a Convenção Geral das Assembléias de Deus. As duas juntas, segundo Santos, somariam cerca de 22 milhões de fiéis.

Para ele, o crescimento dos evangélicos no Brasil é justificado "por um modo diferente de pregar a palavra de Deus".

"Deixamos o cidadão entender o que a Bíblia diz. Não é nada agressivo nem é proselitismo. A igreja Assembléia de Deus sempre cresceu sem usar a mídia. Usa agora por uma necessidade de se atualizar", afirmou.

O coordenador político da Universal, deputado Bispo Rodrigues, foi procurado pela Folha, mas não foi encontrado. (FE)

OS EVANGÉLICOS NO BRASIL

15,45%

da população brasileira se diz evangélica

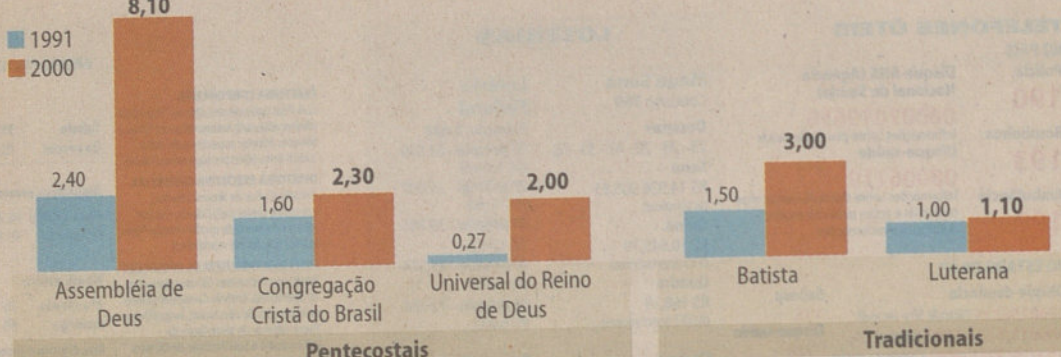
26,1 milhões

é o total de evangélicos



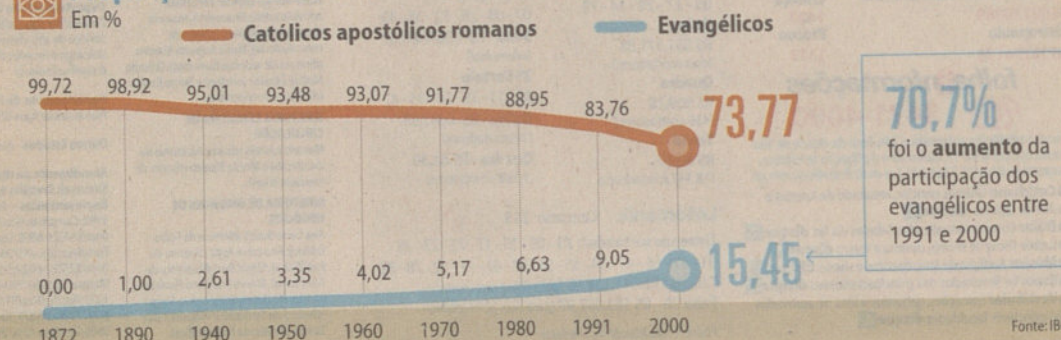
As maiores igrejas evangélicas

Em milhões



Proporção de católicos e evangélicos na população

Em %



70,7% foi o aumento da participação dos evangélicos entre 1991 e 2000

Fonte: IBGE

Religião

“Nós somos ateus”

Censo detecta o aumento do número de indivíduos sem religião no país. Entre eles, destacam-se os ateus, que hoje assumem sua descrença sem medo

João Gabriel de Lima

Entre os resultados preliminares do censo populacional divulgado recentemente pelo IBGE, um número chamou a atenção: aumentou no Brasil o contingente de pessoas que se declaram sem religião. Até os anos 70, elas eram menos de 1% da po-

pulação. Nos anos 90, 5,1% se declaravam dessa forma. Atualmente, chegam a 7,3%. A cifra global, inferior a 10%, pode não ser tão expressiva, mas o ritmo de crescimento impressiona. Os que se declaram sem religião dividem-se basicamente em três grupos. Os não-praticantes, que acreditam em Deus mas perderam o contato com as diferentes igre-

jas. Os agnósticos, que têm dúvidas sobre a existência de um ser supremo. E os ateus, que negam qualquer forma de divindade. Apenas no fim do ano o IBGE irá divulgar quantos brasileiros se encaixam em cada uma dessas categorias, com base no censo. Uma delas, no entanto, desperta especial interesse: a dos ateus. “Há algum tempo, pessoas que não acre-

LIANE NEVES

A família Heuser: eles chegaram a entrar para a igreja luterana por temer discriminação



numa figura fictícia já seria um mistério insondável. Outro fato que unifica os ateus brasileiros é que para a maioria deles "sair do armário" não foi uma decisão dramática. Em geral são jovens que nunca tiveram nem fé nem prática religiosa. Assumir o ateísmo foi apenas uma consequência disso. Ter uma fé e negá-la é um processo muito mais complicado. Claro que existem também casos assim. "Fui criado numa família metodista e passei por dúvidas na adolescência", diz o engenheiro Celso Lago, 42 anos, de Campinas. "Foram as leituras de autores como Nietzsche e Bertrand Russell que acabaram fortalecendo minha convicção de que Deus não existe." Lago hoje tem um site na internet com nomes de ateus famosos e uma bibliografia básica sobre o tema.

A militância atesta suscita uma questão. Será que os ateus são discriminados numa sociedade materialista como a atual? Só há indícios de que isso ocorra efetivamente no campo da política. Pesquisa do Instituto Gallup feita em 1999 nos Estados Unidos mostrou que a porcentagem de pessoas que não votariam de jeito nenhum num candidato ateu era bem maior que a das que rejeitariam representantes de outras minorias listadas — gays, negros e mulheres. Em 1985, na eleição para a prefeitura de São Paulo, o então candidato Fernando Henrique Cardoso se atrapalhou num debate ao tentar responder se acreditava ou não em Deus. No dia seguinte, foram espalhados pela cidade panfletos contendo uma cruz e a inscrição "Cristão vota em Jânio". Fernando Henrique perdeu para o ex-presidente Jânio Quadros numa eleição apertada, e muitos correligionários atribuíram o fato à resposta dubia dada no debate.

Na vida privada é duvidoso que haja discriminação. Nem os militantes mais radicais do movimento dos sem-fé são capazes de dizer o nome de pessoas que tenham perdido o emprego por não acreditar em Deus. Ao contrário. O carioca Albaney Guedes Baylão, de 33 anos, trabalha como gerente de informática no Colégio Santo Inácio, pertencente à congregação jesuíta. "Todos aqui sabem que sou ateu, e mesmo assim tenho um excelente ambiente de trabalho



Logotipo da American Atheists: inspiração para os brasileiros

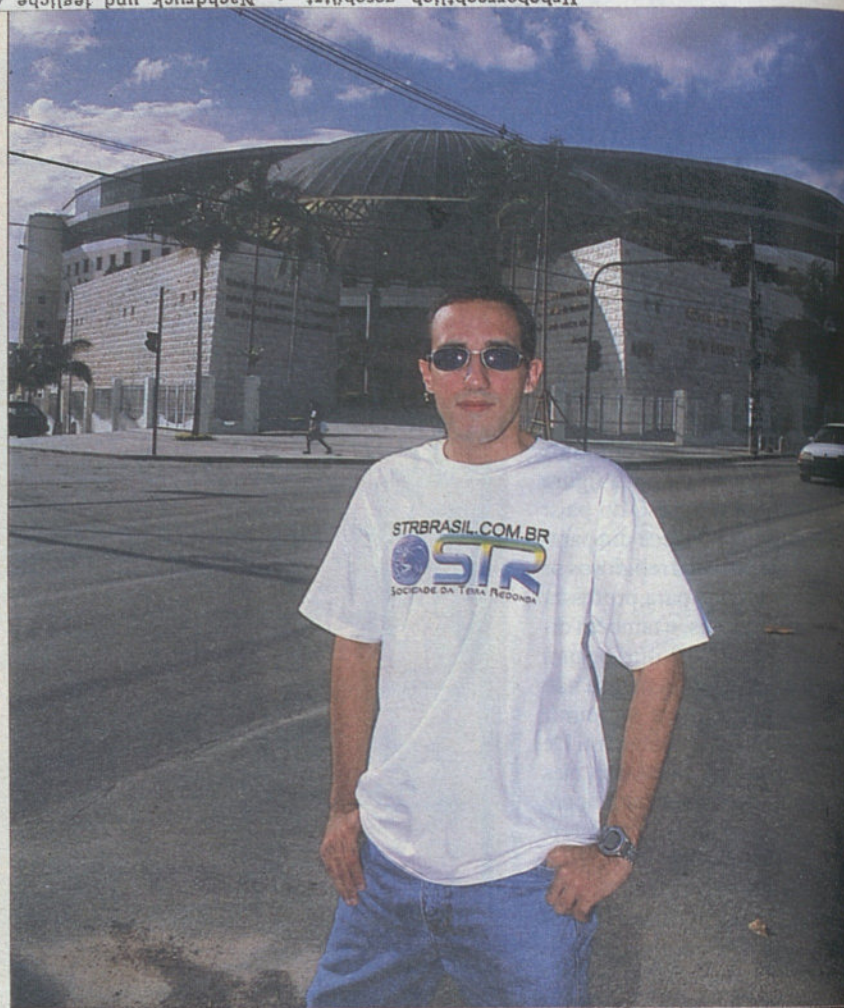
e nunca me senti constrangido", atesta Albaney. Ele é casado, tem uma filha pequena e abriu mão de colocá-la para estudar de graça na escola onde trabalha porque não quer que a menina tenha uma formação religiosa. Afora o mal-estar que a confissão de não acreditar em Deus provoca em alguns círculos sociais ou na família, o ateu raramente sofre represálias por sua escolha. Ser ateu também não provoca constrangimentos na vida cotidiana. É diferente do homossexual que esconde sua condição e deixa de frequentar lugares públicos com o namorado ou namorada.

Pouco se sabe ainda a respeito do fenômeno do ateísmo no Brasil. Praticamente não há trabalhos acadêmicos sobre o assunto, e não se tem idéia exata nem de quantos são os ateus. Os militantes ateístas estimam algo em torno de 3% da população, pouco menos da metade dos sem-religião apontados pelo censo. Se for assim,

Leo Vines, militante ateu: caça aos falsos milagres nas igrejas evangélicas

será o mesmo percentual dos Estados Unidos — terra da ONG American Atheists, inspiração dos ateus brasileiros — e um pouco inferior à média

da Europa, onde eles são 4%. Na América do Norte e no Velho Continente, eles se encontram em geral no topo da pirâmide social. No Brasil, não dá para saber. O censo ainda não tabulou o sem-religião por nível socioeconômico. Também não é possível dizer que eles se concentram nos Estados mais urbanizados. O Rio de Janeiro aparece em primeiro lugar no ranking dos sem-religião, mas o segundo colocado é Rondônia. Também seria errôneo deduzir que os religiosos se concentram no Nordeste, onde está o Estado com o maior número de católicos, o Piauí. Afinal, Pernambuco e Bahia, ditos de todos os santos, chegam respectivamente em terceiro e quarto lugares na corrida dos descrentes. O ateísmo brasileiro é um fenômeno que merece ser estudado com atenção, até pelo que tem de paradoxal num país que a um só tempo é a maior nação católica do mundo e se vangloria da diversidade de opções religiosas que oferece a seus habitantes.



AGENDA DOS PRESIDENCIÁVEIS*



LULA



O que faz hoje

Em São Paulo, não tem compromissos públicos previstos



O que fez ontem

Em São Paulo, apresentou palestra na UnifMU



SERRA



O que faz hoje

Em Brasília, participa da convenção do PSDB que lançará sua candidatura



O que fez ontem

Em São Paulo, debateu suas idéias no Congresso Brasileiro de Políticas Médicas



GAROTINHO



O que faz hoje

Em São Paulo, conversa com empresários em evento da federação de dirigentes lojistas



O que fez ontem

Em Brasília, recebeu apoio dos líderes evangélicos da Assembleia de Deus. À tarde, no Rio Grande do Sul, inaugurou escritórios do partido em Pelotas e Caxias do Sul



CIRO



O que faz hoje

Descansa no Rio de Janeiro



O que fez ontem

Passou o dia no Rio, sem compromissos públicos

Fonte: assessorias dos pré-candidatos

Assembléia de Deus decide



Anthony Garotinho participa do fórum nacional dos políticos da Assembléia de Deus na Câmara

Escolha do candidato a vice divide PSB

MURILO FIUZA DE MELO
DA SUCURSAL DORIO

O PSB está dividido na escolha do vice na chapa da presidencia-vel Anthony Garotinho. Pelo menos três grupos lutam pela indicação, além de Garotinho, que internamente tenta emplacar o deputado estadual João Leite (MG).

O comando da campanha fará uma reunião amanhã para começar a discutir o tema. O PSB planeja esperar o resultado das convenções do PMDB e do PL para oficializar a decisão, mas a tendência predominante é a formação de uma chapa "puro-sangue".

O grupo mais forte é o do ex-governador e presidente nacional do PSB, Miguel Arraes, que defende um vice que dê um cunho mais intelectualizado à chapa presi-

dencial. A intenção é quebrar a forte resistência que Garotinho ainda sofre entre eleitores de renda mais alta. Pela última pesquisa do Datafolha, o ex-governador do Rio está em quarto lugar na corrida presidencial neste segmento.

O nome mais forte é o do economista Luciano Coutinho, professor da Unicamp e crítico da política econômica do governo Fernando Henrique Cardoso. Coutinho não quis comentar o assunto.

Um segundo grupo, liderado pelo coordenador geral da campanha, Márcio França, defende uma indicação do Sul, onde Garotinho tem seu pior desempenho — 10% das intenções, segundo a última pesquisa do Datafolha.

"O gaúcho é muito bairrista. Com um vice do Sul, poderíamos conquistar votos para Garotinho

e ainda quebrar a hegemonia do PT e do PSDB", afirma França, para quem o deputado Ezídio Pinheiro (RS) seria uma boa opção.

Internamente, Garotinho defende o ex-goleiro João Leite, que, além de ter sido o deputado estadual mineiro mais votado nas últimas eleições, é do Estado com o segundo colégio eleitoral do país.

"A característica mais importante do vice é a sua força política. João Leite agrega votos na juventude, porque tem como plataforma eleitoral o esporte, e ainda é mineiro", diz o deputado Alexandre Cardoso (RJ). Leite tem relutado em aceitar o convite.

Correndo por fora, há o ex-prefeito de Diadema (SP) Gilson Menezes, que já se colocou à disposição do partido. Ele é apoiado por membros do PSB paulista.

apoiar Garotinho

DENISE MADUEÑO

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Com um discurso centrado em "esperança e fé", o presidenciável Anthony Garotinho (PSB), que é evangélico, recebeu ontem o apoio da Assembléia de Deus.

Cerca de 30% da Assembléia de Deus já havia manifestado apoio ao pré-candidato tucano, José Serra. Eles seguem uma ala da igreja que ficou conhecida por Assembléia de Deus Madureira, mais restrita ao Rio de Janeiro.

Ontem, Garotinho abusou dos elogios ao trabalho da igreja, classificou o governo de Fernando Henrique Cardoso de "pecador", porque "a avareza é um pecado na vida", e encerrou o discurso dizendo que, caso eleito, vai tomar as decisões norteadas por Jesus.

"Não tomarei nenhuma decisão sem fazer uma reflexão, sem fazer uma pergunta: 'em meus passos, o que faria Jesus?'" questionou, provocando aplausos de pastores da Assembléia de Deus reunidos no 1º Fórum Nacional dos Políticos da Assembléia de Deus.

Apesar do tom religioso marcado por oração e "aleluias", a reunião demonstrou a disposição política de transformar seguidores evangélicos em cabos eleitorais. "Temos uma guerra declarada contra o pecado e contra o satanás e agora vamos para uma guerra política", afirmou o presidente da Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil, Wellington Bezerra da Costa, conclamando "todos os irmãos" a trabalhar para eleger Garotinho.

"Não temos eleitores, temos ovelhas. Mas somos pastores e queremos despertar o povo para exercer a cidadania. Pagamos impostos e queremos decidir o futuro político do Brasil", disse Costa.

Em números, esse discurso pode ser traduzido em 20 mil pastores arregimentando fiéis, que, por sua vez, vão às ruas em busca de votos. Segundo o IBGE, há 8 mi-

SAIBA MAIS

Descentralizada, igreja dividiu-se em duas em 89

DA REDAÇÃO

A Assembléia de Deus é a maior denominação evangélica no país. Há divergências sobre seu número de fiéis, mas, segundo o último censo, somam 8 milhões.

A igreja é dividida em duas facções. A Convenção Geral, que ontem declarou apoio à candidatura de Anthony Garotinho (PSB), é a facção majoritária, representando cerca de 70% do rebanho total da Assembléia de Deus.

A outra facção, a Convenção Nacional, surgiu em 89, após um cisma na Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil.

A facção, que representa aproximadamente 30% da igreja, declarou, em maio, apoio ao presidenciável tucano, José Serra.

Uma característica da Assembléia de Deus é ser uma igreja descentralizada, cujos pastores locais possuem certa autonomia. Isso dificulta que o apoio declarado pelos líderes seja repassado para a base da igreja.

lhões de evangélicos ligados à Assembléia de Deus. O dado é contestado pela congregação, que estima 18 milhões de membros.

Garotinho criticou a frase do investidor George Soros, que disse que o Brasil precisa eleger Serra para não afundar no caos: "A fala de Soros foi mal entendida. Ele não disse: 'Ou é Serra ou é o caos'. Ele quis dizer: 'Serra é o caos'. Vocês é que entenderam mal".

TOLERÂNCIA Evento reúne judeu, cristão e muçulmano em SP

Líderes de três religiões defendem criação de um Estado palestino

PAULO DANIEL FARAH

DA REDAÇÃO

Representantes do judaísmo, do cristianismo e do islamismo que participaram do evento "Tolerância Religiosa" em São Paulo anteontem defenderam a criação de um Estado palestino para pôr fim à violência no Oriente Médio e citaram o Brasil como exemplo de convivência harmoniosa.

"Eu acredito que a única solução política para que haja uma paz justa e duradoura no Oriente Médio é a criação de um Estado palestino", disse o rabino Henry

Sobel, presidente do rabinato da CIP (Congregação Israelita Paulista), questionado sobre a visão religiosa a respeito da expansão dos assentamentos judaicos nos territórios ocupados. "Acho que Israel se relacionaria melhor com um Estado palestino do que com palestinos revoltados", disse.

O xeque Muhammad Ragip traçou um panorama histórico do Oriente Médio, argumentando que "a questão do abismo só vai ser resolvida com justiça e equidade". Segundo Ragip, do início do islamismo até o século 20, a convivência entre muçulmanos e

judeus era boa, até o crescimento da imigração judaica para a Palestina e a posterior criação do Estado de Israel. "Não deve haver disputas entre nós", disse.

O cardeal d. Cláudio Hummes, arcebispo de São Paulo, recordou que o papa é a favor de "um Estado soberano para os dois povos, o direito à segurança e à eliminação da violência". D. Cláudio disse que a religião sempre foi o centro das culturas, "mas a grande maioria dos conflitos não é religiosa". A descrição incluiria o Oriente Médio. "Em última análise não se trata de guerra religiosa", disse.

Copyright by Verlagsgruppe Springer-Verlag GmbH & Co. KG, Berlin
Urheberrechtlich geschützt. Nachdruck und jegliche Art Vervielfältigung verboten.

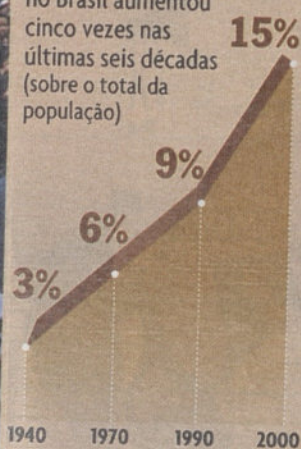
Religião

A força d

O evento Sermão da Montanha, em Belo Horizonte: mais de 100 000 fiéis celebram a Sexta-Feira da Paixão

A MULTIPLICAÇÃO

O total de evangélicos no Brasil aumentou cinco vezes nas últimas seis décadas (sobre o total da população)



Fontes: Serviço de Evangelização para América Latina (Sepal) e IBGE

88 3 de julho, 2002 veja

o Senhor

O crescimento da fé evangélica está mudando o Brasil dos esportes à política, das favelas aos bairros chiques, dos presídios à televisão

José Edward



país mais católico do mundo está ficando cada vez mais evangélico. O resultado do censo demográfico no quesito religião, divulgado neste ano, mostra que mais de 15% dos brasileiros — um rebanho de 26 milhões de pessoas — são protestantes. É um percentual cinco vezes maior que em 1940 e o dobro do de 1980. Em Estados como Rio de Janeiro e Goiás, o índice supera 20% dos habitantes. No Espírito Santo e em Rondônia, os evangélicos passam de um quarto da população. Esse ritmo indica que metade dos brasileiros poderiam estar convertidos em cinco décadas — um tempo mínimo quando se fala em avanço religioso.

As consequências desse crescimento são muitas. Apenas como sinais das alterações a que esse fenômeno pode levar no perfil das famílias brasileiras, vale citar que os evangélicos, mesmo entre os menos escolarizados, têm menor número de filhos que seus vizinhos de outras religiões. Três quartos das mulheres evangélicas casadas usam contraceptivos. Quase 90% dos adeptos de igrejas evangélicas acreditam que a moral sexual do homem e da mulher deve ser igual, e 65% deles preferem casar-se com algum irmão de fé.

Ao contrário do que acontece com os católicos brasileiros, cuja maior parte nasce dentro da religião mas na maioria dos casos não a segue completamente, os evangélicos levam a prática da fé a sério. Para começar, muitos evangélicos são convertidos — ou seja, escolheram aderir a uma religião por conta própria. Por isso, tendem a se tornar militantes da causa, envolvendo-se nos cultos e nas atividades comunitárias desenvolvidas em torno dos templos que frequentam. Segundo dados do Instituto Superior de Estudos da Religião (Iser), 80% dos evangélicos dizem participar das cerimônias e das obras sociais com regularidade — uma porcentagem quatro vezes maior que no rebanho católico.



05) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Aufgaben Seite 12

77) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

78) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

79) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

80) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

81) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

82) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

83) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

84) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

85) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

86) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

87) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

88) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

89) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

90) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

91) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

92) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

93) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

94) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

95) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

96) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

08) a b c d e

Aufgaben Seite 18

147) a b c d e

148) a b c d e

149) a b c d e

150) a b c d e

151) a b c d e

152) a b c d e

153) a b c d e

154) a b c d e

155) a b c d e

156) a b c d e

06) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

Aufgaben Seite 14

97) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

98) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

99) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

100) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

101) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

102) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

103) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

104) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

105) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

106) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

107) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

108) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

109) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

110) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

111) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

112) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

113) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

114) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

115) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

116) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

09) a b c d e

Aufgaben Seite 20

157) a b c d e

158) a b c d e

159) a b c d e

160) a b c d e

161) a b c d e

162) a b c d e

163) a b c d e

164) a b c d e

165) a b c d e

166) a b c d e

167) a b c d e

168) a b c d e

169) a b c d e

170) a b c d e

171) a b c d e

172) a b c d e

173) a b c d e

174) a b c d e

175) a b c d e

176) a b c d e

Assiria Nascimento: a mulher de Pelé é uma estrela da música gospel

NEILO RODRIGUES



As religiões cristãs não-católicas, como as evangélicas, têm sua origem no começo do século XVI, quando um monge alemão chamado Martinho Lutero se insurgiu contra Roma. No ano de 1517, revoltado com a venda de indulgências pelo papa, Lutero escreveu suas famosas 95 teses, que pregou na porta da catedral de Wittenberg. Foi o estopim da Reforma Protestante, que se tornaria uma das mais profundas transformações sociais da história humana. Com o tempo, do tronco protestante antipapal foram brotando dezenas de denominações. A mais importante dessas subdivisões, a do pentecostalismo, criada pelo pregador negro americano William Joseph Seymour, foi uma explosão de fé. Hoje há mais pentecostais no mundo do que anglicanos, batistas, luteranos e presbiterianos somados.

Ao proliferarem em todas as camadas sociais, os evangélicos estão produzindo mudanças facilmente detectáveis. A mais visível delas acontece em público. Neste ano, o mais retumbante evento da Semana Santa, o Sermão da Montanha, aconteceu numa praça de nome católico, a Praça do Papa, em Belo Horizonte, mas foi liderado por evangélicos. Cerca de 100 000 protestantes de ramos diversos ali apre-

90 3 de julho, 2002 veja

MOVIDOS PELA FÉ

Estima-se que o "mercado evangélico" no país movimenta mais de 3 bilhões de reais por ano e cria 2 milhões de empregos diretos e indiretos. Veja alguns exemplos

† MÚSICA GOSPEL

96 gravadoras

1 000 artistas e bandas

5 CDs lançados por mês

200 milhões de reais de faturamento por ano

O último disco da cantora evangélica Cassiane já vendeu cerca de 1 milhão de cópias, número equivalente à venda dos últimos discos do padre-cantor Marcelo Rossi e da cantora secular Marisa Monte



† EDUCAÇÃO

Os protestantes controlam 934 instituições de ensino em vários níveis...

...que recebem 740 000 alunos...

...e faturam por ano 1,7 bilhão de reais

Biblioteca da Universidade Presbiteriana Mackenzie: tradição e pioneirismo

ESPORTE

Os evangélicos controlam mais de 300 emissoras de rádio e canais de TV no país, com faturamento global acima de meio bilhão de reais por ano. Mais de 80% da programação religiosa na TV brasileira é evangélica



NEGÓCIOS

Marcelo Rossi, presidente da Associação Brasileira de Homens de Negócios do Evangelho (ABHNEP), que reúne 25 000 empresários: teologia e prosperidade



POLÍTICA

Em cada eleição, aumenta a representação política dos evangélicos. A "bancada dos crentes" no Congresso Nacional cresceu quase na mesma proporção da bancada do Partido dos Trabalhadores (PT). Compare:



LIVROS & AFINS

As editoras evangélicas faturam 10 milhões de reais por ano com a venda de 15 milhões de exemplares de bíblias, livros e publicações diversas



Livro do bispo Edir Macedo, com ataques às religiões afro-brasileiras, já vendeu mais que o último romance do campeoníssimo escritor esotérico Paulo Coelho

† MÍDIA ELETRÔNICA

Os evangélicos controlam mais de 300 emissoras de rádio e canais de TV no país, com faturamento global acima de meio bilhão de reais por ano. Mais de 80% da programação religiosa na TV brasileira é evangélica

Programas religiosos na TV (horas/semana)



O pregador televisivo R.R. Soares: espaço comprado em cinco emissoras



O presbiteriano Anthony Garotinho orando com pastores da Igreja do Evangelho Quadrangular e o petista Lula em conchavos com o deputado Bispo Rodrigues, da Universal do Reino de Deus



† O HOMEM-BÍBLIA

Nos Estados Unidos, apenas a indústria do entretenimento para evangélicos movimenta anualmente 3 bilhões de dólares. A novela *Left Behind* (traduzida no Brasil como *Deixados para Trás*) — uma série de livros que tem o apocalipse como enredo — já vendeu mais de 30 milhões de exemplares. O filme *The Omega Code*, com a história de um magnata diabólico que rouba um código bíblico secreto e tenta dominar o mundo, ultrapassou 12,6 milhões de dólares de bilheteria. Os americanos inventaram até um super-herói evangélico: o *Bibleman*. O vídeo com o personagem, que combate o mal citando versículos da Bíblia, já vendeu mais de 400 000 cópias



FOTOS: FREDERICK JEAN, NEILO RODRIGUES, OSCAR CABRAL, ANTONIO MILENA, CLAUDIO ROSSI

Um terço dos adolescentes envolvidos no tráfico de drogas se diz evangélico. É o tipo da descoberta que mostra quanto os pastores mergulham fundo nas comunidades carentes. "A maioria desses jovens encontrou uma melhora de vida na igreja. Pelo menos eles tiveram contato com disciplina", diz o sociólogo Ricardo Mariano, autor do livro *Neo-Pentecostais — Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*.

Mas o modelo não se aplica somente aos pobres. Na própria raiz o protestantismo possui a fórmula para pacificar o espírito de quem tem ou persegue a riqueza — numa contraposição à máxima católica de que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino dos céus. Lucrar é legítimo, e a fortuna recompensa quem mais trabalha, reza a inspiração protestante. O pensador alemão Max Weber formulou as bases dessa tese no início do século XX. Várias igrejas evangélicas têm departamentos para atrair gente rica ou famosa. A quantidade de colunáveis convertidos mostra que a estratégia é um sucesso. A ex-modelo Monique Evans, que foi capa de várias

revistas masculinas, integra o quadro da igreja chique Sara Nossa Terra. A igreja Vida Nova, de São Paulo, é freqüentada por Iris Abravanel, mulher do homem do SBT, Silvio Santos, e por suas quatro filhas. "Igreja não é só para pobre e ignorante", diz a pastora e primeira-dama da igreja, Ivonne Muniz.

Essas igrejas oferecem espaço a quem quer rezar num templo sem ouvir condenações sumárias ao capitalismo, como ocorre em certas paróquias católicas. Um dos templos da Renascer em Cristo, em São Paulo, dedica o culto das segundas-feiras aos integrantes da Associação Renascer de Empresários e Profissionais Evangélicos (Arepe). O economista e empresário paulista Ricardo Abud, de 48 anos, sócio de uma construtora que fatura 500 milhões de reais por ano, é um dos freqüentadores. Na hora de fazer negócios e realizar contratações, Abud tem preferência por seus irmãos de fé, porque os considera mais éticos e confiáveis. Outra entidade, a Associação de Homens de Negócios do Evangelho Pleno (Adhonet) — com 25 000 filiados no país —, se diz adepta da chamada Teologia da Prosperidade, segundo a qual Deus recompensa fartamente quem mais contribui com sua igreja. Já existe até uma revista, a *Consumidor Cristão*, com tiragem de 20 000 exemplares, lida por evangélicos e recheada de anúncios com linguagem e até produtos específicos para esse público.

Iris Rezende,

68 anos, senador

Nasceu em um lar evangélico. Os avós e os pais se converteram depois da chegada de missionários ingleses a Goiás no final do século XIX. Rezende pertence à Igreja Cristã Evangélica, fundada há 100 anos. Nasceu em Cristianópolis, cidade originada de um povoado fundado por evangélicos que fugiam de perseguições religiosas. Era o caso de seus avós, que antes moravam em Caldas Novas. Cultiva sua fé em família, mas o filho mais velho quis ser católico. A mulher do senador, que também se chama Iris, foi educada em colégio de freiras, mas se converteu à igreja do marido depois do casamento.



RICARDO STUCKERT



Loja de produtos evangélicos em São Paulo: um mercado bilionário

outra grande estrela do gênero. A banda de rock paulista Oficina G3 ultrapassou os limites da igreja, apresentando-se no último Rock in Rio.

Na política, os evangélicos são um ator. Anthony Garotinho é só a figura mais ambiciosa entre eles. A bancada evangélica, com mais de cinquenta parlamentares na Câmara Federal, é unida e vai muito além das barreiras partidárias e questões relacionadas a costumes ou interesses da fraternidade crente. Uma das razões para o PL ser cortejado pelo presidente petista Luís Inácio Lula da Silva é o fato de o partido ter enorme peso ligado à Igreja Universal do Reino de Deus. Enquanto os bispos da Diocese do Piauí baixavam no início do ano a proibição à candidatura de seus pais a cargos políticos, igrejas protestantes do Brasil inteiro já estavam em ebulição com as preliminares do próximo processo eleitoral. Se o terreno para as

conquistas é o Parlamento, nada mais natural para os evangélicos do que ir até lá pegar seu quinhão.

Há também grande investimento em educação. A média de leitura dos evangélicos brasileiros gira em torno de seis livros por ano — o dobro da média nacional. As denominações evangélicas administram quase 1 000 escolas no Brasil, com uma clientela de 740 000 alunos. "Os fundamentos do movimento protestante pregam a moralização do indivíduo e o desenvolvimento de uma ética de responsabilidade social", diz Almir de Souza Maia, reitor da Universidade Metodista de Piracicaba e presidente da Associação Brasileira de Instituições Educacionais Evangélicas. No tradicional ensino católico, o que se vê é encolhimento. A CNBB divulgou recentemente que 130 escolas católicas de ensino fundamental e médio fecharam as portas nos últimos cinco anos.

Dedé Santana,

66 anos, humorista

Criado na igreja católica, passou também pelo kardecismo, mas diz que, apesar da fama e do dinheiro, vivia deprimido e sentia um "vazio existencial". Desde que se tornou evangélico, há oito anos, transformou-se em verdadeiro globetrotter da causa. Já percorreu quase mil cidades para levar a palavra de Deus. Converteu-se após ter sido visitado por pastores em um hospital, onde estava tratando de problemas cardíacos. Os pastores foram levados por seu filho Átila, que consumia drogas e largou o vício depois de entrar para os Atletas de Cristo. Hoje, Dedé integra a Sara Nossa Terra.



FERNANDO MARTINS

Paradoxalmente, o que mais mudou no Brasil com o crescimento da legião evangélica foi a Igreja Católica. De um lado, surgiu a Renovação Carismática, para revigorar os aspectos místicos e milagrosos da fé. De outro, os padres-cantores saíram atrás de fiéis e compradores de CDs. Na mídia, a Igreja fincou uma bandeira em tempo recorde, criando a Rede Vida de rádio e TV, que cobre todo o território nacional. Os resultados, porém, estão longe do esperado. Os católicos falam em crise de vocações. Há sete vezes mais pastores protestantes atuando no Brasil que padres, e na maioria das denominações mais recentes esses ministros são formados em apenas alguns meses. "Muitos logo acabam fundando a própria igreja e aumentando o poder dos evangélicos", diz o teólogo jesuíta João Batista Libânio. Na prática, eles seguem aquele famoso incentivo: "Crescei e multiplicai-vos".

Com reportagem de Maurício Oliveira e Neide Oliveira

Bezerra da Silva,

75 anos, cantor e compositor

Um dos maiores símbolos da malandragem carioca, foi batizado na Igreja Universal do Reino de Deus,

do bispo Macedo, em março deste ano. Garante que não vai renegar as antigas canções, mesmo as que falam de boemia e da vida mundana. "Deus não quer que a gente largue o ganha-pão", diz. Faz planos, no entanto, de produzir um disco com sambas evangélicos pela gravadora Line Records, pertencente à Igreja Universal.



WANDA CORREIO/AG. O GLOBO

QUEM SÃO OS PROTESTANTES

Há três divisões entre as denominações evangélicas. As tradicionais vêm do período da Reforma Protestante, ocorrida no século XVI. As pentecostais tiveram origem numa época de reavivamento do protestantismo nos Estados Unidos, no início do século XX.

As neopentecostais, que estimulam o fiel a procurar a prosperidade em lugar da graça, são um fenômeno bem mais recente. Veja alguns dos sub-ramos mais importantes no Brasil

TRADICIONAIS

Nasceram a partir das ideias de Martinho Lutero e logo iniciaram um processo de subdivisão. Até hoje há discussões sobre incluir entre elas a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os mórmons e os testemunhas-de-Jeová, assim como os adventistas, são chamados por outros grupos de paraprotestantes

	Luterana	Presbiteriana	Batista	Adventista do Sétimo Dia
Fundação	1824	1859	1839	1895
Fiéis em 1991	1 milhão	498 000	1,5 milhão	706 000
Fiéis em 2001	930 000	500 000	1,8 milhão	1,1 milhão
Templos	3 108	3 000	10 000	3 235
Pastores	1 550	2 500	10 000	1 500

NEOPENTECOSTAIS

Marca importante desse ramo do protestantismo no Brasil aparece nos anos 50, com a ação de missionários americanos. A Igreja Nacional de Evangelização realçava aspectos milagrosos como a cura pelo Espírito Santo

	Assembleia de Deus	Evangelho Quadrangular	Deus é Amor
Fundação no Brasil	1911	1951	1962
Fiéis em 1991	2,4 milhões	303 000	170 000
Fiéis em 2001	4,5 milhões	1 milhão	750 000
Templos	22 000	6 300	5 000
Pastores	21 000	12 500	9 000

NEOPENTECOSTAIS

Foi a pequena Igreja da Nova Vida que contribuiu para o surgimento desse grupo. Ela apostava na divulgação por meio do rádio e da TV. O bispo Edir Macedo, hoje o mais conhecido pastor evangélico, foi um de seus integrantes

	Universal do Reino de Deus	Internacional da Graça de Deus	Renascer em Cristo	Sara Nossa Terra
Fundação	1977	1980	1986	1992
Fiéis em 1991	268 000	100 000	10 000	3 000*
Fiéis em 2001	2 milhões	270 000	120 000	150 000
Templos	7 000	900	400	350
Pastores	14 000	1 500	1 000	1 100

Fontes: IBGE, Operation World, Sepal, Igrejas e Ricardo Mariano em Análise Sociológica do Crescimento Pentecostal no Brasil

DIÁLOGO

Exatidão — em um exatidão...
o 54...
compreender, numa...
branco do Dia Internacional...
Diogo A. Costa...
para de...
países do mundo...
nem...
de...
nem...
nem...

Exatidão — em um exatidão...
o 54...
compreender, numa...
branco do Dia Internacional...
Diogo A. Costa...
para de...
países do mundo...
nem...
de...
nem...
nem...

Exatidão — em um exatidão...
o 54...
compreender, numa...
branco do Dia Internacional...
Diogo A. Costa...
para de...
países do mundo...
nem...
de...
nem...
nem...

Exatidão — em um exatidão...
o 54...
compreender, numa...
branco do Dia Internacional...
Diogo A. Costa...
para de...
países do mundo...
nem...
de...
nem...
nem...

Exatidão — em um exatidão...
o 54...
compreender, numa...
branco do Dia Internacional...
Diogo A. Costa...
para de...
países do mundo...
nem...
de...
nem...
nem...

Exatidão — em um exatidão...
o 54...
compreender, numa...
branco do Dia Internacional...
Diogo A. Costa...
para de...
países do mundo...
nem...
de...
nem...
nem...

Exatidão — em um exatidão...
o 54...
compreender, numa...
branco do Dia Internacional...
Diogo A. Costa...
para de...
países do mundo...
nem...
de...
nem...
nem...

Exatidão — em um exatidão...
o 54...
compreender, numa...
branco do Dia Internacional...
Diogo A. Costa...
para de...
países do mundo...
nem...
de...
nem...
nem...

O número de evangélicos cresceu, e daí?

LEVI CORRÊA DE ARAÚJO

Nós não suportamos mais o pecado de ver "um redil de ovelhas" transformado em "curral eleitoral"

GOSTARIA DE informar aos cidadãos que não professam a fé evangélica que o fato de o número de evangélicos ter aumentado significativamente nos últimos anos não quer dizer muita coisa para um grupo de pensadores e líderes formadores de opinião, que seguem o Evangelho de Jesus Cristo.

Esses discípulos do Mestre dos Mestres não ignoram a importância da quantidade, mas, acima de tudo, valorizam a qualidade, a maturidade e a relevância de ser evangélico em uma sociedade que precisa da contribuição, e não da imposição da ética cristã.

E, por falar em relevância e pensando nas grandes denominações brasileiras, quais são as iniciativas que fogem do assistencialismo estéril, do marketing social, da promoção pessoal e do messianismo pedante dos neo-seguidores do messias?

Penso que, ao apresentar um pouco mais de detalhes sobre uma iniciativa que pretende não ser escrava de pragmatismos e estatística, talvez eu consiga contribuir para uma leitura mais substanciada desse mosaico específico da sociedade civil denominado "evangélicos", enfatizando, acima de tudo, que, graças a Deus, não é o único movimento capaz de não se inebriar com os registros dos institutos de pesquisas nem se ufanar com as raras manchetes que nos são simpáticas.

A iniciativa a que me refiro é o Fórum para a Conscientização do Voto Evangélico no Grande ABC, que surgiu em 1996, como reação ao envolvimento indevido, preconceituoso e discriminatório de evangélicos com políticos de comportamento suspeito. Foi a partir daí que um grupo pequeno de idealistas passou a articular um movimento na busca de uma nova cultura política regional, por meio da conscientização do evangélico como cidadão, não apenas antes, mas durante e depois do voto.

Como era de esperar, líderes evangélicos e políticos ligados a uma mentalidade e um comportamento que envergo-

nham o Evangelho de Cristo foram os primeiros a oferecer resistências e boicotes, estratégia que usam até hoje.

O comportamento vergonhoso desse grupo de pessoas assemelha-se ao "jeitinho" de "pensar e fazer" política de outros grupos não-evangélicos. São o mesmo populismo, o mesmo nepotismo, o mesmo clientelismo, o mesmo fisiologismo que tentam nos submeter à cultura do "toma lá, dá cá" e do "levar vantagem em tudo", espiritualizados por desvios de doutrina como a chamada Teologia da Prosperidade.

Nós não suportamos mais o pecado de ver "um redil de ovelhas" transformado em "curral eleitoral", envergonhamo-nos ao saber que, em época de eleições, pastores são abençoados com "ofertas generosas" de políticos que, repentinamente, decidem "investir" na obra do Senhor e nos enojamos com pregações e declarações descaradas, justificando os meios pelos fins a alcançar. Para não pecarmos generalizando, é claro que há exceções; raras, mas há.

É óbvio que importa separar desse "seleto grupo" aqueles que só pensam no céu, reféns de uma teologia alienada e antibíblica, merecedores da crítica pertinente de Karl Marx à religiosidade. Que Deus nos livre também do grupo não menos perigoso, de cristãos omisso, que alienadamente se gabam de ser apolíticos.

Avançando em nosso desejo de respeitar todas as pessoas e, principalmente, a pessoa de nosso Deus e pai, é que iniciamos o Projeto Segunda Cidadã.

Estamos nos reunindo nas primeiras segundas-feiras de cada mês para refletir sobre temas relevantes para a nossa comunidade, tais como ação social, educação, saúde, segurança, habitação, ética na política etc. É nosso desejo contar com todas as correntes políticas, sem exceção, participando intensamente desse projeto, expondo, debatendo e interagindo nesses encontros. Esta é a maneira coerente de construção de uma sociedade democrática e pluralista.

De setembro do ano passado até este mês, muitas personalidades da vida pública brasileira nos honraram com sua presença e idéias. O alto Comando da Polícia Militar de nossa região esteve por duas vezes falando sobre segurança pública. O dr. Raul Cristiano expôs o projeto Bolsa-Escola, do governo federal; o vereador Carlos Apolinário e a liderança do PGT refletiram sobre problemas do Estado e apresentaram as propostas de seu partido para dirimi-los; representantes do Executivo e do Legislativo municipal de Santo André debateram a Lei do Silêncio Urbano.

De julho a outubro, o Projeto Segunda Cidadã entrou no ritmo das eleições. Estamos desejosos de ouvir e refletir sobre os programas de governo de todos os candidatos, contribuindo para que se eleve o nível nas campanhas eleitorais, mas, principalmente, para que possamos votar com consciência e coerência.

Como evangélicos, queremos dar nossa contribuição significativa para uma verdadeira transformação de nosso país, em todos os níveis e todas as áreas, e não nos prestando tão somente como mero dado estatístico.

Entender o Evangelho de Jesus Cristo é compreender, antes de tudo, nossa dupla cidadania, a celestial e a terrenal. Se desprezarmos uma delas, nós seremos tudo, menos evangélicos.

Levi Corrêa de Araújo, 39, pastor da Primeira Igreja Batista de Santo André, é coordenador do Fórum Evangélico para a Conscientização do Voto no Grande ABC.

Eleições 2002
RELIGIÃO

Antônio Flávio Pierucci duvida da capacidade de lideranças re

Pesquisador minimiza vot

Jorge Araújo/Folha Imagem



O sociólogo Antônio Pierucci rejeita a idéia do voto obediente

FRASE

"A Igreja Universal tem apenas 2 milhões de fiéis. Isso significa que eles devem ter, no máximo, 1,3 milhão de eleitores. Mesmo que todos sigam o voto da igreja, o que não acredito, o que é 1,3 milhão em um universo de eleitores de mais de 100 milhões?"

segunda-feira, 5 de agosto de 2002 A 9

as garantirem votos aos candidatos

evangélico

ANTÔNIO GOIS
DA SUCURSAL DO RIO

O sociólogo Antônio Flávio Pierucci, 56, estuda religiões desde 1971. Ateu, ele não acredita que os evangélicos terão um papel tão importante nesta eleição quanto se pensava antes de o Censo do IBGE de 2000 revelar que, embora sejam o grupo religioso que mais cresceu nos anos 90, são menos numerosos do que se imaginava.

Para Pierucci, a estratégia de certas igrejas pentecostais, como a Universal do Reino de Deus, de eleger deputados e vereadores tem sido bem-sucedida. O pesquisador, no entanto, duvida da capacidade de lideranças religiosas garantirem votos aos candidatos que apóiam. "Não acredito na figura do voto obediente. Um fiel da Igreja Universal não vai passar de Lula para Maluf só porque a cúpula da igreja mudou suas coligações políticas".

Pierucci é professor do Departamento de Sociologia da USP e secretário-geral da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). Leia, abaixo, os principais trechos de sua entrevista à Folha, feita na 54ª reunião anual da SBPC, em Goiânia:

★

Folha - O voto dos evangélicos pode ajudar a decidir a eleição?

Antônio Flávio Pierucci - Há, na política eleitoral, a novidade de termos os evangélicos pentecostais concorrendo a cargos proporcionais. Nas eleições para vereador e deputado, essa atuação tem se mostrado bem-sucedida. Ao

conseguir um cargo legislativo essas minorias vocalizam sua presença na sociedade.

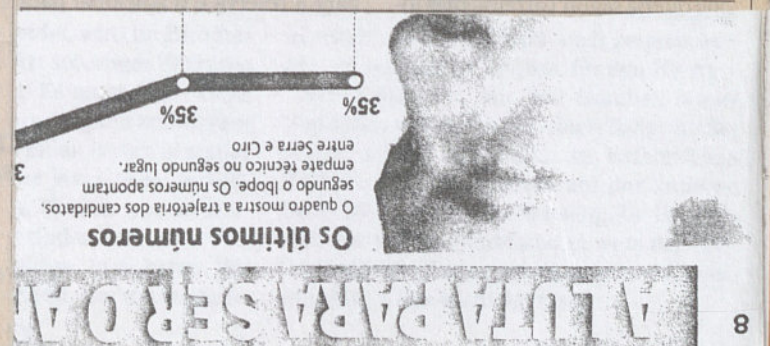
No entanto, o mesmo não acontece nos cargos majoritários. Apresentar-se como representante de uma minoria e dizer que pretende governar o Brasil ou São Paulo, por exemplo, é algo mais complicado. O Rossi tentou isso em São Paulo, e não funcionou. Quando funciona, não sabemos se é efeito de sua identidade religiosa ou de estruturas políticas.

Folha - Mas, no caso dos evangélicos, a influência das lideranças não é notadamente maior na hora de decidir o voto dos fiéis?

Pierucci - Não sei porque surgiu na política brasileira a suposição de que o voto dos evangélicos seja decidido por suas lideranças religiosas. Tenho sérias dúvidas quanto a isso. Não se pensa assim quanto a outros grupos. Os negros, por exemplo, não votam necessariamente em negros.

No Brasil, desde o tempo de Getúlio Vargas, valoriza-se o direito ao voto individual e sigiloso. O voto é indevassável. Já está consolidada na sociedade a idéia de que o marido não manda no voto da mulher ou do filho. Não acredito na figura do voto obediente. É uma aberração política. Não acredito que um fiel da Universal siga o voto do bispo depois de ele fazer uma aliança com o PT, sendo que, na última eleição, ele se coligou com o Maluf. O fiel não vai ficar passando de Lula para Maluf.

O mercado político hoje é atravessado por estratégias de marketing que fazem com que o eleitor



esteja sujeito a pressões de todo o tipo, e não apenas da igreja.

Folha - Mesmo assim, ainda há pessoas que votam de acordo com a orientação religiosa.

Pierucci - Claro que haverá sempre uma parcela disposta a isso. Mas como se calcula? Antes do Censo do IBGE, chegou-se a dizer que os evangélicos teriam até ultrapassado os católicos em alguns Estados, e isso não era verdade.

Folha - Por que os evangélicos pareciam representar mais do que eles eram, de acordo com o Censo?

Pierucci - É essa coisa contraditória de uma minoria que sabe que sua força mobilizadora está no fato de ser minoria. O que não fazia sentido era a minoria dizer que crescia tanto que iria virar maioria. Além disso, quase nunca se checa o tamanho real desses grupos. Um representante de uma igreja promete para um candidato algo que não ele tem a menor garantia, como se estivéssemos na época da República Velha.

Eu duvido que alguém do PT, ao fazer uma aliança com o PL, tenha conferido os dados do Censo, que mostram que a Igreja Universal tem apenas 2 milhões de fiéis. Isso significa que eles devem ter, no máximo, 1,3 milhão de eleitores. Mesmo que todos sigam o voto da igreja, o que não acredito, o que é 1,3 milhão em um universo de eleitores de mais de 100 milhões?

Folha - Garotinho, por ser evangélico, atrairá muitos votos?

Pierucci - Muita gente esquece é que os protestantes competem entre si. Se você faz uma aliança com a Igreja Universal, pode estar comprando atrito com uma das facções da Assembléia de Deus.

Há uma idealização dos evangélicos quando se pensa que eles agem da mesma maneira. Garotinho tenta conquistar o voto dos evangélicos, mas acredito que eles vão perceber que não se trata o eleitor assim. Há um orgulho do eleitor, que reage quando alguém tenta decidir o voto por ele.

Ekstase und Ohnmachtsanfälle gehören dazu: Gottesdienst evangelikaler Christen in Guatemala



Kein Bier und keine Heiligen: Paradies statt Politik

Evangelikale Gruppierungen in Lateinamerika wachsen. Dazugehören hat oft ungeahnte Vorteile. Die katholische Kirche ist hilflos. Ein Blick nach Guatemala

VON GUDRUN LUX

Entsetzte Blicke. Ups, das war wohl ein Fettnäpfchen. Die falsche Frage im falschen Laden: »Und dann hätte ich gerne noch drei Flaschen Bier.« Pikierte Antwort: »Bier führen wir nicht.«

Stimmt, hier sind zwar die Wände obligatorisch mit Glaubensbekenntnissen und Glaubenserkenntnissen behängt, aber weit und breit ist kein Bild von der Heiligsten Jungfrau und Gottesmutter Maria zu sehen – ich habe nicht genau genug hingeguckt. Und »Evangelicos« verkaufen kein Bier. Sie trinken es ja auch nicht. Das ist Sünde.

Sünde ist vieles, wenn man zu einer der unzähligen evangelikalen Kirchen in Guatemala gehört. Tanzen zum Beispiel. Und rauchen. Je nach Gruppierung kann sogar Traurigkeit eine Sünde sein. Von klassischen Sünden wie Ehebruch mal ganz abgesehen.

Flächendeckend römisch-katholisch sind die lateinamerikanischen Länder längst nicht mehr, und Guatemala bildet da keine Ausnahme. Die neuen evangelikalen Gemeinschaften wachsen: Zwischen 20 und 40

Prozent der Guatemalteken sollen bereits dazu gehören. In einzelnen Dörfern dürften es bis zu 70 Prozent der Bevölkerung sein.

Im so genannten »Land des ewigen Frühlings« Guatemala ging ein Jahrzehntelanger von der Weltöffentlichkeit nahezu unbeachteter blutiger Bürgerkrieg 1996 »offiziell« mittels Friedensvertrag zu Ende. Die Menschen, die teilweise ihr ganzes Leben »in den Bergen« verbracht haben, als Guerilleros oder auf der Flucht also, sind müde. Ebenso müde wie die Soldaten der Staatsarmee. Kriegsmüde. Kampfmüde. In Deutschland würde man auch sagen: politikverdrossen.

Eine günstige Voraussetzung für jemanden, der predigt: »Wer arm ist, wird umso reicher sein« und »Wer leidet, wird im Paradies dafür belohnt«. Eine Art sofortiger Erlösung vom Handlungszwang: Es muss nicht mehr gekämpft, gegen Ungerechtigkeit aufbegehrt werden. Man darf sich fallen lassen in seiner Situation, und der Herr Jesus liebt die Geknechteten besonders. Kommt alle zu mir, die ihr mühselig und beladen seid ...

Und sie kommen zu ihm. In Scharen. Wo der Herr Jesus zu finden ist, das wissen hun-

derte konkurrierender »Kirchen«. Finanziert werden sie zum größten Teil durch US-amerikanische Missionierungsspenden. Die »Templos« der Protestanten sind in allen Dörfern und Städten zu finden und auf den ersten Blick zu erkennen: für gewöhnlich die größten, am reichsten ausgestatteten Gebäude, oft mit Lautsprecheranlagen versehen, die den ganzen Ort zu beschallen vermögen. Unter Katholiken wird schon mal gemunkelt, viele der Evangelischen seien nur »übergelaufen«, weil sie nach Jahren des Leids jemanden gefunden hätten, der ihnen Kleidung, Nahrung und Medizin gebe. Aber es ist nicht nur das: Man findet eine kleine eingeschlossene Gemeinschaft, die in der schlechten Welt zusammensteht. Dort darf dann auch getanzt werden, in den Gottesdiensten, für den Herrn.

Wie kann man nur den Glauben seiner Vorfahren verkaufen für einen Teller heißer Suppe, stöhnt man dann in katholischen Kreisen. Die Protestanten auf der anderen Seite zucken nur die Achseln: Es ist doch klar, wer richtig glaubt und in wem der Teufel steckt. Man begegnet einander mit Unverständnis, wenn nicht aggressiv.

«Un pueblo unido jamás será vencido» – Ein geeintes Volk wird niemals besiegt! – Der Schlachtruf aus Guerilla-Tagen ist verhallt. Das Volk ist längst nicht mehr geeint. In einem Land, in dem die Religion ein so wichtiger gesellschaftlicher Faktor ist, wird sie zur hervorragenden Waffe einer US-amerikanisch gestützten Politik der Wohlhabenden, die sich trotz formaler Demokratie vor der Macht eines geeinten Volkes fürchten müsste.

In den evangelikalen Sekten wird Gott privatisiert. Er wendet sich nicht »uns« zu, sondern »mir«. Es geht um das persönliche »Ja« des Einzelnen zu Jesus Christus. Und Gott plant seine »Lovestory« mit dem Einzelnen – heraus aus dem irdischen Jammertal. Zusammengehörigkeit bezieht sich nur noch auf diejenigen, die zu der eigenen kleinen Sekte gehören, die Auserwählten. Eine größere Gemeinde darüber hinaus gibt es nicht, jedenfalls nicht zwingend. Geschweige denn so etwas wie »Weltkirche«. Glaube und Gemeinschaft bedingen einander nicht mehr, damit zwingt die evangelikale Religion auch nicht mehr in gesellschaftliche Verpflichtung: Guten Gewissens darf man sein persönliches christliches Süppchen kochen, dem Egoismus frönen – sich aus der Verantwortung stehlen.

Insbesondere für die Frauen aus armen indianischen Familien »lohnt« sich die Annäherung an eine der evangelikalen Gruppierungen spätestens dann, wenn sie die eigene Kleinfamilie mitbringen. Subjektiv mag das verantwortungsvoll und vernünftig sein, auch wenn es lediglich scheint, sie seien von schierer Verzweiflung getrieben. Die Verzweiflung über einen Ehemann, der alle Klischees von einem »Macho« erfüllt: den niedrigen Verdienst vertrinkt, die Kinder schlägt, die Ehefrau vergewaltigt, wenn er sie nicht gerade betrügt. Die »Evangelicos« haben ihre Männer besser im Griff als die Katholiken. Höllendrohungen, die westlichen theologischem Empfinden zuwiderlaufen. Aber auch mit spiritueller oder psychischer Macht und Überzeugungskraft.

Ja, es hat für manchen schlicht Vorteile dazugehören zu einer der vielen kleinen »Kirchen«, der oft nur je ein oder zwei Familien angehören. Die Macht der Bekehrung – oder der soziale Druck in der kleinen Gruppe – behütet Menschen. Sie haben einen festen, unantastbaren Leitfaden, eine Art göttlich gegebenen »Knigge«. Massive soziale Kontrolle wird nicht als negativ empfunden, denn sie gebietet gutzuheißende Früchte. Und an ihren Früchten sollt ihr sie erkennen ... Ob etwa ein Verzicht auf Rauschmittel aus Einsicht und Erkenntnis oder schlicht aus Angst vor den ewigen Höllenqualen geschieht, spielt keine Rolle, wenn man nur das resultierende Verhalten betrachtet.

Was fehlt? Es genügt für eine Kirche nicht, den Menschen barmherziger Samariter zu sein, man muss auch dafür sorgen, dass sie nicht mehr unter die Räuber geraten: dass sie sich zu wehren wissen, gegen das System, das sie ausbeutet, gegen die Mächtigen, die

Wenn Gott Juan zu sich ruft ...

Am frühen Donnerstagabend kommt die junge Mutter in die kleine Dorfklinik, den Säugling in bunte Tücher gehüllt auf den Rücken gebunden. Er hat seit Mittwochmorgen nichts getrunken, den ganzen Tag geschrien, und dann, als er nach Stunden zu schwach war, meinte sie, es ginge ihm besser. Juan schläft nicht, blickt mit großen, reaktionslosen Augen in die Welt.

Die Diagnose fällt dem guatemalteken Arzt nicht schwer: Ein vermutlich bei der Geburt durch eine vaginalen Infektion der Mutter erworbener Pilz im Mund- und Rachenraum ist dafür verantwortlich, dass das Kind nicht mehr trinken kann. Nach 30 Stunden ohne Flüssigkeitszufuhr ist Juan dehydriert, ausgetrocknet. Eine Hirnhautentzündung kommt hinzu, das Wort »Sepsis« fällt. Was tun? Hochdosierte Antibiotika und pilztötende Mittel geben, eine Infu-

sionen nach der anderen in den kleinen Körper fließen lassen, der Versuch der Zwangsernährung, warmhalten, kämpfen, hoffen und – beten.

Die Familie der jungen Mutter ist inzwischen eingetroffen, versammelt sich um das Bett, wie es üblich ist, kniend, weinend, betend. Das etwa 17-jährige Mädchen apathisch – Juan ist ihr erstes Kind. Gebetet wird auf K'iché, eine der vielen Mayasprachen Guatemalas. Eine Krankenschwester übersetzt mir ins Spanische: Der Herr möge den sechswöchigen Jungen in Gnade zu sich nehmen, das Kind, das er so sehr liebt, dass er es der Welt nicht gönnt.

Die Familie nimmt Juan mit nach Hause. Nein, wenn Gott Juan zu sich ruft, dann dürfen wir nicht versuchen, ihn hier auf Erden festzuhalten. Das wäre doch Sünde.

■ GUDRUN LUX

sie kleinhalten. Dazu ist eine alle erfassende Bildung ebenso nötig wie Selbstwertgefühl und Eigenverantwortlichkeit der Menschen vor Ort.

Das bieten die evangelikalen Sekten kaum. Im Gegenteil: Sie entmündigen die Menschen und pervertieren die biblische Befreiungsbotschaft.

Und die katholische Kirche? In der ein oder anderen Gemeinde ist noch ein Hauch Befreiungstheologie zu spüren, in anderen nach wie vor nur Mief der Jahrhunderte. Die Monopolstellung, die einst mitunter blutig erstritten wurde, ist dahin. So mancher Priester versucht fieberhaft die Menschen zu halten. In allzu vielen Gottesdiensten

wird die eine heilige römisch-katholische und apostolische Kirche beschworen: Es gibt nur einen Herrn, eine Taufe, eine Kirche! Mitunter sucht der Katholizismus den neuen Protestantismus mit seinen eigenen Waffen zu schlagen: Dann wird's charismatisch. Aber natürlich kann die katholische Kirche auch da auf alte Formen zurückgreifen. Nur ein bisschen enthusiastischer, bitte schön: »Widersagt ihr dem Bösen?« – Ein donnerndes »Ja!« muss durchs Gotteshaus schallen. Am besten ein »Ja!«, das sich auch gegen die Evangelikalen richtet. Die Massen aber sind nicht so richtig überzeugt. Schließlich gibt es inzwischen so herrlich viele Alternativen.

Estilo

MANIA DE TODOS OS SANTOS

Imagens religiosas se espalham como acessório fashion

Não existe, ainda, um santo padroeiro da moda, mas a moda não pára de invocar as potestades celestiais. É uma santa mania. Do mundo fashion para as vitrines de shoppings e de lá para as bancas dos camelôs, roupas, bijuterias e até bolsas e sapatos andam cobertos de medalhas, crucifixos e estampas religiosas. «Há dois anos, tínhamos de explicar o que era um escapulário. Hoje, as pessoas já chegam pedindo», diz a designer de jóias brasileira Carla Amorim, que viu as vendas do acessório crescer 40% em um ano na sua grife. Esse surto de religiosidade na moda foi desencadeado pelo crucifixo que Madonna pôs no pescoço em meados dos anos 80.



FOTOS: PEDRO RUBENS

Santo no brinco e no anel, colar-rosário, coração de ouro, imagens na bolsa, cinto e camiseta e o onipresente escapulário: altar da moda

na remota fase *Like a Virgin*. As cruzes se espalharam por tantos e tão variados colos e decotes que, recentemente, o Vaticano se deu ao trabalho de condenar o uso profano da imagem santa como acessório. Roma falou, mas a causa não se encerrou.

«Não denegrimos nenhuma religião nem fizemos roupas sexy», diz o estilista da Vide Bula, Amarildo Ferreira, um dos criadores da coleção de camisetas com Cristo Redentor e bolsas com Nossa Senhora. Para Amarildo, o Cristo de uma das camisetas tem «um jeito muito Jim Morrison» — o vocalista da banda The Doors que morreu de overdose. Nem só de bijuterias vive a devoção fashion. Na coleção que o estilista Icarus apresentou em Milão, na semana passada, todas as jóias, criadas pela designer Sheila Dryzun (judia, mas «admiradora de todas as religiões»), tinham temas religiosos: sagrados corações de ouro e granada, terços imensos.

Cada tribo, naturalmente, tem seu santo de devoção. Nossa Senhora das Graças e Nossa Senhora Desatadora dos Nós são imbatíveis nos pulsos e colo de patricinhas e tradicionalistas; descolados são devotos de São Jorge e Santo Expedito, dois ícones tentadoramente kitsch. No intuito de agradar a todos, dogmas se quebram. No escapulário, cordão que originalmente traz uma pequena imagem de Nossa Senhora do Carmo e outra do Sagrado Coração de Jesus, podem-se ver agora São Jorge, Santo Antônio, Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. Em algumas marcas, até Buda frequenta a medalhinha. ■

Silvia Rogar

Acesse galeria de fotos em www.veja.com.br

a-feira, 3 de outubro de 2002

ELEIÇÕES

FÉ E POLÍTICA

FOLHA DE S. PAULO

K oder P Wahl

Os atabaques vão à forra

Religiões afro-brasileiras se organizam para eleger parlamentares que façam frente à bancada dos evangélicos

José Nascimento/Folha Imagem

Eduardo Knapp/Folha Imagem

ARMANDO ANTENORE
DA REPORTAGEM LOCAL

Quando, em 1995, um bispo da Igreja Universal chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida na televisão, choveram protestos. Aquela época, entretanto, pastores da mesma Universal também quebravam estátuas de Zé Pilintra, Caboclo Sete Encruzilhadas, Exu e outras divindades da umbanda ou do candomblé. Quebravam e continuam quebrando. Só que quase ninguém se escandaliza. Por quê?

Para os adeptos de tais tradições, o desinteresse não se explica apenas pelo fato de uma parcela minoritária da população abraçar os credos afro-brasileiros. "O que nos falta é força política. Se dispuséssemos de parlamentares que nos defendessem, o desrespeito diminuiria", acredita Pai Cássio Ribeiro, de Diadema (SP).

Presidente da Tenda de Umbanda Caboclo Ubirajara e Exu Ventania, ele está participando de um movimento inédito, que reúne sacerdotes e leigos. A iniciativa tem como meta eleger, no domingo, deputados estaduais e federais comprometidos com as denominações religiosas de origem negra.

Em outras palavras: os terreiros resolveram se organizar para enfrentar as bancadas evangélicas. Claro que não esperam arrancar das urnas tantos representantes quanto os rivais costumam produzir. Hoje, por exemplo, a Assembleia de Deus soma, sozinha, 16 deputados na Câmara.

Os pais e mães-de-santo apostam em cifras bem menores. Ficarão satisfeitos se colocarem dois parlamentares no Legislativo paulista e um em Brasília.

Não se trata de modéstia, mas de realismo. Enquanto os evangélicos controlam uma ruidosa rede de comunicação e contabilizam 26 milhões de fiéis no país (15% da população, segundo o Censo 2000), os ritos de extração africana reúnem 571 mil seguidores (0,3%) e mal aparecem na mídia.

Há quem questione os números oficiais, julgando que as principais religiões afrodescendentes (umbanda, candomblé, xangô, batuque e tambor-de-mina) totalizem o triplo de devotos. O motivo: muitos adeptos, temerosos de sofrerem preconceito, teriam se declarado católicos ou espíritas para os recenseadores.

Polêmicas à parte, ninguém discute que, na última década, aquelas religiões perderam público (o Censo estima uma fuga de 16 mil fiéis). "A evasão se deu sobretudo entre os umbandistas e decorre, em larga medida, dos ataques desferidos pelos evangélicos", afirma o sociólogo Reginaldo Prandi, professor da Universidade de São Paulo (USP) e autor do livro "Mitologia dos Orixás".

Por evangélicos entendam-se, aqui, as igrejas pentecostais (como a Assembléia de Deus) e as neopentecostais (como a Universal). As duas correntes — de apelo mais emocional que o protestantismo histórico — valorizam os rituais de cura e de "libertação" (expulsão do Demônio).

Ambas sustentam que as denominações afro-brasileiras têm natureza diabólica e devem ser combatidas. Assim, quando pastores

se instalam em determinado bairro, é comum mapearem os terreiros da região e estabelecerem prazos para fechá-los.

"Os líderes e devotos das religiões de raízes negras perceberam que, se não tomarem providências urgentes, poderão sucumbir, pois um adversário forte e agressivo lhes ocupa o espaço", avalia Prandi. "Daí estarem, pela primeira vez, se mobilizando em termos políticos."

O sociólogo lembra que já hou-

ve, dentro da comunidade, tentativas isoladas (e nem sempre eficazes) de se eleger um ou outro parlamentar com bandeira religiosa. "A diferença é que, agora, surge uma consciência coletiva. Trata-se de algo incipiente. Ainda assim, merece toda atenção."

Tradicionalmente, nos períodos eleitorais, os pais-de-santo apóiam quem lhes dá mais "oferendas": atabaques, material de construção, dinheiro e doces para viabilizar as festas, roupas para

vestir as divindades ou ônibus para levar os fiéis às celebrações litúrgicas. Escolhem o candidato não em nome de um programa, mas de benefícios imediatos.

"É uma prática que, na verdade, nos favorece pouco. Queremos acabar com isso. Não precisamos de presentes e, sim, de legisladores que lutem por nossos direitos históricos, que ergam a voz quando nos ofenderem ou perseguirem e que achem modos de preservar nossas culturas", diz Iya

Por meio de cartas e do boca-a-boca, recomendam o voto em seus candidatos. Quase todos integram partidos de esquerda, comumente afinados com a militância negra. Mais forte em São Paulo, o movimento tem ramificações no Pará, Bahia, Maranhão, Rio Grande do Sul e Pernambuco.

Um dos candidatos que aglutina maior apoio é Sebastião Arcaño, o Tiãozinho, vereador pelo PT de Campinas. Filho de Ogum, quer ser deputado estadual. "Longe de mim aguçar a intolerância. Não proponho o confronto com os evangélicos. Proponho apenas a nossa resistência."

Sandra Medeiros Epega, sacerdotisa do templo Ile Leuiwyato, em Guararema (SP).

"Cansamos de candidatos que visitam terreiros às escondidas, com medo que os descubram ali. Se vão à sinagoga ou às igrejas católicas, alardeiam. Se vão a um pai-de-santo, invocam a tal da discrição. Chega. Desejam o nosso voto? Então, mostrem a cara e assumam nossas necessidades", reforça Toy Vodunnon Francelino de Shapanan, que dirige a Casa de Thoya Jarina, em Diadema (toy vodunnon é o título mais alto dentro do tambor-de-mina).

O movimento político que agora ganha corpo se esboça há quatro anos, capitaneado por dois organismos: o Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira (Intecab) e a Comissão de Assuntos Religiosos Afrodescendentes. Depois de uma série de encontros, tais entidades formularam uma lista de reivindicações, que esperam conduzir ao Legislativo (leia quadro à direita).

O CLAMOR DOS TERREIROS

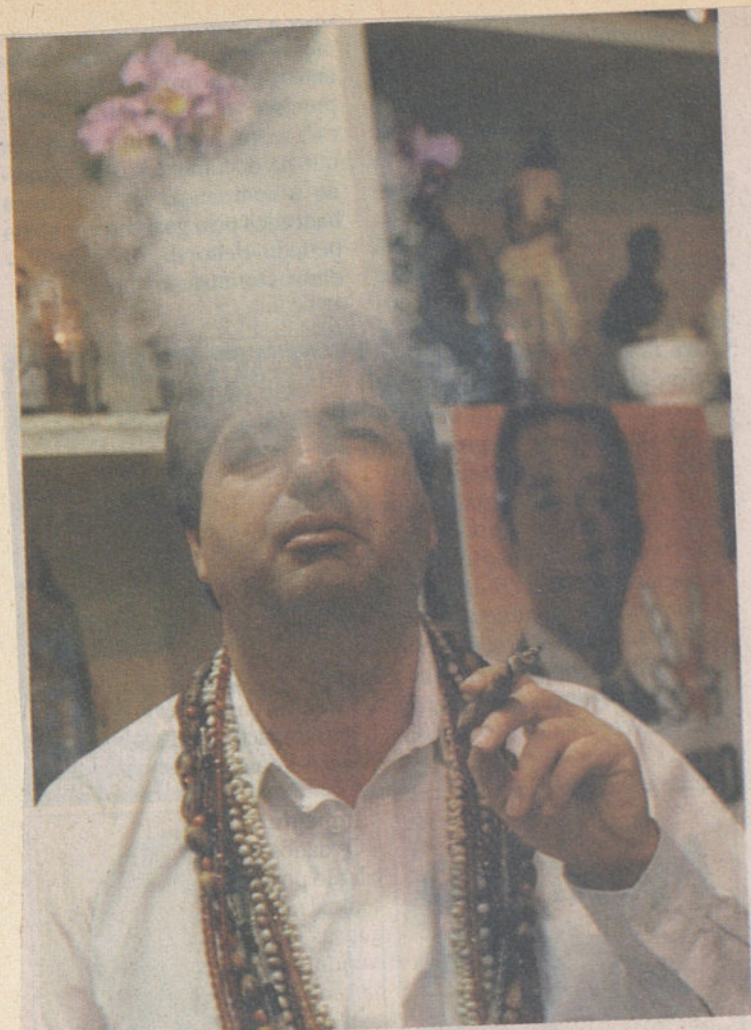
O que os representantes das religiões afro-brasileiras pretendem fazer nas Assembléias Legislativas e na Câmara dos Deputados, se eleitos

- 1 Protestar contra ataques às religiões
- 2 Reivindicar a presença de pais e mães-de-santo nas cerimônias oficiais em que estejam sacerdotes de outros credos
- 3 Lutar para que as tradições religiosas de origem negra ocupem mais espaço no rádio e na televisão

- 4 Implantar o Dia Nacional das Religiões Afrodescendentes
- 5 Estabelecer, nos cemitérios, locais destinados às crenças de matriz africana
- 6 Batizar estradas, viadutos e parques com nomes de sacerdotes ou heróis negros
- 7 Garantir a distribuição, nas bibliotecas públicas, de livros e textos que retratem as religiões afro-brasileiras
- 8 Introduzir, nos Estados, roteiros de turismo afroreligioso
- 9 Tentar incluir, nos programas governamentais de combate à Aids, itens voltados para os rituais oriundos da África negra, que costumam usar instrumentos perfurocortantes
- 10 Propor aulas sobre crenças afro-brasileiras às escolas públicas que já ministram o ensino religioso



O Toy Vodunnon Francelino de Shapanan, que dirige a Casa de Thoya Jarina, em Diadema



Cássio Ribeiro, presidente de uma tenda de umbanda

MAÇONARIA

FOTOS: ALUIZIO ARRUDA/JC



EDUTOS A Grande Loja de Pernambuco tem cinco casas de encontro no Recife e outras 30 no interior do Estado, frequentadas por mil maçons

MAÇONS DE PERNAMBUCO MODERNIZAM LEGISLAÇÃO

A Grande Loja de Pernambuco mudou sua constituição para tornar a ordem mais adequada à legislação civil do País. Entre os avanços, destaca-se revisão nos critérios de votação para aceitação de candidatos



NARA LÚCIA

Tem novidade na Grande Loja Maçônica de Pernambuco, ligada às Grandes Lojas do Brasil, um dos dois troncos reconhecidos da maçonaria no País. A legislação da entidade, em vigor desde 1968, foi alterada para tornar a maçonaria mais adequada à realidade atual. A Grande Loja de Pernambuco tem cinco lojas (casas de encontro) no Recife e 30 no interior, freqüentadas por cerca de mil irmãos, como são chamados os maçons.

No início deste milênio, a instituição quer atualizar sua participação junto à sociedade, ajudando a esclarecer o cidadão sobre seus direitos e responsabilidades. "Tudo levando o homem ao próprio aperfeiçoamento, à aproximação com Deus, a quem a maçonaria chama de grande arquiteto do universo", explica o grão-mestre-adjunto da Grande Loja de Pernambuco, o juiz trabalhista Milton Gouveia.

Grande responsável pelas mudanças na lei maior da Grande Loja de Pernambuco, ele aponta algumas delas. "A nova legislação ficou mais adaptada à legislação civil do País. A idade de admissão na entidade, por exemplo, que é de 21 anos, passará a ser 18, a partir da vigência do novo Código Civil, em janeiro do próximo ano", exemplifica.

A criação do asilo político para maçons é outra alteração. Agora, a Grande Loja de Pernambuco pode acolher obreiros que não estejam se sentindo bem em sua loja porque o dirigente não está agindo de acordo com os princípios universais da instituição. Também foi criada a possibilidade de impeachment do venerável, como é chamado o presidente de uma loja maçônica.



Segundo a idade do será re para 1

Outro avanço foi a revisão nos critérios de votação para aceitação de candidatos a ingressar na ordem. Antes eram mais rígidos. A nova legislação criou ainda a múltipla filiação. Com isso, o irmão que mora numa cidade e precisa se ausentar, pode freqüentar lojas de outras localidades.

Por fim, a nova legislação reforçou mais o sentido de responsabilidade e fraternidade universal do movimento. E também a respon-

sabilidade nas comunidades nas quais está inserida a maçonaria, que tem por princípio ajudar na construção de um mundo mais justo.

No Brasil, as Grandes Lojas Maçônicas estão presentes em todos os Estados. Foram fundadas em 1932 por um grupo de dissidentes do Grande Oriente do Brasil, o outro tronco da maçonaria no País. Atualmente, há cerca de 10 milhões de maçons distribuídos em mais de 150 Grandes Lojas no mundo. As 27 Grandes Lojas do Brasil congregam em torno de 80 mil irmãos.

O QUE É - A maçonaria é um movimento filosófico, educativo, filantrópico e progressista que adota a investigação da verdade com plena liberdade. Uma escola de sabedoria, como resume seus membros. É tolerante com as doutrinas religiosas e políticas. Só exige dos membros a crença num ser superior, criador do mundo.

A admissão na ordem é restrita aos homens. Desde que sejam íntegros, são aceitos independentemente de raça, credo e nacionalidade. É compromisso do maçom estudar as instruções do movimento, considerar confidenciais os ensinamentos recebidos e contribuir com dinheiro para a manutenção de sua loja.

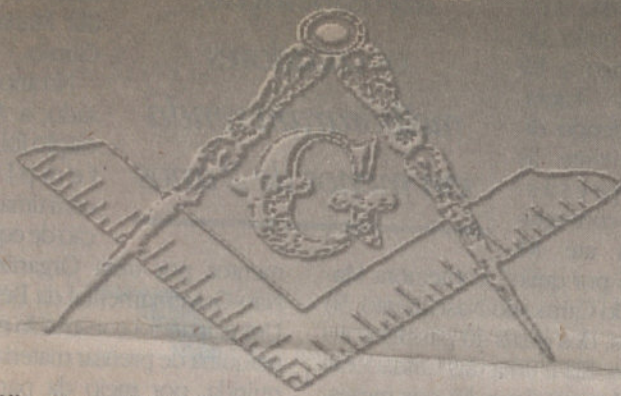


Gouveia, e admissão duzida 8 anos

Ao contrário do que muitos pensam, a maçonaria não é uma sociedade secreta e não esconde sua existência, explica Milton Gouveia, membro da Loja Liberdade, em Caniço Grande. Segundo ele, o caráter secreto do movimento está nos meios de reconhecimento dos membros: toques, sinais e palavras. As constituições e estatutos são registrados em cartório de títulos e documentos e publicados em Diário Oficial.

Os primórdios da maçonaria são obscuros, bem como parte de sua história. Consta que nasceu das associações de pedreiros, na Inglaterra e França, no século 17. Difundiu-se rapidamente pela Europa. No Brasil, os ideais do movimento chegaram antes da independência (1822), trazidos por jovens que estudaram na Europa e voltaram impregnados pelos ditames de liberdade, igualdade e fraternidade, disseminados pela Revolução Francesa (1789).

ALGUNS MAÇONS NOTÁVEIS



- ▶ **Allan Kardec** (1804-1869), escritor francês, fundador da doutrina espírita
- ▶ **Américo Vespúcio** (1454-1512), navegador italiano que deu nome ao continente americano
- ▶ **Benjamin Franklin** (1706-1790), estadista, escritor e inventor norte-americano, descobridor do pára-raio
- ▶ **Carlos Gomes** (1836-1896), compositor brasileiro autor de várias óperas, a mais conhecida *O Guarani*
- ▶ **Duque de Caxias** (1803-1880), militar e estadista brasileiro, patrono do Exército
- ▶ **Jean-Jacques Rousseau** (1712-1778), filósofo e moralista francês cujas idéias expressaram as injustiças sociais da época
- ▶ **José do Patrocínio** (1853-1905), jornalista, escritor e líder abolicionista brasileiro
- ▶ **Leonardo da Vinci** (1452-1519), pintor, escultor, escritor e arquiteto italiano, autor do célebre quadro *Mona Lisa*
- ▶ **Ludwig von Beethoven** (1770-1827), compositor alemão cujas criações lhe conferiram lugar entre os gênios musicais de todos os tempos
- ▶ **Dom Pedro I** (1798-1834), proclamou a Independência do Brasil em 7 de setembro de 1822 e foi coroado imperador
- ▶ **Rui Barbosa** (1849-1923), político e jurista brasileiro, deixou inúmeras obras sobre política, literatura e Direito
- ▶ **Thomas Jefferson** (1743-1826), terceiro presidente dos Estados Unidos e redator principal da Declaração de Independência, em 1776
- ▶ **Victor Hugo** (1802-1923), poeta, romancista e dramaturgo francês que exerceu imenso fascínio sobre escritores e o público do século 19
- ▶ **Wolfgang Amadeus Mozart** (1756-1791), compositor austríaco, autor de vasta obra instrumental e orquestral

Templos usados em reuniões são repletos de símbolos

É curioso o templo onde os maçons se reúnem uma vez por semana, à noite. Na entrada, duas colunas douradas. Elas lembram as colunas de fumaça (aparecia de dia) e fogo (ao anoitecer) que guiaram os hebreus no deserto em busca da terra prometida por Deus, conforme o livro Êxodo, do Antigo Testamento.

No teto se avista a abóbada celeste, com sol, lua, estrelas, astros. Em sua borda, uma corda azul de náilon com 81 nós (número cabalístico para os maçons), simbolizando a união dos membros. Ladeando o templo 12 colunas, que representam os signos do zodíaco e sustentam o firmamento. Ainda estão presentes os quatro pontos cardeais.

No altar do juramento repousa a Bíblia sagrada. Sobre ela, compasso e esquadra, objetos usados pelo pedreiro (maçon em francês). O esquadro repre-

senta a matéria e o compasso, o espírito. Na maçonaria, à medida que a pessoa evolui, vai suplantando a matéria com a espiritualidade. Do ofício de pedreiro, outros apetrechos, como cinzel, prumo e régua, também decoram o templo.

No altar principal estão a cadeira usada pelo venerável (preside uma loja), durante a sessão, e a espada medieval, símbolo da sabedoria. Por trás, na parede, três triângulos. O do centro, com a letra hebraica iodi, indica o olho de Deus, vendo tudo. Os outros, o sol e a lua.

Há ainda pedras bruta, semilapada e lapidada, correspondentes aos aprendizes (iniciante na maçonaria), companheiro (categoria mediana) e mestre (grau mais elevado). No templo eles se reúnem para discutir assuntos administrativos, a prática da filantropia, o aperfeiçoamento dos seus costumes e da comunidade na qual atuam.

GUERRAS DE RELIGIÃO

23.11.02
O S CONFLITOS religiosos entre muçulmanos e cristãos na Nigéria, que já deixaram mais de 100 mortos e 500 feridos nos últimos dias, dão bem a dimensão do problema do fanatismo religioso.

Os confrontos começaram por causa de uma matéria de jornal, na qual o autor, comentando o concurso de Miss Mundo, marcado para ocorrer em Abuja (capital) no próximo dia 7, afirmou que o profeta Maomé, se tivesse oportunidade, "provavelmente escolheria uma esposa entre as concorrentes".

O texto é de uma infelicidade ímpar. Ele falta com respeito para com a principal figura do islamismo e o faz num país dividido entre muçulmanos e cristãos, no qual massacres religiosos entraram para a rotina.

É claro que esse deslize por parte do jornal "ThisDay" — pelo qual, aliás, já pediu desculpas — não justifica a reação de jovens muçulmanos, que saíram por algumas das principais cidades nigerianas assassinando quem lhes parecesse cristão.

A tensão entre muçulmanos e cristãos vem se agravando desde 1999, quando o cristão Olusegun Obasanjo foi eleito presidente. Em resposta, Estados do norte do país (onde se concentram os muçulmanos) começaram a utilizar tribunais islâmicos que aplicam a "sharia", a lei muçulmana, para julgar casos criminais.

Isso elevou a tensão entre as duas comunidades, levando a confrontos que produziram centenas de mortos. Também comprometeu a imagem externa da Nigéria, depois que algumas mulheres foram condenadas à morte por apedrejamento por ter supostamente mantido relações extraconjugais. A realização do concurso de Miss Mundo no país visava justamente a melhorar a imagem.

O grande problema da Nigéria é que, embora a democracia esteja avançando no país, ela ainda é precária. Não foi capaz de estabelecer uma separação forte entre Estado e religiões e produzir instituições laicas que permitam às duas comunidades viver e rezar em paz.

Bibliothek
Institut für Brasilienkunde
METTINGER

35277

